

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**HETEROSSEXISMO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
SOBRE AS ATITUDES NEGATIVAS PARA COM OS GAYS**

nicolau

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social da Universidade Federal de Santa
Catarina, sob orientação do Prof.º Dr. Dennis
Werner.

Florianópolis, 1999

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“HETEROSSEXISMO: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS
ATITUDES NEGATIVAS PARA COM OS GAYS”**

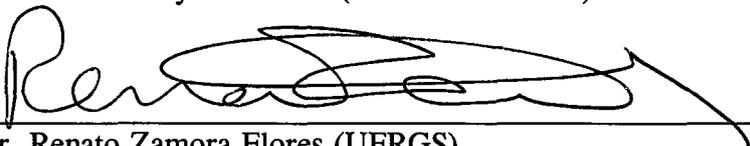
Carlos Nicolau Piffero Steibel

Orientador: Dr. Dennis Wayne Werner

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores:



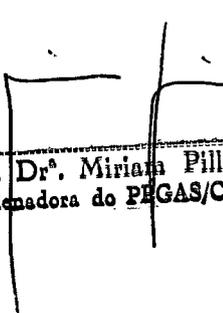
Dr. Dennis Wayne Werner (UFSC-Orientador)



Dr. Renato Zamora Flores (UFRGS)



Dra. Maria Amélia-Schmidt Dickie (UFSC)



Prof.ª Dr.ª Miriana Pillar Grossi
Coordenadora do PEGAS/CFH/UFSC

Florianópolis, 08 de outubro de 1999.

A todos que, pacientemente, ajudam-me a aprender:
aos familiares que me tiveram,
aos amigos que conquistei,
aos professores que surgiram,
aos orientadores que escolhi,
às mulheres que amei,
aos filhos que ganhei,
às filhas que elegi,
as netas que mereci.
Enfim, a todos que,
selecionados pelos deuses,
seguem adaptando-me ao que sou.

FICHA CATALOGRÁFICA

nicolau (Steibel, Nicolau), Heterossexismo: Um Estudo antropológico sobre as Atitudes Negativas para com os Gays - SC. Florianópolis, 1999. Xxp. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Dennis Werner

Defesa: XX/XX/1999

Análise antropológica do heterossexismo ou das atitudes negativas para com os gays. Ressalta a importância de distinguir-se diferentes aspectos de atitudes negativas no estudo de suas causas. Através de uma análise quali e quantitativa junto a 618 alunos do curso de Direito e Comunicação Social nas cidades de Curitiba e Florianópolis, observou-se que o heterossexismo era mais comum nos homens que aprenderam na infância a crer que os homossexuais não tem moral e são perigosos, nos racistas e nos fundamentalistas religiosos. O trabalho contém uma escala para medir o heterossexismo.

RESUMO

Esta pesquisa analisou os dados de 618 questionários aplicados aos alunos nos cursos de Direito e Comunicação Social em duas universidades: uma na cidade de Curitiba e a outra na cidade de Florianópolis. Uma análise fatorial mostrou que a maioria das variações de “heterossexismo” podiam ser resumidas em uma escala única. Com bases em uma análise de agrupamento esta escala geral de heterossexismo foi subdividida em variáveis adicionais: “Crença na periculosidade dos homossexuais”, “Intolerância ao contato social com os gays”, “Intolerância aos contatos sexuais com gays”, “Ser a Favor dos Direitos Legais dos homossexuais”, “Medo de contrair doenças com os gays”, “Atitudes negativas da família para com os gays”, “Crença na existência de papéis sexuais rígidos nos gays”. Além disso, duas atitudes para com os homossexuais que não estavam diretamente relacionadas com a escala geral de heterossexismo também foram incluídas no estudo: “pessoas acostumadas a brincar com/sobre homossexualidade” e “pessoas acostumadas a falar sobre homossexualidade”. Uma análise de regressão múltipla mostrou que o heterossexismo era mais comum nos homens, nos racistas e nos fundamentalistas religiosos. Os heterossexistas também demonstraram ser as pessoas “mais preocupadas com o status hierárquico”, serem mais “egoístas oportunistas” e mais “intolerantes à ambigüidade” e terem aprendido na infância, com seus pais, sobre a periculosidade dos homossexuais. Os alunos do curso de Direito demonstraram possuir mais atitudes negativas para com os gays e foram menos favoráveis aos direitos legais dos homossexuais do que os alunos de Comunicação Social.

ABSTRACT

This research analyzed questionnaire data from 618 Law and Communication students in two Brazilian universities in the cities of Curitiba and Florianópolis. A factor analysis showed that most of the variation in "heterosexism" could be summarized in a single scale. Based on a hierarchical cluster analysis this overall "heterosexism scale" was subdivided into additional variables: "Belief in the dangerousness of gay", "Intolerance of social contacts with gays", "Intolerance of sexual contacts with gays", "Unfavorableness toward gay legal rights", "Fear of contracting illness from gays", "Negative family attitudes toward gays", "Belief in rigid sexual roles of gays". In addition, two attitudes toward homosexuality that were unrelated to the general "heterosexism scale" were also included in the study: "joking about homosexuality" and "talking about homosexuality". A multiple regression analysis showed that heterosexists were most likely to be males, religious fundamentalists, and racists. They were also more likely to be concerned about their personal status, to be "selfish opportunists", to be "intolerant of ambiguity" and to have learned from their parents about the dangers of homosexuality. In addition, law students were more negative in their attitudes toward homosexuality, and were more unfavorable to gay legal rights than were communication students.

SUMÁRIO

Resumo	vi
Abstract	vii
Prefácio	xii
Introdução	1
Capítulo 1. Fundamentação Teórica	6
1.1 Centrismos necessários ao entendimento do Homem	10
1.2 Teorias a Respeito das Atitudes	18
1.3 Teorias a Respeito do Preconceito	22
1.4 Teorias a Respeito do Heterossexismo	29
1.4.1 Preconceito Racial	32
1.4.2 Medo de ser homossexual	33
1.4.3 Aprendizado na Infância	38
1.4.4 Interesses pró-famílias	40
1.4.5 Experiências pessoais negativas	41
1.4.6 Intolerância à ambigüidade	42
1.4.7 Religiosidade	44
1.4.8 Egoísmo Oportunístico	49
1.4.9 Idéias sobre a etiologia da homossexualidade	55
Capítulo 2. Metodologia e Campo	57
Capítulo 3. Diferentes Dimensões de Heterossexismo	72
Capítulo 4. Diferenças de Atitudes entre Categorias	99
4.1 Diferenças na categoria sexo	101
4.2 Diferenças na categoria idade	112
4.3 Diferenças na categoria cidades	116
4.4 Diferenças na categoria cursos	122
Capítulo 5. Teorias sobre o Heterossexismo	128
5.1 Preconceito Racial	129
5.2 Medo de ser homossexual	133
5.3 Aprendizado na Infância	135
5.4 Interesses pró-famílias	143
5.5 Experiências pessoais negativas	148
5.6 Intolerância à ambigüidade	153
5.7 Religiosidade	158
5.8 Egoísmo Oportunístico	164
5.9 Crença na etiologia da homossexualidade	173
Capítulo 6. Considerações Finais	182
Referências Bibliográficas	193
Apêndice I - Questionário utilizado na pesquisa	208
Apêndice II - Relação dos “missing values”	216
Apêndice III - Escalas de N^os. 15 a 24.	218

LISTA DE FIGURAS:

Figura N.º.1 - Análise de Agrupamentos	75
Figura N.º.2 - Análise de trajetória entre Sexo e Crença na Imoralidade dos homossexuais	109
Figura N.º.3 - Análise de trajetória entre Sexo e Favorecimento aos Direitos Legais dos homossexuais	110

LISTA DE ESCALAS:

Escala N.º1 - Escala de Heterossexismo para com os Homossexuais Masculinos	74
Escala N.º2 - Intolerância aos Contatos Sexuais dos Homossexuais	76
Escala N.º3 - A Favor dos Direitos Legais dos Homossexuais	77
Escala N.º4 - Medo de Doenças	77
Escala N.º5 - Atitudes (Negativas) da Família	78
Escala N.º6 - Intolerância ao Contato Social com Homossexuais	79
Escala N.º7 - Imoralidade da Homossexualidade	82
Escala N.º8 - Crença na Periculosidade dos Homossexuais	83
Escala N.º9 - Crença no Comportamento Estereotipado dos Homossexuais	84
Escala N.º10 - Crença nos Papéis Definidos da homossexualidade	86
Escala N.º11 - Brincar com/sobre a Homossexualidade	87
Escala N.º12 - Costume de Não Falar em/sobre Homossexualidade	88
Escala N.º13 - Identidade Pessoal Possivelmente Homossexual	89
Escala N.º14 - Propensão a Rotular alguém como Homossexual	95
Escala N.º15 - Pessoas A Favor das Políticas Pró-família	221
Escala N.º16 - Intolerância à Ambigüidade	221
Escala N.º17 - Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais	222
Escala N.º18 - Fundamentalismo Religioso	222
Escala N.º19 - Egoístas Oportunistas	222
Escala N.º20 - Preocupação com a Hierarquia Social	222
Escala N.º21 - Os Homossexuais são Culpados pela AIDS	223
Escala N.º22 - Etiobio	223
Escala N.º23 - Etiofamília	223
Escala N.º24 - Etiocontágio	223

LISTA DE TABELAS:

Tabela N°.1 - Total de alunos que responderam ao questionário	65
Tabela N°.2 - Visão dos alunos sobre a sua sexualidade	66
Tabela N°.3 - Respostas, em percentuais, à pergunta número 138	66
Tabela N°.4 - Respostas, em percentuais, à pergunta número 139	67
Tabela N°.5 - Respostas, em percentuais, à pergunta número 140	68
Tabela N°.6 - Quantidade de “missing values” nos cursos e nas cidades	69
Tabela N°.7 - Análise dos Autovalores Principais para o Heterossexismo	72
Tabela N°.8 - Correlações entre Heterossexismo e as demais escalas	90
Tabela N°.9 - Análise dos Autovalores Principais para os Sistemas Homossexuais	94
Tabela N°.10 - Médias das Diferentes Dimensões de Heterossexismo	98
Tabela N°.11 - Categoria Sexo: Heterossexismo entre homens e mulheres	101
Tabela N°.12 - Categoria Idade: Heterossexismo entre maiores e menores de 25 anos	112
Tabela N°.13 - Categoria Cidade: Heterossexismo entre Curitiba e Florianópolis	117
Tabela N°.14 - Categoria Curso: Heterossexismo entre Direito e Comunicação Social	122
Tabela N°.15 - Percentual de alunos que declararam ter tido comportamentos homossexual e/ou bissexual	124
Tabela N°.16 - Média das alunas do curso de Direito, em Curitiba, para a variável “a favor dos Direitos Legais dos Homossexuais”	127
Tabela N°.17 - Médias de Preconceito e Heterossexismo, por sexo, cidade, idade e curso	129
Tabela N°.18 - Preconceito e Heterossexismo e as diferentes dimensões do heterossexismo	130
Tabela N°.19 - Médias do Medo de Ser Homossexual, por sexo, cidade, idade e curso	133
Tabela N°.20 - Medo de ser homossexual e as diferentes dimensões do heterossexismo	134
Tabela N°.21 - Médias dos que tiveram um Aprendizado na Infância (a não gostar de homossexuais), por sexo, cidade, idade e	135
Tabela N°.22 - Aprendizado na Infância (a não gostar dos homossexuais) e as diferentes dimensões do heterossexismo	138
Tabela N°.23 - Média das pessoas a Favor das Políticas Pró-famílias, por sexo, cidade, idade e curso	143
Tabela N°.24 - Pessoas A Favor das Políticas Pró-família e as diferentes dimensões do heterossexismo	145

Tabela Nº.25 - Médias das Experiências Pessoais Negativas, por sexo, cidade, idade e curso	148
Tabela Nº.26 - Experiências Pessoais Negativas e as diferentes dimensões do heterossexismo	149
Tabela Nº.27 - Médias da “Intolerância à Ambigüidade” e “Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais”, por sexo, cidade, idade e curso	153
Tabela Nº.28 - “Intolerância à Ambigüidade” e “Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais” e as diferentes dimensões do heterossexismo	156
Tabela Nº.29 - Médias da Religiosidade, por sexo, cidade, idade e curso	159
Tabela Nº.30 - Religiosidade e as diferentes dimensões do heterossexismo	161
Tabela Nº.31 - Médias dos “Egoístas Oportunistas” e dos “Preocupados com a Hierarquia Social”, por sexo, cidade, idade e curso	165
Tabela Nº.32 - “Egoístas Oportunistas” e “Preocupados com a Hierarquia Social” e as diferentes dimensões do heterossexismo	167
Tabela Nº.33 - Médias na Crença de que os Homossexuais são Culpados pela AIDS, por sexo, cidade, idade e curso	172
Tabela Nº.34 - Média das Etiologias, por sexo, cidade, idade e curso	174
Tabela Nº.35 - Etiologias e as diferentes dimensões do heterossexismo	178
Tabela Nº.36 - Regressão Múltipla de Heterossexismo e suas diferentes dimensões	182

PREFÁCIO

HETEROSSEXISMO

418 DENÚNCIAS DE HOMOFOBIA NO RIO DE JANEIRO

A Comissão Especial contra a Impunidade na Assembléia Legislativa do RJ recebeu 1500 denúncias nos 6 primeiros meses de 1998, das quais, 418 referem-se a crimes contra gays. (JB, 27-7-98)

"Travestis agredidos pela polícia baiana" (BA)
"Gay deficiente físico é agredido por motorista" (AM)
"Gays agredidos no Baixo Humaitá" (RJ)
"Gay é espancado em Salvador" (BA)
"Travesti agredido por policial dentro de taxi em Salvador" (BA)
"Travesti é torturado na Orla de Salvador" (BA)
"Gang de Michês agride Gays em Belo Horizonte" (MG)
"Bar Gay agredido por lutadores" (RJ)
"Homossexuais agredidos por seguranças em Nova Iguaçu" (RJ)
"Gay de Teresina denuncia agressões" (PI)
"Travesti acusa matadores de Gay" (RN)
"Mulher ciumenta cega gay com ácido" (BA)
"Casal gay vítima de agressão" (RS)
"Gay sofre agressão no shopping" (SP)
"Temporada de caça aos gays no Parque do Ibirapuera" (SP)
"Gays sofrem agressões em Juiz de Fora" (MG)
"Homossexual é espancado e esfaqueado em Salvador" (BA)
"Gay é dopado, espancado e roubado" (RJ)
"Políciais torturam, jogam no mar e matam travesti" (BA)
"Neo-nazistas do ABC pregam extermínio de homossexuais" (SP)
"Protesto contra homossexuais" (SP)
"Tenente vítima de homofobia" (PR)
"Procuradoria Geral da República veta homossexual na TV" (RJ)
"COHAB discrimina homossexual" (CE)
"Jovens gays discriminados no Abrigo Municipal" (RS)
"Gravuras homossexuais são proibidas em Universidade" (SC)
"Prisão arbitrária de músicos gays no Paraná" (PR)
"Funcionário Público gay sofre agressão e é demitido" (RS)
"Travesti discriminado em hospital" (AM)
"Índio travesti sofre duplo preconceito" (RJ)
"Gay vítima de michê" (RS)
"Gays vítimas do golpe boa noite Cinderela" (PE/RJ)
"Morte aos homossexuais" (SP)
"Carta anônima revela homossexualidade de celebridades" (RJ)
"Funcionário do Metro demitido por ser gay" (DF)
"Cantor gay discriminado" (SP)
"Caixa dos advogados invade privacidade homossexual" (SP)
"Palestra para curar homossexualismo" (RJ)
"Bispo de Erechim ofende homossexuais" (SC)
"Boate afasta gays" (RJ)

TRANSEXUAIS SOFREM DISCRIMINAÇÃO LEGAL

A transexual Roberta Close reclama amargamente de não poder adequar para o sexo feminino seu nome e foto na carteira de identidade. (O Globo, 31-1-98)

"Soldado denuncia discriminação na Aeronáutica" (SP)
"Gays são discriminados em Bancos de Sangue" (PR, GO, SC, BA)
"Políciais de Goiânia agredem gays e travestis" (GO)
"Motel no subúrbio do Rio impede entrada de Gays" (RJ)
"Ator é insultado por representar homossexual" (SC)
"Ator é discriminado por representar bissexual" (SP)
"Funcionário gay do Hospital da USP é demitido" (SP)
"Supermercado discrimina gay efeminado" (RS)
"Professor em Santos é demitido por ser gay" (SP)
"Vice-Presidente do Vasco discrimina gay no futebol" (RJ)
"Advogado é discriminado ao assumir homossexualidade" (SP)
"Praia de nudismo discrimina gays" (BA)
"Gay é expulso de casa pelos irmãos" (BA)
"Estudante acusa SESC de homofobia" (SP)
"TFP boicota novela com casal de lésbicas" (SP)
"Escola expulsa adolescente gay" (MG)
"Menino de rua gay sofre discriminação" (GO)
"Crítico de cinema instiga homofobia" (BA)
"Ratinho humilha e invade privacidade de homossexuais" (SP)
"Corregedor da Câmara quer tirar homossexuais da TV" (DF)
"Livro sobre travesti é barrado por distribuidor" (RJ)
"Eleitor nega voto a deputado por apoiar gays" (SP)
"Médico quer a cura de homossexuais" (SP)
"Travesti adolescente expulso de casa" (GO)
"Bispo presencia execução de Travesti" (RJ)
"Travesti é arrastado por veículo" (AL)
"Travestis impedidos de permanecer em bar" (GO)
"Mulher confundida com travesti é expulsa de boite" (PR)
"Lésbica impedida de manter contato com filho" (RJ, GO)
"Padre Marcelo discrimina homossexuais" (SP)
"Pastor da Assembléia de Deus condena gays cristãos" (SP)
"Congresso para curar homossexuais em Viçosa" (MG)
"Arcebispo insulta homossexuais" (SC)
"Candidato pastor propõe lei para curar homossexuais" (PI)
"gay evangélico sofre discriminação" (ES)
"Advogado de N.Friburgo insulta homossexuais na internet" (RJ)
"Travesti vítima de tesouradas" (PA)
"Rio não aceita Olimpíada Gay" (RJ)
"Grupo de Extermínio de Homossexuais no Rio Grande do Norte" (RN)

Mott & Yonara (1999)

INTRODUÇÃO

Talvez seja desnecessário apontar os efeitos nocivos do heterossexismo. Mas não me refiro somente aos hediondos crimes perpetuados contra os que não querem, ou não podem, ser como a maioria. Refiro-me, também, aos males causados por uma sociedade que se abstém de defender os direitos de *todos* os seus cidadãos. A citação de Silva foi justa ao “*levantar a incógnita que se esconde no deboche*”, para ele, contra os travestis, aqui, contra os homossexuais:

Assim como no caso dos meninos de rua (...), o problema não é o travesti. A questão é quem os mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay respeitável) com a bala que fere o seio esquerdo do travesti. O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho” (Silva, 1993).

Os efeitos do heterossexismo sobre o grupo dominante, embora indiretos, também são evidentes. Se um critério de saúde mental é a “*percepção adequada da realidade, livre de distorções devidas às necessidades e desejos, e unida a certa sensibilidade para compreender aos demais*” (Jahoda, 1986), então é evidente que o preconceito e o heterossexismo afetam a saúde mental. Por que sendo um ato consensual, praticado em local apropriado, a homossexualidade tem o poder de causar tanta aversão e repúdio social?

No prefácio desta monografia transcrevo registros oficiais, ocorridos durante o ano passado, de atitudes negativas para com os homossexuais. Estas atitudes variam desde insultos a assassinatos, demonstrando a discriminação nas mais diversas formas: em programas governamentais, nas profissões, nas artes e

na mídia, limitando a maioria das liberdades garantidas a todos, por nossa constituição.

Apesar desse pensamento prevalente, os países ocidentais estão enredados com políticas públicas e atitudes sociais que tentam garantir um lugar das minorias na Democracia Liberal. Esta pesquisa poderá auxiliar nos debates sobre os espaços conquistados por homossexuais e Direitos Humanos como um todo, garantindo a necessária proteção aos mais diversos *modus vivendi* que, necessariamente, não precisam ser exclusivamente heterossexuais.

Cada vez mais a Antropologia vem se preocupando em defender não só o direito a, mas também a necessidade da, diversidade humana em todos os tempos e em todos os lugares. O que pode ser saudável para a maioria, não significa que será para a totalidade das pessoas, ou seja, “*maioria*” não pode ser confundida com “100%”. Algo sábio para 90% da população mundial não significa uma ética universal para os 100% da humanidade. Por exemplo, um médico pode injetar penicilina em 90% da população na intenção de prevenir alguma moléstia hipotética mas, se insistir em aplicá-la também nos 10% restante da população que são alérgicos a antibióticos, poderá ser condenado por incompetência e homicídio.

Diante do exposto, e com o objetivo de discutir a questão das diferenças, pretendo, nesta pesquisa, identificar, analisar e compreender as diferentes atitudes heterossexistas - atitudes negativas para com os homossexuais - existentes nos cursos de Direito e Comunicação Social das cidades de Curitiba e Florianópolis. Se possível, somar esforços na luta a favor da garantia dos direitos assegurados na Constituição Brasileira, que estabelece que o homossexualismo não é crime desde a Constituição de 1824, contudo, persisti a ideologia heterossexista - ou anti-homossexual - que reprime a livre expressão de comportamentos não heterossexuais e a livre escolha de parceiros sexuais.

Além de trabalhar com a hostilidade declarada, esta pesquisa tenta desvendar os níveis mais refinados de preconceitos contra os homossexuais. Através de uma análise comparativa, quantitativa e qualitativa, examino alguns argumentos a respeito dessa discriminação, tais como: qual a amplitude das atitudes e quais as suas possíveis causas psicológicas, sociológicas e/ou biológicas. Da mesma forma, procuro compreender e analisar, teoricamente, quais as intenções que podem estar fundamentando esses comportamentos heterossexistas.

Ao investigar as diferentes atitudes negativas para com a homossexualidade, detenho-me, exclusivamente, nas atitudes para com os homossexuais masculinos - gays, como os denomino no decorrer deste trabalho. Embora considere a homossexualidade feminina muito mais instigante, ela precisaria de uma análise específica para ser enfocada, pois gays e lésbicas vivem em "*mundos muito diferentes*", biopsicossocialmente falando.

Na pesquisa de Steffensmeier & Steffensmeier (1974) foi demonstrado que, diferentemente dos gays, as lésbicas não chegam a ser vistas como um "*problema social*", pois foram apontadas como menos estereotipadas negativamente e menos rejeitadas pelas sociedades em geral. A iniciativa do Grupo Gay da Bahia - GGB -, em catalogar parte dos crimes demonstra e fortalece, expressivamente, esta idéia de que os gays estão mais fortemente *marcados* no social. Nos últimos três anos, somente 5% dos crimes heterossexistas, foram perpetrados contra lésbicas (Mott e Yonara, 1999).

Como não poderia deixar de acontecer, inúmeros feministas rebateram a afirmação acima de que "*as lésbicas não chegam a ser um problema social*". Estes feministas foram unânimes, em suas análises, ao afirmar que isso deve-se à grande diferença com que os norte-americanos valorizam os papéis sexuais. O papel sexual dos homens é super valorizado, naquela sociedade, em detrimento

do papel sexual das mulheres (Bardwick, 1971; Bardwick & Douvan, 1971; Broverman et alli, 1970; Horner, 1972). Isso resulta em uma maior condenação aos homens com papéis femininos do que às mulheres com papéis masculinos.

Sem dúvida, não seria necessária toda esta pesquisa para sabermos que há uma forte discriminação para com todos os tipos de comportamento não-heterossexual. Contudo, pretendo pulverizar essa “*atitude em geral*”, no afã de entender as diferenças existentes entre esses diversos tipos de atitudes. Este trabalho tem por objetivo duas tarefas complementares, mas totalmente distintas. A primeira é quantificar, demonstrando quem, onde, quando e como se manifestam as atitudes negativas, visando explicar esses comportamentos. O segundo objetivo, mas não menos importante, é compreender, através da análise qualitativa, essas atitudes. Para isso, foi preciso toda uma vivência no campo, vendo e ouvindo as pessoas manifestarem-se a favor ou contra, expressando ou não, suas atitudes para com os gays.

No campo, notei que entre os alunos pesquisados a homossexualidade ainda é um assunto bastante controverso. Foi quase impossível falar sobre o assunto sem suscitar reações, tanto prós como contra. A impressão que tive em campo era de estar pesquisando um assunto tabu, tão enraizado em nosso inconsciente quanto o tabu do incesto. E foi neste aprofundamento, na compreensão desses estilos, na diferença cultural dos comportamentos, e no espanto que isso nos causa, que concentrei a minha atenção na busca da compreensão ao heterossexismo ou incômodo que certos comportamentos diferenciados causam ao outro. Se, hoje, a sexualidade vem sendo cada vez mais descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de variados estilos de vida, imagino como devem ter sido bem mais difíceis as pesquisas realizadas nas décadas passadas.

Outro ponto a ressaltar é que o heterossexismo, enquanto preconceito, não é um fenômeno unitário, pois assume diversas formas em diferentes indivíduos. Assim sendo, as atitudes podem variar social e psicologicamente conforme sejam conseqüências de características profundamente arraigadas na personalidade (às vezes, de natureza patológica) ou de uma experiência traumática, que respondam à conformidade com uma norma social estabelecida ou, ainda, que possuam mecanismos biológicos que, talvez, possam influenciar esse comportamento. Assim, o enfoque desta pesquisa é necessariamente biopsicossocial.

No primeiro capítulo, faço uma discussão sobre o termo “*heterossexismo*”, sobre as atitudes, e sobre a importância do preconceito para este estudo. Apresento uma breve citação sobre as mais importantes teorias e idéias sobre o heterossexismo, avisando que retomarei estas teorias no capítulo cinco, quando as discuto mais profundamente, junto com os dados quali e quantitativos, levantados no campo. Incluo, também, um comentário sobre os “*centrismos necessários ao entendimento do homem*”, onde deixo claro “*o lugar de onde falo*”.

No capítulo dois, relato o percurso, as alegrias e tristezas, tanto na trabalhosa confecção dos questionários, quanto nos imprevistos encontrados no campo, que culminaram nesta dissertação. No próximo capítulo (três), demonstro ao leitor como concebi e avaliei a existência de diferentes tipos de heterossexismo.

No capítulo quatro, discuto as diferenças nas atitudes para com os homossexuais masculinos encontradas entre os homens e as mulheres; entre os curitibanos e os florianopolitanos; entre os maiores e os menores de 25 anos; e entre os alunos de Comunicação Social e Direito.

No capítulo cinco, analiso as diferentes teorias a respeito das atitudes para com a homossexualidade masculina e, no seis, faço a conclusão deste trabalho, tecendo algumas considerações - biopsicossociais -, levantando sugestões sobre o que fazer com o heterossexismo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por que a escolha do termo “heterossexismo” ?

O termo “heterossexismo” foi postulado por Herek, em 1990, como sendo “*um sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma de comportamento, relacionamento ou comunidade não heterossexual*”¹. Apesar de ser “homofobia”, a expressão mais amplamente utilizada no Brasil, como referência às atitudes negativas para com os homossexuais, acredito que ela “peca” ao descrever tais atitudes pois, o radical grego “fobia” descaracteriza essa função de “simples” preconceito ou atitude. Por ser um termo clínico, “fobia” pressupõe a existência de reações fisiológicas associadas ao sentimento e, implicitamente, faz com que “homofobia” comporte a crença de que o preconceito contra os homossexuais seja uma atitude individual, clínica, em vez de um fenômeno social, enraizado em ideologias culturais e relações intergrupais. Criado por Weinberg, em 1972, “homofobia” foi utilizada para caracterizar o “*pavor dos heterossexuais ao encontrarem-se, em lugares confinados, com homossexuais*” e, também, para definir o “*medo, a auto-aversão de pessoas que não aceitam sua orientação homossexual*” (Herek, 1996).

Na literatura específica, encontraremos diversos termos, com as mais diversas definições, para indicar as atitudes negativas para com os homossexuais. Do ponto de vista cultural, Morin e Garfinkle (1978) definem “homofobia” como sendo “*qualquer sistema de crença que suporte mitos e estereótipos negativos a respeito das pessoas homossexuais*”. Para Lehne (1976), dentro de uma visão dinâmica e individual da personalidade, “homofobia” refere-se especificamente

¹ “Heterosexism has been defined as the ideological system that denies, denigrates, and stigmatizes any nonheterosexual form of behavior, identity, relationship, or community” (HEREK, 1990)

ao “*medo irracional ou a intolerância à homossexualidade*”. Já MacDonald (1976) complementa a definição de Lehne, dizendo que é “*um medo ou terror, irracional e persistente, dos homossexuais*”.

A crença generalizada em um sistema onde o heterossexual é superior ao homossexual foi chamado por Morin (1975), em uma primeira fase, de “*heterossexismo*”, sendo substituído, em seguida, por “*viés heterossexual*” (Morin, 1977). Lehne (1976) criou o termo “*homossexismo*” para descrever o “*sexismo entre indivíduos do mesmo sexo (embora eles possam diferir em sua orientação sexual)*”. Outros autores, tentando precisar este conceito, terminaram criando outro: “*homonegativismo*”, que se refere a qualquer tipo de atitude (cognitiva, afetiva ou social) negativa para com a homossexualidade (Hudson & Ricketts, 1980, Martin, 1993; Shidlo, 1994).

Assim, como os termos “*homofobia*” e “*heterossexismo*” têm sido usados com os mais variados sentidos (vide discussões a respeito em Forstei, 1988; Herek, 1992; Neisen, 1990; Obear, 1991; Pharr, 1988; e Weinberg, 1972), esclareço que neste trabalho, uso o termo “*heterossexismo*”, enquanto substituto para “*homofobia*” ou “*atitudes negativas para com os homossexuais*”. Reconheço que o termo “*homofobia*” refere-se às reações emocionais, demonstradas nas atitudes negativas para com os homossexuais. Mas, essas atitudes, também são demonstradas pelos que possuem uma cognição limitada ao sistema heterossexual, ou seja, o “*heterossexismo*”.

Também utilizo o termo “*minorias*” para designar os grupos minoritários que, virtualmente, em todas as sociedades, coexistem e são subjugados pelos grupos majoritários. Apesar de muitos desses grupos rejeitarem o sentido “*minoria*”, e estarem lutando por outros conceitos que melhor os identifiquem, esse termo será usado em todo este trabalho para designar aqueles que, por

qualquer razão, diferenciam-se dos padrões socialmente aceitos e praticados pela maioria cultural.

A fim de manter as minorias subjugadas à cultura dominante (à heterossexualidade), duas ações, de modo geral, são utilizadas: o preconceito e a discriminação. Ambos, como veremos adiante, são comportamentos que se auto-alimentam mutuamente. Segundo Eitzen (1980), o preconceito e a discriminação, também podem ser reforçados através das instituições sociais e, neste caso, podemos falar em uma discriminação institucionalizada. E, ainda seguindo Eitzen, quando a discriminação resulta na segregação da população, isso pode ocorrer por duas formas: *de jure*, a discriminação formalizada através da lei e, *de facto*, a segregação informal dos costumes sociais e das práticas culturais.

Estou adiantando-me sem deixar claro uma das características mais básicas deste trabalho: os testes, que faço, das diversas explicações sobre a variação cultural do heterossexismo. Com isso, estou assumindo que, neste trabalho, preocupo-me muito mais em fazer uma pesquisa “*explicativa*” do que “*compreensiva*”. Esta proposta surgiu através de inúmeras discussões com meu orientador, onde terminei rejeitando a preocupação em fazer uma pesquisa apenas “*compreensiva*”, típica de meus trabalhos anteriores, dentro da psicanálise. Para resumir os argumentos, prefiro deixar que Werner fale sobre a importância da explicação nos fenômenos culturais:

Muitos antropólogos admitiriam a possibilidade de se buscar explicações, mas insistiriam na necessidade de primeiro adquirir uma compreensão. Mas parece que esta insistência deve-se à noção de que o significado das coisas só pode ser dado pelo sistema de representações, e que só uma tentativa de compreensão poderia revelar este significado. Sem primeiro saber o que as coisas significam dentro do sistema, não temos nem como avaliar fatores “externos” que pudessem explicá-las, pois nem saberíamos o que estamos explicando. Como o leitor já deve ter percebido, eu discordo desta posição. Acho errado decidir a priori que um fenômeno só faz sentido dentro de um sistema de significados. Muitas vezes é melhor fazer uma abdução a respeito

do que se imagina ser o significado de um fenômeno, e depois fazer uma pesquisa para averiguar se o argumento “dá conta” dos dados. Se não consegue dar conta, então talvez valha a pena voltar a repensar os conceitos usados. Pressupor de antemão que o significado só pode ser dado pelo sistema efetivamente mata a possibilidade de examinar qualquer argumento ao contrário. Acaba funcionando como uma pré-censura. (Werner, 1997) - Os grifos são meus.

Estou utilizando a estatística, neste trabalho, e fazendo uso de técnicas variadas para determinar as magnitudes das relações entre os fatores investigados, por exemplo: a influência do sexo, idade, cidade e curso no heterossexismo. Acredito, que a informação numérica não seja mais neutra, nem mais livre da opinião política do que as explicações mais qualitativas, ou mesmo compreensivas, do mundo social. Contudo, o método quantitativo fornece uma avaliação mais detalhada para a análise de argumentos alternativos.

Discutirei, a seguir, as teorias e as idéias que inspiraram a minha pesquisa de campo, em quatro subcapítulos: (1.1) Centrismos necessários ao entendimento do homem; (1.2) Teorias a respeito das atitudes; (1.3) Teorias a respeito do preconceito; e (1.4) Teorias a respeito do heterossexismo.

1.1. CENTRISMOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DO HOMEM

Neste capítulo esclareço o leitor sobre alguns pressupostos básicos que norteiam este trabalho. Ao discutir os “*centrismos*” - crono e antropocentrismo - deixo claro o “*lugar de onde falo*”, e não tenho dúvidas de que falo enquanto antropólogo mas, também, de um lugar bastante incômodo, talvez pelo ineditismo.

O primeiro centrismo, o CRONOCENTRISMO², é sumamente importante por considerar e relevar a idade real do objeto de estudo da Antropologia: o homem. Embora seja usual os estudiosos compararem a “*Revolução Darwiniana*” com a “*Revolução Copernicana*”, não encontraremos qualquer cientista que, ao pesquisar o que quer que seja, não tenha bem claro em sua mente - tão claro que, hoje, isso acontece de forma “*natural*” - que é a Terra que gira ao redor do Sol³. Diferentemente da crença nas idéias do meu xará Copérnico, poucos cientistas, atualmente, apesar de aceitarem (ou não poderem duvidar) a teoria sobre a Evolução Humana, não consideram a idade real do homem.

De forma lamentável, justamente as Ciências Humanas costumam posicionar seu objeto de estudo como se tivesse apenas dez mil anos⁴, aproximadamente, ao invés de aceitá-lo com a sua idade real que, na atualidade, calcula-se ser superior a três bilhões de anos (com o surgimento da primeira forma de vida) ou até mesmo doze bilhões de anos (com a origem do

² Baseando-me na palavra “*etnocentrismo*”, preferi utilizar também os radicais gregos “*cronos*” e “*antropo*” para compor o nome dos outros dois centrismos, embora já os tenha lido em outros trabalhos, o sentido que procurei dar a estas duas palavras é bastante específico ao que me proponho a discutir.

³ Por outro lado, sabemos que, apesar de ser “*quase*” improvável, o heliocentrismo também pode ser contestado um dia, pois, como afirma Popper (1972), a ciência, e não a pseudo-ciência (seja a religião, a astrologia ou qualquer outra coisa), é “*passível de sofrer oposição do mundo empírico*”. Para ele, a ciência real tem de ser passível de ser acusada de falsa e provar essa possível falsidade, seria o “nobre” trabalho de qualquer cientista.

⁴ Eu não duvidaria que, inconscientemente, muitos acreditem que o homem tenha surgido em uma sexta-feira, após um estafante Gozo Criativo.

Universo). Mesmo aqueles que, como Alfred Russel Wallace (descobridor, independentemente de Darwin, da teoria da seleção natural, mas que se recusava a aplicá-la à mente humana⁵), talvez por consolo, precisam estar convictos de que o *Homo sapiens* é um tipo fundamentalmente diferente de criatura e queiram reduzir, ainda que eu não concorde, a idade do ser humano, ela nunca poderá ser pensada como inferior a cinco milhões de anos, quando se estima terem surgido os primeiros homínídeos (Leakey, 1981).

Portanto, repito que, esse cronocentrismo, a atitude pela qual as pessoas tendem a valorizar a historicidade da vida humana como algo inerente apenas aos últimos anos dessa história, deveria ser o primeiro dos “*centrismos*” a ser evitado. A idade de nosso objeto de estudo - o homem -, sua historicidade (a cultura humana), é de suma importância se quisermos entendê-lo, não havendo diferença se o recorte for “*sin ou diacrônico*”. Refiro-me à noção de “*tempo de vida*” que reputamos a esse objeto.

Apesar de Piaget, tanto quanto Freud, ter formulado suas teorias psicológicas de forma anaclítica ao biológico, não pôde, entrar em contato com a literatura sobre os genes, muito menos com um “*projeto genoma*”. Porém, o conceito piagetiano de “*etapas*” poderá auxiliar-me na construção de um paralelo entre a importância de considerarmos o ser humano como algo que não “*surgiu do nada*”, mas sim, como o resultado de uma lenta superposição de “*estruturas originais*” e de uma determinada forma de “*equilíbrio*”, que dependem das construções anteriores, mas dela se distinguem. Parafraseando Piaget, eu diria que “*o essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas sobre as quais se edificam as novas características*” (Piaget, 1969, 1973, 1976).

⁵ Segundo Leakey, Wallace “*considerava os humanos demasiado inteligentes, refinados, sofisticados, para terem sido o produto de simples seleção natural ... A intervenção sobrenatural, achava ele, deve ter*

Também Bourdieu deu um grande passo, nesse sentido, ao introduzir a noção de *habitus*⁶, a fim de entender uma cultura ou “*estruturas sociais*” (Bourdieu, 1994) pois, segundo ele

a cultura não é apenas um código comum nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas recorrentes. Ela constitui um conjunto comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma ‘arte de invenção’ análoga à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados a situações particulares” (Bourdieu, 1974).

Quando somos socializados, eu diria “*humanizados*”, muitas das “*informações*” de uma determinada cultura não são tão explícitas, pois são inconscientes. E é essa inclusão do inconsciente (não só a idéia de um inconsciente social ou coletivo, apregoado por outros autores) individual, nos processos de socialização, que mais me fascina no *habitus*.

Bourdieu afirma que o próprio processo de socialização tem a capacidade de

produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui a sua cultura, ou melhor seu habitus, ou seja, em suma, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum (Bourdieu, 1994) Os grifos são meus.

Acredito que, apesar de essencial, a noção de *habitus* não é suficiente, pelo menos para que possamos entender a influência dos genes nas atitudes e no próprio *habitus*. Não adianta trabalharmos com o conceito de *habitus* se

concorrido para fazer os humanos tão especiais”(Leakey, 1995).

⁶ *Habitus é “o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e as ações características de uma cultura, e somente esses”* (Bourdieu, 1974) ou “*sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente”* (Bourdieu, 1994).

continuarmos negando ou acreditando, mesmo que inconscientemente, que os homens e por extensão a cultura surgiram há apenas alguns milênios de anos, criados pelo desejo de um Pai “*Oni-tudo*” - potente, presente, ciente, etc.

O segundo “*centrismo*” seria o ANTROPOCENTRISMO, a suposição de que somente os seres humanos possuem cultura, restando a sociedade aos animais. A cultura - “*qualquer atividade física ou mental apreendida e compartilhada por diferentes membros de um grupo*” (Werner, 1997) - existe em todo o lugar: não surgiu com o *Homo sapiens* e nada leva a crer que irá morrer com ele. É claro que concordo com a afirmação da Sociologia de que as formigas, ou abelhas, vivem em sociedades mas não possuem cultura.

Certo, elas não aprendem, e muito menos transmitem (a não ser pelos genes) comportamentos. Por outro lado, já existem estudos minuciosamente detalhados (e até filmes da National Geograph) sobre o modo como certos primatas ensinam a seus filhos, com a maior da paciência (eu diria, com uma proficiência pedagógica), a “*descascarem*” nozes e/ou escolherem os melhores capins que sirvam como talher para comer cupins que estão dentro do cupinzeiro. Não me surpreenderia, inclusive, se estudos viessem a comprovar que algum aspecto da forma de andar desses animais, ditos “*não racionais*”, fosse devido mais à cultura de seus bandos do que propriamente aos seus genes. Nos humanos, é claro, ninguém mais duvida de que a diferença do “*bamboleio*” de uma garota carioca e o de uma chinesa, por exemplo, está longe de ser determinado geneticamente. Assim, sugiro àqueles que estudam apenas a cultura dos Homens, passem a denominá-la de *cultura humana*, a fim de diferenciá-la das demais.

Se não conseguirmos reconhecer “*humanidade*” em certos comportamentos de nossos semelhantes, imagino que jamais estaremos (digamos, moralmente) capacitados para aceitar o comportamento dos macacos; esses que apenas, geneticamente falando, possuem cerca de 98% de semelhanças conosco. Como, então, “*relativizar*” ou tentar

qualquer tipo de associação entre digníssimos “*seres superiores*”, nós, e esses “*seres inferiores*”, se acreditamos na sua irracionalidade? Como seria possível contextualizar seres racionais com irracionais? E o que é pior, como esperar que possamos aprender, o que quer que seja, com tais seres “*sem alma*”?

Estas perguntas não destoam em nada das que eram feitas no século XVI, com referência àqueles seres recém-descobertos: “*Será que estes seres primitivos têm alma? Será possível catequizá-los?*” Meu conforto é saber que se não fossem eles, praticamente não existiria a Antropologia. Conseqüentemente, tampouco uma Margaret Mead⁷ seria famosa por repassar-nos as lições de vida apreendidas de e com esses seres primitivos, que, até pouco tempo atrás, sequer tinham alma. Quanto tempo será preciso para que os antropólogos aceitem que, os macacos, tanto quanto os ditos primitivos, não são inferiores nem superiores, “*apenas*” diferentes? E é justamente no estudo da riqueza dessas diferenças que se fundamenta o “*saber antropológico*”. Da mesma forma que os trobriandeses “*malinowskianos*” foram de suma importância para relativizarmos outras “*culturas humanas*”, por que os comportamentos homólogos entre os primatas não podem, ou não devem, também ser relativizados?

Insisto, o fato da Antropologia dedicar-se ao estudo da *Cultura Humana*, não significa que a cultura seja algo específico do ser humano. Da mesma forma que um dia, em um passado não tão longínquo, “*algo*” autodenominou-se “*homem*” e, nesse momento, criou-se a humanidade, E. B. Tylor, em 1871, em sua obra *Primitive Culture* utilizou-se, “*pela primeira vez*” (Ruse, 1995) da palavra alemã “*Kultur*”, empregando-a enquanto um termo

⁷ Esta grande antropóloga, reconhecida pelos feministas como deflagradora dos estudos de gênero, desde o seu livro “*Sex and Temperament in three primitive societies*” (1936), em sua segunda introdução, datada de 1962, ao livro “*Macho e Fêmea*”, editado pela primeira vez em 1949, escreve: “*Se eu estivesse escrevendo esse livro hoje, poria no seu back-ground teórico, diverso do conteúdo normativo e descritivo, uma ênfase maior na herança especificamente biológica do homem, herdada de formas anteriores e também nos paralelos entre o Homo sapiens e outras espécies mamíferas*” (Mead, 1971).

técnico. Nesse momento, “*surgiu*” a “*cultura*”, no Ocidente. Ninguém, em sua consciência, poderia acreditar que um ano antes, ou seja, em 1870, não existia cultura, tampouco poderia acreditar que não existiam homens, antes que possuíssem linguagem (ou cultura).

Portanto, a idéia de que a cultura é algo exclusivamente humano parece-me advir de um mal-entendimento do conceito de cultura, ou talvez de um desejo antropocêntrico, tão grande, que suponha que os humanos devam ser os legítimos (e únicos) herdeiros de um suposto, e desejado, Paraíso Celeste. Da mesma forma que Tylor “*criou a cultura*” em 1871, também os homens, em determinadas épocas, criaram histórias (mitos, lendas, etc.), para dar conta de algo que já existia, ou melhor, que sempre fizeram mas que nunca alguém havia nomeado. Igualmente ocorreu com o heterossexismo, um comportamento nomeado neste século para dar conta de algo que sempre coexistiu com os seres.

Para salientar esta discussão sobre antropocentrismo, gostaria de repetir-me no sentido de deixar claro a consideração de que todo e qualquer argumento contrário a essas capacidades dos animais, em especial os chimpanzés, em possuírem comportamentos (físicos e mentais) “*aprendidos e compartilhados*”, deve-se unicamente a uma falta de conhecimento dos trabalhos científicos dos etólogos, primatólogos e, também, dos antropólogos, como é o caso do texto de Werner (1990): “*A evolução da Organização Social Humana*”.

O terceiro, mas não menos importante “*centrismo*”, é o já amplamente estudado ETNOCENTRISMO, atitude pela qual as pessoas tendem a valorizar mais os traços e padrões de sua própria cultura. Em suas características menos intensas, tanto quanto o heterossexismo, pode significar tão somente uma atitude positiva em relação ao próprio grupo a que se pertence e às suas formas de conduta. De modo geral, (etno e hetero) também implicam em alguns sentimentos de superioridade de um grupo em comparação a outros a que não se pertença.

O etnocentrismo, tanto quanto o heterossexismo, varia muito em intensidade e especificidade e possui uma acentuada tendência empírica de tornar-se generalizado - no caso extremo, “*o nosso próprio grupo é superior a todos os outros em todos os aspectos importantes*”, segundo Robim Williams Jr. (apud Outhwait e Bottomore, 1996). Em geral, os estudos históricos e comparativos indicam que quanto mais preponderantes e intensas, em uma sociedade, são as crenças na superioridade do grupo a que se pertence, maior será a probabilidade de responsabilizar os membros de outros grupos por quaisquer condições ou acontecimentos indesejáveis. Quanto mais o etnocentrismo (e o heterossexismo) torna-se rígido, incondicional e emocionalmente intenso, maior é a probabilidade de conflito com outros grupos. Tais conflitos, por sua vez, reforçam e acentuam os preconceitos que irão aumentar tanto o etnocentrismo quanto o heterossexismo.

O fato de comportamentos e atitudes discriminatórios persistirem nas culturas, e mesmo entre os demais animais, denota que são mecanismos seletivos (selecionados pela evolução) e, portanto, adaptados a algum ambiente no passado e que, talvez hoje, já não possuam qualquer utilidade⁸. Isso leva-me a pensar que exista, por trás de um comportamento heterossexista (ou qualquer outro comportamento ou atitude humanos), um mecanismo causal, mesmo que a sua atuação seja indireta, *também* da ordem do biológico.

O heterossexismo tanto quanto o “*tabu do incesto*”, por exemplo, além de filhos legítimos da cultura, poderiam também ter uma segunda genitora: a Natureza Humana, submetida, in ou diretamente, a minúsculos genes. Não há,

⁸ A condição de precisarmos da cultura para sabermos (ou aprendermos) se uma cobra é venenosa, ou não, não impede que tenhamos um “*medo natural*” a qualquer coisa que rasteje ou coleie. Aqueles mamíferos que não “genetizaram” esse “*medo por cobras*”, certamente não foram, em sua grande maioria, nossos ancestrais. Hoje, porém, eles poderiam sobreviver e até mesmo adaptarem-se ao mundo atual. A utilidade máxima, se é que existe, para a maioria das pessoas, desse “*mecanismo adaptativo*” é, quanto muito, a de fazer-nos fugir assustados de “*busca-pés*”, em festas de São João.

inclusive, qualquer razão para acharmos que uma genitora deva ser superior ou inferior a outra: sem as duas não haveria qualquer coisa.

Mas, qual a influência, então, da biologia sobre o heterossexismo? Não tenho dúvida de que sua influência é tão importante quanto às influências psicoculturais. Mas, do mesmo modo que são improváveis os mecanismos psicoculturais autônomos, também não poderíamos falar, muito menos pensar, em uma espécie de “*mecanismo genético automático*” motivador da discriminação contra os homossexuais. Porém, deveríamos levar em consideração que possa haver algum “*mecanismo evolucionariamente adaptativo*”, atrelado à cultura⁹ que, da mesma forma como, desejando ou não, suas irmãs e filhas, os machos preferem trocá-las por outras fêmeas não consangüíneas¹⁰.

Na Antropologia, poucos lembraram-se de comparar esses comportamentos de “*tabu do incesto*” com os dos nossos semelhantes simiescos, preferindo, cada um deles, elaborar teorias imensas e cheias de símbolos. Tantas teorias surgiram que foi preciso um Lévi-Strauss para condensá-las em uma única, separando-as do que ele chamou de um “*saco-de-gatos*” (Lévi-Strauss, 1962). É claro que, apesar da extensão e do eruditismo da obra de Lévi-Strauss, além de sua inestimável contribuição ao simbolismo, se ele leu, certamente não tirou partido da teoria de Darwin.

⁹ Edward O. Wilson (1978) também admite que “os genes já abriram mão de uma boa parte de sua soberania”. Mas, tanto quanto eu, ele insiste que “os genes levam a cultura pelo cabresto”.

¹⁰ “Lewis Thomas havia previsto teoricamente que os genes da histocompatibilidade (um grupo de genes, numa certa região cromossômica, que tem função imunológica) poderiam dar a cada indivíduo um cheiro característico” e os pesquisadores G.K. Beauchamp, K. Yamazaki e E. Boyes observaram que os machos e fêmeas de histocompatibilidade diferente mostravam-se mais dispostos a acasalar-se e a associar-se do que os machos e fêmeas de igual histocompatibilidade. Segundo o texto: “isto explica uma tendência geral da natureza para evitar a consangüinidade”. (Reis, J., 1999).

1.2. TEORIAS A RESPEITO DAS ATITUDES

Para uma melhor compreensão do significado do conceito de atitudes, torna-se necessário uma breve retrospectiva. O estudo das atitudes teve seu início neste século com os psicólogos e, hoje, é um tema clássico na Psicologia Social. Em 1927, Thurstone inicia os estudos relativos à mensuração das atitudes em seu artigo denominado *“Attitudes Can Be Measured”* e, após oito anos, em 1935, Allport compila mais de 100 definições referentes ao termo *“atitude”*, o que revela claramente o interesse demonstrado pelos psicólogos da época em torno desse assunto. Mas, ainda hoje, não são poucas as contribuições apresentadas pelos cientistas sociais sobre esse tema.

Segundo a definição de Argyle (1972), *“por atitude se entende a tendência a sentir, comportar-se ou pensar de certo modo em relação à pessoas, objetos ou símbolos”*. Devemos ir além desta definição, pois, uma atitude é mais do que uma simples tendência ou mesmo expectativa. Enquanto uma expectativa refere-se a um estado de disponibilidade mais transitório, as atitudes são extremamente resistentes às mudanças.

Baseando-se em diversas definições de atitude, Rodrigues definiu atitude social como sendo *“uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto”* (Rodrigues, 1986). Para ele, objeto social pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas, um acontecimento social ou qualquer produto da atividade humana.

Apesar da imensa divergência nas palavras utilizadas pelos cientistas, para definirem atitude, há o consenso de que ela é uma variável inferível dos fatos empíricos do comportamento, mas não diretamente observável, e integrada por três

componentes: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. Alguns pesquisadores (Zanna e Rempel, 1988; Eagly e Chaiken, 1993) defendem que o conceito de atitude é visto como sendo baseado em três tipos gerais de informações: (1) as informações cognitivas, as crenças sobre o objeto; (2) as informações afetivas, os sentimentos e emoções associados ao objeto; e (3) as informações referentes ao comportamento passado ou intenções comportamentais a respeito do objeto.

O componente cognitivo é o mais básico entre eles pois, qualquer que seja a relação que venhamos a ter com um objeto, necessariamente haverá uma crença ou representação cognitiva deste mesmo objeto. Muitas vezes, a representação cognitiva que temos de um objeto é vaga ou errônea. Quando vaga, seu afeto em relação ao objeto tenderá a ser pouco intenso; quando errônea, porém, em nada influenciará na intensidade do afeto pois uma representação é muito pouco atrelada à realidade. Por exemplo, se possuímos pouco conhecimento sobre o “*comunismo*”, a representação cognitiva que temos desse tipo de sistema é vaga, nossas atitudes de afeto para com os “*comunistas*” também serão vagas, quase neutras. Contudo, se possuímos a idéia de que “*no sistema comunista as crianças são retiradas de suas famílias e, sacrificadas em prol da causa*”, será esta a “*verdade*” que regerá a intensidade de nossas atitudes.

O componente afetivo, o sentimento pró (atitude positiva) ou contra (atitude negativa) um determinado objeto social, é o mais importante na análise de uma atitude. Pois, o diferencia de uma simples crença ou opinião que não precisam estar impregnadas de uma conotação afetiva. As pessoas que possuem uma representação cognitiva da homossexualidade e mantêm essa crença ou opinião em um nível cognitivo, sem unir a isso qualquer traço afetivo, não possuem, pelo menos teoricamente, atitudes (positivas ou negativas) em relação à homossexualidade. Por isso mesmo, para alguns cientistas (Fishbein e Raven,

1962; Fishbein, 1966) o componente afetivo é o único característico das atitudes sociais. No entanto, Rosemberg (1960) demonstrou experimentalmente (mudando o componente cognitivo dos sujeitos através da hipnose) que os componentes cognitivo e afetivo tendem a ser coerentes entre si.

Quanto ao componente comportamental (o que mais interessa para as políticas públicas) não há unanimidade de posições entre os estudiosos, no que se refere ao papel das atitudes em relação ao comportamento. Para alguns pesquisadores (Newcomb et alli, 1965) as atitudes humanas são propiciadoras de um estado de prontidão que, se ativado por uma motivação específica, resultará em um determinado comportamento; outros autores (Krech e Crutchfield, 1948, Smith et alli, 1956 e Katz e Scotland, 1959) vêem nas atitudes a própria força motivadora da ação. Nenhum deles, entretanto, nega que as atitudes possuem um componente ativo, instigador de comportamentos coerentes com as cognições e os afetos relativos aos objetos atitudinais. E mesmo que os famosos estudos de Le Pière (1969), com os chineses e de Kutner e colaboradores (1952), com os negros, aparentemente tenham demonstrado que não há coerência entre atitude e comportamento, existem, outros pesquisadores, como Campbell (1963) e Triandis (1971), que justificam não haver inconsistência entre atitude e comportamento. Segundo Triandis:

*seria ingênuo, entretanto, concluir a partir destes resultados (pesquisa de Le Pière) que não há relação entre atitude e comportamento. O que é necessário que se entenda é que as atitudes envolvem o que as pessoas **pensam, sentem, e como elas gostariam de se comportar** em relação a um objeto atitudinal. O comportamento não é apenas determinado pelo que as pessoas **gostariam de fazer** mas também pelo que elas **pensam que devem fazer**, isto é, **normas sociais, pelo que elas geralmente têm feito, isto é, hábitos, e pelas conseqüências esperadas de seu comportamento**" (Triandis, 1971).*

Seria muito difícil discordarmos da justificativa de Triandis e Newcomb e colaboradores (1965) de que "o comportamento é resultante de múltiplas

atitudes". Por maior que seja a atitude negativa de um executivo, dificilmente ele demonstrará comportamentos heterossexistas ou racistas durante um jantar de negócios em que os futuros clientes sejam homossexuais ou negros.

Para encerrar essa questão, é necessário mencionar a contribuição de Fishbein (1965) e Ajzen e Fishbein (1980) que, pela Teoria da Ação Racional, demonstram (através do componente afetivo) ser possível determinar o papel da afetividade, juntamente com outros fatores, na formação de uma "*intenção de comportamento*" que será um bom preditor do comportamento das pessoas. Já Sivacek e Crano (1982) demonstraram que a correspondência entre atitudes e comportamentos será tanto maior, quanto maior for o interesse investido pela pessoa no conteúdo atitudinal.

Sendo o heterossexismo um tipo de atitude social, dita negativa, para com os homossexuais, ou melhor, para com tudo o que não seja heterossexual, ele possui em si um elemento cognitivo (o objeto tal como conhecido), um elemento afetivo (o objeto como alvo de um sentimento pró ou contra) e um elemento comportamental, a combinação de cognição e afeto como instigadores de comportamentos, conforme determinadas circunstâncias.

Toda a atitude heterossexista é um tipo de preconceito, pois caracteriza um conjunto de atitudes que provoca, favorece ou justifica atos de discriminação. Como veremos a seguir, existe uma vasta literatura sobre os mais diversos tipos de preconceitos.

1.3. TEORIAS A RESPEITO DO PRECONCEITO

A hostilidade que o preconceito engendra, enquanto atitudes, e, a conseqüente discriminação, enquanto comportamentos¹¹, provoca tantos males que não surpreende o fato de inúmeros cientistas sociais dedicarem seus esforços em compreender e controlar essa forma de “*patologia social*”, como a denomina Rosa (1979).

Os vários aspectos do preconceito foram estudados com uma multiplicidade de métodos que variam desde experimentos para verificar algumas das hipóteses específicas, escalas de atitudes, questionários e levantamentos, até entrevistas clínicas de psicologia profunda, estudos de campo e pesquisas de psicologia do desenvolvimento. Essas numerosas pesquisas mostraram que as atitudes usualmente rotuladas como preconceitos, no senso comum, podem ser específicas para um grupo ou generalizadas para muitos; referirem-se unicamente às interações sociais pessoais ou dirigirem-se às amplas políticas públicas; e serem importantes ou periféricas para o ator individual (Outhwaite & Bottomore, 1996). Numerosas pesquisas (Le Vine & Campbell, 1976; Simpson e Yenger, 1985) revelaram processos psicológicos (frustração, deslocamento, racionalização, entre eles) importantes no desenvolvimento e na manutenção do preconceito em indivíduos.

Allport (1954) definiu preconceito como “*uma antipatia baseada em generalização defeituosa e inflexível. Pode ser sentida ou manifesta. Pode ser dirigida contra um grupo, como um todo, ou contra um indivíduo porque é membro desse grupo*”. Ele também sustenta que os preconceitos são atitudes super generalizadas e errôneas - concepções equivocadas que não se revertem em

¹¹ Estes comportamentos discriminatórios costumam ser conduzidos pela população dominante para com os grupos dominados, ou ditos “minorias” (homossexuais, classes, inválidos, étnicos, etc.).

função de novos conhecimentos. Para este autor, as opiniões prévias convertem-se em preconceitos somente se, ao enfrentá-las com novos conhecimentos, permanecerem irreversíveis.

A origem dos preconceitos perde-se na névoa do tempo e do espaço, mas sua principal característica permanece: infligir a certas pessoas um tratamento discriminativo baseado em um prejulgamento, ou resposta antecipada, e, portanto, não baseado na experiência real. Para Rose (1972), o preconceito tem uma influência nefasta, a médio ou longo prazos, em quase todos os aspectos, tanto para o grupo discriminado, que é tolhido enquanto sujeito, como para o grupo discriminador que, mais cedo ou mais tarde, terá de enfrentar a ameaça de uma minoria que ele mesmo construiu. Segundo este autor, *“uma das características do preconceito é a de se fazer acompanhar por sentimentos de temor e de angústia em face dos grupos que são vítimas dele”*.

Uma das mais antigas explicações para o preconceito, datada dos primórdios de nossa história, é que ele faz parte da natureza do homem ou de certos aspectos inevitáveis da sociedade humana. De acordo com essa visão, enquanto algo *“natural”*, o preconceito não pode ser evitado quando dois grupos entram em contato e, assim, ele seria inevitável num mundo heterogêneo. Contudo, em qualquer sociedade, é evidente a variação no grau de preconceito entre os indivíduos e entre os grupos, o que, de certa forma, desacredita esta visão quando se trata de explicar diferenças nos preconceitos de diferentes sociedades/culturas.

Esta antiga concepção de um preconceito *“natural ao homem”* fundamenta-se em uma consciência de espécies para com os semelhantes, em uma idéia de desagrado para com os diferentes. O filósofo Royce (1908) falava de uma *“antipatia natural”*, uma não aceitação inata, contra os que nos são diferentes. Ponto de vista semelhante está expresso na distinção entre o *“nosso*

grupo” e o “*outro grupo*”, como também na referência de Summer (1950) ao etnocentrismo, ou sentimento de lealdade para com o próprio grupo e de hostilidade para com os que parecem traí-lo de algum modo. Reuter (1918) e Embree (1931) deram relevo especial à teoria do “*agrado e desagrado*”, interpretando-a como uma espécie de narcisismo. É porque nos gostamos e nos admiramos tanto, que reagimos com hostilidade para os que nos são diferentes. No entanto, esta tendência, sendo universal, não poderia explicar porque as culturas e as pessoas diferem tanto em seus preconceitos.

Uma segunda aproximação, que não chega a ser contraditória com a primeira, mas é bem mais atual, pois teve sua ênfase na primeira metade do século XX, considera o preconceito como sendo um aspecto do processo de aprendizagem, sujeito aos mesmos princípios de explicações aplicáveis a quaisquer atitudes ou sistemas de valores que adquirimos através da experiência. Porém, as causas dos preconceitos, com exceção das mais evidentes e mais superficiais (referente às inúmeras vantagens, individuais e coletivas, do preconceito), são, ainda, relativamente mal conhecidas, apesar das inúmeras descobertas e das proficuas sugestões científicas.

Sabemos, hoje, que inúmeras pesquisas estabeleceram um grande número de generalizações empíricas referentes ao preconceito. Williams Jr. resumiu essas pesquisas, demonstrando as conclusões mais importantes a respeito do preconceito negativo:

- *tais preconceitos negativos, embora generalizados, não são universais;*
- *ele não é monopólio de qualquer sociedade ou cultura;*
- *não é inato, deve ser aprendido;*
- *os preconceitos em relação aos diferentes grupos tendem a andar juntos;*
- *pessoas que manifestam preconceito para com um grupo possuem atitudes semelhantes para com outros grupos;*
- *os indivíduos variam imensamente na intensidade e espécie de seus preconceitos;*

- *os preconceitos encorajam os comportamentos discriminatórios e as orientações dadas às políticas públicas, e são por eles gerados;*
- *preconceitos e comportamentos não precisam ser congruentes - situações específicas podem afetar consideravelmente a conduta, apesar de atitudes generalizadas.* (Williams, Jr, 1964). Os grifos são meus.

Pode-se demonstrar que Williams Jr, apesar de seu brilhantismo em resumir as mais diversas idéias a respeito do preconceito, foi vítima de um erro lógico ao achar que “ser inato” é inconcebível com o “ser aprendido”. Só porque aprendemos algo na infância, não significa que não haja algo inato, por detrás desta aprendizagem. Sem dúvida, variações no heterossexismo, como em qualquer outro preconceito, não são universais nem inatos, uma vez que a variação cultural deve ser aprendida. Mas, da mesma forma como ocorre com o tabu do incesto, dentro de uma visão darwinista, poderemos suspeitar da existência de mecanismos biológicos que sejam “ativados” ou “desativados” conforme determinação do meio ambiente ou do social.

O trabalho de Adorno e colaboradores (1950) é muito importante na compreensão do preconceito e de seu papel na organização da personalidade. Eles consideram o preconceito como um sintoma que deveria ser visto contra o pano de fundo das necessidades emocionais, características de indivíduos com a síndrome da “*personalidade autoritária*”. Preconceito não é uma atitude isolada; é

inerente ao modo de ver e abordar as coisas que o indivíduo provavelmente terá nos mais variados setores da vida, desde assuntos mais íntimos de adaptação familiar e sexual, relações com outras pessoas em geral, até religião e filosofia social e política (Adorno, 1950).

Deve-se, portanto, buscar o fundo dessa síndrome nos problemas emocionais, que surgem no curso da primeira socialização. Inúmeras pesquisas sobre homofobia demonstraram que as pessoas com mais atitudes negativas para com os

homossexuais possuem personalidade autoritária e rígida (MacDonald e Games, 1974).

Os autores de orientação psicanalítica sugerem que os testes de realidade inadequados ou as crenças estereotipadas, a respeito de um grupo étnico, devem ser entendidos como a serviço de uma função irracional dentro da economia psíquica do portador da atitude. Ao contrário, não ocorreria a inflexibilidade. Conseqüentemente, o preconceito é concebido como uma atitude que “*preenche uma função irracional específica para seu portador*” (Ackerman e Jahoda, 1950).

As crenças e preconceitos, se falsos ou verdadeiros, precisam servir ou preencher uma necessidade, assim, Wurzel (1986) identificou quatro funções básicas do preconceito: utilitária, protetora da auto-estima, na expressão de valores e cognitiva.

Na função utilitária, as atitudes preconceituosas são mantidas para se evitar punições ou para se ganhar recompensas particulares, ou seja, uma das causas mais evidentes do preconceito é ser uma fonte de vantagens individuais e coletivas. A vantagem ou o proveito material que dele podemos extrair justificam os atos que, habitualmente, não poderíamos aceitar como pertencentes ao nosso conjunto de comportamentos, pois nos repugnariam. Uma versão para esse argumento vem de Dollard e colaboradores, com a teoria do “*bode expiatório*”, ou teoria da “*frustração-agressão*” (Klineberg, 1975), mostrando que a maioria das pessoas, impedidas, regular e constantemente, de fazer aquilo que deseja, experimenta o sentimento de frustração, tornando-se agressiva. Quando é impossível, como acontece na maioria dos casos, atacar a própria causa de sua desgraça, procura um substituto. A psicanálise chama esse comportamento de mecanismo de defesa e o denomina “*deslocamento*”. Assim, deslocamos, descarregamos sentimentos acumulados, em geral sentimentos agressivos, em

refere às pessoas que são objeto desse preconceito, ou seja, os estereotipados. Conforme Jahoda (1986), estereótipos são “*uma convicção que não está alicerçada por uma hipótese apoiada na evidência, mas é antes confundida - no todo ou em parte - com um fato estabelecido*”. Um estereótipo não implica, necessariamente, em atitudes negativas, um preconceito, sim.

Por outro lado, devemos levar em conta o alerta de Williams Jr sobre a importância da ação conjunta das atitudes negativas e dos preconceitos, ou seja,

não podemos esquecer que o preconceito negativo e a discriminação reforçam-se mutuamente. Sejam quais forem as causas, o aumento das hostilidades, os estereótipos negativos e as atitudes de distanciamento social levam ao recrudescimento da discriminação, incluindo a exclusão e a segregação imposta. Na seqüência recíproca, o aumento da discriminação leva a um preconceito mais profundo e mais intenso. Em suma, a discriminação gera e reforça o preconceito; o preconceito cria uma base para a discriminação e sua racionalização (Williams Jr, 1964).

1. 4. TEORIAS A RESPEITO DO HETEROSSEXISMO

Apesar de inúmeros estudos sobre o preconceito e minorias sexuais, principalmente na área de Psicologia, o heterossexismo, enquanto fenômeno cultural, ainda não possui tantas análises quanto os estudos sobre gays e lésbicas sob o enfoque da Antropologia. Segundo Hanks,

a partir especialmente do impacto do estudo histórico de John Boswell (1980/92), nos Estados Unidos e Europa, temos assistido a uma explosão de cursos e estudos "gays e lésbicos" nas universidades - algo muito parecido aos estudos "black" (1960ss) e feministas (1970ss) (Hanks, 1997).

Devido ao seu amplo alcance e de suas conotações complexas na linguagem comum, deveremos interpretar o heterossexismo no contexto específico em que é usado pois, as categorias hetero e homossexual são construções sociais. Quando grupos distintos entram em contato, a competição econômica estimula o preconceito e o heterossexismo. Do mesmo modo, as fronteiras entre grupos e as atitudes negativas são acentuadas por lutas pelo poder político ou pela conquista, de prestígio e deferência, no social. Portanto, as ameaças e interesses egoísticos são potentes estímulos para o conflito entre grupos.

Segundo Herek, o heterossexismo pode manifestar-se tanto em nível cultural quanto individual. O heterossexismo cultural, tanto quanto o racismo e o sexismo institucional,

permeia os costumes e as instituições sociais e se manifesta através da discriminação aos homossexuais para empregos, alojamentos, serviços, banimento destes das forças armadas e até mesmo na falta de um

reconhecimento legal para que pessoas do mesmo sexo possam ter uma relação legalizada (Herek, 1996).

O heterossexismo psicológico seria a manifestação, no indivíduo, desse mesmo heterossexismo cultural. Reflete-se “*nos sentimentos pessoais de desconforto, desgosto, hostilidade ou condenação das relações homoeróticas*” (Herek, 1996). Existe um consenso, segundo este mesmo autor, em nossa cultura, de que “*o comportamento homossexual é um pecado ou, no mínimo, moralmente errado, sendo visto como “anti-natural” e, dificilmente reconhecido como sendo um estilo de vida alternativo aceitável*”.

Sendo assim, o heterossexismo existe de diversas formas nas modernas sociedades ocidentais (Bhugra, 1987; Grayson, 1987; Wells, 1989) mas encontrou sua expressão mais crítica na violência física contra as lésbicas e, principalmente, contra os gays. Estudos descrevem um aumento dessa violência como sendo causada por jovens com idades próximas aos 20 anos (Gay & Lesbian Rights Lobby, 1990; Harry, 1990; Stevenson, 1988), e na maioria estudantes colegiais e universitários (Britton, 1990; Stevenson, 1988).

No Brasil, as informações catalogadas sobre os autores de crimes contra os homossexuais devem-se aos trabalhos de Mott (1997 e 1999). Ele demonstra que dentre os 1260 assassinatos, documentados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), durante o ano passado, apenas 41% possuem alguma indicação sobre os autores dos crimes. Ainda, segundo Mott e Soraya (1999): 70% dos homicídios foram perpetrados por apenas uma pessoa, e o saldo restante cometidos por grupos de duas a nove pessoas; 71% dos autores dos crimes tinham até 25 anos, sendo que 12% eram menores de 18; dos assassinos conhecidos, 25,1% eram soldados, policiais civis e militares, sargentos ou marinheiros (de acordo com Mott, “*se*

incluirmos a este rol os filhos de policiais, seu número aumenta significativamente") e 20% eram michês ou garotos de programa.

Os dados apresentados por Mott demonstram que o heterossexismo não é um fenômeno unitário, tendo diversas formas em diferentes indivíduos, idades, lugares, etc. E, a existência de muitas controvérsias sobre a possibilidade de que as atitudes negativas para com os homossexuais (ou para com a "*não heterossexualidade exclusiva*") venham a mudar (se não erradicadas, pelo menos amenizadas), confirmam que esse assunto, como já vimos, é bastante complexo. Por isso mesmo, reforço que as explicações que busco neste trabalho, necessariamente, deverão ser biopsicossociais. Daí, a importância de pulverizarmos o assunto em seções, onde discutirei as principais idéias e teorias, que foram testadas nesta pesquisa, a respeito das causas do heterossexismo.

1.4.1. PRECONCEITO RACIAL

No subcapítulo 1.3 discuti a grande influência do preconceito nos comportamentos heterossexistas, deter-me-ei agora, mais precisamente, ao tipo de preconceito chamado “*racismo*”, o qual será correlacionado, no subcapítulo 5.1, com o heterossexismo. Rose (1972) argumenta que “*as idéias racistas são hoje, em dia, tão difundidas, tão naturais e tão arraigadas em muitos países do Ocidente, que se pode considerar o racismo como uma causa independente de preconceito*” Tanto o “*racismo*” quanto o “*heterossexismo*” podem possuir as mesmas causas biopsicossociais e os usos que são feitos desses preconceitos, pelo social, podem ser muito similares. Da mesma forma, tanto o conceito de homossexualidade quanto o de raça foram elaborados e renovados e, mesmo assim, não deixaram de servir de fundamento e justificativa para as mais absurdas atitudes discriminativas. Mas o que pensar da idéia de que o racismo seja uma causa independente de heterossexismo?

Parece que o “*preconceito racial*” é um fenômeno essencialmente moderno se comparado ao “*preconceito sexual*”. O racismo expandiu-se há mais ou menos dois séculos nos países ocidentais, devido a uma interpretação abusiva e distorcida das primeiras conclusões da ciência biológica¹². Já a discriminação aos comportamentos sexuais desviantes das normas heterossexuais possui registros quase tão antigos quanto à escrita humana. Se um preconceito causa o outro, seria mais razoável, então, pensar que o heterossexismo cause o racismo, já que o precede no tempo. De toda maneira, analisarei esta questão mais adiante.

¹² Segundo Rose (1972): “*Quando os naturalistas do século XVIII e do princípio do século XIX começaram a classificar e descrever as espécies animais, introduziram também a idéia de que os homens deviam ser classificados em cinco raças, inferiores ou superiores, umas em relação às outras, como as espécies animais*”.

1.4.2. MEDO DE SER HOMOSSEXUAL

A hipótese de que o heterossexismo possa advir do medo de possuir-se tendências homossexuais é expressivamente valorizada pela maioria dos psicólogos e psicanalistas. Assim, é possível que o heterossexismo seja a expressão de uma ansiedade devido aos próprios impulsos sexuais, ao medo de uma possível homossexualidade pessoal. Esse medo também poderá existir nas pessoas que não tenham dúvida de serem homossexuais (pois se relacionam apenas com pessoas do mesmo sexo) mas, pelos mais diversos motivos, não queiram ou não tenham coragem de assumir esta condição. É claro que diferentes pessoas assumem a homossexualidade das mais variadas formas. Vários estudos atestam que pessoas que possuam uma orientação homossexual e que não se assumam enquanto tal, ou que permaneçam isoladas da comunidade gay, podem experimentar grandes desgastes psicológicos (Bell e Weinberg, 1978; Hammersmith e Weinberg, 1973; Weinberg & Williams, 1974).

A maioria dos estudiosos concorda que é muito provável que esse “*medo*” (tanto de uma homossexualidade latente, quanto reconhecida) seja “*resolvido*” através do mecanismo de defesa, denominado por Freud, como “*projeção*” (MacDonald, 1976; Weinberg, 1972). Alguém que acredita possuir uma homossexualidade indesejada tentará convencer a si e aos outros de que é “*muito heterossexual*” (talvez apregoe que chega a ser “*mais heterossexual do que os outros*”). Mesmo dessa forma, no entanto, não eliminará esse sentimento, ou desejo homossexual, pois o “*convencer-se*” seria um ato consciente e que somente poderia aumentar-lhe o sofrimento. O lembrar-se constantemente de algo que não aceita em si mesmo poderá causar tanta ansiedade ao ego que sua vida tornar-se-á intolerável. Isso, para Freud, seria suficiente para que algum mecanismo (inconsciente) de defesa (ao ego) passe a agir. No caso do mecanismo

de projeção, a pessoa deixa de ter medo de seus próprios impulsos homossexuais, passando a temer o contato com todos aqueles que imaginar possuírem esses impulsos que ela mesma projetou.

Durante a revisão bibliográfica, encontrei diversos trabalhos que demonstravam que o medo de ser homossexual pode ser explicado através da “*projeção*”. Mas, não se projeta em “*qualquer pessoa*”. Para que esse mecanismo funcione é necessário que o “*outro*” possua um “*gancho*” (algo que puxe a projeção para si). Assim, quanto mais de “*si mesmo*” for percebido nessa pessoa mais fácil será projetar-lhe os conteúdos pessoais indesejáveis. Millham e colaboradores (1976) de certa forma confirmam isso, pois demonstraram que as pessoas expressam significativamente mais ansiedade pessoal para com o homossexual do seu próprio sexo, do que para com o do sexo oposto. San Miguel e Millham (1976) complementam esse estudo dizendo que quando uma categoria é vista como negativa, como é o caso dos homossexuais, é compreensível que não queira assemelhar-se a ela¹³. Assim, podemos dizer que a percepção de similaridade com um homossexual resultará, pelo menos na maioria dos casos, em uma sensação de maior terror e, conseqüentemente, de mais agressão, do que o reconhecimento da dissemelhança. Por outro lado, eles também estão dizendo que, quanto mais os homossexuais assemelharem-se a essas pessoas, mais facilmente elas poderão projetar-lhes seus conteúdos e, logicamente, mais os temerão.

Essa crença na projeção de impulsos latentes é apoiada ainda por outras pesquisas. Uma delas é a de Churchill (1967), que terminou seu trabalho sobre o

¹³ Eles também confirmam os estudos de Freedman e Doob's (1968), que demonstraram que costumamos diminuir nossa agressividade para com as pessoas que consideramos similares a nós mesmos, quando não possuímos informações suficientes para fazer uma avaliação moral dessas pessoas.

comportamento homossexual entre os homens, concluindo que o preconceito contra a homossexualidade nos outros existe em função das atitudes negativas pessoais para com a própria sexualidade. Dunbar e colaboradores (1973) e Brown e Amoroso (1975) demonstraram que as pessoas consideradas anti-homossexuais foram as que mais desaprovaram a variabilidade das práticas sexuais e, também, as que mais manifestaram possuir muita culpa em relação a sua sexualidade, ao contrário das pessoas que não se opunham à homossexualidade. Smith (1971), igualmente, demonstrou que as atitudes anti-homossexuais estavam correlacionadas a uma maior culpa com referência à própria sexualidade. Berry e Marks (1969) descentralizam esse medo de uma homossexualidade latente e o estendem a qualquer tipo de impulso sexual. Segundo eles, as pessoas que se sentem desconfortáveis com os próprios sentimentos sexuais, expressam esse desconforto através de atitudes negativas para com todos aqueles que apresentem, de forma mais expressiva, esses impulsos sexuais, como é o caso da maioria dos homossexuais.

Em um estudo sobre a “*homofobia internalizada*”, Malyon analisou o grau de sentimento negativo que as pessoas experimentam frente ao medo de um desejo homossexual. A “*homofobia*”, no seu estudo, foi mais forte entre as pessoas com orientação homossexual que, não se aceitando, acreditam que possam ser heterossexuais. Essas pessoas, possivelmente, possuem “*uma dolorosa discrepância entre a identidade privada e a pública*”(Malyon, 1982). Weis Jr e Dain (1979) também concluíram que entre os homossexuais pesquisados as atitudes mais positivas para com a homossexualidade correlacionaram-se com os que possuíam uma maior abertura para a sua própria homossexualidade.

Recentemente, Adams e colaboradores (1996) também sugeriram que a homofobia deve-se ao medo de possuir-se tendência homossexual. Eles constataram, medindo a espessura do pênis, que os homofóbicos excitaram-se mais, assistindo a filmes “*porno-gays*”,

do que os não homofóbicos. Isso parece-me insuficiente para demonstrar que os homofóbicos possuem uma homossexualidade latente, como sugerem os autores. Talvez o que os tenha excitado foi o tipo de relação sexual, isto é, a liberalidade (eu diria, a sacanagem) para com a sexualidade, que faz parte deste tipo de filme, ou até mesmo a cena hierárquica entre dois homens (dominador/dominado). De toda maneira, pesquisas semelhantes realizadas através do uso de fotos (em vez de filmes) obtiveram resultados diferentes. McConaghy (1967) desenvolveu um instrumento, que chamou de “*falômetro*”, para medir o aumento no volume do pênis dos pesquisados, demonstrando que enquanto o dos heterossexuais diminuiu no volume, quando esses avistaram fotos de homens nus, o dos homossexuais, que se excitaram com as fotos de ambos os sexos, apresentou alterações. Estudos, com semelhantes resultados, foram realizados por diversos pesquisadores que testavam a hipótese de que os homossexuais teriam medo de mulheres (Langevin et alli, 1975), ou seja, não houve evidência de que os homossexuais masculinos tivessem este medo.

De acordo com estes estudos, Van de Ven e colaboradores (1996), ao pesquisarem as pessoas que possuem atitudes violentas contra os gays e as lésbicas, chegaram à conclusão de ser bem mais provável que os agressores são muito mais os indivíduos que mantêm sentimentos de cólera (“*homophobic anger*”) para com os homossexuais, do que os indivíduos que têm medo de suas tendências homossexuais latentes (“*homophobic guilt*”).

Mas, será que o heterossexismo não poderia advir de um outro “*medo*”, ou seja, do medo aos próprios homossexuais? Será que o estereótipo utilizado por nossa cultura para descrever os homossexuais masculinos (doentes mentais, perigosos, afeminados, desajustados, inseguros, imprevisíveis, falsos, hipersexuados, sexualmente agressivos e perversos - molestadores de crianças, segundo uma pesquisa de Simmons, 1965) não é ameaçador o suficiente para que sejam temidos tanto por heteros quanto pelos próprios homossexuais?

Em um estudo a respeito desse medo, Steffensmeier e Steffensmeier demonstraram que quanto maior é a crença das pessoas nos estereótipos “doentes” e “perigosos”, usados para definir os homossexuais, mais os homens e as mulheres rejeitam a homossexualidade. Contudo, nessa mesma pesquisa, os participantes masculinos demonstraram maior rejeição aos gays do que as participantes femininas. Esse comportamento foi explicado através da idéia de que há uma maior probabilidade dos homens, e não das mulheres, verem o homossexual masculino como uma espécie de “fracasso sexual” e, também, como uma ameaça e um perigo pessoal (Steffensmeier e Steffensmeier, 1974).

1.4.3. APRENDIZADO NA INFÂNCIA

A hipótese de que o heterossexismo é decorrente de um comportamento aprendido na infância deve-se aos estudos de Myrdal (1962), que afirma não haver discordância de que as crianças possam aprender (geralmente de forma inconsciente) os preconceitos que prevalecem em sua sociedade. Primeiramente com os pais, depois na escola, através dos meios de comunicação e, também, através do papel das instituições sociais (discriminação na busca de lugares para viver, seleção de clubes, escolas e até mesmo empregos). Esses fenômenos e outros similares constituem uma recordação constante de que “eles” não são como “nós”. Dessa forma, a discriminação provocaria o preconceito tanto quanto o preconceito geraria a discriminação. Logo, a discriminação e o preconceito “causariam-se” mutuamente.

Enfim, apesar das diferenças culturais frente à homossexualidade, devido à função do estigma no social, continuaremos encontrando, e aprendendo, comportamentos heterossexistas nos mais diferentes graus. Goffman preocupou-se em estudar os estigmas sociais que identificam, ou pressupõem, as pessoas marcadas por uma característica, ou comportamento, diferente daquela que é esperada socialmente. Segundo ele:

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (...) Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. (...) Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, [bicha, veado, baitola] em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira

característica, sem pensar no seu significado original. (Goffman, 1982) -
As palavras grifadas são minhas.

Horowitz (1936) é um dos que afirmam que os preconceitos são aprendidos, não tanto através do contato direto mas, principalmente no contato com as idéias prevalentes nos grupos a que se pertence. Para Allport (1954) as crianças aprendem a ter preconceitos através de três estágios: (1) *estágio pregeneralizado*, onde as crianças começam a chamar aos outros de “veados” muito antes de saberem algo sobre sexo ou o que significa esse termo; (2) *estágio de total rejeição* onde elas passam a rejeitar totalmente a qualquer um que suspeitem ter tendências homossexuais e, mais tarde, podem assumir o (3) *estágio diferenciado*, quando suas atitudes suavizam-se, passando para uma espécie de indiferença generalizada.

É muito comum que as famílias muito preocupadas com a heterossexualidade tenham medo da homossexualidade, principalmente nos dias atuais, em que, cada vez mais, questionam-se os modelos heterossexuais e, os homossexuais passam a servir como “*bodes expiatórios*” para esses medos de mudanças. Enquanto norma social, a heterossexualidade é tão prevalente (reforçada pelos parentes, professores, mídia, etc.) que chega a ser difícil seu questionamento, pois se torna quase que invisível. Como alguns diriam: ela é tão “*natural*” ao homem que é impossível de modificá-la. Por outro lado, muitas outras coisas também já foram “*muito naturais*” e terminaram mudando. Essas pessoas esquecem que “*tomar pílulas*”, usar camisinha ou até mesmo o excesso de vaidade nos homens, na maioria das culturas, também já foram considerados “*antinaturais*”.

1.4.4. INTERESSES PRÓ-FAMÍLIAS

A hipótese de que o heterossexismo deve-se ao conflito de interesses econômicos pró-famílias, motivado pela crença de que os homossexuais beneficiam-se mais com as políticas econômicas desfavoráveis às famílias, surgiu de uma pesquisa estatística entre estudantes universitários e moradores de Nova Iorque, sobre a relação entre as atitudes negativas face aos homossexuais e o apoio às políticas econômicas pró-famílias.

Realizada por Werner (1981), a pesquisa revelou que as pessoas que demonstravam heterossexismo eram as mais favoráveis às “*políticas pró-famílias*”. Nesta pesquisa, ele discute a importância das políticas econômicas que inevitavelmente deverão afetar, de forma diferenciada, as pessoas que possuem, e as que não possuem, família. Segundo ele, apólices de seguro, imposto de renda e subsídios às moradias são apenas algumas das políticas que, ao serem aprovadas, devem beneficiar, de forma diferenciada, os casados, os solteiros e aqueles que possuem crianças dependentes.

Werner diz que, embora as pessoas possam não estar muito conscientes disso, “*é impossível ser completamente neutro sobre esses assuntos uma vez que qualquer dessas decisões afeta de forma diferente aos diferentes membros da comunidade*” (Werner, 1981).

Em outro trabalho, Werner (1979) demonstrou que a homofobia era mais comum em sociedades com políticas pró natalidade (políticas contra o aborto e o infanticídio), onde concluiu que: “*presumidamente, aqueles com mais interesses pró-famílias devem ser mais homofóbicos, não importando a cultura a que pertençam*”.

Outro estudo, ao demonstrar que as pessoas com uma moral sexual muito rígida são também heterossexistas, afirma que: “*por exemplo, todos que acreditam firmemente que a finalidade do sexo é a procriação, indubitavelmente possuem mais atitudes negativas para com a homossexualidade*” (MacDonald & Games, 1974).

1.4.5. EXPERIÊNCIAS PESSOAIS NEGATIVAS

A idéia, amplamente difundida, de que o heterossexismo deve-se às experiências pessoais negativas será testada mas, apesar de uma experiência traumática ou dramática em extremo poder ser a causa de uma generalização para com todo um grupo, a investigação científica tem demonstrado que tais experiências não são necessárias para o desenvolvimento de preconceitos. Estudos demonstram que também podemos ser preconceituosos com grupos que jamais nos causariam qualquer experiência negativa pois, grupos imaginários como os “walonianos”, “danireanos” e “pirineus” também foram rechaçados por estudantes (Hartley, 1946).

Conforme Rose (1972), “*se uma pessoa corpulenta prejudicarmos, não odiaremos para sempre todos aqueles que são gordos*”. Os contatos e experiências podem provocar o desenvolvimento do heterossexismo, mas resta esclarecer se eles têm um papel preponderante na maioria dos casos.

1.4.6. INTOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE

A idéia de que o heterossexismo resulta da intolerância à ambigüidade deriva-se dos estudos de Mary Douglas (1976), que afirma que “*o nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais*”. Ela considera, na prática, a anomalia e a ambigüidade como se fossem sinônimas e diz que ficamos ansiosos quando somos confrontados com a ambigüidade, pois os “*eventos anômalos podem ser classificados como perigosos*”. Segundo Herek (1996) há uma crença de que os homossexuais são pessoas cujos comportamentos e aparências são inconsistentes com a prescrição cultural de gênero, ou seja, as lésbicas manifestam características masculinas e os gays femininas, isso os torna pessoas ambíguas.

Embora Douglas não trabalhe com diferenças individuais, seria de esperar, em sua teoria, que as pessoas mais intolerantes para com a ambigüidade, também vissem mais periculosidade na homossexualidade. Algumas pesquisas demonstram que as atitudes negativas para com os homossexuais estão associadas às pessoas mais intolerantes para com a ambigüidade em si (Weinberger e Millham, 1979; MacDonald & Games, 1974; e Werner, 1981).

A grande maioria dos estudiosos, que buscam correlações entre atitudes negativas para com homossexuais e intolerância à ambigüidade, pesquisou especificamente a intolerância para com a ambigüidade nos papéis sexuais. As pessoas heterossexistas demonstraram perceber os homossexuais como mantenedores de um sistema de valores, a respeito dos papéis sexuais, marcadamente diferente dos seus. Essa percepção (na diferença dos valores) serve como um determinante primário de suas atitudes negativas. As pessoas heterossexistas, portanto, necessitam manter uma clara e tradicional distinção entre os sexos (MacDonald & Games, 1974; MacDonald et alli, 1972; Staats, 1978; MacDonald, 1974; Weinberger e Millham, 1979; Minnigrode, 1976)

Da mesma forma, um outro estudo também evidencia que os homens que mantêm as atitudes tradicionais nos papéis sexuais são menos rotulados de homossexuais que os homens que assumem as atitudes mais liberais nos papéis sexuais. Nesse estudo, os autores chegam a afirmar que “os homossexuais são desprezados por serem percebidos como mantenedores de atitudes diferentes nos seus papéis sexuais” (Krulowitz e Nash, 1980).

Como vimos na seção 1.4.2, existem pesquisas que demonstram que homens e mulheres são menos tolerantes para com os homossexuais de seu próprio sexo do que para os do sexo oposto (Millham et alli, 1976; Weinberg & Millham, 1979) e que a atitude, dos heterossexuais, é muito mais negativa quanto maior for a sua semelhança com o homossexual (San Miguel & Millham, 1976). Mas, entre os homossexuais ocorre o contrário. Suas atitudes tornam-se mais negativas ao passo que aumentam as suas dissemelhanças para com os outros homossexuais (Friedman e Doob, 1968; San Miguel e Millham, 1976; MacDonald e Games, 1974). Pesquisas empíricas sugerem que as lésbicas e os gays, que não se conformam com essas expectativas estereotipadas, podem ser ainda mais intensamente desprezados, tanto por heteros como pelos próprios homossexuais (Laner & Laner, 1979; Storms, 1978). Weinberger e Millham (1979) também acrescentam, em suas pesquisas, que as mulheres suportam muito mais a igualdade nos papéis sexuais do que os homens.

Convém apenas registrar, pois fugiria muito das análises deste trabalho, o fato dos feministas, principalmente os ditos “*feministas sociologistas*”, argumentarem que tem havido muita confusão, uso indevido e até mesmo uma exploração direcionada dos papéis sexuais. Alguns, mais radicais, chegam a sugerir que seja abandonada essa noção de “*papel*”, pois ela é mais usada para justificar as diferenças de poder, entre homens e mulheres, do que propriamente para esclarecer suas diferenças.

1.4.7. RELIGIOSIDADE

Diversos estudos comprovam que as pessoas mais heterossexistas são as mais religiosas (Weis e Dain, 1979; Smith, 1971; Nyberg e Alston, 1977). Mas, o assunto sobre religião e heterossexismo é muito vasto para ser esgotado neste trabalho e, a bibliografia encontrada, especificamente sobre as atitudes negativas das religiões para com a homossexualidade, não foi muito extensa. Parece que esta questão merece uma maior atenção, pois nesta pesquisa abordo apenas dois enfoques: o fundamentalismo religioso e a fidelidade das pessoas às suas religiões.

Hanks (1992) argumenta que uma das prováveis causas das atitudes negativas aos homossexuais pode ser encontrada nos textos religiosos, onde as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo receberam pouca atenção (especialmente no caso das mulheres), pouca compreensão (no caso dos homens) ou foram consideradas como algo vergonhoso (reduzindo o macho ao nível da mulher¹⁴).

Especialmente na tradição ocidental, o neoplatonismo filosófico, muito distinto do pensamento materialista hebreu, passa a dominar em quase todas as culturas ocidentais, afetando profundamente o vocabulário religioso. Para alguns autores, o patriarcado e o neoplatonismo, e não as mais diferentes religiões tradicionais, são mentores no desenvolvimento de culturas onde o sexo é algo sujo, imundo, vergonhoso e, as relações homossexuais um tema que não se pode discutir, ou o “*amor que não pode ser nomeado*” (Ingraffia, 1995; Hanks, 1992,

¹⁴ O movimento feminista e o movimento dos homossexuais, apesar de suas idiossincrasias, parecem possuir muitas barreiras em comum, na luta por seus Direitos Legais. Segundo Hanks, “*A história demonstra que quando começam a cair os muros do machismo e do patriarcado, a liberação das minorias sexuais já aponta no horizonte, pois muitos dos preconceitos contra as minorias sexuais têm sua base psicológica e ideológica na pressuposição da inferioridade da mulher*” (Hanks, 1992). Os grifos são meus.

1997; Quinn, 1996). Contudo, não encontrei na bibliografia pesquisada, qualquer correlação entre patriarcalismo e atitudes negativas para com os homossexuais.

Embora o termo “fundamentalismo” seja reconhecido como um movimento religioso, ele é mais do que isso. Poderíamos, inclusive, falar em “*fundamentalismos*” como sendo um fenômeno humano comum, em todos os tempos, sobre um modo de pensar. Além disso, pode ser muito saudável o fato de buscarmos enfocar as preocupações fundamentais de qualquer disciplina, ideologia ou religião. O problema com as religiões ditas “*fundamentalistas*”, para muitos estudiosos, não é a busca dos elementos realmente fundamentais nos escritos tradicionais, mas a seleção arbitrária equivocada desses elementos. Por exemplo:

no fundamentalismo protestante moderno, o nascimento de Jesus de uma virgem, assinalados somente em dois textos da Bíblia (em Mateus e Lucas), chega a ser um dos cinco fundamentos, enquanto que os ensinamentos da Bíblia contra a opressão (325 textos), a opção pelos pobres e a libertação dos oprimidos ficam fora de consideração como elementos fundamentais (Hanks, 1997).

O problema principal, então, não é o fato de sermos fundamentalistas, mas em equivocarmo-nos sobre os elementos que devem ser fundamentais e os que devem ser de importância secundária ou de significação duvidosa.

De qualquer forma, inúmeros estudiosos, indiretamente, estão produzindo muito material ao posicionarem-se e pesquisarem as atitudes das religiões, pró e contra, para com a legalização dos direitos das minorias, especialmente os homossexuais. Abaixo, farei um apanhado sobre os poucos estudos específicos e detalharei um pouco mais as atuais posições das principais religiões para com a legalização dos Direitos Legais dos homossexuais no Brasil.

Nyberg & Alston (1977) demonstram que as pessoas que mais freqüentam as igrejas (no mínimo, uma vez por semana) são mais desfavoráveis à legitimação do comportamento homossexual. Dessas, a relação é maior entre os católicos do que entre os protestantes. Rooney e Gibbons (1966), em estudo sobre a homofobia nas religiões norte-americanas, sugerem que os católicos e protestantes possuem quase as mesmas visões sobre as mudanças nas políticas públicas, com exceção ao aborto (onde os católicos são totalmente contra a legalização). No entanto, Nyberg & Alston (1977) também demonstram que os católicos e os protestantes possuem muito mais atitudes desfavoráveis às relações homossexuais do que os judeus ou aqueles que disseram não ter religião. Para os autores, os episcopais são os mais tolerantes para à questão da homossexualidade. Os menos tolerantes (na época da pesquisa) foram encontrados entre os metodistas, presbiterianos, luteranos e outras subdivisões do protestantismo. Os seus achados demonstram que os protestantes não possuem um efeito monolítico nas atitudes negativas para com a homossexualidade.

Já a Igreja Católica possui uma tradicional hostilidade para com os direitos dos homossexuais e, volta e meia, faz restrições ao homossexualismo. A Carta Pastoral de Orientação aos Bispos, do cardeal alemão Joseph Ratzinger, publicada em Roma, no dia 23 de julho de 1992, mostra essa posição, mesmo causando indignações em todo o Mundo. E esta reação não aconteceu apenas entre as organizações de defesa aos homossexuais. Muitos cidadãos e até mesmo alguns clérigos¹⁵ negaram-se a acatar as recomendações propostas.

¹⁵ "O padre John Restiano, porta-voz da arquidiocese, procurou minimizar a oposição assumida contra a diretiva do Vaticano, mas não esconde que o clero da cidade - local onde a comunidade gay é uma das mais ativas e numerosas no país - deixará de colaborar com os planos do cardeal Ratzinger" (ISTOÉ, 12/8/92).

De fato, em termos de atitudes negativas e preconceituosas para com a homossexualidade, o documento de Ratzinger, assinado pelo papa João Paulo II, continua servindo de munição a muitos políticos que, deixando de assumir os seus próprios preconceitos para com a legalização dos Direitos dos homossexuais, passaram a alegar que são fiéis à sua religião. A Carta Pastoral é explícita ao afirmar que “*a discriminação dos homossexuais não só é justa como necessária*” e que a “*tendência homossexual é uma desordem objetiva*” (ISTOÉ, 12/8/92).

No Brasil, com referência ao Projeto de Lei que institui a “*Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo*”, da deputada Marta Suplicy, a Organização Não Governamental denominada DIAP, Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, declarou que evangélicos e católicos formam a oposição mais clara ao projeto. Por outro lado, para Maria Elvira (PMDB-MG), Presidente da Comissão da Parceria Civil, os Católicos Apostólicos Romanos não são contra, e sim aqueles que foram eleitos por um segmento do catolicismo, como os carismáticos, por exemplo (Folha de São Paulo, 22/01/97).

O Boletim N°. 38, do Grupo Gay da Bahia (Mott & Yonara, 1999), colecionou inúmeros recortes da imprensa, demonstrando a discriminação religiosa no Brasil. Nele encontramos um bispo católico de Erechim (SC) pregando em sua mensagem dominical que “*embora o homossexual seja digno de compaixão, isto não quer dizer que lhe sejam atribuídos direitos absolutos*” (Jornal a Voz da Serra, 9/9/95); a declaração do Padre Marcelo Rossi: “*O dia em que for provado que homossexualismo é doença serão mudados muitos pensamentos*”(Folha de São Paulo, 25/11/98); um Arcebispo de Florianópolis que declara: “*Gay é gente pela metade. Se é que são*” (A Notícia, 07/08/98). Mas, certamente, não são apenas os católicos, no Brasil, que combatem a homossexualidade: um pastor da Assembléia de Deus que considerou absurda a fundação da Comunidade Cristã Gay em São Paulo,

e desabafa: “*Isto é uma anormalidade, uma profanação do nome de Deus, pois a homossexualidade é uma maldição de Deus e por isso, todos os homossexuais serão conduzidos pelo diabo à perdição eterna*”(Folha de São Paulo, 22/02/98); um pastor evangélico da Casa de Deus que pretende apresentar lei obrigando os homossexuais a receberem acompanhamento de ministros da Igreja, dizendo que “*o homossexualismo é uma doença que pode ser curada com a interferência da Igreja*” (Meio Norte, 04/08/98); um vereador da Igreja Quadrangular que diz que homossexuais carecem de tratamento e atenção para serem curados (O Liberal, 12/05/98).

Enquanto psicoterapeuta, revolta-me muito mais a associação que algumas religiões tentam fazer com pseudopsicólogos para “*curar homossexuais*”, como podemos ver no mesmo Boletim n. 38 do GGB: a declaração de um “*ex-gay*” evangélico que trabalha no grupo MOSES para curar homossexuais (Folha de São Paulo, 22/02/98); o “*3º. Encontro Cristão contra o Homossexualismo*” com promessa de curar gays por considerar o fato uma possessão demoníaca (O Tempo, 19/6/98, A Crítica, 09/07/98); evangélicos oferecem cura do homossexualismo (O Popular, 12/12/98).

Enquanto desconheço a literatura sobre a “*cura de homossexuais*”, a literatura científica sobre a terapia em “*ex-gays*” aponta dois erros fundamentais desses grupos religiosos: o esquecimento de que também existem bissexuais e a falta de acompanhamento dos casos para se saber o que acontece após 5/10 anos. (Haldeman, 1991; Pennington, 1989; Jewett, 1996; White, 1994; Ide, 1987). Em março passado, o Conselho Federal de Psicologia divulgou uma resolução estabelecendo normas de atuação, para os psicólogos, sobre a forma de procedimento em questões de orientação sexual e prevendo “*o fim de tratamentos ou a participação de psicólogos em eventos que tratem da homossexualidade como uma doença, um distúrbio ou perversão*” (Gazeta do Povo, 23/03/99).

1.4.8. EGOÍSMO OPORTUNÍSTICO

Um dos aspectos mais chamativos do uso do preconceito e da discriminação, como um meio para obter-se objetivos práticos, é que os motivos subjacentes raramente são conhecidos. A Psicanálise familiarizou-nos com o mecanismo da racionalização, que nesse contexto caracteriza-se pela tendência a persuadirmo-nos de que nossas ações baseiam-se nas considerações éticas e religiosas das mais elevadas, em lugar de algo tão “*baixo*” como o desejo em obter vantagens. Nesse sentido, o heterossexismo deve-se ao que a Psicologia chama de “*bode expiatório*”, termo extraído da “*teoria da frustração-agressão*” de Dollard e colaboradores (1939, apud Klineberg, 1975), já comentada no subcapítulo 1.3, demonstrando que “*uma vez frustrado, o indivíduo engaja-se numa atitude agressiva em direção ao obstáculo ou a alguma coisa que o substitua - deslocamento da agressão*”.

Pode-se derivar uma vantagem do ponto de vista da própria imagem quando, em épocas de adversidades ou desgraças, faz-se recair a culpa sobre estranhos, que servem de vítimas expiatórias, como é o caso de se chamar à pandemia da AIDS de “*peste gay*”. Ou ainda, quando a economia passa por “*tempos difíceis*”, o preconceito e a discriminação aumentam. Mas esse aumento também pode muito bem ser explorado por regimes totalitários para desviarem a atenção das pessoas das reais condições sociais e econômicas do país. Assim, “*o preconceito e a discriminação são encontrados em estruturas sociais hierárquicas e são inversamente relacionados ao clima econômico da sociedade*” (Saenger, 1953).

Por outro lado, essa idéia de que o único fator significativo de um preconceito é o econômico, também é muito difundida entre os marxistas e/ou alguns deterministas econômicos. Segundo esses estudos, o preconceito e a

discriminação permitem ao grupo dominante manter os outros em estado de subordinação, explorá-los, reduzir suas possibilidades de competirem de forma igualitária em um emprego, enfim, de mantê-los “*em seu lugar*”.

Contudo, também podemos derivar uma vantagem, do ponto de vista evolucionista, se o “*bode expiatório*” favorecer ou prejudicar, alguns na luta pela sobrevivência, pela reprodução. Essa “*busca pelo poder*” é algo universal e imprescindível a qualquer relação, segundo os estudos que levam em consideração as idéias de Darwin. Por hipótese, deve haver uma vantagem, para os heterossexuais transformarem os gays em “*bode expiatório*” da pandemia da AIDS e outros males do nosso tempo.

Assim, a teoria do “*egoísmo oportunístico*”, pode nos fornecer maiores idéias a respeito das atitudes para com os homossexuais ou até mesmo sobre as nossas atitudes para com a diversidade alheia. Por isso mesmo, deter-me-ei um pouco mais, divulgando essas idéias, antes de compará-las com os índices encontrados na pesquisa de campo.

O heterossexismo, então, seria fruto, também do “*determinismo*” genético? Eu responderia que, dependendo do sentido que dermos à palavra “*determinismo*”, de certa forma, sim. Minha hipótese é de que o heterossexismo também é fruto do “*oportunismo egoístico*” dos genes, como pretendo discutir no subcapítulo 5.8. Baseando-me nas teorias evolucionistas, acredito que o heterossexismo é fruto dos genes e do ambiente, combinados. Porém, essa combinação em momento algum estaria “*preocupada*” (se é que podemos usar este verbo) com a homossexualidade em si. Os genes, em momento algum, preocupam-se com nossas orientações ou práticas sexuais. Preocupam-se, sim, com nossa “*atividade sexual*”. Sem ela, eles não se reproduzem.

Mas então há uma determinação? Sim, claro que há. Onde e em que tempo houve, para o homem, uma liberdade total, sem qualquer “*restrição*”

determinística”? Quando e onde o homem foi totalmente livre, a não ser em sua crença de liberdade? Somos livres para amar qualquer um? Todas as pessoas do Universo são passíveis de receber nosso amor? Somos livres para exercer, com brilhantismo, qualquer profissão? Somos livres para escolher as nossas preocupações, as nossas alegrias, os nossos pensamentos ou até mesmo as nossas doenças? É claro que não, e nem poderia ser diferente: somos determinados “*biopsicossocioculturalmente*”.

E todos os pensadores, mesmo aqueles que se propõe a libertar-nos de qualquer determinismo, são deterministas: “*determinam que não há determinismo*”! Qualquer leitura atenta, dos mais variados tratados científicos, mostrará sempre o determinismo de quem está escrevendo. Por que, então, principalmente na Academia, toda essa intolerância à palavra “*determinismo*”, ou melhor, principalmente ao “*determinismo genético*”? Podemos escolher entre o “*determinismo cultural*” da maioria dos antropólogos ou o “*determinismo ambiental*” da maioria dos psicólogos. É claro que podemos negar a Ciência, e muitas vezes o fazemos, e sujeitar-nos ao maior dos determinismos: o do “*Divino Pai*”. Mas isso não nos ajudaria a resolver o problema do heterossexismo, ao contrário.

Confesso, entretanto, minha inabilidade ou inadaptação, para pensar em assuntos considerados sacros. Imagino que ao contrário da maioria dos prováveis leitores, aceito que a “*grandiosidade da mente humana*” foi desenvolvida a partir do mais simples (considerados inferiores) dos animais e não de uma suposta “*imagem e semelhança*” a qualquer coisa divina. Por outro lado, não estou negando tal Entidade: minha mente não foi feita para isso. A única certeza que me acalenta é que se houver qualquer força divina, ela não se encontrará só em mim, mas em todos os seres (animais e vegetais) que existem e já existiram. Ou seja, não há motivos para o homem possuir uma “*centelha divina*” se esta

também não estiver em um suculento pé-de-alface, pois ambos passaram por uma mesma cadeia evolucionária. E isso pode ser comprovado pelo fato de possuírem genes semelhantes entre si.

Numa visão darwinista, somos consequência de uma evolução adaptativa do engodo e do auto-engodo. Ou melhor, os mais aptos, aqueles de quem descendemos, foram os que se reproduziram com sucesso e, nisso, a capacidade de engodar, foi-lhes fundamental. Nesse & Lloyd (1992) desenvolveram os argumentos sobre a evolução adaptativa do engodo e do auto-engodo, como estratégias de sobrevivência e reprodução. Trivers e Alexander (apud Wright, 1996) defendem que o auto-engodo pode incrementar a aptidão pelo aumento da habilidade de prosseguir com motivos egoísticos, sem que esses sejam descobertos ou detectados.

Assim, é engodando que vamos “*ganhando hierarquia*”, é engodando que vamos subindo na escala social, é engodando que adquirimos o “*capital simbólico*” bourdieuniano, matéria prima para o sucesso na quantidade de acasalamentos. Quanto mais poder ou capital simbólico possuir um homem, mais “*óvulos*” ganhará das mulheres, pois possuirá melhores condições de ajudá-las a criar, além de gerar filhos com ótimo potencial hierárquico. Pelo menos esta foi a situação entre nossos antepassados. Estou afirmando que há uma vantagem adaptativa não só em engodar (ou trapacear inconscientemente), mas também no estigmatizar, no rotular “*o diferente*”, e isso pode ser exemplificado pelos comportamentos universais de etnocentrismo, xenofobismo e, principalmente, heterossexismo.

Mas, ao levarmos em consideração as idéias darwinistas para com as diferenças, precisamos, antes, pensar nas semelhanças de atitudes, inerentes a cada sexo, dentro de seu grupo, para não dizer sua espécie. Encontraremos, então, certos “*universais*” como: o comportamento de copular (pelo menos nos

seres sexuados); o preocupar-se (nos mais diversos graus) com a prole; o fato de “*nascermos*” de uma fêmea e precisarmos do “*outro*” (pelo menos nos mamíferos) para sobreviver à primeira infância e aculturar-mo-nos, o que poderia ser chamado de “*universalidade do instinto familiar*”; e, se nos detivermos aos primatas, poderemos falar, com bastante segurança, da universalidade do tabu do incesto e da discriminação social aos comportamentos “*diferentes*”. Mas, acima de tudo, há algo totalmente universal, pertinente a qualquer ser vivo: o egoísmo oportunístico. Obviamente, esses “*universais*” possuirão diferentes expressões em cada ser humano, ou seja, as pessoas podem ser mais ou menos egoístas.

Talvez uma grande diferença entre nós e outros seres é o fato de não podermos aceitar que somos egoístas. O egoísmo é condenado pela maioria das filosofias e religiões modernas, em prol de uma igualdade. E, ninguém duvida de que o altruísmo, a caridade, a bondade, o amor fraterno, e tudo o que nos ensinam os mandamentos são fundamentais para vivermos no social. Não sobreviveríamos (tampouco os genes), no social, se não fizéssemos o máximo para “*amar o nosso semelhante como a nós mesmos*”.

Mas, quem já “*domesticou*” crianças sabe o quanto é difícil fazer com que elas entendam que “*têm que dividir o chocolate com o amiguinho*” ou até mesmo que “*não podem agredir os amiguinhos*”. Nos primeiros anos de vida, é necessário puni-las para que ajam altruisticamente, para que não sejam egoístas e tampouco agressivas. Com o passar do tempo, através da necessária socialização, elas aprenderão. Perceberão “*egoisticamente*” o que seus pais tentavam explicar o tempo inteiro: que “*é dando que se recebe*” - desde que se tire “*um pouquinho de vantagem*”. Ou seja, elas sentir-se-ão “*boazinhas*” como seus pais desejam, chegando a ter prazer em dar, dividir, o tempo inteiro, desde que exista a perspectiva de virem a receber sempre um pouco a mais do que deram. E, para sorte desses “*serezinhos*”, esse cálculo é

inconsciente, o Ego não chega a tomar conhecimento dessa “*mesquinharía*”. Elas “*realmente*” tornaram-se um “*ser social*”, elas sentem-se altruístas e, caso isso não aconteça sempre, elas terão fé nos ensinamentos religiosos de que, sendo o egoísmo coisa do demônio, é possível vencê-lo. No que eu concordo: é possível vencermos certos egoísmos, principalmente quando o fato de “*vencermos as forças do mal*” causam-nos mais prazer que o próprio mal. Quando egoísticamente deixamos de fazer algo em troca de outra coisa que nos cause ainda mais prazer.

A discriminação e o preconceito para com os homossexuais poderia, então, simplesmente ser um jogo de engodo, visando uma vantagem própria. Em outras palavras, todos os que conseguiram evitar a estigmatização (mas que estigmatizaram), possuíram maior probabilidade de reprodução do que aqueles que, culturalmente, receberam um estigma desses primeiros. Talvez isso explique a dificuldade que todas as culturas, ditas civilizadas e democráticas, encontram em garantir os direitos dessas minorias, os diferentes, os estigmatizados. Refiro-me, por exemplo, aos negros, judeus, homossexuais, e até mesmo às mulheres, que, conforme escreveu Goffman (1982), seriam estigmatizados, simplesmente por serem diferentes. Os próprios estigmatizados sentiriam esse sinal de alerta quando comparados aos seus pares por não aceitarem-se como são, desejando ser diferentes. É o caso dos homossexuais que se recusam a conviver com outros por medo de também serem estigmatizados enquanto bichas, barbies, veados, etc., ou seja, diferentes.

1.4.9. IDÉIAS SOBRE A ETIOLOGIA DA HOMOSSEXUALIDADE

As teorias (biológicas, psicológicas e antropológicas) sobre a etiologia da homossexualidade são as mais diversas possíveis e, até hoje, nenhuma foi comprovada. O mais provável é que a etiologia da homossexualidade seja fruto destes fatores combinados, que variam de pessoa para pessoa. A dificuldade na comprovação dessas teorias deve-se ao fato de nenhuma, isoladamente, conseguir dar conta da grande variação cultural e individual das relações entre pessoas do mesmo sexo. Como afirma Costa,

os homossexuais não são um grupo homogêneo com as mesmas características psíquicas, sexuais ou sociais. A homogeneidade supostamente atribuída ao 'homossexualismo' só existe quando lidamos com a figura imaginária da identidade 'homossexual', tal como existe na abstração criada pelo preconceito (COSTA, 1992).

Segundo Werner, um grande problema entre os biólogos, psicólogos e antropólogos é que os últimos interessam-se mais pelas práticas e identidades sexuais, onde a variação cultural realmente é muito grande, não ligando tanto para a “*orientação sexual*”, ou seja, “*o que atrai sexualmente ou as fantasias sexuais das pessoas*” (Werner, 1996). Apesar de concordar com Werner, acredito que não se trata de uma falta de interesse na orientação sexual; o problema é sabermos da quase impossibilidade de conhecermos a “*orientação do outro*” sem que, para isso, seja feita uma pesquisa específica e muito demorada, pois qualquer pessoa analisada sabe das dificuldades em descobrir a sua própria orientação.

A discussão acadêmica sobre a possibilidade de mudança, ou não, da Orientação Sexual é muito vasta. Mas, minha experiência clínica, faz com que eu acredite que, em

geral, ninguém pode estar muito seguro de sua orientação sexual até que possua um amadurecimento ou uma vivência sexual mais profunda (cronologicamente, entre os 25 e 30 anos). Contudo, encontrei, também, alguns gays que eram conscientes de sua orientação sexual desde muito jovens. Eles não sabiam nomear seus sentimentos, mas eram perfeitamente conscientes de suas diferenças sexuais.

Entretanto, nunca poderemos dar conta da etiologia da homossexualidade se optarmos por apenas um fator. A idéia mais robusta sobre as causas da homossexualidade diz que ela é fruto de fatores biopsicossociais. Tanto assim que, dependendo da maneira como for estudada, surgirão diversas formas de homossexualidade: ela poderá ser casual, transitória ou permanente. Como a minha preocupação, nesta pesquisa, é com as atitudes negativas para com a homossexualidade e não com a homossexualidade em si, não discutirei, neste trabalho, a enorme variedade de teorias que tentam dar conta disso.

Nesta pesquisa, cabe analisar a relação entre crenças quanto à origem da homossexualidade, e as atitudes (positivas ou negativas) a seu respeito. Whitam e Mathy (1986), por exemplo, mostram que as pessoas (ele pesquisou entre os brasileiros, guatemaltecos, filipinos e norte-americanos) que acreditam que a homossexualidade seja “de nascimento”, aceitam mais os homossexuais do que as pessoas que acham que a homossexualidade é adquirida depois.

Na seção 1.4.7, na Carta Pastoral do cardeal Ratzinger, notamos que para a Igreja Católica é bem provável que a homossexualidade possa ser algo contagioso, pois nessa carta, ele também afirma que “*limitar os direitos dos homossexuais pode prevenir o contágio e proteger o bem comum*” (ISTOÉ, 12/08/92). O grifo é meu.

2. METODOLOGIA E CAMPO

Neste capítulo relato a trajetória metodológica, os passos e os des-caminhos deste trabalho. Jamais imaginei que faria tantos cálculos, pois minha área é a de ciências humanas. Para dizer a verdade, no momento em que abandonei às ciências econômicas, há muito tempo, pensei que estaria livre dos números, da quantidade, do raciocínio numérico. Igual à maioria dos cientistas sociais brasileiros, cheguei a acreditar que os números são coisa para as ciências exatas. Por outro lado, confesso que morria de inveja quando lia algum artigo antropológico cheio de tabelas. Tanto quanto à maioria de meus colegas, *lia* o artigo e *admirava* as tabelas. Até que em uma aula de Teoria Antropológica, após estudar intensamente um artigo de Carneiro, fui discuti-lo em sala de aula, notando que o professor o *admirava, lendo-o* através das tabelas.

Naquele momento dei-me conta de minha ignorância, minha “*analfabete*”, para entender aqueles números. Tudo o que eu levava uma tarde lendo e ajustando dados mentalmente, este professor “*correlacionava*” no ato, na tabela. Qualquer coisa que dizíamos sobre o texto bastava que ele abaixasse os olhos para, “*tabelando*”, concordar ou discordar. Ele apenas dizia: “*isso não foi - ou foi - demonstrado no texto*” mas, o que doía, ainda mais, era o fato de que ele “*via*” coisas (correlações) que nós (pelo menos a maioria) nem imaginávamos. Naquele momento, decidi que o mestrado seria importante mas não me valeria de nada se não aprendesse a fazer aquela leitura. Logo, fiquei sabendo que “*aquela leitura*”, que tanto me impressionara, não tinha muita serventia junto à maioria dos demais professores. Eles nem sequer entendiam o motivo do meu espanto, ou melhor, de todo o meu interesse por algo que, para eles, era secundário e até mesmo “*poderia desvirtuar uma pesquisa antropológica*”.

Mas, se pretendo relatar a trajetória deste trabalho, vamos partir do início. Em 1996 comecei a preparar-me, profissionalmente falando, *para “dar um tempo”* na clínica e voltar a estudar. Naquela época, eu sabia exatamente o que queria. Minha idéia era estudar “*Relações de Gênero*” e os textos a respeito do “*feminismo*”, principalmente quando, volta e meia, as autoras *escreviam “as feministas”*, como se não bastasse apenas um homem nesses estudos para que elas tivessem de escrever “*os feministas*”. Até mesmo o assunto que eu iria tratar já estava delineado em minha cabeça: queria pesquisar as mulheres, mais precisamente entender o ciúme e/ou a in/fidelidade das mulheres. Com este tema¹⁶ fui selecionado ao mestrado. Mas, me parece, hoje, a academia “*escreve certo por caminhos tortos*”.

Quanto mais estudava os grandes clássicos e as novas posturas da Antropologia, mais me dava conta de um “*mesmismo*”, pelo menos para mim. As visões e os trabalhos pareceram-me, apesar de interessantes, muito óbvios, pois quase nada continham que eu já não soubesse através de anos de estudos de psicanálise. Até que um dia fiz um curso sobre evolução. Fui o único aluno do mestrado a fazê-lo e confesso que minha pretensão básica era “*derrubar*” Darwin com a psicanálise. Saturado do “*culturalismo*” das outras disciplinas, resolvi divertir-me, contrapondo Darwin a Freud. Acabei descobrindo que Darwin e Freud não são antagônicos, são complementares, e muito. Acredito que Freud também se deu conta disso em 1916 pois, em uma conferência (Freud, 1981), falou que a espécie humana sofreu três grandes feridas em seu narcisismo: a primeira foi causada por Copérnico, ao tirar a Terra do centro do universo; a segunda por Darwin que, ao definir “*A origem das Espécies*” na luta pela vida, tirou do homem a pretensão de ser filho de Deus; e a terceira, que seria dele

¹⁶ “A INFIDELIDADE FEMININA ENTRE OS MEHINÁKU ou Adultério, antes à tarde, do que nunca”.

mesmo, com a descoberta do inconsciente, que tirou do homem o domínio sobre a sua própria vontade.

A partir de julho de 1997 eu já sabia claramente quem seria meu orientador. Mudei o meu projeto original e adotei um tema sugerido por ele. No início de 1998 comecei a preparar-me para efetuar a presente pesquisa. Meu orientador forneceu uma bibliografia básica e, aos poucos, fui interagindo-me sobre toda a problemática quanto as atitudes de uma forma geral e, em particular, às atitudes para com os homossexuais. Eu diria que foi tão cansativo quanto instigante.

Uma vez definido “o *quê*” e “*como*”, comecei a preocupar-me sobre “*quem*” e “*onde*” pesquisar o heterossexismo. Após muito pensar e discutir com meu orientador, chegamos à conclusão de que os alunos dos cursos de Direito e Comunicação Social poderiam apresentar diferenças suficientes, quanto a suas atitudes para com os homossexuais, o que, possivelmente, facilitaria minha intenção de explicar a variação em seus comportamentos. O fato de também encontrar, em uma pesquisa, que 82% dos formadores de opinião, no Brasil, possuem comportamentos/atitudes aversos aos homossexuais (O Estado de São Paulo, 1993), terminou convencendo-me, ainda mais, que os alunos de Comunicação Social poderiam ser uma excelente amostra para o que eu queria averiguar. Como os advogados são os “*defensores*” dos direitos também das minorias, achei que eles também mereciam um estudo quanto às suas atitudes.

Quando eu já estava em condições de pensar em termos de hipóteses e sabia, especificamente, o que iria pesquisar, começaram as aulas particulares sobre estatística - e não foram poucas. Havia momentos em que eu achava que nunca entenderia a complexidade dos números, das correlações, dos “*alphas*”, dos “*p maior, ou menor, que x*”, etc... e etc. Mas, aos poucos, e com o trabalho prático, estes conceitos foram “*naturalizando-se*” em mim. Depois de preparar

meu projeto antropológico, fiquei bastante animado. Já dominava a literatura sobre o assunto e tinha bem claro o *quê* pesquisar. Minha insegurança, no entanto, se referia a *como* pesquisar. Esse *como*, contudo, se revelou o mais interessante do trabalho. A primeira tarefa foi definir o *quê* eu queria medir, ou seja, quais as informações que eu estava buscando junto à população escolhida: alunos dos cursos de Direito e de Comunicação Social.

Meu orientador e eu, definimos que duzentos alunos - cem de cada curso - seriam mais do que suficientes para encontrarmos as correlações pretendidas. O próximo passo foi preparar o questionário de forma que ele contemplasse, de uma maneira segura, todas as questões que eu pretendia medir. O primeiro questionário possuía 320 perguntas. Eu sabia de sua inviabilidade prática mas, mesmo assim, não conseguia escolher quais perguntas retirar. Teoricamente, todas eram de suma importância. Como resolvi isso? Sem dúvida eu deveria colocar o questionário em prática, testá-lo. Mas os alunos que eu pretendia pesquisar estavam em greve. Conteí, então, com a ajuda de amigos que lecionam em outras universidades e que me cederam algumas horas-aula, para que eu testasse as perguntas. Dividi o questionário, submetendo-o a três turmas de, aproximadamente, 20 a 30 alunos.

Em seguida, travei conhecimento com o programa “SPSS for Windows”. O pior trabalho desta fase foi “*entrar*” com os dados de minha pesquisa no SPSS, em forma de números. Quando o programa estava “*alimentado*” com as informações, descortinou-se um mundo fantástico de “*certezas*” sobre “*confiabilidades*”. Pude, então, descartar inúmeras perguntas que não formavam escalas consistentes (possuíam “*alphas*” muito baixos), uma vez que as perguntas aparentemente não mediam a mesma coisa ou não apresentavam variabilidade, ou até mesmo não “*mediam*” o que eu gostaria que medissem. Foi possível, com isso, “*re-construir*” as escalas e reduzir as perguntas para 150 questões. Mas

alguns testes, com outras turmas, em que aos poucos as escalas iam-se tornando “*confiáveis*” - enquanto outras “*se desarranjavam*” completamente - e o questionário ficou pronto, com as 140 perguntas mais relevantes.

O próximo passo foi defender meu projeto junto aos professores da banca. Saí fortalecido dessa experiência. Os professores foram totalmente explícitos, ajudando-me, significativamente, quanto aos cuidados que acreditavam ser necessários para levar adiante uma pesquisa “*sexual*” e, também, se mostraram bastante “*curiosos*” sobre a metodologia “*quantitativa e qualitativa*” a que me propunha, ao ponto de solicitarem que, em um capítulo da monografia, eu detalhasse mais sobre esta forma de “*fazer Antropologia*”. Devo a eles, portanto, o fato do capítulo ter saído mais extenso do que o imaginado.

É importante frisar, inclusive, que a aplicação, tabulação e análise dos pré-testes foram vitais para que eu aprendesse a “*trabalhar com números*” e, também, foi a melhor maneira de uniformizar a minha postura frente aos futuros respondentes: para que eu treinasse a melhor forma de “*deixá-los à vontade*”, para que cuidassem do sigilo em suas e nas respostas dos colegas, evitando ao máximo serem “*politicamente corretos*” e responderem o que realmente pensavam. Esse aprendizado resultou na confecção da “*capa*” do questionário (vide apêndice I), onde padronizei todas as informações que eram dadas aos alunos antes da entrega do questionário.

Desfazendo, e refazendo, escalas e questionários, cheguei ao final do primeiro semestre de 1998, com “*tudo pronto para começar*”. Meu projeto estava aprovado, minhas leituras básicas sobre o assunto estavam fichadas e meus conhecimentos sobre a estatística básica aplicada às ciências sociais já não eram tão “*básicos*” assim. Mas, antes de iniciar-me “*no campo*”, des/cansei bastante nas inúmeras praias da “*Ilha da Magia*”. Resolvi, porém, aproveitar para pensar - e viver - todas as “*diferentes diferenças*” com que me envolvera nos

últimos meses, inclusive uma “*nova companheira nova*” que me lembrava, o tempo inteiro, que nossa única semelhança estava em “*nossa diferença*”.

Nesse momento eu começava a me dar conta do que havia lido sobre “*é no campo que aprendemos a conviver com as diferenças*”. O meu campo seria junto aos alunos, nas universidades, mas as diferenças, eu já estava vivenciando há quase um ano. Notei que ainda não tinha entrado no campo próprio de meu trabalho, onde pesquisaria as atitudes dos alunos. Mas estava vivendo o - ou no - campo daqueles que são afetados por estas atitudes que me propunha a entender. Durante essa folga dei-me conta de que eu estava bastante diferente. Minha vida tinha mudado muito. Quase que inconscientemente, meus amigos, na maioria, eram homossexuais ou “*fag hags*¹⁷”, eu assistia a filmes gays, freqüentava locais para gays - inclusive no baile de Carnaval da cidade de Florianópolis -, e os trabalhos que eu lia e estudava, na sua grande maioria, eram escritos por gays.

Essa forma de viver - “*gay way of life*” - lembrou-me que, até certo ponto, era como se eu estivesse aprendendo a viver com uma tribo diferente da minha. Se eu continuar na metáfora, poderei dizer que o pessoal dessa tribo ensinou-me muito através das diferenças: eles têm um jeito próprio de encarar a vida, a sexualidade, o lazer, e até mesmo os seus “*deuses*”. Sem dúvida, são heterogêneos apesar de haver algo que os homogeneiza, caso contrário não pertenceriam a uma mesma categoria. Esse algo bem poderia ser o fato de todos desejarem pessoas do mesmo sexo, enquanto objeto de desejo, mas, talvez não seja só isso. Talvez seja o fato de, socialmente, desejarem o proibido pelas convenções.

No entanto, esse proibido não é tão interdito. Eles o obtém, mesmo que para isso tenham de pagar o preço da discriminação. Mas, a discriminação, notei,

¹⁷ Também chamadas de “madrinhas de veados”, são as mulheres que curtem a companhia dos homossexuais masculinos.

também existia para com o meu novo relacionamento: uma mulher mais nova que minha filha mais velha. Senti, então, que havia algo em comum entre eu e esta tribo: a discriminação. Ou seja, o ponto chave de minha pesquisa, ou de meu objeto de estudo. Por outro lado, chamou-me a atenção o fato da discriminação só existir por termos encontrado, ou melhor, por existir o objeto de desejo de nossas “*taras*”. Ou seja, antes desse meu relacionamento não havia discriminação mas, sem dúvida, eu já era “*tarado*”. Isso, talvez, prova que a preocupação das pessoas é com a forma como você comporta-se e não com o que você é. Mais uma razão para se lamentar o fato de vivermos em um mundo em que, muitas vezes, precisamos deixar de ser o que somos para sermos o que os outros querem que sejamos. Esse período de elucubrações terminou dando-me mais forças para seguir na pesquisa.

Quando agosto chegou, comecei a aplicar os questionários em Florianópolis. Para chegar até os alunos, solicitei uma carta de apresentação da coordenadora de meu mestrado e fui conversar com os coordenadores dos cursos. Através deles, passei a conversar com os professores, convencendo-os a “*emprestarem-me*” seus alunos por, aproximadamente, quarenta minutos. No curso de Direito, a cooperação foi total e os professores mostraram-se muito interessados na pesquisa, principalmente quanto à opinião de seus alunos sobre os Direitos Legais dos Homossexuais. Nos cursos de Comunicação Social, mas em especial, no curso de Jornalismo (Florianópolis) encontrei uma certa resistência mas, no final, consegui aplicar os questionários sem grandes problemas.

É importante lembrar, inclusive, que desde os pré-testes, junto aos amigos que me cediam espaço em suas aulas, formalizei a maneira como os professores deveriam falar de mim aos seus alunos, ou seja, me apresentavam apenas como o “*Nicolau, que está fazendo uma pesquisa para seu mestrado em Antropologia e*

que vai conversar com vocês". Fiz questão de que todos os professores permanecessem em sala de aula enquanto os alunos respondiam às questões, para evitar qualquer transtorno com uma turma que eu desconhecia. Reconheço que o fato de "*lacrar*" - com uma tira gomada - todos os testes, explicando, *antes*, quais os tipos de perguntas que seriam encontradas - inclusive o fato de possuírem termos chulos -; deixar claro a não-obrigatoriedade da resposta; esclarecer que minha pesquisa referia-se ao "*somatório das respostas dos alunos*" e não às suas idéias pessoais; e pedir-lhes que assegurassem o seu sigilo e o de seus colegas - os alunos declararam apenas o curso, sexo e se eram maiores, ou menores, de 25 anos -, facilitou muito a aplicação dos questionários. Em uma turma com 26 alunas e apenas dois alunos, por exemplo, não permiti que os rapazes respondessem, pois seriam facilmente identificados.

No início de setembro eu já estava tabulando quase o total dos questionários que desejava - 100 de cada curso - quando, em visita a minha família, em Curitiba, recebi um convite para voltar a lecionar. A coisa foi tão rápida que, uma semana depois, eu estava cancelando minha bolsa do CNPq e assumindo o cargo de professor nas disciplinas de Psicologia e Cidadania, em Curitiba. Após um mês de mudanças e acertos, retornei à minha pesquisa que, como não poderia deixar de ser, também estava bastante modificada. Na febre que eu estava em aplicar os questionários e conversar com os alunos resolvi tirar partido de toda essa mudança em minha vida. Afinal, sempre acreditei que "*há malas que vêm por trem*". A princípio, meu orientador não gostou muito da idéia, mas logo se deu conta dos benefícios que um maior número de respostas trariam para a pesquisa. Resumindo: ampliei a pesquisa, passando a entrevistar alunos, de Direito e Comunicação Social, também em Curitiba. E os duzentos alunos previstos no projeto transformaram-se em 618.

Bem, se o trabalho duplicou, o gozo foi triplo. Tive acesso a mais diferenças. Jamais eu teria imaginado que uma cidade tão próxima a outra pudesse apresentar tantas dessemelhanças. Ainda, o fato de os alunos de Florianópolis estudarem em uma universidade pública e, os de Curitiba, em uma particular, significou mais e mais diferenças. Mas, como trabalhei estas diferenças através de números, vamos às tabelas. A Tabela Nº.1 “*departamentaliza*” estes alunos.

Tabela 1: Total de alunos que responderam ao questionário

		Florianópolis		TOTAL	Curitiba		TOTAL	TOTAL GERAL
		Com. Social	Direito	Florianópolis	Com. Social	Direito	CURITIBA	
HOMENS	> 25	6	3	9	17	39	56	65
	< 25	25	82	107	68	41	109	216
Total Homens		31	85	116	85	80	165	281
MULHERES	> 25	3	4	7	12	21	33	40
	< 25	38	55	93	144	60	204	297
Total Mulheres		41	59	100	156	81	237	337
TOTAL Homens + Mulheres		72	144	216	241	161	402	618

Quanto à postura desses alunos frente a sua própria sexualidade, acredito que a Tabela Nº.2 possa demonstrar claramente que apenas a minoria desses alunos considera-se reprimida. Por outro lado, a maioria dos homens declara-se liberal, enquanto as mulheres intitulam-se “meio termo”. Para construir esta tabela utilizei a pergunta Nº.130 - “*Considero-me, sexualmente falando, um Liberal, Reprimido ou Meio-Termo*”. Dez alunos (cinco de cada sexo) não responderam à pergunta.

Tabela 2: Visão dos alunos sobre a sua sexualidade

	Reprimido	Meio Termo	Liberal	Total	Percentual
Mulheres	12	228	96	336	55,3%
Homens	14	129	129	272	44,7%
Total	26	357	225	608	-
Percentual	4,3%	58,7%	37,0%	-	100%

Mas, para termos uma idéia sobre o resultado desses cuidados na aplicação dos questionários, mostrarei, em percentuais, nas três tabelas abaixo (de números 3 a 5), o que os 618 alunos “falaram” sobre o questionário, através das últimas três perguntas do mesmo. Apenas duas alunas e um aluno devolveram o questionário sem abrir o lacre. Os 619 restantes (um foi anulado por ter apenas a primeira página respondida) não apresentaram qualquer resistência.

Assim, na Tabela N°.3, através das respostas à pergunta N°.138 - “Foi muito cansativo responder a este questionário?” -, notamos que mais da metade dos alunos achou que o questionário não foi muito cansativo. Mas, os alunos de Florianópolis, os alunos do curso de Comunicação Social, os alunos menores de 25 anos e os homens, de maneira geral, foram os que mais “se cansaram” ao respondê-lo.

Tabela 3: Respostas, em percentuais, à pergunta número 138

%	1. Discordo muito	2. Discordo um pouco	3. Sou indiferente	4. Concordo um pouco	5. Concordo muito
HOMENS	25,7	16,8	12,5	33,6	11,4
MULHERES	34,6	23,6	8,7	28,4	4,7
CURITIBA	35,8	22,0	11,3	25,5	5,4
FLORIANÓPOLIS	20,9	17,7	8,8	40,5	12,1
DIREITO	36,0	18,8	10,2	28,4	6,6
COM. SOCIAL	25,3	22,1	10,6	33,0	9,0
> 25 ANOS	34,6	23,1	12,5	24,0	5,8
< 25 ANOS	29,7	20,0	10,0	32,1	8,2
Média	30,3	20,5	10,6	30,7	7,9

Na tabela 4, através das respostas à pergunta N°.139 - “*Não gostei que meu professor tenha cedido horas de sua aula para que eu respondesse a esse questionário*” -, notamos que quase 70% dos alunos não se importaram que o seu professor tivesse cedido parte de sua aula para que respondessem ao questionário. Mas, foram os alunos de Florianópolis, os do curso de Direito, os maiores de 25 anos e os homens, em geral, que mais preocuparam-se, muito ou pouco, com o “tempo perdido” sem as aulas.

Tabela 4: Respostas, em percentuais, à pergunta número 139

%	1. Discordo muito	2. Discordo um pouco	3. Sou indiferente	4. Concordo um pouco	5. Concordo muito
HOMENS	52,9	10,0	19,6	10,0	7,5
MULHERES	63,2	11,9	16,0	7,4	1,5
CURITIBA	64,8	9,5	17,0	7,0	1,7
FLORIANÓPOLIS	46,7	13,9	19,0	11,6	8,8
DIREITO	58,9	8,6	18,1	8,6	5,8
COM. SOCIAL	58,1	13,4	17,3	8,6	2,6
> 25 ANOS	59,6	7,7	18,3	9,6	4,8
< 25 ANOS	58,3	11,7	17,5	8,4	4,1
Média	57,8	10,8	17,9	8,9	4,6

Na tabela 5, através das respostas à pergunta N°.140 - “*O tema da pesquisa (Atitudes para com a homossexualidade masculina) é de meu interesse*” -, notamos que o tema da pesquisa interessa, quase na mesma proporção, à metade dos alunos que responderam ao questionário. Mas, interessa menos aos homens do que às mulheres, menos aos alunos do curso de Direito do que aos de Comunicação Social, mais aos jovens do que aos de mais idade e quase tanto a curitibanos quanto a florianopolitanos.

Tabela 5: Respostas, em percentuais, à pergunta número 140

%	1. Discordo muito	2. Discordo um pouco	3. Sou indiferente	4. Concordo um pouco	5. Concordo muito
HOMENS	16,1	10,7	35,7	25,0	12,5
MULHERES	5,3	6,8	25,2	35,9	26,7
CURITIBA	9,0	8,0	31,4	30,7	20,9
FLORIANÓPOLIS	12,5	9,7	27,3	31,5	19,0
DIREITO	11,9	10,5	29,9	30,3	17,4
COM. SOCIAL	8,7	6,7	30,0	31,6	23,0
> 25 ANOS	11,5	13,5	37,5	19,2	18,3
< 25 ANOS	9,9	7,6	28,5	33,3	20,7
Média	10,6	9,2	30,7	29,7	19,8

Por sorte, ou talvez por competência na hora de formular as perguntas, apenas 0,35 % do total das 86.520 respostas esperadas, resultou em “*missing values*”, ou seja, ficaram sem respostas. Confesso que os “*missing values*” foi algo que me preocupou: basta uma resposta em branco para que o SPSS deixe de considerar, nas escalas, as demais perguntas respondidas pelo aluno. Pode-se dizer que não há como “*não responder a todas as questões*” pois uma “*não resposta*”, embora não seja computada estatisticamente, sempre será uma resposta, ou pelo menos uma forma de responder.

Assim, o fato de alguém deixar em branco uma questão pode estar dizendo mais do que se desse uma resposta: pode ser que a pessoa não tenha entendido a pergunta mas, também, pode ser que a pergunta a tenha incomodado mais do que ela imagina. A falta de conhecimento sobre a pergunta, poderia, ainda, fazer com que a pessoa não respondesse. A fim de dirimir estas dúvidas, construí a Tabela N°.6, onde relaciono todas as questões que tiveram mais de cinco respostas em branco, num total de 31% da totalidade dos “*missing values*”. No Apêndice II, o leitor encontrará esta tabela completa, com 100% das perguntas não respondidas.

Tabela 6: Quantidade de “missing values” nos curso e nas cidades

Questão	Florianópolis			Curitiba			TOTAL GERAL
	Com. Social	Direito	TOTAL	Com. Social	Direito	TOTAL	
72	1	4	5	4	5	9	14
21	1	2	3	3	4	7	10
67	1	5	6	2	2	4	10
122		2	2	4	4	8	10
130	2	3	5	1	4	5	10
123		2	2	3	3	6	8
29		2	2	3	2	5	7
90	2		2	1	4	5	7
9		3	3	1	2	3	6
91		2	2	3	1	4	6
102	1	3	4	1	1	2	6
Semi-Total	8	28	36	26	32	58	94
Outras*	11	53	64	74	74	148	212
Total	19	81	100	100	106	206	306

* Somatório das perguntas com menos de SEIS respostas, por questão, em branco.

Generalizando, podemos dizer que os responsáveis por estes “missing values” foram, proporcionalmente, em sua maioria: os homens (56%), os com menos de vinte e cinco anos (58%), na cidade de Curitiba (54%) e nos cursos de Direito (61%). Notamos, então, na Tabela N°.6, que a maioria das perguntas não respondidas referia-se a questões que os alunos, por algum motivo, não sabiam responder, como é o caso das perguntas de números 67 (“Acredito que pessoas do mesmo sexo que morem juntas devam beneficiar-se mutuamente dos benefícios sociais”), 72 (“Homossexuais - os homens - preferem ser passivos no ato sexual”) e 122 (“Homens homossexuais preferem transar com homens heterossexuais e não com homossexuais”), por exemplo. Algumas vezes, durante a resposta aos questionários alguns alunos perguntavam: “o que eu faço se eu não souber a resposta?”. A maioria dessas perguntas foi feita por meninas muito jovens que, possivelmente, ainda não possuíam muita prática sexual (67 alunas - 17% do total - declararam não ter tipo experiências sexuais). Contudo, minha resposta a este tipo de questão era sempre a mesma: “Peço desculpas mas não posso responder a nenhuma

pergunta durante o preenchimento do questionário, ao mesmo tempo que é solicitado que vocês não deixem nenhuma resposta em branco. A forma como vão responder faz parte da avaliação”.

Outras perguntas do questionário devem ter incomodado por serem muito pessoais, como é o caso das questões de números 21 (*“Não tolero situações, pessoas ou comportamentos ambíguos”*), 130 (*“Considero-me, sexualmente falando, um: Liberal, Meio Termo ou Reprimido”*), e 123 (*“Acho divertido os trejeitos ou maneirismos dos homens homossexuais”*), por exemplo. É perfeitamente compreensível que certos alunos preferiram não ter de reconhecer, em si, certas atitudes ou desejos.

Para terminar este capítulo, acredito que resta dizer que, em março deste ano, eu já estava com o programa SPSS lotado com todas as 86.520 respostas solicitadas aos alunos. Não há dúvidas de que, sem a tecnologia dos computadores seria impossível explorar o inter-relacionamento de tantas respostas diferentes. A partir daí, pude começar a pensar e, principalmente, tentar explicar os fatos encontrados, que me custaram algumas outras horas estudando estatística. Mas isso não será relatado aqui pois durante as próximas páginas, continuarei descrevendo, passo a passo, a forma como manejei os dados.

Por fim, acredito ser importante registrar a dificuldade que tive para *“pensar”* em termos estatísticos. A influência do pensamento estatístico em minha cultura (e acredito que seja também em toda a cultura ocidental), e principalmente nos estudos das Ciências Sociais no Brasil, pelo menos, ainda é muito limitada. As escolas ensinam estatística básica e, em geral, de uma forma estritamente técnica, não conseguindo inculcar os modelos de pensar necessários para a vida em um mundo totalmente incerto. Este, por sua vez, também é muito difícil de ser aceito devido a um desejo de certezas, típico

dos seres humanos. Prova disso é o grande sucesso, ainda hoje, das cartomantes, que se dizem capazes de, lendo o futuro, acabar com nossa ansiedade sobre ele. Situação que acaba realmente acontecendo.

Resumindo, foi muito difícil reconhecer que a teoria da probabilidade pode ser a chave para a dedução ou inferência, o que a transforma em um instrumento de inferência científico. E, confesso, encarar a inferência como uma questão de tomada de decisão, diante da incerteza, foi um dos meus mais gratos aprendizados.

3. DIFERENTES DIMENSÕES DE HETEROSSEXISMO

Sendo o heterossexismo um sistema ideológico, são inúmeras as dimensões das atitudes contra os que não seguem o dito padrão heterossexual. Embora esta pesquisa tenha-se preocupado apenas com as atitudes negativas para com os gays, não é difícil imaginar que as lésbicas também passam por igual discriminação. Com a intenção de desmembrar e até mesmo detectar estas diferentes dimensões atitudinais, construí este capítulo.

Em primeiro lugar fiz uma Análise Fatorial de um conjunto de questões semelhantes a respeito das atitudes para com a homossexualidade. Nesta análise utilizei as perguntas da Tabela III, do questionário (de números 64 a 128), que se encontram no Apêndice I, com exceção das questões 94 e 100, pois me dei conta de que elas não eram apropriadas a essa análise.

A Análise Fatorial resultou em 14 fatores, com autovalores (“*eigenvalue*”) maiores que 1,0. Destes, reproduzo, na Tabela N^o.7, apenas os quatro primeiros fatores, suficientes, o bastante, para justificar minha escolha em trabalhar apenas com o primeiro fator, que dá conta de 25% da variação a respeito das atitudes.

Tabela 7: Análise dos Autovalores principais para o Heterossexismo

FATOR	Autovalor	%
1	15,97	25
2	2,94	5
3	2,65	4
4	2,17	3

Os dados encontrados nesta análise foram expressivamente consistentes com referência às atitudes negativas aos gays, isto é, quem expressou atitudes mais negativas em uma pergunta, também o fez em outras.

Baseando-me nestes dados, construí a “*Escala de Heterossexismo*”, reproduzida na Escala N°.1. Esta escala consiste na média das respostas às perguntas que tinham correlação acima de 0,38, com o primeiro fator da Tabela N°.7. A escolha das perguntas com correlações acima de 0,38 com o fator permitiu que eu trabalhasse com a maior parte das questões. A coluna “A”, da tabela, contém os coeficientes de correlação de cada pergunta com este fator 1 e, a coluna “B” contém as correlações de cada pergunta com a própria escala. O coeficiente alpha é de 0,89 e indica até que ponto todas as perguntas estão medindo a mesma coisa. Demonstra que há consistência entre as perguntas¹⁸.

De maneira geral, esta escala ressaltou a idéia de um desejo de evitar contatos com a homossexualidade, pois as correlações mais altas referem-se à perguntas como: “*sempre que é possível evito o contato com homossexuais*”, “*o aumento do número de homossexuais representa um declínio da moral humana*”, “*não faço amizade com homossexuais*”, “*não gosto de homens afeminados*”, “*fico constrangido(a) em conversar com homossexuais na rua*”, “*acho revoltante que os homossexuais façam sexo anal*” e “*não me sentiria à vontade em ‘dividir espaço’ com um homossexual*”.

¹⁸ Segundo Cardoso (1999): “... para ser confiável (reliable) e válido, o alpha deve ser igual ou maior do que 0,90. Isso permitiria, por exemplo, que médicos classificassem a probabilidade do câncer com alguma segurança, dados alguns indicadores identificados como escalonáveis. Nas ciências sociais, essa precisão é raramente necessária ou mesmo possível”. O objetivo deste trabalho é apontar a direção, mais do que a intensidade precisa, das correlações com atitudes negativas para com os homossexuais. Logo, para meus propósitos, o alpha de 0,89 é alto o bastante para permitir análise estatística robusta.

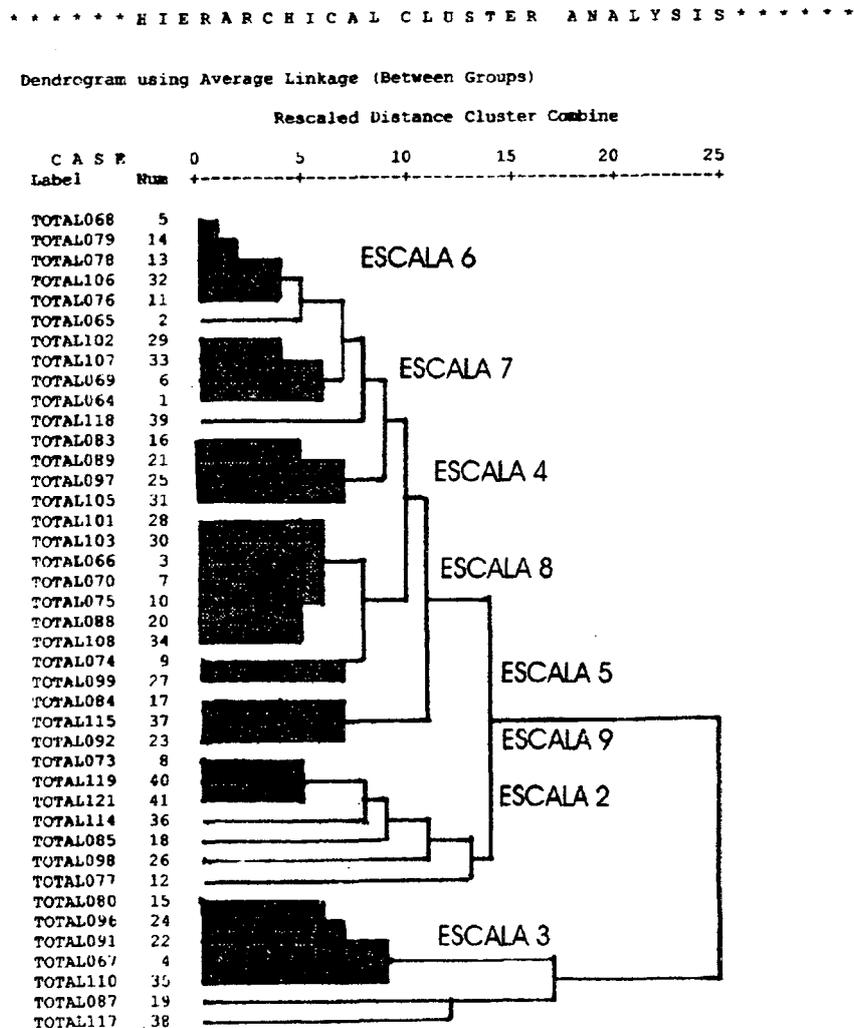
ESCALA 1: Escala de Heterossexismo para com os Homossexuais masculinos

A	B	Alpha: 0,89
0,66	0,66	64. Eu acho justo que as religiões condenem a homossexualidade
0,76	0,74	65. Não gosto de homens afeminados.
0,63	0,61	66. Acredito que homossexuais são perigosos porque seduzem os jovens.
-0,41	-0,43	67. Acredito que pessoas do mesmo sexo que morem juntas devam beneficiar-se mutuamente dos benefícios sociais.
0,74	0,71	68. Fico constrangido(a) em conversar com homossexuais na rua.
0,71	0,70	69. Acho revoltante que os homossexuais façam sexo anal.
0,62	0,61	70. Os homens homossexuais são falsos e mentirosos.
0,58	0,56	73. Incomoda saber que os homossexuais “secam” outros homens em banheiros públicos.
0,52	0,51	74. Eu acredito que aprendi a não gostar de homossexuais com a minha família.
0,50	0,50	75. Eu concordo que os homossexuais não devam freqüentar igrejas/templos religiosos.
0,60	0,56	76. Não gosto de falar sobre homossexualidade.
0,46	0,48	77. Homossexuais deveriam ser obrigados a fazer o teste anti-HIV/AIDS.
0,70	0,66	78. Fico sem jeito ao conversar com homens afeminados.
0,81	0,79	79. Sempre que é possível, evito o contato com homossexuais.
-0,56	-0,57	80. Sou a favor da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.
0,71	0,68	82. Não me sentiria à vontade em “dividir espaço” com um homossexual.
0,58	0,59	83. Os homossexuais causaram a pandemia da AIDS.
0,41	0,43	84. A maioria dos homens homossexuais tem características femininas que os identificam.
0,63	0,64	85. O relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo é contra a natureza.
-0,54	-0,54	87. Eu não me incomodaria se soubesse que o líder de minha igreja/templo é homossexual.
0,38	0,39	88. A lei nacional para doação obrigatória dos órgãos deveria excluir os homossexuais enquanto doadores.
0,56	0,57	89. A AIDS não teria sua atual proporção se não fossem os homossexuais.
-0,62	-0,62	91. Os homossexuais devem se organizar para exigir seus direitos.
0,39	0,40	92. Pode-se facilmente reconhecer um homossexual pelo seu olhar .
-0,68	-0,69	96. Aprovo que “casais” homossexuais tenham os mesmos direitos que os casais heterossexuais.
0,57	0,59	97. Os homossexuais transmitem mais doenças do que os heterossexuais.
0,57	0,58	98. Homens com família têm mais moral que os homossexuais.
0,47	0,47	99. Minha família sempre me alertava para o perigo que representam os homossexuais.
0,52	0,54	101. É certo os bancos de sangue eliminarem o sangue doado por pessoas que suspeitem ser homossexuais.
0,77	0,77	102. O aumento do número de homossexuais representa um declínio da moral humana.
0,49	0,51	103. Homossexuais estão ganhando demais do governo para o tratamento da AIDS.
0,56	0,56	105. Tenho medo de que a promiscuidade dos homossexuais possa desenvolver novos vírus, que venham a contaminar a humanidade.
0,76	0,74	106. Não faço amizades com homossexuais.
0,73	0,73	107. A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo é um ato animalesco, que não faz parte da sexualidade humana.
0,53	0,52	108. Não aceito a homossexualidade porque ela é condenada por minha religião.
-0,44	-0,44	110. A Constituição brasileira deveria proibir, especificadamente, a discriminação contra os homossexuais.
0,45	0,46	114. Acho ruim que os homossexuais sejam tão promíscuos.
0,53	0,53	115. Os homens homossexuais quase sempre são afeminados.
-0,52	-0,50	117. Não ligo em “levar uma cantada” de um homem homossexual.
0,69	0,68	118. Teria medo se o professor de meus filhos/sobrinhos fosse homossexual.
0,67	0,65	119. Fico incomodado ao presenciar um casal de homens homossexuais namorando.
0,60	0,58	121. Fico furioso(a) quando sou paquerado(a) por um homem declaradamente homossexual.

Todos os p são < que 0,001

Visando detectar, ainda, algumas diferentes dimensões das atitudes heterossexistas fiz uma análise de Agrupamentos, ou seja, formei grupos (“clusters”) com as perguntas da Escala de Heterossexismo (Escala N.º.1). O resultado encontra-se na Figura N.º.1. Percebi, então, que os agrupamentos faziam sentido na medida em que eu identificava o que havia em comum entre as perguntas agrupadas.

FIGURA 1: Análise de Agrupamentos



Dessa forma, nomeei as oito dimensões diferenciadas de atitudes negativas para com os homossexuais. Estas dimensões são demonstradas pelas Escalas de números 2 até 9, abaixo. Na coluna “A”, de cada escala, encontra-se a correlação da pergunta para com a própria Escala.

Abaixo de cada tabela transcrevo parte das entrevistas que exemplificam a forma como os alunos falaram sobre cada uma destes assuntos.

ESCALA 2: Intolerância aos Contatos Sexuais dos Homossexuais (Alunos que demonstraram não gostar dos contatos sexuais entre, e com, os homossexuais)

A	B - ALPHA: 0,74
0,78	73. Incomoda saber que os homossexuais “secam” outros homens em banheiros públicos.
0,82	119. Fico incomodado ao presenciar um casal de homens homossexuais namorando.
0,83	121. Fico furioso(a) quando sou paquerado(a) por um homem declaradamente homossexual.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas do campo: Um aluno falava de como reagiu ao convite de outro homem para irem para a cama: *“Já levei duas, três cantadas... já levei sim... de veado mesmo. Como é que eu reagi a essas cantadas? Medo. Ah, medo... receio... Assim né... Ah não... pera aí... né... não é por aí o negócio... E saí fora, né?... Saí fora... Medo né, acho que passô foi medo... porque eu era também bem mais piá... eu tenho 24, na época eu tinha o que? uns 19/18 anos... então... me dava medo...”*(H,J,S,F)¹⁹.

Uma aluna disse que ficou surpresa (eu diria que ela ficou encantada) quando um amigo a viu trocando de roupa: *“Uma vez nós estávamos acampando e ele (um amigo que era gay) me falou algo muito interessante. Eu estava*

¹⁹ A partir deste momento passarei a usar siglas (letras) para identificar os entrevistados enquanto categorias. Na categoria sexo, estarei usando M para mulher e H para homem. Na categoria idade usarei J (jovem, menor de 25 anos) e V (velhos); na categoria curso usarei S (Comunicação Social) e D (Direito) e, na categoria cidade, F (Florianópolis) e C (Curitiba).

trocando de roupa e ele deu uma olhada... assim... aí eu fiquei meia sem graça... olhei de volta., e ele me disse: 'Sabe que se... não fosse... a minha opção... era de... um bom tamanho'... assim... (risada) puta merda... (risada)''
(M,J,S,F).

ESCALA 3: A Favor dos Direitos Legais dos Homossexuais (Alunos que demonstraram ser a favor dos direitos legais dos homossexuais)

A	B - ALPHA: 0,81
0,70***	67. Acredito que pessoas do mesmo sexo que morem juntas devam beneficiar-se mutuamente dos benefícios sociais.
0,81***	80. Sou a favor da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.
0,74***	91. Os homossexuais devem se organizar para exigir seus direitos.
0,86***	96. Aprovo que "casais" homossexuais tenham os mesmos direitos que os casais heterossexuais.
0,63***	110. A Constituição brasileira deveria proibir, especificadamente, a discriminação contra os homossexuais.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas do campo: *"Sou a favor que eles tenham direito a se unir, a heranças, etc... Claro. Eu acho que é livre escolha. Se eu sou milionária... me apaixono por uma mulher... quero ficar com ela... assumo isso, tá? E queira deixar, dar, constituir família com ela... Nenhum problema"* (M,J,D,F).

ESCALA 4: Medo de Doenças (Alunos que demonstraram acreditar que os homossexuais são grandes transmissores de doenças sexuais)

A	B - ALPHA: 0,80
0,84***	83. Os homossexuais causaram a pandemia da AIDS.
0,81***	89. A AIDS não teria sua atual proporção se não fossem os homossexuais.
0,78***	97. Os homossexuais transmitem mais doenças do que os heterossexuais.
0,73***	105. Tenho medo de que a promiscuidade dos homossexuais possa desenvolver novos vírus, que venham a contaminar a humanidade.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: “... tem campanhas pra eles (os gays) se cuidarem né... mas eu acho que o grande índice de AIDS ainda é de homossexuais, né. Ainda é... acho que eles transmitem mais que os heteros... eu acho que a relação de parceiros é muito maior... eles trepam mais com gentes diferentes... é, porque eu acho que muitas vezes, eu não duvido... que esses caras mesmo sendo veados eles... de vez em quando não comem... mulher... é... eu acho que sim... porque nesses esquemas aí... puta! geralmente os caras são cuidados... assim... são bonitos... mas, rola muita droga, né... então na hora da piração... fora a sacanagem que não deve rolar... em conjunto, né? Acho que quatro juntos, daí de repente aparece mais pessoas e dã... dã... dã” (H,J,D,F).

ESCALA 5: Atitudes (Negativas) da Família (Alunos que demonstraram que seus familiares os amedrontavam com respeito à homossexualidade)

A	B - ALPHA: 0,51
0,82***	74. Eu acredito que aprendi a não gostar de homossexuais com a minha família.
0,82***	99. Minha família sempre me alertava para o perigo que representam os homossexuais.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: “Meu pai sempre me disse que eles recebiam uma tal de pomba-gira... que se manifestavam com esse nome... sei lá... e que isso era coisa do diabo... eles eram possuídos pelo mesmo espírito maligno que operava neles” (H,V,D,C).

“O meu pai achava horrível (os gays), achava monstruoso. Ele sempre dizia: ‘Como é que pode... Uma anormalidade... como é que não prendem esses tarados...’”(H,V,S,C).

“Eu tinha um amigo. Muito amigo. Nós estudávamos juntos... vivia lá em casa... e eu tinha um tio e ele não aceitava. De modo algum ele aceitava. De

chegar lá em casa e o cara está lá dentro... 'Ah, só passei aqui para ver se vocês estavam bem, agora já posso ir embora'... Não aceitava e depois ainda enchia porque... acho que ele imaginava que eu transava com esse meu amigo... eu tinha, com esse meu amigo, uma relação muito aberta e, depois que eu descobri que ele era veado a coisa ficou assim... de chegar lá em casa... de... de... de ficar lá... de eu entrar tomar banho e sair... e o cara continuar lá” (M,J,S,C).

ESCALA 6: Intolerância ao Contato Social com Homossexuais (Alunos que demonstraram não gostar de manter contato social com os homossexuais)

A	B - ALPHA: 0,91
0,90***	68. Fico constrangido(a) em conversar com homossexuais na rua.
0,72***	76. Não gosto de falar sobre homossexualidade.
0,88***	78. Fico sem jeito ao conversar com homens afeminados.
0,92***	79. Sempre que é possível, evito o contato com homossexuais.
0,85***	106. Não faço amizades com homossexuais.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: “Eu não evito nenhuma pessoa mas, o vínculo... ele é comprometido, né? Ele fica comprometido o... o... porque não vai haver uma afinidade, a gente não vai se aproximar, você vai evitar, vai evitar transtorno futuro, né? Eu não... vou querer... incomodação, né?” (H,J,S,F).

“No social, eles (os amigos gays) viram quase uma amiga. Eles são como umas amigas” (M,J,S,F).

“Acho que, no social, eu tenho... vamos dizer... um pouco de preconceito... Natural, mesmo... que vem de berço... acho que pela própria sociedade... pela própria minha... minha... meu... como é que eu vou dizer... pela minha própria educação, né? Que era bem mais forte antes, acho que hoje já estou aceitando mais a situação, né? Mas ... sinto medo (dos gays)... se não

chegar perto... se não vier com segundo interesse para o meu lado, consigo conviver numa boa”(H,J,D,C).

“Já fui em bar gay, eu convivo legal com eles. Na época tinha o bar Época eu ia direto lá dançar... no início eu ficava um... pouco... no início... um pouco impressionado de ver os caras se beijando... né... pô... coisa assim... mas... pô... eu parecia um ET, né? Que pra mim a idéia... acho que é concepção... criação. Mas, pô... depois você se acostuma. Acho que hoje em dia nada mais me surpreende neste aspecto, né? Não me incomoda? Não, agora não mais. Tipo assim... Eu não sinto nojo... não sinto... só que ó... fique ali né? Fique no canto com o teu... o teu parceiro... assim.. né”(H,J,S,C).

“Eu não tenho problema com eles no social. Uma vez, uns tempos atrás tinha um cara que morava lá no meu prédio e o cara... gay... fazia umas festas, assim... batuta mesmo... muito sexo, drogas e rock-in-roll. E era atrás... era... dois barato... e todo mundo de todos os lados... e o que andava de veado no prédio... a bicharada. Até que um dia o cara foi expulso do prédio... por causa de brigas... o cara tinha uma bronca com a família... ele trabalhava na Caixa Econômica Federal... e a família não aceitava.... o cara tomava uma litro de uísque por noite... Ele morava sozinho mas levava uma bicharada... ele bancava uma bicharada... no caso... aí, um cara bom... gente boa... parece... pelo que falavam... mas, na verdade a bicharada se aproveitavam dele... ele bancava as festas... comida... uísque para todo mundo e... se drogava um monte... vivia mal. Acho que o problema afetivo, eu acho, que deve ser muito grande. Um problema que... ele tinha muitos problemas... Todos eu acho que tem problema afetivo... Ah, a aceitação... acho que é a primeira coisa... acho que o cara não tem quem... quem falar, não é aceito normal na roda de amigos, acho que é um problema social, eu

acho... Nós ainda somos um país conservador... acho que na Europa deve ser um pouco mais... liberal, nos Estados Unidos também, eles tem bairros... aqui você não tem um bairro gay... não tem um bairro gay, eu acho. Você vai a qualquer cidade dos Estados Unidos têm um bairro gay... você vê aquelas bandeirinhas da transbrasil, lá... bairro gay... né? Eu fui, quando eu estava lá eu fui... normal... o pessoal andando, de mão dada. É... e hoje em dia estes mercados públicos é super grande, também... você lê em revistas, também, cruzeiros gays... e considerado que o público gay é o que mais gasta, aí... são os mais ricos... são os melhores consumidores, então... é... eles são aceitos pela grana, comercialmente falando, mas... socialmente? Ah, eles não são aceitos... acho que se fala, fala, fala, mas porra... 'Ah, não... tudo bem...' mas eu acho que eles não são aceitos... na sociedade" (H,J,D,F).

"Não tem problema, eu até já trabalhei, tudo... Trabalhei assim, tipo assim... com um gay no trabalho. Trabalhei e tal... tudo um ambiente social, a gente sabia que o cara era, tudo... sabia de todas essas peripécias aí mas... nunca... me deu problema nenhum... nunca...". Perguntei-lhe, então: "Você conseguiu ser amigo dele? É possível ter um amigo gay?" E sua resposta foi lenta: "... ah... um amigo gay... ah... Ah, sim... com certeza... você quer saber se eu aceito... É... claro... claro que sim... só que é duro as vezes a pessoa... é... é que nem um relacionamento, né? Uma amizade... você conseguir separar... é... o homem geralmente consegue separar eu acho... tipo... nesse caso... agora, se o cara não mistura as estações, aí tudo bem... Desde que ele não viesse com nenhuma outra intenção... que pudesse... demonstrar... algo... que, né... o lado sexual dele, né? Ele até pode desmunhecar... porque esse é o jeito deles, porra, mas não dando encima de mim... é só isso". (H,J,D,F).

ESCALA 7: Imoralidade da Homossexualidade (Alunos que demonstraram acreditar que não há moral nos homossexuais)

A	B - ALPHA: 0,84
0,78***	64. Eu acho justo que as religiões condenem a homossexualidade
0,79***	69. Acho revoltante que os homossexuais façam sexo anal.
0,85***	102. O aumento do número de homossexuais representa um declínio da moral humana.
0,86***	107. A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo é um ato animalesco, que não faz parte da sexualidade humana.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: Perguntei a alguns alunos se eles achavam que os gays tinham moral e as respostas foram:

“Não sei como pensar isso, Nicolau. Eu ... né... eu nunca vi eles como pessoas normais... eu nunca os vi como pessoas normais...”
(H,V,D,C).

“Depende de cada um. A moralidade é uma coisa que... vai de encontro com cada pessoa. Para você classificar um homossexual como ‘Ah, é imoral, é isso, é aquilo’ já não me atrai” (M,J,D,C).

“Acho que tem. Tanto é que eu conheço alguns, até a minha namorada conhece... que são... umas pessoas aí... que tudo bem... Você conhece o M.? Ele é amigo da minha namorada... e ele... e eles são casados a 20 anos, você não diz que o cara é... nem eles... eles são totalmente... é... na deles mesmo... é isso que eu acho legal... quer dizer... pra não ser nenhuma aberração... sabe o que eu acho também... é que as vezes os caras exageram um pouco... quer dizer... pela necessidade de ser feminino... de querer mostrar que é feminino, acabam exagerando e tornando-se ridículos, muitas vezes....
(H,J,D,F).

ESCALA 8: Crença na Periculosidade dos Homossexuais (Alunos que demonstraram acreditar que os homossexuais - ou a homossexualidade - são perigosos).

A	B - ALPHA: 0,76
0,64***	66. Acredito que homossexuais são perigosos porque seduzem os jovens.
0,69***	70. Os homens homossexuais são falsos e mentirosos.
0,64***	75. Eu concordo que os homossexuais não devam frequentar igrejas/templos religiosos.
0,60***	88. A lei nacional para doação obrigatória dos órgãos deveria excluir os homossexuais enquanto doadores.
0,67***	101. É certo os bancos de sangue eliminarem o sangue doado por pessoas que suspeitem ser homossexuais.
0,63***	103. Homossexuais estão ganhando demais do governo para o tratamento da AIDS.
0,60***	108. Não aceito a homossexualidade porque ela é condenada por minha religião.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: “Acho que esses que ficam na rua, tipo nas esquinas... assim... eu tenho medo. Pelo fato da agressividade... você... assalto... sei lá... rouba... eu sempre vejo aí... Talvez não dê para generalizar... mas esses que trabalham a noite... os travestis, são os perigosos... são bandidos... eu acho... é a minha opinião...”. Perguntei-lhe se as prostitutas também eram perigosas e sua resposta foi: “prostitutas... todas? Não, acho que não, acho que é muito diferente. Tanto é que... daí... o travesti, acho que ele tem o problema de força, ele é malandro... não é? Eu acredito que seja... sabe... a força física faz a diferença... pois você pega um travesti, aí, tal... o cara, tal... vem com a voz fina... tal... mas porra... o cara tem a mesma força que você... e geralmente eles andam armados... hoje em dia ainda que... acho que talvez com o próprio ... em que o pessoal chega perto só para sacanear... tá... mas... os brancos pagam pelos pretos... os pretos pagam pelos brancos... né? Então generaliza toda a violência, né?” (H,J,S,C).

ESCALA 9: Crença no Comportamento Estereotipado dos Homossexuais (Alunos que demonstraram acreditar que os homens homossexuais possuem comportamentos estereotipados)

A	B - ALPHA: 0,71
0,82***	84. A maioria dos homens homossexuais tem características femininas que os identificam.
0,75***	92. Pode-se facilmente reconhecer um homossexual pelo seu olhar.
0,82***	115. Os homens homossexuais quase sempre são afeminados.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: Perguntei se eles reconheceriam um homossexual por seus trejeitos e as respostas foram:

“Não, hoje é muito difícil. Só se for assim um travesti. Se for um homossexual, não. A maioria ainda procura a descrição”(M,J,D,F).

“Tem. Tem alguns... tem algumas, alguns comportamentos, né, em termos de postura, voz. É... você percebe que a pessoa é afeminada. Tem ... uns trejeitos ... assim...Você tem, digamos assim, a gente pode chamar, um discernimento... você vê trejeitos, vê olhares... você empolga um pouco a conversa eles já, vamos dizer, eles já soltam a franga, já cai num...”(H,V,D,F).

“Eles são divertidíssimos. São muito engraçados... são divertidíssimos... E é uma ótica interessante né... ele é um homem mas ele quase pensa como você. É interessante porque normalmente quando você vai contar alguma coisa ele já foi e já voltou para o que você contou. Então, ele tem uma ótica interessante. É... a cabeça deles é mais que de uma mulher porque normalmente, pelo menos com os amigos que eu tinha quando eles tinham um relacionamento ou alguma coisa assim, eles sofriam muito mais do que eu... era muito mais doloroso. Eram muito mais complicados, mas quando eu ia contar alguma coisa minha, eles resolviam muito fácil. Não sei se é porque o outro sempre resolve as coisas mais fáceis. Mas as vezes as coisas não eram tão fáceis de resolver tão fácil assim... eles são femininos... São... Mas quando se

trata de resolver um relacionamento teu eles tem a capacidade de colocar no lugar do homem” (M,J,D,C).

“A não ser a questão da promiscuidade... isto é, a situação de você... de exageros, por exemplo, porque eu acho que a maioria dos homossexuais, tá? Não dá para colocar todos... enfim... é... tem uma necessidade de chamar a atenção. E eu coloco isso não dentro da casa, quando você está numa relação de amigos... eu coloco isso a público. Porque? Não me pergunte, porque não sei.. Porque é uma coisa socialmente não aceita... talvez venha disso... certo? Sabe... pra mim a relação aos homossexuais... também não me afeta... entende? Sabe... não me afeta, não é uma questão de gostar ou não gostar, não me afeta, sabe... mas eu acho que... eles são um pouco mais... é... não sei se promíscuo até não é uma relação meio pesada... quando se fala em público, tá? mas... por assim dizer exagerados, no intuito, eu percebo assim, de chamar a atenção efetivamente” (M,J,D,F).

“Não. Todos não. 90% é o contrário. 90%... tem esse comportamento de assim... sentar... de... não , 90% é muito, vamos dizer uma grande parte, mais da metade, acho que é melhor de falar, né?... digamos que uma grande parte não consegue assim... se manter na linha na hora de falar, se... se... assume mesmo, por mais que ache que não seja aceito... assume mesmo... assume um comportamento mais... acho que mais afeminado, né? Com... tipo assim... gestos corporais... voz... não é... e... a boca, muitas vezes e o jeito de andar... principalmente o jeito de andar... né... o linguajar é assim: “Aíii, um jeito mais mole... assim...” mais... mais feminino de falar, né? E as vezes se tornam ainda mais nojento, porque... pô... não sei, cara... (risada)” (H,J,D,C).

A seguir, construí mais quatro escalas, que também remetem à questão do heterossexismo, cujas perguntas não se encontram dentro da Escala N°.1 (Escala de Heterossexismo para com os homossexuais), por não estarem medindo

exatamente uma atitude negativa (por isso mesmo terem apresentado uma correlação inferior a 0,38 com o fator 1, utilizado para fazer tal escala) e sim formas de ver, ou lidar com a homossexualidade (Escala N.ºs. 10 a 12) ou, até mesmo, uma identidade possivelmente homossexual dos respondentes (Escala N.º. 13).

ESCALA 10: Crença nos Papéis Definidos da Homossexualidade (Alunos que demonstraram acreditar que os homossexuais possuem papéis sexuais definidos)

A	B - ALPHA: 0,44
0,68***	72. Homossexuais (os homens) preferem ser passivos no ato sexual.
0,73***	113. Quando dois homossexuais moram juntos, um sempre fará o papel do homem e o outro o da mulher.
0,65***	122. Homens homossexuais preferem transar com homens heterossexuais e não com homossexuais.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: *“O gay tem dias que é uma bixa e tem dias que é um bofe. Não sei se eu acredito nisso... não sei se eu acredito nisso... mas ele é mais maleável... é mais fácil de lidar... ele aceita piadinhas mas assim como tem dias que ele não aceita... ele é mais sociável... é mais tranquilo em relação a isso. Meu problema é com o bofe.....”*(M,J,S,F).

“ Sei que eles tem papeis fixos porque... no caso específico de um casal eu sei porque eu converso muito com eles a respeito da relação deles. Até mesmo... tem um que dá e um que come. O que come, não dá. Eu acredito, porque não teria porque eles me mentir...”(H,J,S,F).

“Sabe que eu não sei. (Risadas) Essa questão de... eu pergunto muito... quando eu tenho intimidade... eu procuro saber. Eu tenho curiosidade mesmo... e pergunto... se dá... e tal... eu tenho um amigo até que, quando eu fico irritada com ele eu digo 'Vai tomar no cu'... Ele olha pra mim e diz 'Deus te ouça'... entendeu? Sabe? E por exemplo, ele... ele come e dá... sabe?”(M,J,S,C).

ESCALA 11: Brincar com/sobre a Homossexualidade (Alunos que demonstraram ter satisfação e segurança em brincar com/sobre a homossexualidade nos homens)

A	B - ALPHA: 0,57
0,73***	86. Eu cresci ouvindo piadas (ou histórias) negativas sobre os homens homossexuais.
0,74***	126. Na minha turma, por brincadeira, uns chamam os outros de "viado", "bicha", etc.
0,74***	127. Divertem-me as brincadeiras que imitam o comportamento dos homossexuais

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: *“Não, não costumo brincar, a não ser que eles dêem a deixa. Normalmente eles dão. Com eles (os gays) eu brinco”* (M,J,S,F).

“Veado é um termo que eu uso muito mas, principalmente quando eu estou com raiva de alguém... e você diz... ‘seu veado!’” (H,J,D,F).

“É, é muito comum chamar os outros de seu veado... xingar de veado... de puto... sua bixa... sei lá” (H,J,S,C).

Outros alunos entenderam que eu perguntava sobre a forma como eles brincavam com os homossexuais (e não sobre a homossexualidade) e responderam:

“A minha atitude era tudo deboche, escárnio. Ah, eu...ia assistir shows deles, eu ia em boates no Rio de Janeiro, eu morava no Rio, nos arcos da Lapa. Nos arcos da Lapa era só boates de ... de travesti, de homossexual e eu ia lá assistir show, debochava, mas nunca tive assim... nenhuma ... é... aproximação...mas a gente ia, estudante, garotada, a gente ia para fazer festa, para debochar, tirar sarro deles. É... era escárnio mesmo. A gente ia para escarnecer deles” (H,V,D,C).

“Qual é a idéia da brincadeira (com travestis)? Ah, tira sarro... chega perto... conversa... pergunta quanto custa... aí, nunca fiz mas amigos meus gostam de pegar o extintor, jogar na cara... esse tipo de coisa... chega perto... pergunta quanto que é... coisas assim... Saí, eu nunca saí...”(H,J,D,C).

A outro aluno que também falou-me que gostava de ir com os amigos mexer com os travestís perguntei-lhe se ele também costumava ir sozinho, segundo ele: *“Já. Já fui também. Mesmo porque quando você sai em dois ou tres eles não chegam perto porque eles sabem que é sacanagem... mas quando você está sozinho eles chegam perto... conversam... tal... inclusive uma época aqui... tinha dois ou tres aí que você conhecia que... porra... dava de dez a zero em muita mulher. Inclusive cheios da grana, andavam de carro importado, por sinal eles ficavam encostados no carro esperando o pessoal passar... porra... tipo assim... porra... quando você vê que é um homem você se assusta... né?”*. Perguntei-lhe, então, quando que lhe ocorria ir mexer com os travestis. *“Geralmente era final de noite. Você já estava alcoolizado... já estava fumado... e tal... você saía... final de noite, né? Sempre assim. Você nunca sai de casa para ir tirar sarro... ai chegava assim... vamos sacanear os travecas... ai... vamos lá... brincava com eles.... como é que é... quanto custa pra sair com três... quanto que custa pra sair com dois... só tirar sarro... só gozação... não é?”* (HJ,S,C).

ESCALA 12: Costume de Não Falar em/sobre Homossexualidade (Alunos que demonstraram não estar acostumados a falar sobre/em homossexualidade)

A	B - ALPHA: 0,41
0,82***	95. Na minha turma não se fala muito sobre homossexualidade ou homossexuais.
0,77***	112. Na minha família nunca se fala sobre homossexualidade ou homossexuais.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001

Notas de campo: Perguntei a alguns alunos se eles costumavam falar sobre homossexualidade, e as respostas foram:

“Normalmente eu falo com homossexuais mesmo... normalmente com homossexuais mesmo... E eu acho mais fácil conversar numa roda de amigas do que de amigos. Normalmente eles aceitam meio que... eu prefiro conversar com mulheres, com os homens é complicado. Normalmente eles (os gays) não aceitam, com raríssimas exceções. Aceitam brincadeiras é óbvio... mas o falar sério não... Não sei se isso seria puro e simples machismo ou ...”(M,V,D,F).

“Converso com a minha namorada, de vez em quando. Sobre até esse casal de amigos dela, aí que... no início eu achava meio estranho... mas aí, depois a gente vai conhecendo... vai vendo como é que é... porque eu acho que... que desde o começo, assim... fica meio... o primeiro contato eu acho que é meio... é meio complicado... o primeiro contato.... porque você não sabe como a pessoa é... né? Mas, depois que você conhece daí você vê... não... tudo bem, é na dele, tal... aí você sente que é pela própria criação... eu acho que eu tenho muito isso de criação... da nossa criação...”(H,J,D,F).

ESCALA 13: Identidade Pessoal Possivelmente Homossexual (Alunos que demonstraram, de alguma forma, possuir desejos homossexuais)

A	B - ALPHA: 0,60
0,57	71. Eu tenho medo de que minha orientação sexual (hetero ou homossexual) possa mudar.
0,48	81. Meu corpo não se ajusta muito aos padrões masculino ou feminino (é um pouco ambíguo).
0,64	94. As vezes, eu gostaria de ter nascido com o sexo oposto ao meu.
0,77	104. Eu já sonhei que transava gostoso com alguém do mesmo sexo.
0,65	109. Eu transaria com alguém do mesmo sexo, se tivesse certeza de que ninguém descobriria.

P < 0,001

O passo seguinte, para efeito de análise, foi correlacionar a Escala de Heterossexismo (Escala N°.1) com as oito escalas referentes às diferentes dimensões de heterossexismo (Escalas 2 até 9) e, ainda, com as últimas quatro escalas (Escalas 10 até 13). O resultado encontra-se na Tabela N°.8, onde, de

uma maneira geral, as correlações entre as escalas que medem as dimensões das atitudes com a Escala de Heterossexismo (na primeira coluna) foram muito altas. Isso, inclusive, era de se esperar, pois muitas perguntas apareciam em ambas. Contudo, as quatro últimas escalas, que não possuíam perguntas em comum (Escalas 10 a 13) apresentaram baixíssima correlação e, aparentemente, medem dimensões bem diferentes a respeito de atitudes para com os homossexuais masculinos.

TABELA 8: Correlações entre Heterossexismo e as demais escalas ($p < 0,050$)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. Heterossexismo	1,00												
2. Intolerância aos Contatos Sexuais dos	,74	1,00											
3. A Favor dos Direitos Legais dos	-,73	-,43	1,00										
4. Medo de Doenças	,73	,45	-,45	1,00									
5. Atitudes (Negativas) da Família	,60	,39	-,30	,38	1,00								
6. Intolerância ao Contato Social com	,81	,66	-,46	,46	,50	1,00							
7. Imoralidade da Homossexualidade	,86	,61	-,67	,59	,43	,63	1,00						
8. Crença na Periculosidade dos	,82	,46	-,59	,61	,51	,62	,67	1,00					
9. Crença no Comportamento Estereotipado dos homossexuais	,56	,34	-,31	,36	,34	,39	,40	,45	1,00				
10. Crença nos Papéis Definidos da Homossexualidade	,41	,31	-,24	,35	,23	,23	,34	,31	,36	1,00			
11. Brincar com/sobre Homossexualidade	N.S	,19	N.S	N.S	,17	,12	N.S	N.S	N.S	N.S	1,00		
12. Costume de Não Falar em/sobre	,27	,17	-,15	,17	,16	,29	,16	,19	,12	,18	-,10	1,00	
13. Identidade Pessoal Possivelmente	-,24	-,28	,22	-,14	N.S	-,20	-,26	-,11	N.S	N.S	N.S	N.S	1,00

N.S. = Não Significativo

Na leitura da Tabela N^o.8, notamos que as pessoas com “*uma identidade possivelmente homossexual*” são menos heterossexistas do que as outras (vide

correlação de 1 com 13). Isso tem implicações quanto aos argumentos de que as pessoas homofóbicas seriam os homossexuais ditos enrustidos. Discutirei este assunto no subcapítulo 5.2, quando estiver analisando a hipótese sobre o “*medo de ser homossexual*”.

Continuando a leitura da Tabela Nº.8, também notamos, claramente, que o “*costume de não falar em/sobre homossexualidade* aumenta o heterossexismo (vide correlação de 1 com 12). Da mesma maneira, as pessoas acostumadas a “*brincar*” e a chamar aos outros de veados ou bichas e a divertirem-se com as brincadeiras de imitar os trejeitos dos homossexuais, ainda que tenham ouvido piadas, ou histórias, negativas sobre os homossexuais, não apresentaram nem mais nem menos heterossexismo que os outros (vide a correlação de 1 com 11). Afinal uma brincadeira, ou rótulo, pode ser tanto carinhosa quanto hostil.

Este fato recorda-me a surpresa que tive quando, convidado a fazer uma palestra no Grupo Dignidade - uma Organização Não Governamental de Curitiba que luta pelos direitos civis dos gays e lésbicas -, notei que os próprios dirigentes chamavam-se, entre si, de “*bichas*”. Perguntei, então, porque se tratavam dessa forma, que a meu ver, era agressiva e ofensiva. Lembro-me que a resposta foi rápida e clara: “*Já que nós somos bichas mesmo, não precisamos esconder isso de ninguém e, por outro lado, quanto mais usar-mos a palavra ‘bicha’, mais ela se gastará. E, vai chegar um dia em que não será mais ofensiva*”. Hoje, a Tabela Nº.8 pode estar comprovando que eles estavam certos. Enfim, pode-se falar tanto mal quanto bem da homossexualidade e as mesmas palavras podem ter valores diferentes.

Uma das explicações possíveis para o fato de que “*vai chegar um dia em que a palavra bicha se gastará*” pode ser dada pela própria força da palavra, a linguagem permite, aos usuários, mudanças nos seus “*eus*”, ou, pelo menos, no comportamento de seus “*eus*”. Podemos adotar posturas, em relação a nós

mesmos, tanto quanto existam nomes para elas²⁰. Neste caso, o fato de assumir um novo nome induzirá na pessoa uma transformação de si mesma, o que já é bastante pois o conhecimento de si mesmo será sempre incompleto, mediado e situado, por estar sendo, interminavelmente, descoberto. O fato de aceitarem a palavra bicha como algo que os identifica de forma positiva, ao mesmo tempo que os impede de aceitar outros rótulos, que poderiam ser negativos, faz com que eles não sintam o “*peso*” com que o social costuma agravar esta palavra, tirando-os de uma condição inferior, imposta pela maioria.

Exemplos de rótulos considerados mais amenos para os homossexuais brasileiros seriam os termos “*gay*” e “*entendido*”. Peter Fry e MacRae (1991) comentam que foi em 1960 que surgiu, no Brasil, os termos “*entendido*” e “*entendida*” para “*nomear uma figura social cada vez mais comum e aceita*”. Segundo os autores citados,

o ‘entendido’ e o gay vieram a denominar fundamentalmente pessoas que ‘transam’ pessoas do mesmo sexo sem que adotassem necessariamente os ‘trejeitos’ associados às figuras da ‘bicha’ ou do ‘sapatão’. Ao contrário destas, as novas palavras não são pejorativas.

A peculiaridade dos primeiros grupos do movimento homossexual é que resolveu rejeitar tanto ‘entendido’ como gay, preferindo ficar com o velho termo ‘bicha’. Propondo uma nova ‘bicha’, militante e consciente, a idéia era de conseguir esvaziar, tanto a palavra quanto o conceito que representava de suas conotações negativas. Se autodenominar de ‘bicha’ veio a ser uma maneira de ‘assumir’ uma homossexualidade considerada mais consciente’ e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral. Mais tarde, outros grupos viriam a adotar outras estratégias, como é o caso do Grupo Gay da Bahia, que adotou o termo americano. (Fry & MacRae, 1991).

²⁰ Os títulos, ou os rótulos, dão forma aos “*eus*”: o bêbado pode tornar-se alcoólatra e, a prostituta, uma profissional do sexo. Por outro lado, nunca podemos fugir dos rótulos que, constantemente, nos são ofertados por parte de associações, partidos, ocupações, críticos e amigos. Cabe a cada ser humano selecionar, ou rejeitar, estas ofertas de identificação e, para isso, cada um deve levar em conta os efeitos que a mudança do “*eu*” poderá causar em seu mundo social.

Nas conversas, no trabalho de campo, sempre prestei muita atenção “àquilo” que eles estavam nomeando enquanto homossexual, visando entender quem era homossexual, ou o que era homossexualidade, para os alunos pesquisados. Alguns se referiam às bichas como qualquer pessoa que tivesse um comportamento afeminado. Outros, só àqueles que transavam com outros homens. Ainda, outros, somente àqueles que exerciam um possível papel passivo na relação, ou seja, “*bicha é o que gosta de dar*”, segundo muitos alunos e alunas. Para outros, que eu chamaria de mais radicais, não precisa gostar, basta “*dar*”.

As mulheres falaram mais dos bofes: “*Eu acho o bofe mais complicado. Eu acho ele muito mais complicado... me dá a impressão de que ele não se aceita muito... normalmente, os que eu conheci pelo menos, não se aceitavam. Era meio complicado para eles falarem disso. Você até ficava sabendo que eles eram homossexuais, mas eles não falavam disso... eles não brincam... eles não gostam que os outros brinquem... se alguém fala, eles se defendem*”(M,J,D,C). A uma aluna, perguntei se ela conhecia homossexuais machos e sua resposta foi: “*Sim, tem uns que não parecem... que eu não acreditava... tens uns que se reservam, que ficam para eles, são os bofes...*”(M,J,S,C). Um aluno foi mais explícito: *Vamos tentar nos entender. Gay, para mim, seria aqueles que dão e comem, dependendo da situação, e não são muito afeminados, certo? Bofe seria aquele que se dá ninguém fica sabendo e bicha seria aquele que, se come, ninguém acredita, certo?*” (H,J,S,C).

Na tentativa de entender o conceito êmico (a categoria popular usada), desses alunos, selecionei da Parte II de meu questionário (vide Apêndice I) algumas perguntas que visavam distinguir entre o “*sistema bicha/bofe*” (quando,

na relação, um dos parceiros faz o papel do “bofe”²¹, aquele que penetra, e o outro faz o papel da “bicha”, o que é penetrado), e/ou o “sistema gay” (onde, na relação, ambos os parceiros penetram e são penetrados), discutidos por Fry & MacRae (1991). Fiz, então, uma nova análise fatorial com as perguntas (da Tabela II do Questionário) que mediam esta questão. Na Tabela N°.9, demonstro os quatro fatores encontrados:

Tabela 9: Análise dos Autovalores principais para os Sistemas Homossexuais

FATOR	Autovalor	%
1	4,76	18
2	2,30	9
3	2,05	8
4	1,70	7

Utilizando-me do fator 1, que explicou 18% de variação entre estas perguntas, construí a escala N°.14, que deveria demonstrar diferentes conceitos êmicos. Minha intenção era, através dessas perguntas, descobrir como os alunos tendiam a rotular, a ver os homossexuais, isto é, se para eles homossexual é apenas a bicha, apenas o gay, ou se também o “bofe” era visto como tal. Contudo, notei que a escala determinada pelo fator 1, ao invés de medir esses sistemas, vinculou-se muito mais à simples tendência a chamar de homossexual

²¹ A palavra “bofe” é muito intrigante. Ao mesmo tempo que é usada para denominar um “*indivíduo feio e sem atrativos*” (FERREIRA, 1975) também é usada, entre os travestis, para se referir ao “*marido*” de um travesti, ou até mesmo seu gigolô. Seu uso, mais amplo, é para denominar os “*homens*” (“*aqueles que não são bichas, pois só fazem o papel ativo na relação sexual*”, segundo alguns homossexuais), que “*comem as bichas*”, não importando se por dinheiro (michês) ou porque foram “*bem cantados*”, como disse-me um dos alunos que declarou-se gay. Mas o que chamou minha atenção para esta palavra não foi este seu “*significante*”, mas sim o seu “*significado*”. Bofe é o pulmão dos animais, aquela parte da carne que não serve a nada a não ser para ser jogada aos cães, ou seja, “*o melhor amigo do homem*”. Por outro lado, ouvi alguns amigos homossexuais comentando que, de madrugada, eles costumam passar em frente a uma determinada churrascaria onde tem “*bailão*” e, segundo eles, “*só vai peão para caçar a mulherada*”. Mas, no final da festa, aqueles que não tiveram muita sorte, e terminaram ficando sem mulher, costumam aceitar carona das bichas para fazer um “*programinha rápido antes de ir para casa*”. E, a estes, eles chamam de bofes, ou seja, a “*carne que ninguém quer, mas que é muito boa para os melhores amigos do homem*”.

aos outros. Então, denominei este fator de “Propensão a rotular alguém homossexual”, demonstrado na escala N°.14, na qual utilizei apenas as perguntas que tinham uma correlação acima de 0,35 com este fator. A coluna “A”, da tabela, contém os coeficientes de correlação de cada pergunta com esse fator 1. A coluna “B” contém as correlações de cada pergunta com a própria escala. A coluna “C” contém a correlação com a escala de heterossexismo (Escala 4.1) com as perguntas. O índice alpha desta escala é de 0,21.

ESCALA 14: Propensão a Rotular alguém como Homossexual

A	B	C	D - ALPHA: 0,21
0,67	-0,67	-0,27	38. Um homem que “come” outro homem NÃO É, necessariamente, homossexual.
-0,60	0,61	0,29	40. Homens casados e com filhos que gostam de, esporadicamente, “dar” para travestis SÃO homossexuais.
0,36	-0,36	N. S.	42. Homens que sempre transaram com mulheres mas, na adultice passaram a transar (de forma ativa) com garotos, continuam heterossexuais.
-0,38	0,43	0,47	44. Basta que um homem seja afeminado ou muito delicado para que eu o considere homossexual.
0,46	-0,51	-0,18	48. Rapazes que transam (de forma ativa) com outros homens, por dinheiro, não são homossexuais.
0,49	-0,54	-0,22	49. Rapazes que transam (de forma passiva) com outros homens, por dinheiro, não são homossexuais.
-0,43	0,47	0,25	52. Homens que na adolescência tenham transado (de forma passiva) com outros homens mas, na adultice só transem com mulheres são homossexuais.
-0,55	0,55	0,40	54. Um homem que gosta que as mulheres lhe introduzam um dedo no ânus é homossexual.
-0,59	0,59	0,26	59. Não importa quem “dá” ou “come”. Homem que transa com - homem, independente da razão, É homossexual.
0,71	-0,69	-0,32	60. Rapazes, por curiosidade, podem “dar” para outros homens sem deixar de ser heterossexual.
0,72	-0,69	-0,31	61. Um homem heterossexual pode gostar da idéia de “comer um viado”.
0,69	-0,67	-0,43	62. Um homem heterossexual pode fantasiar ser penetrado (com objetos ou dedos) por uma mulher.
0,75	-0,72	-0,29	63. É possível um homem ser heterossexual e, por algum motivo, também “comer viados”.

Todos os coeficientes possuem $p < 0,001$

Através da coluna “C”, da escala 14, descobri não haver dúvidas de que, quanto mais heterossexistas forem os alunos, mais propensos são a rotular qualquer tipo de comportamento, considerado não heterossexual, como desviante. Entre estes, os de maiores índices são: o fato de “*bastar que um homem seja afeminado ou muito delicado para que o considerem homossexual*” ($r=0,47$ com heterossexismo), ou o fato de “*um homem heterossexual não poder fantasiar ser penetrado (com objetos ou dedos) por uma mulher*” ($r=-0,43$ com heterossexismo) e “*ser considerado homossexual um homem que goste que as mulheres lhe introduzam um dedo no ânus*” ($r=0,40$ com heterossexismo).

Pensei que não deveria ser difícil detectar os critérios por detrás destas diferenças nos papéis. Enganei-me. As minhas perguntas não permitiram distinguir os estudantes que acreditam no sistema “*bicha/bofe*” ou no sistema “*gay/entendido*”. É provável que estes alunos não tivessem muita clareza sobre como definir um homossexual mas, mesmo assim, não é fácil para um pesquisador ter de reconhecer que falhou em sua tentativa, nem que seja de forma parcial. Assim, abandonei esta análise e, ao mesmo tempo que fiquei chateado, ficou-me a certeza de que aprendi muito com todas as tentativas que fiz para não assumir a falha. Se, e quando, precisar fazer um novo questionário para entender este assunto, acredito que estarei bem mais preparado e em condições de ser bem mais específico, talvez reforçando mais, para que o questionário consiga fazer com que os respondentes escolham entre um sistema e outro.

Isto, possivelmente, evite que eu tenha de escutar tanta piada sobre gaúchos, como foi o caso de uma aluna que insistiu, dizendo que “*mas eu não posso ir embora sem te contar a última piada de gaúcho: ‘Numa Sociedade do interior do Rio Grande do Sul, uma Ijuí da vida, por exemplo... né? Porque Pelotas já está muito grande agora. Lá, os casais com muita grana se reuniam, a nata da sociedade era assim... dez casais... né? Sempre se reuniam na fazenda*”

de um, no haras do outro pra... tomar um mate, jogar baralho, fazer um churrasco e tal... aí um belo dia chegaram na fazenda de um e estava aquele marasmo... estava todo mundo desanimado... era sempre a mesma coisa... cerveja, churrasco, mate, poker, tal... resolveram fazer então uma orgia, né? - Vamos fazer um bacanal? - Vamos, vamos fazer um bacanal... e pau.. De noite, tal... apagaram todas as luzes e vai né... um com um, outro com outro. Dentro em pouco o dono da fazenda falou: - Mas acendam esta merda desta luz porque tem veado nesta sala tchê! A mulher dele correu, acendeu a luz: - Mas como homem, que tem veado nesta sala? Como é que tu sabes? - Pois não fui chupar um pau e estava cheio de merda? ” (M,J,S,F).

Restou-me, contudo, o consolo nas pesquisas de Fry, quando ele também se preocupava em entender e determinar os tipos de papéis sexuais que os brasileiros assumiam em uma relação homossexual e, a certa altura, precisou esclarecer que:

É sempre difícil generalizar sobre o Brasil. Diz-se alguma coisa e logo vem alguém para dizer outra coisa. Diz-se algo que é verdadeiro para o Rio de Janeiro, e logo aparece um paulistano para dizer que em São Paulo tudo é diferente. Falar de papéis sexuais, não é exceção. (Fry, 1982).

Para finalizar este capítulo, construí a Tabela N°.10 onde apresento, as médias, o desvio padrão e o índice Gini²² destas diferentes dimensões de heterossexismo. Notamos, assim, que entre os alunos houve muito mais consenso para a questão referente a serem “favoráveis aos Direitos Legais

²² Este índice é o resultado da divisão do desvio padrão pela média.

dos Homossexuais” (Gini 0,31) e muito mais polêmica na questão sobre a crença na “periculosidade dos homossexuais” (Gini= 0,61).

Tabela 10: Média das diferentes dimensões de heterossexismo

	Média	Desvio Padrão	GINI
4.1 Heterossexismo	2,58	0,82	0,47
4.2 Intolerância aos Contatos Sexuais dos Homossexuais	3,52	1,09	0,31
4.3 A Favor dos Direitos Legais dos Homossexuais	3,61	1,09	0,23
4.4 Medo de Doenças	2,49	1,13	0,30
4.5 Atitudes (Negativas) da Família	2,26	1,11	0,37
4.6 Intolerância ao Contato Social com Homossexuais	2,40	1,21	0,30
4.7 Imoralidade da Homossexualidade	2,47	1,20	0,45
4.8 Crença na Periculosidade dos Homossexuais	1,80	0,74	0,61
4.9 Crença no Comportamento Estereotipado dos homossexuais	2,79	1,10	0,40
4.10 Crença nos Papéis Definidos da Homossexualidade	2,85	0,71	0,40
4.11 Brincar com/sobre Homossexualidade	3,60	0,83	0,30
4.12 Costume de Não Falar em/sobre Homossexualidade	2,65	1,09	0,46
4.13 Identidade Pessoal Possivelmente Homossexual	1,40	0,60	0,43

4. DIFERENÇAS DE ATITUDES ENTRE CATEGORIAS

As diferenças, ao mesmo tempo que são indispensáveis à vida, são consideradas “*incômodas*” por todos os que se preocupam com a noção, talvez cristã, de “*igualdade*”. Mas é essa busca pela igualdade entre as categorias, contudo, que torna mais acentuada a desigualdade ou as diferenças. Não basta, ao homem, ser um todo, um universo diferenciado dos demais. Ele precisa agrupar-se entre semelhantes e dessemelhantes, como se isso fosse possível. E não faz isso apenas com os seres vivos, precisa “*taxionomizar*”, dividir, regionalizar, compartimentar, reduzir tudo e todos a grupos, à categorias que, por definição, pertençam a uma mesma “*espécie*”, “*raça*”, “*natureza*”, e demais conceitos que, na prática, não podem ser sustentados. A única categoria em que podemos ter certeza de nossa “*homogeneidade*”, nossa única semelhança, seria a categoria dos diferentes. Por isso mesmo, tenho certeza de que encontraremos diferentes atitudes para com os homossexuais, dentro de cada categoria.

Neste trabalho, agrupei homens e mulheres, de diferentes idades, que estudam em diferentes cursos e em diferentes cidades. Desde que saibamos que estes “*grupos*” existem apenas enquanto representações, parece-me que poderemos “*dar-lhes vida*”, tratá-los enquanto categorias. Com isso, estarei buscando des e semelhanças no intuito de construir idéias gerais e, se possível, pensá-las dentro da individualidade de cada ser. Na certeza da igualdade dos seres e coisas, justamente pela impossibilidade de compararmos tamanha desigualdade, acentuarei, o tempo inteiro, as diferenças mais significativas e que explicam, ou não, certos comportamentos e ou atitudes.

Parece-me desnecessário, mas insisto em lembrar ao leitor que as diferenças não possuem qualquer conotação hierárquica, algo diferente é “*apenas diferente*”, mesmo que a comparação venha sempre acompanhada de “*mais isso*” ou “*menos isso*”. Resumindo: o fato de algo ser “*mais*” ou “*menos*” alguma coisa, de forma alguma significa que é “*melhor*” ou “*pior*”. Este alerta deve-se à facilidade com que sucumbimos à “*falácia naturalista*”, à tendência que temos em confundir o que “*é*” com o que “*deve ser*”. Quando digo que “*a mulher é diferente do homem*” não significa que ela “*deva (ou não) ser*” diferente.

4.1. DIFERENÇAS NA CATEGORIA SEXO

Caso pensemos nas diferenças entre as categorias, uma das mais interessantes (talvez no sentido da curiosidade) é a existente entre homens e mulheres. Lacan já afirmava que “*as mulheres não existem*”, pois são parte integrante da humanidade, e esta é feita de seres humanos (pertencente ou relativo ao homem). Para ele, o que justifica o fato da humanidade relacionar-se ao homem é a evidência de não existir, em qualquer cultura conhecida, o conceito “*mulheridade*”. Logo, as mulheres não existem porque são os mesmos *homens*, e vice-versa, em uma única humanidade. É claro que Lacan não se referia às diferenças biossociais, pois estas são inegáveis e, muitas vezes, irreconciliáveis (no sentido de que existem coisas que somente um dos sexos pode fazer), apesar de serem complementares.

A fim de analisar as diferenças de atitudes heterossexistas entre homens e mulheres, construí a Tabela N° 11.

Tabela 11: CATEGORIA SEXO: Heterossexismo entre homens e mulheres

	Média homens	Média mulheres	r	t=	r parcial
Heterossexismo	2,91	2,32	0,36***	-8,71	0,36***
Crença no Comportamento estereotipado	3,05	2,58	0,21***	-5,43	0,26***
Crença na Periculosidade	2,02	1,61	0,27***	-6,93	0,28***
Crença nos Papéis definidos	2,82	2,87	N. S.	0,96	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	2,80	2,19	0,26***	-6,49	0,26***
Intolerância ao Contato Social	3,13	1,80	0,54***	-15,97	0,54***
Identidade Possivelmente Homossexual	1,33	1,45	-0,10*	2,49	N. S.
Atitudes (Negativas) da Família	2,65	1,93	0,32***	-8,41	0,33***
Costume de não falar em homossexuais	2,81	2,52	0,13**	-3,23	0,10*
Medo de doença	2,63	2,37	0,12**	-2,85	0,12**
Favor dos Direitos Legais	3,42	3,78	-0,16***	3,99	-0,18***
Intolerância aos Contatos Sexuais	3,91	3,20	0,32***	-8,45	0,31***
Brincar com/sobre Homossexualidade	3,72	3,50	0,13**	-3,31	0,16**

* p<0,050 **p<0,010 ***p<0,001

r parcial controlando idade, cidade e curso.

Nesta tabela aparecem as diferentes médias e as correlações entre as diferentes atitudes heterossexistas e a categoria sexo (pergunta número 129 do questionário). Na coluna do r parcial (que está medindo a correlação entre a categoria sexo e as diferentes dimensões de heterossexismo) controlei as outras três categorias (cidade, idade e curso), notando que elas quase nada influíram nas diferenças das respostas entre os homens e as mulheres.

Nota-se na Tabela N°.11, algo que não chega a surpreender: os homens são mais heterossexistas que as mulheres. A bibliografia existente demonstrando os diferentes graus de heterossexismo, entre homens e mulheres, é muito vasta, e somente alguns poucos trabalhos não acharam diferenças nos comportamentos homofóbicos entre os dois sexos. No entanto, as análises feitas sobre estes trabalhos demonstraram que os mesmos não encontraram diferenças entre os sexos, por estarem preocupados mais em pesquisar as crenças culturais sobre a homossexualidade do que propriamente as atitudes pessoais para com os homossexuais (Levitt & Klassen, 1974; Rooney & Gibbons, 1966; Smith, 1971). Contudo, a grande maioria dos trabalhos, especialmente os mais recentes, é unânime em mostrar que os homens são muito mais heterossexistas que as mulheres, principalmente para com os gays (Brown & Amoroso, 1975, Millham et alli, 1976; Minnigerode, 1976; Nutt & Sedlaceck, 1974; Steffensmeier & Steffensmeier, 1974; Morin et alli, 1975; Morin & Wallace, 1976; Herek, 1996; Van de Vem, 1994; Bruce et alli, 1990; Price, 1982; Roese et alli, 1992; Seltzer, 1992; Stark, 1991; Dáugelli & Rose, 1990).

Assim, esta pesquisa também mostra um maior heterossexismo dos homens, especificamente para com os gays. Isto, provavelmente, deveu-se ao direcionamento do questionário à homossexualidade masculina. Estes comportamentos dificilmente, ou nunca, aceitos por um grupo que acredita ser

dominante e que estabelece como norma a fidelidade partidária masculina. Esta norma, por sua vez, tem início na infância, quando, para saber *quem* são, e até mesmo aprender *como* são, necessitam fazer parte do “*clube do Bolinha*”. Local onde os diferentes, as “*Luluzinhas e amigas*”, não podem entrar.

A tabela N^o.11 mostra que, além dos homens serem mais heterossexistas, também existe uma diferença muito elevada na forma como encaram as atitudes das suas famílias. Os homens disseram que as suas famílias têm atitudes mais negativas para com os homossexuais masculinos. Dificilmente isto reflete uma diferença real das suas famílias (afinal, os alunos têm irmãos e irmãs que, provavelmente, também mostrariam suas diferenças em uma avaliação a respeito de seus parentes). Trata-se, então, de diferenças na forma, a partir de lembranças da infância, ou, talvez, no tratamento diferenciado que receberam, de seus pais, enquanto meninos e meninas. Este assunto será melhor discutido no subcapítulo 5.3, quando analisarei a hipótese de que é na infância que aprendemos a ser heterossexistas. Mas, o fato de serem os homens os que mais temem aos homossexuais - “*intolerância aos contato sexuais*” ($r=0,32$), “*intolerância aos contatos sociais*” ($r=0,54$), “*crença na periculosidade*” ($0,27$) -, leva-me a pensar um pouco mais na questão, principalmente quando notamos que esses “*medos*” parecem ser constitutivos, pelo menos em nossa cultura, do papel sexual masculino, ou seja, do papel que a maioria dos pais ensina aos filhos.

A maior diferença, portanto, entre o comportamento de homens e mulheres para com os homossexuais é, precisamente, o “*medo aos contatos sociais com homossexuais*” ($r=0,54$). Segundo alguns estudos, as mulheres são menos homofóbicas que os homens porque mantêm maior contato pessoal com pessoas abertamente homossexuais (Herek & Capitano, 1995; Herek &

Glunt, 1993). Por hipótese, o que poderia justificar estes dados é que os mais procurados, se não os mais talentosos, “*profissionais da beleza*” - cabeleireiros, costureiros, maquiadores, etc -, são homens que, se não forem, terão muito mais sucesso se demonstrarem ser homossexuais. Estas profissões, de certa forma, são vistas por nossa cultura como “*coisas de mulheres*”, como diria Da Matta (1985) e, talvez por isso, justifiquem o distanciamento que a maioria dos “*homens*” (aqueles com papéis sexuais rigidamente masculinos), procura manter.

Perguntei, no campo, a um aluno do curso de Direito como ele se sentiria indo a um local onde a maioria dos profissionais fossem gays e ele respondeu: “*Ah, eu com certeza não estaria lá não, viu? Eu com certeza não estaria lá*” (H,V,D,C). Perguntei-lhe, então, qual o motivo, qual a impressão que lhe causaria, pois referia-me a um atendimento profissional, e ele justificou que “*Primeiro me causa tristeza, né. Tristeza. Porque... eles causam muita doença, não é? Você vai para uma aula de biologia e a professora fala sobre... é... infecções... sobre o intestino sobre coisas assim ... imagina o que uma relação dessas pode produzir... os homossexuais só têm riscos. É uma coisa que não tem princípios. Não vejo sentido....*”.

Assim, os homossexuais, profissionalmente falando, costumam estar mais em contato com as mulheres. Isto não aconteceria, no entanto, se elas os temessem. Tampouco existiriam as “*Fag Hag*” (“*madrinha-de-veados*”), mulheres que, sendo heterossexuais, vivem e convivem a maior parte de seu tempo entre homens homossexuais. Por outro lado, nunca ouvi falar em “*padrinho-de-veados*”.

Outro fator que me chama a atenção é que todas as *fag hag*, que conheço, não têm filhos, estão numa faixa etária acima dos trinta anos e, se não estão casadas, mantêm relacionamentos heterossexuais que procuram

manter longe de seus “*a-filhados*”. Com seus apadrinhados, ainda, vivem uma relação muito mais afetiva do que com outros homens. Eu diria, um relacionamento muito mais forte do que “*entre irmãos*”, a ponto de arriscar-me a nomeá-lo como “*maternal*”. Todavia, a forma como muitas das entrevistadas falavam de seus amigos homossexuais deu-me a impressão de que elas sentiam-se, de alguma forma, semelhantes a eles. Um exemplo é o caso de uma menina que tentou explicar-me como achava que seu amigo homossexual sentia-se a respeito da discriminação: “*é preciso ser mulher para entender o que é ser discriminada, ter mais capacidade e não ser reconhecida*” (M, J, S, F).

A diferença entre os sexos, para com a questão “*intolerância ao contato sexual com homossexuais*” é bem menor do que para com os “*contatos sociais*”. Hoje, embora seja considerado “*avançado*” para uma garota jovem (como é o caso da maioria das respondentes ao questionário) transar com “*homens sensíveis*” e, isso, muitas vezes, é confundido com “*feminilidade*”, ainda existe uma crença de que esses relacionamentos podem ser perigosos, ou sem nexos. A música “*Totalmente demais*”, divulgada por todas as rádios de sucesso, ressalta, em sua letra²³, este comportamento. Conheço algumas mulheres que preferem transar com homens declaradamente bissexuais e, ainda, uma que transa, exclusivamente, com homens bastante afeminados. É claro, a diversidade dos desejos humanos apesar de nos ajudar a pensar qualquer assunto, nunca o tornará conclusivo.

O “*fantasma da AIDS*” ainda grassa e, mesmo que as estatísticas provem o contrário, há uma forte crença de que esta síndrome é coisa de

²³ A música “*Totalmente demais*” de autoria de Arnaldo Brandão, Rogério Rafael e Tavinho Paes teve sua última regravação, no ano passado com a banda Hanoi Hanoi. Sua letra diz, no início: ... “*Linda como um nenem, que sexo tem? ... Namora sempre com gay, que nexos faz? Tão sexy gay!...*”

homossexuais²⁴. Quando perguntei a uma aluna se ela transaria com um homossexual, sua resposta deixou bem claro o seu medo da Aids. *“Nunca senti tesão por nenhum, sou bem franca em te dizer... agora... se já transei com alguém que... é homossexual... não sei te dizer. Mas, acho que se eu tivesse tesão por um cara e estivesse transando com ele e viesse a saber que é homossexual... bem se a transa fosse boa, acho que eu não pararia. Só que eu ia me preocupar muito com a questão da camisinha, né? Na hora do “dar e receber”... enfim...”*. Disse-lhe que, na minha opinião, ela devia se preocupar com isso mesmo transando com heterossexuais, ao que ela respondeu: *“Sim, com certeza mas... mais com homossexual. Engraçado, né? Isso é bem interessante. Mas eu acho que eles transmitem mais doenças... Eu acho que ai sim tem um cunho bastante... de preconceito... na questão da própria AIDS com relação aos homossexuais. Homossexuais e drogadictos, eu teria o mesmo... o mesmo preconceito, ou seja... o mesmo cuidado, tá? Se eu soubesse...”* (M,J,S,C). Isso, talvez possa explicar o fato das mulheres terem medo de doenças (2,37) no contato sexual com homens homossexuais. Mas não explica o porque dos homens, heterossexuais, serem mais temerosos do que as mulheres, para com essas doenças (2,63). Para a psicanálise, o medo está muito próximo ao desejo, pois não há medo se o objeto não for desejado.

Apenas 9 (3,2%), do total de 281 homens que responderam ao questionário declararam ter tido relações sexuais somente com pessoas do mesmo sexo; 25 homens (8,9%) declararam ter relações com ambos os sexos; e apenas 11 (3,9%) disseram não ter tido qualquer relação sexual. Logo, se

²⁴ Como exemplo, lembro que durante uma viagem de ônibus surgiu um cidadão pedindo ajuda por ser portador do vírus da AIDS. O que chamou minha atenção foi a ênfase que ele deu ao afirmar que não era homossexual. Nas suas palavras: *“peço ajuda por ser HIV positivo mas não contrai a doença através de uma relação homossexual e sim através de uma transfusão com sangue contaminado”*.

84% dos alunos, homens, que responderam ao questionário, mantêm relações com pessoas do sexo oposto, por que teriam medo de um “*imaginário*” contato com homossexuais? Parece-me que qualquer resposta que tenhamos a esta questão estará, obrigatoriamente, correlacionada ao desejo. O heterossexismo é praticamente universal, o que pode variar é a intensidade, as maneiras como, culturalmente, os homens exprimem as suas atitudes negativas para com os homossexuais. Sendo assim, poderíamos generalizar a questão e perguntar: se a grande maioria dos homens é heterossexual então, por que lutam tanto para impor sua heterossexualidade? Por que estes homens incomodam-se tanto com a homossexualidade “do outro”?

Aparentemente esta questão deve ser melhor esclarecida, principalmente se levarmos em conta a atual polêmica, entre os navegadores da Internet, causada pela declaração de Paul Cameron, um proeminente psicólogo cristão, fundador do “*Instituto de Pesquisa da Família*” e conhecido ativista anti-gay dos Estados Unidos. Ele afirmou à revista “*Rolling Stone*”, de 18 de março deste ano, que tem medo que as práticas sexuais homossexuais suplantem às heterossexuais caso não haja uma repressão por parte de uma sociedade vigilante. Segundo ele, o sexo marital não causa tanto prazer quanto o adquirido em uma relação homossexual²⁵.

Mas, no campo, as respostas que ouvi quando perguntava “*o que achavam da idéia de transar com outros homens*” eram, quase sempre (estou excluindo os 12,1% que apreciam este tipo de relação) muito parecidas: “*já imaginou que coisa horrível que deve ser um monte de pêlos roçando no*

²⁵ Nas palavras do Dr. Paul Cameron: “*If you isolate sexuality as something solely for one’s own personal amusement, and all you want is the most satisfying orgasm you can get - and that is what homosexuality seems to be - then homosexuality seems too powerful to resist. The evidence is that men do a better job on men, and women, if all you are looking for is orgasm*”... “*People in homosexuality are incredibly evangelical. It’s pure sexuality. It’s almost like pure heroin. It’s such a rush. They are committed in almost a religious way. And they’ll take enormous risks, do anything. ... Marital sex tends toward the boring end. Generally, it doesn’t deliver the kind of sheer sexual pleasure that homosexual sex does ...*” (Revista “*Rolling Stone*”, Março/99)

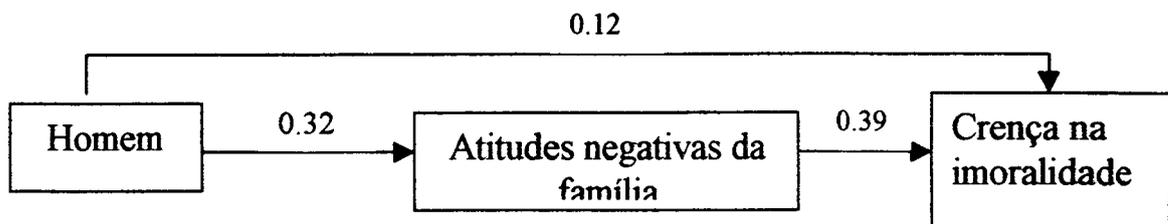
nosso corpo?”(H,V,C,D); “não sei como seria, mas deve ser muito parecido com uma luta de espadas” (H,J,F,S); “como será que eles decidem quem é quem na relação?” (H,J,C,S). “Ah... é... é complicado, né? Sei lá... eu nunca consigo imaginar... sabe... eu não aceito isso... esse aspecto assim... como é que eu digo... a gente só convive mas não aceita... sabe... eu não consigo me imaginar fazendo um troço desses, por exemplo... então, a partir do momento que você acha que você não consegue se por nessa situação... eu não sei... eu... não sei” (H,J,D,C).

Por outro lado, muitos responderam no pressuposto de que transar com outro homem seria “*comê-lo*” e, então, as respostas foram ainda mais veementes: “*você acha que eu achei meu pau no lixo, para enfiar na merda?*” (H,J,C,D) ou “*prefiro comer o cu de um porco do que de um veado*”. Confessei não ter entendido a resposta e o aluno explicou que “*se é verdade que quando ‘comemos’ os porcos eles não saem mais de perto da gente, imagina uma bicha?*” (H,V,C,D). Com esta resposta, ficou-me uma questão: será que o medo de fazer sexo com homossexuais deve-se, para alguns, ao medo de um relacionamento social com eles?

Uma aluna, também deu o seu parecer: “*eu nunca fui para a cama com uma mulher, entendeu?... Eu fico me imaginando que... puta que pariu... eu não teria tesão... de... de... sabe? ... de pegar peito... aquela coisa toda lisa. A diferença não é só no corpo, é no esfrega-esfrega mesmo, vamos... né? Utilizar termos claros aqui. Sabe? É... é a relação de corpo... essa coisa de química, de pele, de cheiro. Eu penso dessa forma. Sabe? Não tenho absolutamente nada contra... já tive amigas... que são... homossexuais... numa boa... e me contavam, e falavam e tentavam me explicar o detalhe das mãos, a questão do dedo como é que é... bá, há, bá... eu dizia: “Ó filha, falta...” Pra mim é isso”(M,J,S,F).*

A tabela N°.11, também mostra que os homens diferem bastante das mulheres quanto à “crença na imoralidade dos homossexuais”. Isto pode estar ligado à forma diferenciada como os pais “educam” seus filhos. Se é que podemos considerar educação o ato de “colocarem medo na cabeça das crianças”. Esta forma diferenciada de educar os meninos e as meninas, será discutida no subcapítulo 5.3. Mas, através das Figura N°.2, podemos demonstrar, através de uma “análise de trajetória”, que o fato de ser homem e achar que os homossexuais são imorais, pode ser atribuído às atitudes negativas de sua família.

Figura 2: Análise de Trajetória entre Sexo e Crença na Imoralidade



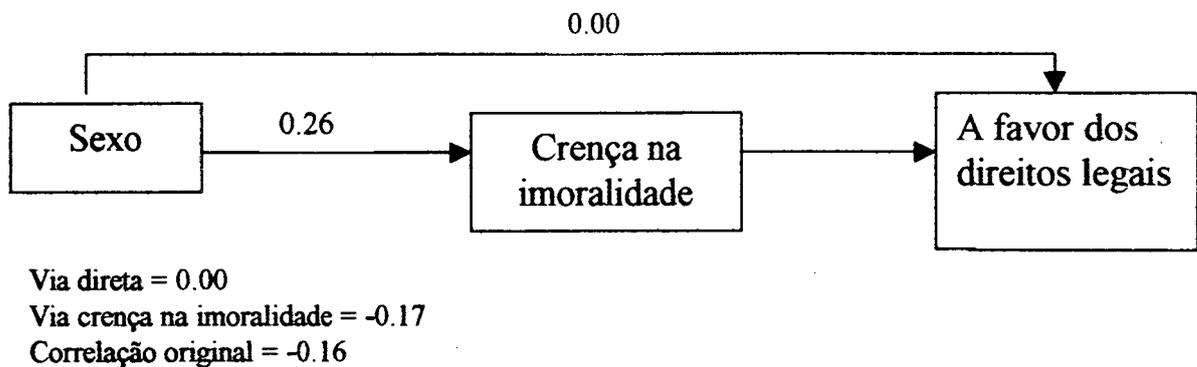
Via direta = 0.12

Via atitudes negativas da família = 0.12

Correlação original = 0.26

O fato de serem as mulheres as mais favoráveis aos Direitos Legais dos homossexuais deve estar atrelado à noção de imoralidade, ou mesmo de indignação dos homens frente aos seus pares desviantes. Pelo menos é o que nos demonstra a análise de trajetória da Figura N°.3.

Figura 3: Análise de Trajetória entre Sexo e Favorecimento aos Direitos Legais dos homossexuais



Esta mesma posição de indignação para com os gays, também foi detectada nas entrevistas com alguns homens entrevistados que afirmaram que “*esse bando de sem-vergonhas não merece qualquer consideração*” (H,J,F,S), ou “*esses tarados deveriam morrer empalados*” (H,J,C,S), “*onde já se viu homem casar com homem? Só isso já prova que eles são uma aberração da natureza*”(H,J,C,D).

Apesar de ter encontrado esta mesma postura “*machista*” (pelo menos na visão dos feministas), em algumas das mulheres entrevistadas, a maioria demonstrou uma visão mais “*materna*” ou até mesmo de “*união de classe*” (se é que posso chamar assim) em suas respostas a respeito dos Direitos Legais dos homossexuais: “*por que não? Todos nós queremos ser amparados e amparar àqueles que amamos*” (M,V,C,D); “*acho que os homossexuais são tão injustiçados quanto nós (as mulheres)*” (M,J,F,S). Outra entrevistada respondeu de uma forma que achei muito instigante. Segundo ela, “*não entendo esta briga dos homossexuais em querer casar. Será que eles já pensaram no trabalho que dá fazer um divórcio?*” (M,J,C,S).

Embora as diferenças entre homens e mulheres quanto às questões “*brincar com/sobre a homossexualidade*” e “*costume de falar em/de homossexualidade*” não sejam tão grandes quanto às anteriores, são significativas estatisticamente ($p < 0,001$). Isto é, a possibilidade de que essas diferenças sejam uma coincidência, é menor do que 1 em 1.000 tentativas. E, acho, que são expressivamente significativas, teoricamente. São os homens os que mais “*gastam seu tempo*”, como se diz, conversando e brincando sobre a homossexualidade. Se não há interesse, para que “*investir tempo*”?

4.2. DIFERENÇAS NA CATEGORIA IDADE

Ao pensar nas diferentes atitudes entre os maiores e os menores de 25 anos criei a Tabela N°.12, demonstrando que os mais velhos (equivalentes a 35% do total de alunos) são mais heterossexistas que os mais jovens.

Tabela 12: CATEGORIA IDADE: Heterossexismo entre maiores e menores de 25 anos de idade.

	Média > 25 anos	Média < 25 anos	r	t=	r parcial
Heterossexismo	2,78	2,54	-0,11*	2,49	N. S.
Crença no Comportamento estereotipado	2,96	2,76	N. S.	1,72	N. S.
Crença na Periculosidade	2,07	1,74	-0,17***	4,00	-0,09*
Crença nos Papéis definidos	2,93	2,83	N. S.	1,27	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	2,74	2,41	-0,10*	2,60	N. S.
Intolerância ao Contato Social	2,63	2,36	-0,09*	2,20	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	1,40	1,40	N. S.	- 0,06	N. S.
Atitudes (Negativas) da Família	2,38	2,23	N. S.	1,27	N. S.
Costume de não falar em homossexuais	3,10	2,56	-0,19***	4,73	-0,16***
Medo de doença	2,67	2,45	N. S.	1,69	N. S.
Favor dos Direitos Legais	3,25	3,69	0,15***	- 3,76	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	3,46	3,53	N. S.	- 0,70	0,09*
Brincar com/sobre Homossexualidade	3,13	3,70	0,26***	- 6,65	0,24***

* p<0,050 **p<0,010 ***p<0,001

r parcial controlando sexo, cidade e curso.

Entretanto, esta diferença deve-se ao fato de 2/3 destes respondentes, com mais de 25 anos, serem homens. Ao controlar a categoria sexo, esta diferença torna-se não significativa (r parcial = 0,22). Contudo, não é somente a categoria sexo que está influenciando esta correlação, pois as outras três categorias, no seu conjunto, tornaram ainda menos significativa a correlação entre idade e heterossexismo, conforme demonstro na coluna do r parcial, onde as controlo.

Os autores Britton (1990) e Herek (1984) revisaram mais de uma década de estudos sobre a idade das pessoas mais heterossexistas, citando evidências de que os mais homofóbicos costumam ser os homens, com mais idade e, quase sempre, com menos instrução. Porém, as pesquisas sobre a violência, para com as lésbicas e os gays, demonstram que aqueles que mais *agredem*, física e verbalmente, *homossexuais*, são os homens mais jovens (entre 16 e 25 anos), freqüentemente agindo em bandos e, quase sempre, são desconhecidos das vítimas (Berrill, 1990; Harry, 1990; Gay and Lesbian Rights Lobby, 1990). No Brasil, no ano passado, dentre os assassinos (identificados) de homossexuais, 71% tinham menos de 26 anos e 92% eram homens (Mott, 1999).

As maiores diferenças entre pessoas de diferentes idades estavam no fato dos mais jovens estarem muito mais acostumados a *“brincar com/sobre a homossexualidade”* ($r=0,26$) e *“falar de/sobre homossexualidade”* ($r=-0,19$). Sem dúvida, cada vez mais, as crianças e os jovens de hoje são familiarizados, através dos meios de comunicação, a conviver, de forma descontraída, com personagens declaradamente homossexuais. Se, isso poderia ser algo muito importante para minimizar o preconceito, não sei se chega a cumprir este desejo, pois existem muitos estudos, que criticam seriamente o papel da televisão, atualmente, na formação dos jovens: *“a programação apresentada visa a interesses comerciais, ao consumo, e não ao desenvolvimento do senso crítico e da flexibilidade de raciocínio”* (Rappaport, 1982).

No meu entender, este aumento na quantidade da exposição dos homossexuais, através da mídia, às crianças, não minimizará o preconceito. Ao contrário, estas programações apenas repetem e reforçam a imagem estereotipada e agressiva da homossexualidade. Pelo menos nos programas televisivos isso é muito comum. Exemplo disso foi a piada da apresentadora de TV, Ana Maria Braga: *“Você sabe qual é a maior tristeza de um pai caçador? Ter um filho viado e não poder*

matar” (Revista Injustiça, 1999). Mesmo quando os apresentadores tipo “*ratinhos*” não os detratam, eles são veiculados com os mesmos estereótipos e preconceitos que a nossa mídia costuma tratar os ditos “*grupos de minoria*”, como negros e mulheres, por exemplo. Os gays, aliás, aparecem quase sempre em posições subalternas - nunca os vi em posição de líderes ou dirigentes -, realizando tarefas domésticas e preocupados em cuidar de sua aparência. Quando não são brutalmente agredidos e/ou inferiorizados fazem o papel dos próprios agressores, aqueles que, por terem um comportamento desviante, justificam, por assim dizer, seus papéis de psico, ou sociopatas, na história. Por isso mesmo, as brincadeiras e comentários feitos por alunos mais jovens, no campo, sobre os homossexuais, eram sempre reforçadoras desse estereótipo e apareceram muito mais na imagem (nos gestos), do que na fala. Mas a falta de correlações entre “*brincar*” e as outras atitudes para com a homossexualidade masculina, mostra que “*brincar*” não é nada determinante do heterossexismo, pois tudo depende do teor da brincadeira.

Assim, talvez seja esta mesma divulgação da homossexualidade, este contato mais freqüente, que tenha tornado os mais jovens menos crentes - ou menos preocupados - com a imoralidade dos homossexuais ($r=-0,10$) e os que apresentam maior “*intolerância aos contatos sexuais*” (r parcial= $0,09$) com os homossexuais. Provavelmente, esta intolerância deve-se à própria “*busca de definições*”, situação comum na adolescência, onde, para a psicanálise, o “*objeto sexual*”, apesar de inconscientemente definido, deverá ser “*reconhecido*”, isto é, encontrado entre as mais diversas formas com que os humanos disfarçam a sua sexualidade. Assim, é comum os adolescentes desejarem tudo e todos, mas, quando esse desejo converge para algo “*perigoso no social*”, como é o caso da homossexualidade, o incômodo desse desejo pode ser muito grande.

Isto explicaria a intolerância, que nada mais é do que uma possível negação a um desejo incômodo: “*não tolero algo que ‘não existe’ e, por isso mesmo, ‘nem me*

incomoda', eu 'sou é normal', logo, 'quero' alguém do sexo oposto ao meu, e ponto final". Nesses discursos condensei as opiniões mais comuns dos adolescentes em análise, após falarem de seu pavor aos atos homossexuais. Também é muito comum, durante o relato sobre algum tipo de experiência homossexual, os adolescentes fazerem questão de "*convencer o analista*" com desculpas do tipo: "*isso 'não me incomodou nem um pouco' pois era uma bicha (entenda-se: um não-homem) que 'adorou ser comida' por mim*".

No campo, pude notar, através das expressões faciais, o mal-estar e até mesmo a má vontade, eu diria, com que as pessoas mais velhas respondiam ao questionário. Por exemplo, um homem (com mais de vinte e cinco anos) fez questão de ler, em voz alta, na sala de aula, a pergunta número 72: "*Homossexuais preferem ser passivos no ato sexual*", acrescentando, a seguir: "*como eu posso saber?*" Outros alunos, quando entrevistados, diziam que fora muito difícil responder à maioria das questões, pois: "*são mundos muito diferentes do qual eu vivo*" (M,J,C,D), "*irritou-me (sic) as perguntas sobre o comportamento desses veados, como eu posso saber o que eles gostam de fazer*" (H,V,C,D). Um outro, que chamarei de J., aparentando mais de quarenta anos, confidenciou-me: "*achei interessante o tema da pesquisa mas, quer saber, não acredito que as pessoas respondam com sinceridade*". Perguntei o motivo, e ele respondeu: "*quer saber, eu fui um dos que respondeu que nunca tive experiências com homossexuais. Eu não sou gay, tenho mulher e filhos, mas quando eu era bem jovem é claro que comi alguns veados. Como todos os homens fazem, não achas?*" (H,V,S,F). Disse-lhe que talvez estivesse certo, mas que eu não afirmaria ou utilizaria a palavra "*todos*". Essa confidencia lembrou-me, no entanto, o comentário feito pelo ex-ministro de esportes, Pelé, à revista Playboy, a respeito de sua primeira experiência sexual: "*Minha iniciação foi com uma bicha que nosso time inteiro comeu, lá em Bauru*" (JP-A REVISTA, 1998).

4.3. DIFERENÇAS NA CATEGORIA CIDADES

Sem dúvida, as diferenças culturais, climáticas e populacionais são muito grandes entre essas cidades, que têm quase o mesmo tamanho. Enquanto a Ilha de Florianópolis tem 425 km², com mais de quarenta praias, e uma população de, aproximadamente, 300.000 habitantes, Curitiba tem 432 km² repletos de parques e shopping centers, além de uma população de, aproximadamente, 1.500.000 habitantes - sem contar a Região Metropolitana. O clima, devido à diferença nas altitudes, é bastante específico em cada uma das cidades: enquanto Florianópolis encontra-se ao nível do mar, Curitiba está a 908 metros de altitude.

Historicamente, Florianópolis foi colonizada, basicamente, pelos habitantes da Ilha de Açores (1738) e, por isso mesmo, possui um folclore muito rico, baseado no misticismo, nas crenças, tradições e festas açorianas. Já Curitiba possui um caráter bem mais heterogêneo em sua cultura: no século passado houve grandes imigrações de austriacos (1800), sírio libaneses (1800), japoneses (1808), alemães (1829), italianos (1877), poloneses (1871), ucranianos (1891), judeus (1889), ingleses e americanos (1867) e, ainda neste século, holandeses (1911) e suíços (1921).

Assim, enquanto Curitiba, aculturou-se através de diversos povos, a maioria do continente europeu, Florianópolis apenas adaptou a cultura de outra ilha: Açores, que em muito diferenciava-se de seus colonizadores, os portugueses. Conforme Santos:

Vale a pena lembrar que as ilhas de Açores e Madeira foram colonizadas pelos portugueses no século XV. Os imigrantes portugueses que se instalaram naquele arquipélago, tiveram que se adaptar ao novo meio ambiente de declives cercados de água por todos os lados. Sofreram também uma acomodação no que se refere aos seus valores culturais trazidos do continente. O relativo isolamento em que ficaram essas populações, seja devido à situação

geográfica das terras ocupadas ou as circunstâncias tecnológicas da época, provocou um diferenciamento cultural entre os que foram e os que ficaram. Nesse contexto, enquanto os imigrantes se adaptavam às novas condições com o aparecimento de novos símbolos e valores culturais, os portugueses no continente estavam expostos a um ecletismo e a um grande dinamismo cultural emergente nessa época. Os imigrantes, isolados desse processo, não puderam acompanhar as mudanças que aconteciam na metrópole. Assim sendo, a população imigrante que veio para o litoral catarinense no século XVIII, não portava a cultura européia vigente daquele século e sim estava presa a símbolos e valores que eram vigentes na Europa do século XV (Santos, 1971, apud Cardoso, 1994). Os grifos são meus.

Visando detectar as diferentes atitudes heterossexistas, entre as cidades de Curitiba e Florianópolis, construí a tabela N°.13, que demonstra haver uma diferença significativa no heterossexismo de ambas. E esta questão não se deve às diferenças entre os sexos, as idades ou aos cursos, pois o r parcial, mostrado na tabela, controla estas três categorias e, com isso, ressalta, ainda, mais as diferenças. Por que os alunos de Curitiba são mais heterossexistas que os de Florianópolis?

Tabela 13: CATEGORIA CIDADE: Heterossexismo entre Curitiba e Florianópolis

	Média Curitiba	Média Florianópolis	r	t	r parcial
Heterossexismo	2,65	2,46	-0,11*	2,49	-0,18***
Crença no Comportamento estereotipado	2,91	2,57	-0,14***	3,63	-0,17***
Crença na Periculosidade	1,88	1,65	-0,15***	3,66	-0,15**
Crença nos Papéis definidos	2,95	2,67	-0,19***	4,55	-0,18***
Imoralidade dos Homossexuais	2,58	2,26	-0,13**	3,25	-0,19***
Intolerância ao Contato Social	2,36	2,49	N. S.	-1,23	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	1,37	1,45	N. S.	-1,43	0,10*
Atitudes (Negativas) da Família	2,34	2,10	-0,11**	2,73	-0,14**
Costume de não falar em homossexuais	2,69	2,57	N. S.	1,38	-0,11*
Medo de doença	2,62	2,25	-0,16***	3,97	-0,17***
Favor dos Direitos Legais	3,49	3,84	0,15***	-3,77	0,16***
Intolerância aos Contatos Sexuais	3,47	3,62	N. S.	-1,56	N. S.
Brincar com/sobre Homossexualidade	3,52	3,76	0,14**	-3,43	N. S.

* $p < 0,050$ ** $p < 0,010$ *** $p < 0,001$

r parcial controlando sexo, idade e curso.

A tabela N° 13 demonstra que os alunos de Curitiba, em muitos aspectos, são menos tolerantes, para com a homossexualidade. Todas as atitudes negativas para com os homossexuais são maiores nesta cidade: quanto à “*crença na imoralidade dos homossexuais*” ($r = -0,19$), de sua “*periculosidade*” ($r = -0,15$) e no “*medo de que os homossexuais transmitam doenças*” ($r \text{ parcial} = -0,17$). Os curitibanos também acreditam mais na existência de “*papéis definidos*” ($r \text{ parcial} = -0,18$) e “*comportamentos estereotipados*” ($r \text{ parcial} = -0,17$) nos homossexuais.

Notamos, ainda, que não foram significativas as diferenças para com o “*medo ao contato sexual*” e “*social*” com os homossexuais, da mesma forma que não é diferente a quantidade de pessoas com “*identidade possivelmente homossexual*”. Acho que as diferenças nestas últimas variações têm mais a ver com diferenças individuais do que com as diferenças culturais.

Werner (manuscrito, 1996) sugeriu que o heterossexismo é gerado pela insegurança das pessoas quanto ao seu nível na hierarquia social, afirmando que nas sociedades onde prevalecem as alianças pessoais e uma hierarquia estável, a homossexualidade é mais tolerada por reforçar as alianças e as hierarquias, se comparada às sociedades com hierarquias menos estáveis ou com hierarquias baseadas em critérios formais. Nessas, a competência de um candidato a qualquer cargo ou posição social prevalece sobre a simples indicação pessoal (baseada na amizade ou parentesco).

De acordo com seu pensamento, a homossexualidade masculina evoluiu dos próprios “*rituais de dominância*”, em que cada macho precisa mostrar quem domina e quem é dominado. Werner parte de observações de que existem diversos jogos homossexuais entre os primatas, a fim de demonstrarem e demarcarem, entre si e para os outros, quem domina quem, ou seja, suas posições hierárquicas. Estas relações hierárquicas são a base da cooperação que,

posteriormente, evoluem também em alianças. Segundo Werner, “*se a associação entre cooperação e homossexualidade é correta, então seria de esperar que os seres humanos [exibissem] mais atividades homossexuais do que outros animais*” (Werner,1996).

Assim, quanto mais estáveis hierarquicamente forem as sociedades com alianças pessoais, menos heterossexismo haverá, pois a homossexualidade não terá papéis rígidos. Dessa forma, não importará muito quem for ativo e/ou passivo, porque já existe uma hierarquia que estabelece quem comanda, ou domina, quem. Neste caso convém ao “*dominante*” mostrar a sua “*generosidade*” (às vezes, assumindo posturas submissas), para assegurar a fidelidade de seus seguidores. Quanto mais instáveis hierarquicamente forem estas sociedades, maior será a necessidade do homem “*demarcar*”, socialmente, quem domina quem. Seria perigoso assumir posturas submissas pois elas poderiam ser interpretadas como fraquezas. Conseqüentemente, os papéis homossexuais serão muito rígidos, desembocando num preconceito apenas para com o homossexual passivo, que será sempre o dominado. Segundo os estudos de Fry (1982), o Brasil seria um excelente exemplo deste tipo de sociedade e, no meu entender, Florianópolis, também. No caso de sociedades que privilegiam a competência dos indivíduos, como nos Estados Unidos e alguns países do norte da Europa - eu incluiria a cidade de Curitiba -, há uma necessidade do social reprimir todas as formações de alianças e, com isso, reprimir “*demonstrações de dominância*” e “*alianças pessoais*”. Logo, o preconceito seria contra qualquer ato homossexual em si.

Para descobrir qual das cidades valorizava mais as relações Formais e Impessoais, calculei as médias, entre as duas cidades, para a pergunta N°. 01, do questionário - “*No Brasil, ter um bom ‘curriculum’ é a melhor garantia para o sucesso profissional*”. Nesse caso, foram os alunos de Curitiba os que

apresentaram maior média²⁶. Parti do princípio de que estes alunos estavam pensando no local onde provavelmente irão, ou gostariam de, trabalhar. O fato dos alunos de Curitiba serem mais favoráveis a um bom currículo, então, deve-se à idéia de que, na capital paranaense, isso lhes será de maior valor. Ao contrário, os alunos da capital catarinense acreditam menos na validade de um “currículo”, pois pretendem trabalhar em uma cidade que valoriza mais as relações pessoais, onde um “padrinho pode ajudar muito mais do que um título”. Parece-me não haver discordância entre estas respostas e a realidade objetiva.

Esta realidade objetiva é bastante clara para quem já viveu nestas duas cidades. Não há dúvida de que as Relações Pessoais são muito mais ressaltadas na Ilha de Florianópolis, que possui cerca de 20% da população de Curitiba e tem o turismo como forma de extração da renda. Logo, não existem tantos empregos no comércio e sequer existem indústrias, como em Curitiba, onde as relações empregador/empregado costumam ser mais Formais. Em Florianópolis, os empregos, na sua grande maioria, dividem-se em trabalhos públicos - e muitos ocupam cargos de confiança - e trabalhos autônomos, gerados, sobretudo, pela pesca ou pelo turismo.

Morando no norte da Ilha, pude conhecer vários habitantes do local, tanto os “estrangeiros” quanto os “manezinhos²⁷”, como os nativos do lugar gostam de nomear os que nasceram em outras cidades e a eles próprios, respectivamente. Por mais que nós, os “estrangeiros”, estejamos integrados ao dia-a-dia da comunidade, podemos sentir claramente esta divisão entre “nós” e “eles”.

26	Médias da Pergunta N°. 01
Curitiba	3,90
Florianópolis	3,69
t=2,29 r = - 0,09 p < 0,025 r parcial= 0,12 p < 0,003	

²⁷ Este termo tem sido utilizado até mesmo pela prefeitura de Florianópolis, em suas campanhas de valorização às pessoas que nasceram na Ilha. Os poucos florianopolitanos que nasceram no Continente não são considerados “manezinhos”.

Certa vez, inclusive, participei de uma discussão comunitária, organizada pelo intendente²⁸, a fim de deliberar sobre a construção de uma nova estrada na região da praia onde vivia. Desde o início da reunião estava bastante clara a posição, dos “manezinhos”, contrária à construção da estrada. Mas isso não impediu que diversas opiniões, pró e contra, fossem ouvidas. Pareceu-me, entretanto, mais uma discussão entre familiares do que entre vizinhos de um mesmo bairro. Isto mudou quando um dos moradores, que comprou sua casa há mais de 6 anos, resolveu tomar a palavra para defender os benefícios que esta estrada poderia trazer, se não ao Balneário, pelo menos para o terreno onde ficava sua casa. Imediatamente houve um silêncio e logo alguém gritou: “cala a boca gaúcho. E tu entendes alguma coisa de praia? Volta para a tua terra. Vai criar bois e depois manda eles pra nós fazermos a nossa farra²⁹”.

A ambigüidade, nas relações pessoais com a homossexualidade, também é muito comum na Ilha. Por exemplo, na conversa entre homens, em uma “rodinha” num bar, onde estes falam de futebol e de suas transas com as mulheres, também é comum surgir o comentário de que já “faturaram” este ou aquele “veadinho”. Estava presente a uma destas reuniões, quando passou na praia, em frente ao bar, um homem com todas as características femininas e, para minha surpresa, ouvi o seguinte comentário: “vocês já comeram aquela bicha que está passando? Ela tem uma bundinha deliciosa”. E a resposta ouvida foi: “Não, ela já está muito velha. Eu gosto é de rabo de veadinhos novos”. Uma possível relação, destas diferenças nas regras sociais entre as duas cidades, talvez possa ser o fato de haver em Florianópolis uma “cultura litorânea”, onde as pessoas costumam usar pouca roupa, facilitando o contato com novas pessoas e de uma forma bastante descontraída, típico de uma “cultura de praia”.

²⁸ Um funcionário público, nomeado pela prefeita, que atende aos problemas públicos de sua comunidade.

²⁹ Alusão às famosas festas ocorridas nas semanas anteriores ao domingo de Páscoa, chamada “Farra do Boi” que, mesmo sendo proibidas em lugares abertos, continuam acontecendo e contam com a presença até mesmo da polícia que, teoricamente, atua no sentido de se fazer cumprir as novas normas que estabelecem o uso de mangueirais, para os bois. Mas isso nem sempre acontece e, a desculpa para a infração, é sempre a mesma, como presenciei por duas vezes: “veja seu guarda, o danado do boi fugiu do mangueiral”.

4.4. DIFERENÇAS NA CATEGORIA CURSOS

A escolha dos cursos de Direito e Comunicação Social foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa pelo fato de ambos apresentarem, com referência à busca da igualdade plena, diferenças e igualdades entre si. Na diferença, o primeiro forma os advogados, que, em seu trabalho (estudando e aplicando legalmente as leis) estarão intimamente ligados ao Poder Judiciário (o que *judicia as atitudes* em geral) e, o segundo, por diplomar profissionais dos meios de comunicação em geral - fundamentais para a formação de opinião e, conseqüentemente, *atitudes*. A semelhança, é que enquanto o Direito interfere muito mais em um dos três poderes (o Judiciário), em que se assenta uma Constituição, a Comunicação Social é vista por alguns teóricos como o “*Quarto Poder*”.

Para fazer esta discussão construí a Tabela N^o.14, da mesma forma como fiz para comparar as outras três categorias anteriores.

Tabela 14: CATEGORIA CURSO: Heterossexismo entre Direito e Comunicação Social

	Média Direito	Média Com. Social	r	t=	r parcial
Heterossexismo	2,72	2,45	-0,16***	3,79	-0,14**
Crença no Comportamento estereotipado	2,80	2,78	N. S.	0,19	N. S.
Crença na Periculosidade	1,85	1,74	N. S.	1,80	N. S.
Crença nos Papéis definidos	2,83	2,86	N. S.	-0,58	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	2,65	2,29	-0,15***	3,74	-0,15**
Intolerância ao Contato Social	2,67	2,15	-0,21***	5,41	-0,17***
Identidade Possivelmente Homossexual	1,33	1,47	0,12**	-2,90	0,13**
Atitudes (Negativas) da Família	2,33	2,19	N. S.	1,52	N. S.
Costume de não falar em homossexuais	2,86	2,45	-0,19***	4,74	-0,17***
Medo de doença	2,58	2,41	N. S.	1,87	-0,11*
Favor dos Direitos Legais	3,52	3,71	0,09*	-2,11	0,09*
Intolerância aos Contatos Sexuais	3,69	3,36	-0,15***	3,70	-0,11*
Brincar com/sobre Homossexualidade	3,51	3,69	0,11**	-2,76	0,13**

* p<0,050 **p<0,010 ***p<0,001

r parcial controlando sexo, cidade e idade.

Na revisão bibliográfica tomei conhecimento de que os estudantes de colégios conservadores e religiosos demonstraram ser mais homofóbicos e mais

temerosos ao contágio da AIDS do que os estudantes das escolas mais liberais (Bouton et alli, 1989). O fato dos alunos do curso de Direito, em comparação aos do curso de Comunicação Social, serem mais heterossexistas e também acreditarem mais na “*imoralidade dos homossexuais*”, surpreendeu-me, talvez por querer acreditar que estes futuros advogados se preocupassem menos com uma moral absolutíssima.

A constatação de que os alunos de Comunicação Social estão mais acostumados a “*falar em/sobre homossexualidade*” ($r=-0,19$), possivelmente, deva-se à necessidade destes estarem se preparando para exercer uma profissão que lhes exigirá temperamento mais comunicativo e conhecimentos mais ecléticos, se comparados aos alunos que estudam Direito. Entretanto, a maior diferença entre os dois cursos está na “*intolerância aos contatos sociais*” ($r = 0,21$): os alunos de Comunicação Social são bem mais tolerantes.

Isso, talvez, possa ser explicado através da minha experiência clínica. Já analisei advogados e jornalistas, sendo que alguns eram assumidamente homossexuais e, através desses, notei a diferença, entre os dois tipos de profissionais, em assumirem, publicamente, a homossexualidade. Para os jornalistas, isso não era trazido à análise enquanto uma “*queixa*”. Ao contrário, cansavam de referir-se a uma suposta homossexualidade entre seus colegas, ficando claro que se havia algum problema com às suas orientações sexuais, este, não era causado pelo exercício profissional. Com os advogados, o discurso era totalmente diferente. O cuidado para que seus clientes não soubessem de suas opções sexuais, atormentava-os constantemente. Entre estes, era muito comum “*ter de aparentar*”, socialmente, garantindo (mesmo que pagando) a companhia de algumas mulheres, para que fossem vistos em público e em locais onde possivelmente encontrariam seus clientes, mesmo que fossem “*clientes em potencial*”.

Segundo meus clientes, existiriam muitos advogados gays, mas o conhecimento disso seria restrito às pessoas do meio. Lembro que um dos discursos dizia: *“você acha que alguém contrataria um advogado gay? Acho que nem eu o faria. Dificilmente um advogado ganhará uma causa se não contar com o respeito do juiz”*.

A Tabela Nº.14 confirma os discursos e situações acima, demonstrando que os alunos do curso de Direito são mais intolerantes aos contatos sexuais e sociais com os homossexuais, e que a diferença, entre os dois cursos, para os *“contatos sociais”* é maior do que a diferença para os *“contatos sexuais”*. Provavelmente porque é no contato social que os advogados podem ser vistos, e julgados, por seus futuros clientes. Assim, tem mais motivação para evitar estes contatos.

Essas lembranças levaram-me a tabelar as respostas às perguntas de números 135 e 136 do questionário, em que os alunos responderam sobre a quantidade de experiências sexuais e com quem as tiveram. Assim, criei a Tabela Nº.15, onde registro, percentualmente, a quantidade de alunos, por sexo, curso e cidade, que declararam ter tido experiências sexuais apenas com pessoas do mesmo sexo e/ou também com pessoas do sexo oposto.

TABELA 15: Percentual de alunos que declararam ter tido comportamentos homossexual e/ou bissexual

%	HOMENS			MULHERES			TOTAL GERAL
	Com. Social	Direito	Total	Com. Social	Direito	Total	
Curitiba	18,8%	3,8%	10,0%	5,1%	6,2%	5,0%	8,0%
Florianópolis	19,4%	10,6%	11,1%	4,9%	3,4%	7,6%	8,8%
Total Geral	19,0%	7,3%	10,2%	5,1%	5,0%	6,2%	8,3%

À primeira vista, notamos que o Curso de Comunicação Social possui mais que o dobro de alunos masculinos que tiveram comportamentos bi ou homossexuais, se comparados aos do curso de Direito. Embora o número de alunos com comportamentos homossexuais e/ou bissexuais possa ser maior no curso de Comunicação Social, o que justificaria sua média mais alta para a variável “*identidade possivelmente homossexual*” ($r=0,15$), acredito que a diferença real não seja tão grande assim. Através dos relatos colhidos no trabalho de campo (vide, por exemplo, a confidência que me fez o aluno J., descrito no capítulo 5.2) e de minha experiência clínica, acredito que alguns alunos do Direito, principalmente de Curitiba, sentiram-se constrangidos em assumir tais comportamentos, na sala de aula. E, possivelmente, este constrangimento deva-se à enorme diferença entre o vanguardismo da Comunicação Social e o tradicionalismo do Direito.

A diferença na quantidade de alunos do curso de Comunicação Social, com estes comportamentos, é mínima, se compararmos entre as cidades de Curitiba (18,8%) e Florianópolis (19,4%). A mesma comparação para o curso de Direito demonstra que Florianópolis possui quase três vezes (10,6%) mais alunos com comportamentos bi/homossexuais do que a cidade de Curitiba (3,8%). Mais uma vez, acredito que esta diferença não está no curso, mas na própria cidade de Curitiba, ou melhor, nos alunos que fazem o curso de Direito na capital paranaense.

É interessante notar que, no curso de Comunicação Social, tanto em Curitiba quanto em Florianópolis, quase não há diferença na quantidade de mulheres e homens que declararam ter tido experiências bi ou homossexuais - 5,1% para 4,9% e 18,8% para 19,4%, respectivamente. Contudo, no curso de Direito a situação é bastante diferenciada: o dobro das alunas de Curitiba (6,2%) declarou ter estas mesmas experiências, se comparado com as alunas de

Florianópolis (3,4%) e, a quantidade de homens que declararam ter “*experienciado*” estes comportamentos é quase três vezes menor em Curitiba (3,8%) do que em Florianópolis (10,6%).

Se enfocarmos apenas a cidade de Curitiba, notamos que a diferença na quantidade de mulheres que declararam ter “*experienciado*” comportamentos bi e/ou homossexuais é muito pequena entre os dois cursos (5,1% e 6,2%), e esta mesma diferença é desproporcionalmente grande entre os homens (3,8% e 18,8%). Portanto, acho válido afirmar que a necessidade dos alunos do curso de Direito “*em ter de ocultar*” seus comportamentos bi e/ou homossexuais, reserva-se, exclusivamente, aos homens. Mas, com isso, ficaria a pergunta: Será que, em Curitiba, as pessoas valorizam mais uma advogada lésbica do que um advogado gay? Ou será que é a própria profissão que, sendo considerada “*trabalho para homem*” (pelo menos é como os próprios advogados falam) abre mais as portas às mulheres mais masculinizadas ?

Conversando com os professores dos cursos de Direito sobre a diferença nos desempenhos de homens e mulheres, na profissão de advogado, notei que existe uma certa rivalidade entre os sexos e, isso, é falado o tempo inteiro. Uma professora contou-me: “*sendo o Direito uma profissão para homens é fácil notar a diferença na capacidade entre os alunos e as alunas. As mulheres que cursam Direito, na sua maioria, são muito mais brilhantes que os homens. Caso contrário, elas nem entram para o curso*”. Comentando isso com um professor, ele deu risada e disse: “*pode ser que esta professora esteja certa, mas eu duvido. Acho que ela confundiu ‘brilhantismo’ com ‘machismo’.* Não nego que existem alunas brilhantes no curso, mas tanto quanto os alunos. O que eu noto é que aquelas alunas que possuem um comportamento menos feminino, digamos assim, são realmente muito brilhantes”. Outro professor também contestou: “*elas têm que entender que a profissão de advogado é para homens, pois, na*

hora de escolher um bom advogado, que defenda os seus direitos, até mesmo as mulheres preferem contratar um homem”.

Entretanto, depois de inúmeros cálculos, tentando encontrar mais dados que pudessem clarificar o fato do curso de Direito, em Curitiba, ser o mais heterossexista, encontrei algo, no mínimo curioso: é significativa a mudança de atitudes dos alunos do sexo feminino, do curso de Direito em Curitiba, com relação aos Direitos Legais dos homossexuais, ou seja, estas alunas, do quarto e quinto anos do curso, são menos favoráveis aos direitos. Para chegar a esta conclusão precisei controlar as variáveis “*cidade*” e “*sexo*”. Resolvi, então, examinar as mudanças entre as séries, olhando apenas as mulheres do curso de Direito, em Curitiba. A Tabela 16 demonstra esta diminuição nas médias referente aos Direitos Legais dos homossexuais. Com estes índices, fica-nos a pergunta: será que com o passar dos anos, o próprio curso vai tornando as atitudes das mulheres semelhante às dos homens? No início deste capítulo assinalamos que é grande a diferença entre homens e mulheres tanto com referência ao heterossexismo quanto ao Direito Legal dos Homossexuais.

TABELA 16: Média das alunas do curso de Direito, em Curitiba, para a variável “a favor dos Direitos Legais dos Homossexuais”

ANO DE DIREITO	MÉDIA	N
1 ^o . ano	-	0
2 ^o . ano	3,63	31
3 ^o . ano	3,63	25
4 ^o . ano	3,16*	11
5 ^o . ano	2,45**	13

* t para a diferença entre 4^o. mais 5^o. séries versus as outras séries = -3,01 p < 0,003.

** t para diferenças entre a 5^a série e as outras séries = - 3,16 p < 0,002.

5. TEORIAS SOBRE O HETEROSSEXISMO

Os primeiros estudos que visavam dar conta das atitudes negativas para com os homossexuais, buscavam entender muito mais a homossexualidade em si, inferir sobre os motivos que levavam os homossexuais a serem discriminados pelo social (MacDonald & Games, 1974). Mas, nas últimas décadas, a maioria dos estudiosos reconheceu que é muito mais frutífero estudar as dificuldades encontradas nas “*maiorias dominantes*” em aceitar a diversidade dos comportamentos sexuais, do que buscar “*problemas*” nas “*minorias*” discriminadas (Billingsley, 1970; Herzog, 1970; MacDonald, 1970).

Neste capítulo, contraporei os dados encontrados no campo, com as teorias e idéias sobre o heterossexismo, complementando a fundamentação teórica. Examinarei, separadamente, cada uma das hipóteses.

5.1. PRECONCEITO RACIAL

Começo a discussão sobre as causas de heterossexismo examinando a sua relação com outro preconceito - o racismo. Escolhi a pergunta Nº. 03 - “*Seria muito ruim se muitos negros morassem no meu prédio, pois isso poderia baixar o valor do imóvel*” - para averiguar se as pessoas que são racistas também são heterossexistas.

Segundo Adorno (1950), existiria uma “*personalidade preconceituosa*”, pois as pessoas com algum preconceito tendem a generalizar e, de uma maneira geral, terminam tendo preconceito contra categorias similares a de seu preconceito original. Os estudos de Adorno confirmaram pesquisas de outros autores que indicam que os preconceitos tendem a seguir unidos. Os indivíduos que tinham preconceitos contra judeus, tendiam a também ter contra todos os “*estrangeiros*”, de forma geral.

Construí, então, a tabela Nº.17:

TABELA 17: Médias de Preconceito Racial, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Médias	t	p <
HOMEM	1,85	- 2,49	0,013
MULHER	1,61		
CURITIBA	1,71	- 0,20	N. S.
FLORIANÓPOLIS	1,73		
> 25 ANOS	2,15	4,30	0,000
< 25 ANOS	1,63		
DIREITO	1,85	2,89	0,004
COM. SOCIAL	1,59		

N. S. = Não Significativo

Analisando a Tabela N.º.17, constato que os homens, os alunos do curso de Direito, e os alunos com idade superior a 25 anos, são mais racistas que as mulheres, os alunos de Comunicação Social e os mais jovens. Mas, o fato da pergunta não medir apenas o racismo, mas também a questão de uma possível desvalorização do imóvel, talvez tenha prejudicado esta análise. Possivelmente, não se trate de “racismo”. O fato dos homens mais velhos lidarem com a aquisição e negociação dos imóveis da família, poderia, talvez, explicar estas diferenças. Da mesma forma que o curso de Direito contribuiu com 15% a mais nas respostas dos homens (165 homens e 140 mulheres), pode-se justificar a diferença de 14% encontrada entre as médias dos dois cursos.

Calculei, então, a tabela N.º.18, onde controlei as categorias sexo, idade e curso na busca de correlações entre racismo e heterossexismo.

TABELA 18: Preconceito e Heterossexismo e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r	r parcial
Heterossexismo	0,33***	0,33***
Brincar com/sobre homossexualidade	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	0,23***	0,25***
Intolerância aos Contatos Sociais	0,26***	0,29***
A FAVOR DOS Direitos Legais	-0,21***	-0,20***
Crença no Comportamento Estereotipado	0,16***	0,15**
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.
Medo de Doenças	0,23***	0,27***
Imoralidade dos Homossexuais	0,22***	0,23***
Crença nos Papéis Definidos	0,21***	0,22***
Crença na Periculosidade	0,31***	0,32***
Atitudes (Negativas) da Família	0,19***	0,18***
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	0,13**	0,09*

* p < 0,050, ** p < 0,010, *** p < 0,001 e N. S. = Não Significante
r parcial controlando sexo, idade e curso.

Os índices encontrados reafirmaram que os alunos mais racistas também são mais heterossexistas ($r=0,33$), mais intolerantes aos contatos sociais ($r=0,26$) e sexuais ($r=0,23$) com os homossexuais e os que acreditam na periculosidade

($r=0,31$), na capacidade de transmitir doenças ($r=0,23$), e na imoralidade ($r=0,22$) destes. O índice negativo referente a “*ser a favor dos direitos legais dos homossexuais*” ($r=-0,21$), conseqüentemente, é congruente com os índices anteriores.

Possivelmente uma das grandes causas do heterossexismo encontra-se no preconceito geral e nas vantagens que podemos extrair disso. Mas essas vantagens, acredito, poderão ser melhor entendidas mais adiante, quando for analisado o “*oportunismo egoístico*”.

No campo, encontrei as mais diversas formas de explicitarem o racismo, apesar de todos negarem ser racista. Perguntei a uma aluna se ela tinha amigos negros e a resposta foi: “*Tenho. O pessoal preto que estuda comigo... Mas o que eu não gosto é de negro pobre*” (M,J,S,F). Uma outra justificou: *Eu os trato igual aos brancos mas negro é negro. Por exemplo, se eu me envolveria com um preto? Preto assim tição? Não. Mas... ah, se você se apaixonasse? Eu acho que teria uma dificuldade extrema de me apaixonar. Mas na vizinhança, na universidade, o brincar com negros... tudo bem*” (M,V,D,F).

Um aluno ao falar que os gays eram discriminados pelo social disse-me: “*só que muitos deles (os gays) tem de agir de acordo, né? Então acaba sendo mais frágil, digamos assim... e acaba... e é a tendência natural a essa forma... só que muito deles eu acho... esses que tentam manter... sabem que a sociedade não aceita... porque querendo, ou não é discriminado... tenho certeza disso... noventa por cento, todo mundo discrimina... falam ah, não, não...é que nem... pessoas pretas... negras... né? Eles também... todos são... na minha opinião o país é muito machista nesse aspecto...*” Perguntei-lhe se ele era racista e ele, num discurso extremamente preconceituoso, respondeu-me: “*Não cara, eu não sou racista... não sou... tipo... nunca tive problemas... assim... né? Mas, mas... a cultura é... você... você vê aí... você vê... pessoas ricas... negras... quantas*

têm? Jogador de futebol... e eles não tem cultura... acesso à cultura... acesso ao dinheiro... muitos poucos tem... muitos poucos... a maioria é marginalizada... político... já viu presidente? Senador? Deputado? Deputado, se tem moreninho é lá... lá pelo nordeste... mas não tem... então, só aí, já começa... viu? Professor, tem professor negão? Tem algum lá em Florianópolis? Um? E quantos professores tem aqui em Curitiba... então eu acho que eles são muito marginalizados... ” (H,J,D,C).

5.2. MEDO DE SER HOMOSSEXUAL

Para averiguar a hipótese de que o heterossexismo possa advir do medo de possuir-se tendências homossexuais utilizei apenas uma das perguntas do questionário, por ser bastante direta: a pergunta N°.111, “*Eu tenho medo de vir a desejar sexualmente alguém do mesmo sexo*”. Examinando esta pergunta com as quatro categorias obtive a tabela N°.19, que demonstrou que o medo de ser homossexual não estava associado a nenhuma das categorias analisadas no capítulo anterior: sexo, idade, cidade ou curso.

TABELA 19: Médias do Medo de Ser Homossexual, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Médias	t	p =
HOMEM	2,08	- 1,02	N. S.
MULHER	1,96		
CURITIBA	2,01	- 0,17	N. S.
FLORIANÓPOLIS	2,03		
> 25 ANOS	2,05	0,26	N. S.
< 25 ANOS	2,01		
DIREITO	1,94	- 1,33	N. S.
COM. SOCIAL	2,09		

N. S. = Não Significante

Assim, sendo desnecessário calcular o r parcial, construí a tabela N°.20, onde pode-se notar que a pesquisa não confirma a idéia de que as pessoas heterossexistas são as que teriam medo de vir a desejar sexualmente alguém do mesmo sexo.

TABELA 20: Medo de Ser Homossexual e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r
Heterossexismo	N. S.
Brincar com/sobre homossexualidade	0,12**
Intolerância aos Contatos Sexuais	0,10*
Intolerância aos Contatos Sociais	0,13**
A FAVOR DOS Direitos Legais	N. S.
Crença no Comportamento Estereotipado	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	0,26***
Medo de Doenças	0,08*
Imoralidade dos Homossexuais	N. S.
Crença nos Papéis Definidos	N. S.
Crença na Periculosidade	0,08*
Atitudes (Negativas) da Família	0,08*
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	0,09*

* p < 0,050, ** p < 0,010, *** p < 0,001 e N. S. = Não Significante

Embora as correlações com os diferentes aspectos de heterossexismo não tenham sido das mais altas, a maioria delas aponta à idéia de que se alguém tem medo de ser homossexual, ele acreditará que a homossexualidade é algo perigoso ou até mesmo nocivo. Esta idéia pode ser demonstrada pelo fato dessas pessoas serem mais intolerantes aos contatos sociais ($r=0,13$) do que os sexuais ($r=0,10$) com os homossexuais e os acharem perigosos ($r=0,08$) e passíveis de transmitir doenças ($r=0,08$). Entretanto, é preciso não confundir as pessoas com “*medo de suas tendências homossexuais*” com as pessoas com uma “*identidade possivelmente homossexual*” que, no capítulo 3, através da Tabela N°.8, demonstraram não ser mais nem menos, heterossexistas do que as demais.

O índice de $r=26$, demonstrando que as pessoas que mais tem “*medo de ser homossexuais*” também possuem “*uma identidade possivelmente homossexual*” pode ser um problema de redundância, já que as duas variáveis medem coisas parecidas.

5.3. APRENDIZADO NA INFÂNCIA

Ao averiguar esta hipótese utilizei a pergunta N°99 - “*Minha família sempre me alertava para os perigos que representam os homossexuais*” - por considerá-la uma excelente “*medida*” para detectar àqueles que, de certa forma, cresceram ouvindo dizer que “*os homossexuais não são bons, pois são perigosos*”. Deduzo, aqui, que nenhuma criança, pelo menos em nossa cultura, gostará de algo “*ruim*” ou “*perigoso*”, que a ameace. Mesmo que o medo sempre ande junto ao desejo, muitas vezes preferimos fugir de tais desejos. Ao examinar esta questão com as quatro categorias obtive a tabela N°21.

TABELA 21: Médias dos que tiveram um Aprendizado na Infância (a não gostar dos homossexuais), por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Médias	t	p <
HOMEM	2,59	- 6,99	0,000
MULHER	1,85		
CURITIBA	2,33	3,68	0,000
FLORIANÓPOLIS	1,91		
> 25 ANOS	2,43	2,05	0,041
< 25 ANOS	2,13		
DIREITO	2,20	0,25	N. S.
COM. SOCIAL	2,17		

N. S. = Não Significante

O motivo desse “*aprendizado na infância*” ocorrer muito mais entre os homens, do que entre as mulheres, pode ser facilmente explicado pelo fato, já comentado, de que a homossexualidade masculina é vista como muito mais

“perigosa” (para os homens) do que a feminina. Logo, são os “meninos”, e não as “meninas”, os mais “massacrados” com alertas sobre perigos hipotéticos. Muitas vezes, a “mensagem de alerta contra os homossexuais” nem precisa ser expressa, verbalizada, pois a forma das crianças aprenderem é “apreendendo” os comportamentos dos adultos e deduzindo, através de uma lógica bipolar, os conceitos que lhes estão sendo transmitidos. Isto é, as crianças não apreendem somente o que lhes dizemos, elas também apreendem com o “não dito”, com o “oposto ao que é dito”. Por exemplo: quando dizemos que “bom menino é aquele que estuda” também estamos dizendo que “MAU menino é aquele que NÃO estuda”. Quando incentivamos, reforçamos, o comportamento másculo - o que, infelizmente, muitas vezes, é confundido com “agressivo” - de um menino, ou mesmo quando elogiamos que “ele já é um homenzinho pois ‘não trouxe desaforos para casa’”, também estamos “informando” que os não-meninos - tanto faz se são as meninas ou os “não-homens” -, somente serão elogiados pela sua pacificidade e que “podem trazer desaforos para casa”. Quem sabe, ainda, “chorar na cama que é lugar quente” até que surja um homem - ou uma não-mulher - que resolva estes problemas “da rua”, lembrando Da Matta (1985).

Outras formas dos pais assustarem seus filhos com a homossexualidade talvez sejam menos sutis. Qualquer cultura é bastante clara quanto às opostas maneiras de educarmos meninos e meninas, ou seja, de mostrar quais são os seus papéis. Enquanto *as femminas sapiens* possuem total liberdade afetiva com seus pares - o que inclui dormir juntas e até mesmo abraçadas -, o mesmo não acontece com “a outra parte da maçã”. Os meninos são policiados o tempo inteiro pela família para que “não toquem” em seus amiguinhos, pois isso “não é coisa de homem”, e sim, de não-homens. Talvez esse costume de “policiar” os meninos advenha da própria natureza desses “sapienzinhos” que, mesmo

controlados, ou talvez até mesmo “*por isso*”, quase sempre dão um jeito de explorar seus corpos e os de seus amiguinhos.

É interessante notar a ambigüidade dos pais, mas principalmente das mães, com relação a essa proibição. Ao mesmo tempo que reforçam o fato de que é muito feio os meninos ficarem se “*tocando*” ou se “*agarrando*”, existe uma “*submensagem*”, como eu chamaria, que talvez seja fruto do desejo dos genitores, de que nessas brincadeiras, o “*certo*”, o “*correto*” ou até mesmo o “*bom*”, seria que o “*seu*” filho, mais “*se*” do que “*quando*”, explorasse a sua sexualidade com os outros meninos, sempre fizesse o papel do “*homenzinho da estória*”, ou seja, tendo a capacidade de “*sacanear*” o amiguinho, colocando-o no papel feminino. Estatisticamente esta relação, no real, obviamente não pode condizer com esse desejo dos pais pois, no mínimo, 50% deles, necessariamente, seriam frustrados neste desejo. Mas, ainda bem que passamos a maior parte do tempo no imaginário, onde as estatísticas apenas comprovam aquilo que desejamos e “*os pais só vêem o que querem (podem) ver*”.

A grande diferença nas médias entre estas cidades remete-nos ao mesmo comentário, já feito, sobre as diferenças sócio-culturais. Com relação ao “*pavor*” dos pais, e seus conseqüentes alertas, aos meninos, sobre o perigo da homossexualidade, lembra-me que, em campo, por duas vezes, ouvi, em Curitiba, dois alunos referirem-se ao fato de terem crescido ouvindo seus pais dizerem que: “*preferiam ter dez filhas putas do que um filho veado*” (H/M,J,D,C). Em Florianópolis, os alunos não fizeram grandes comentários, pelo menos não tão fortes, sobre o que costumavam ouvir de seus pais a esse respeito, na infância. Um aluno declarou que “*se um de meus irmãos fosse veado, acho que meu pai ficaria muito magoado... no início... mas acho que ele aceitaria. A minha mãe, então, nem se fala. Ela é dez*” (H,J,S,F). Chamou muito a minha atenção o fato de encontrar inúmeras famílias, com seus filhos no colo, durante o baile de carnaval gay deste ano,

em Florianópolis. Gays, lésbicas, travestis e heterossexuais (homens, mulheres e crianças) divertiam-se juntos, inclusive sob o aval da prefeita que, além de prestigiar o baile gay da cidade, coroou a melhor fantasia, ou a “*Rainha Top Gay*”.

O fato de serem as pessoas com mais de vinte e cinco anos as que mais aprenderam na infância a não gostar de homossexuais parece-me bastante óbvio. Afinal, as gerações mais novas, cada vez mais, como vimos no subcapítulo 4.2, convivem com figuras sexualmente ambíguas. Quando estas figuras não existem no próprio seio de sua família “*ganham vida*” através da televisão e, muitas vezes, estas figuras são admiradas e até mesmo “*heroinizadas*” por seus familiares, o que diminuiria um pouco a atenção dessas crianças para o “*perigo dos homossexuais*”.

A fim de averiguar a hipótese de que o heterossexismo resulta de uma aprendizagem na infância, controlei as categorias sexo, cidade e idade, construindo a Tabela N.º.22 que, de forma “*gritante*” ($r=0,47$), ressalta a idéia de que os mais heterossexistas são os que mais aprenderam, na infância, a não gostar de homossexuais.

TABELA 22: Aprendizado na Infância (a não gostar dos homossexuais) e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r	r parcial
Heterossexismo	0,47***	0,39***
Brincar com/sobre homossexualidade	0,14***	0,16***
Intolerância aos Contatos Sexuais	0,24***	0,18***
Intolerância aos Contatos Sociais	0,36***	0,28***
A FAVOR DOS Direitos Legais	-0,22***	-0,17***
Crença no Comportamento Estereotipado	0,33***	0,26***
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.
Medo de Doenças	0,31***	0,29***
Imoralidade dos Homossexuais	0,34***	0,28***
Crença nos Papéis Definidos	0,20***	0,19***
Crença na Periculosidade	0,44***	0,38***
Atitudes (Negativas) da Família	0,82***	0,80***
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	0,12**	N. S.

* $p < 0,050$, ** $p < 0,010$, *** $p < 0,001$ e N. S. = Não Significante
r parcial controlando sexo, cidade e idade.

Os altos índices encontrados em algumas variáveis apenas reforçam as idéias de que, possivelmente, eram repassadas a estas crianças, hoje jovens alunos, a idéia de que não deveriam gostar dos homossexuais, a crença na “*periculosidade*” ($r=0,44$), no “*medo de que transmitam doenças*” ($r=0,31$) e na “*imoralidade*” ($r=0,34$) dos homossexuais. Demonstra também que estes alunos possuem a “*crença de que os homossexuais possuem comportamentos estereotipados*” ($r=0,33$) e “*papéis definidos*” ($r=0,20$), o que resultaria em uma “*intolerância aos contatos sociais*” ($r=0,36$) e o fato de serem “*contra os direitos legais*” ($r=-0,22$) dos gays. O altíssimo coeficiente para as “*Atitudes negativas da Família*” ($r=0,82$) não será analisado, pois deve-se a uma questão técnica: a pergunta N^o.99 representa 50% dessa escala.

Ainda, chamou-me a atenção o fato dos alunos que aprenderam a não gostar dos homossexuais, na infância, serem mais tolerantes aos “*contatos sexuais*”, do que aos “*contatos sociais*” com os homossexuais. Talvez, isso tenha a ver com a discussão anterior, sobre uma “*submensagem ma/paterna*”, de que os meninos terminam aprendendo a ser muito mais intolerantes com os homossexuais no nível social ($r=0,36$), “*pois seus pais poderiam vir a descobrir*”, do que no nível sexual ($r=0,24$), onde “*é por debaixo dos lençóis que os atos se escondem*” ou, como canta Ney Matogrosso, “*o que a gente faz é por debaixo dos panos, pra ninguém saber...*” (Ceceu, 1982).

No campo, notei que a forma como esses pais “*educam*” seus filhos sobre a homossexualidade era quase sempre de uma forma indireta, falavam de algo que até poderia ser positivo mas que continha uma submensagem negativa. Um aluno contou-me que “*a minha mãe trabalhava no SESI e dava aula para ...trabalhos manuais. E, tinha nas aulas de trabalhos manuais, tinha e naquela época eles chamavam de “pessoas educadas”. Não chamavam... eles eram tratados, né, como exemplos, “olha que moço educado”. Eu me lembro... eles*

não eram crianças, assim, vamos dizer vinte e poucos anos e a gente era criança de seis, sete anos. Então, eu lembro de um que não tinha o dedo e gostava muito de fazer tapete. Era aluno da minha mãe. E a minha mãe dizia “não, esse moço é educado”. Quer dizer, a gente sabia, porque a gente era tudo moleque de escola, a gente... quer dizer, a gente dizia; ‘mãe a senhora não quer que a gente seja educado igual a ele não, né?’ Ela dizia ‘Não’. Então, ela quer dizer, a gente sabia que... a mãe procurava... então... porque... eles se aproximavam muito desse tipo de pessoas, né, eles faziam artesanato, faziam... junto com as mulheres, se reuniam, né, eu me lembro disso perfeitamente” (H,V,D,C).

Outro, comentou que seus pais falavam muito sobre os homossexuais mas *“muito encima de brincadeiras... tipo assim... ah... muita TV... depois... você via eles andando... meu pai brincava muito, tal... Tipo assim... ah... falava... sei lá... uma vez tinha um menino, um cara lá que era veado... e tal... daí a gente ó... não sei o que... falava muito de... sempre na brincadeira... veado... não sei o que... tal... se via um traveco na rua brincava... gritava... ia lá olhava... chamava a atenção... na TV... sei lá... tinha programas... tinha filmes... que sempre mostrava isso aí... e nesse aspecto aí... meu pai, eu me lembro, meu pai conversou comigo... falou... ó isso é assim... tal, tal e tal... Aí, uma vez eu tinha um amigo que era mais velho... e eu tinha que dizer pro pai que o cara não estava fazendo nada... eu tinha 7/8 anos e o cara tinha 15/16... e então eu saía com ele, tal, e o meu pai alertou... acho que algo como para eu não sair da área... porque ele estranhava a condição, sei lá... muito mais velho...”* (H,J,S,C).

Outro, disse-me que seus pais preocupavam-se muito em que os filhos não andassem com gays mas que não falavam mal dos homossexuais: *“Acho que não é mal... mas acho que é pela própria tendência...né? Acho que pelos valores...”*

sei lá... valores principalmente... se você é homem, homem... nasceu para fazer isso, trabalhar e... não para ficar ... dando... pra outros homens... isso é pra mulher... né? É valores sim... criação... coisa meio burra eu acho, sabe? Eu venho... lógico que tem uma linha direta com um scriptzinho.. vai, faça isso, assim... mas você, num contexto, você vai captando né, é uma coisa que não é muito de falar... você vai crescendo no meio... num meio que alerta... meus amigos, os amigos do meu pai... é... sempre... muita brincadeira e eu acho que até essas brincadeiras chamam mais a atenção... né... falando de veado, acho que o cara é um veado, não sei o que ...ele fez não sei o que e vão debochando... e você acaba aprendendo encima daquilo também...” (H,J,D,C).

O discurso das mulheres não foi muito diferenciado quanto a diferença dos ensinamentos para homens e mulheres. Uma aluna, confidenciou-me que seus pais sempre comentaram muito sobre o perigo dos homossexuais, mas preocupavam-se apenas com seu irmão (3 anos mais jovem). “*Eu lembro que pra mim, eu podia ter amigos homossexuais... amigo, amiga, tal... ele (o irmão) não. Pera aí... Cuidado... Esse meu amigo que estudava comigo deu aula para ele e tinha sempre essa coisa assim... não... péra aí... esse cara é estranho... Mas ele vivia lá em casa. Meu amigo ele podia ser, dele não...*”. Perguntei se ela sabia do que seus pais tinham medo e ela respondeu-me: “*A idéia de que os homossexuais atacam? Ou a idéia de que ele goste... que ele ache interessante... talvez seja a idéia da cantada mesmo... meio que de proteção... e tem toda aquela educação diferenciada... menino pode isso, menina pode aquilo... e a minha família era extremamente... machista, tanto o pai quanto a mãe. A minha família não gosta, eles não gostam... em casa eles tratam bem e só aparecem os comentários quando estou só eu... assim... quer dizer... isso é até maldade... o meu pai não comenta... o meu pai prefere não comentar... ele deixa quieto... ele sabe... mas ele nunca comenta nada, e eu também não penso em comentar com*

ele... a minha mãe tira sarro... tira sarro porque ela tem a mesma postura que eu... ela se assusta e... depois ela acha normal e... então ela tira sarro da minha cara” (M,J,S,C).

Apenas uma aluna afirmou que não havia uma educação diferenciada entre ela e seu irmão e que seus pais nunca comentaram nada sobre homossexualidade. *“Meus pais educaram todos nós (2 irmãs e um irmão) da mesma forma. Mesmo porque... o meu irmão era tão fracote, era tão gay quando era pequeno que, olha, era um chorão... olha, as mulheres eram mais forte. Acho que hoje, que eu saiba, ele não é gay. Ele é casado... Mas ele podia chorar e fazer tudo o que as mulheres faziam... Tinha a relação... por exemplo... mas isso era feito tanto com as meninas como quanto com ele... assim... sabe? Se você brigasse lá fora... e apanhasse... você apanhava dentro de casa também. Isso era lei. Do pai e da mãe... Dos dois. Minha mãe não se metia muito, vamos ser honestos... mesmo porque a coisa da época, tal... meu pai era um gauchão, né? Macho tchê bá bá bá, aquele papo, né? Mas a mulherada também foi criada mais ou menos nesse estilo. Assim... sem tanta fragilidade... tinha aquela diferença assim... o macho tem a liberdade de sair e comer quinhentas mas a mulher só pode dar depois de casar... essa coisa tinha bem clara... mas não sei se é porque era cidade do interior não se questionava muito a questão da homossexualidade. Não sei nem se tinha homossexuais na cidade. Não sei, não se falava nisso. Tinha... assim... cochichos... ‘Ah... filho do fulano virou veado’... mas isso bem depois. Eu já morava aqui” (M,V,S,F).*

5.4. INTERESSES PRÓ-FAMÍLIAS

A fim de averiguar a hipótese de que as pessoas mais favoráveis às políticas governamentais em prol da família são mais heterossexistas, criei a Escala N°.15 (Vide Apêndice III). A escala mostra-se pouco confiável ($\alpha=0,21$) mas, mesmo assim, resolvi averiguar se há correlação com heterossexismo.

Com o objetivo de comparar as atitudes pró-famílias com as quatro categorias analisadas no capítulo cinco, criei a Tabela N°.23, onde a categoria “cidade” foi a única que demonstrou uma diferença significativa - Curitiba (2,86) e Florianópolis (2,97). A observação de que os alunos de Florianópolis são mais favoráveis às políticas pró-família pode estar mais relacionada com a já citada diferença entre alunos que estudam em uma universidade pública (Florianópolis), mais paternalista, e uma privada (Curitiba), onde existe um reconhecimento de que há conflitos de investimentos, e não a uma diferença entre as cidades em si. Por outro lado, as diferenças entre as cidades, comentadas no subcapítulo 4.3 (os laços pessoais de Florianópolis *versus* os laços formais de Curitiba), também podem estar influenciando essa diferença.

TABELA 23: Médias das Pessoas A Favor das Políticas Pró-famílias, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Médias	t	p <
HOMEM	2,90	0,02	N. S.
MULHER	2,90		
CURITIBA	2,86	- 2,51	0,012
FLORIANÓPOLIS	2,97		
> 25 ANOS	2,82	-1,51	N. S.
< 25 ANOS	2,92		
DIREITO	2,91	0,25	N. S.
COM. SOCIAL	2,89		

N. S. = Não Significante

Durante o trabalho de campo, inclusive, ficou clara essa peculiaridade entre as duas universidades. Enquanto os alunos de Florianópolis, em sua grande maioria, vinham de outras cidades e, por isso mesmo, moravam sozinhos ou em “*repúblicas*”, com outros estudantes, a grande maioria dos alunos de Curitiba mora com a família. Talvez “*a distância aumente a saudade*”, como apregoam os romances. Conseqüentemente, esta distância pode influir em uma visão voltada para o “*bem da família*”, desse objeto que (e talvez por isso mesmo) estando longe, possa assumir, em nosso imaginário, o seu lugar idealizado na infância e, por ser um ideal (algo a ser perseguido mas nunca alcançado), ativar certas “*culpas*” (também imaginárias). Essas culpas, por sua vez, facilmente podem ser compensadas com “*juras*” de amor eterno, saudades, promessas de, ao retornar, compensar - ou ser recompensado - por esse tempo em que a vida “*os manteve distantes*”. Nesse estado de espírito, parece-me óbvio que qualquer questionário será respondido de forma a favorecer a família, ou seja, espera-se que as respostas sejam “*pró-famílias*”. Enfim, há várias explicações possíveis para essa diferença e, certamente, essas inferências não poderão ser feitas aqui.

Prosseguindo na análise dessa hipótese, controlei a categoria “*cidade*” e construí a Tabela N°.24, onde o coeficiente de $r=-0,12$, entre as “*políticas pró-famílias*” e o “*heterossexismo*”, é conclusivo: ao contrário do previsto, as pessoas com opiniões menos pró-famílias são as mais heterossexistas. Uma possível explicação para o fato dessa hipótese ter sido confirmada entre os americanos da pesquisa de Werner, mas não aqui, talvez seja a enorme diferença sócio/psíquica/cultural entre os brasileiros e os “*filhos do Tio Sam*”, ou mesmo, neste caso, a enorme diferença entre as formas dos brasileiros verem e preocuparem-se com as políticas governamentais.

TABELA 24: Pessoas A Favor das Políticas Pró-famílias e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r	r parcial
Heterossexismo	-0,12**	-0,11*
Brincar com/sobre homossexualidade	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sociais	N. S.	N. S.
A FAVOR DOS Direitos Legais	0,12**	0,11*
Crença no Comportamento Estereotipado	N. S.	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.
Medo de Doenças	N. S.	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	N. S.	N. S.
Crença nos Papéis Definidos	N. S.	N. S.
Crença na Periculosidade	- 0,11*	-0,10*
Atitudes (Negativas) da Família	- 0,09*	-0,11*
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	-0,08*	N. S.

* p < 0,050, ** p < 0,010, *** p < 0,001 e N. S. = Não Significante
r parcial controlando cidade.

Possivelmente, enquanto entre os americanos e entre a maioria dos europeus, há uma tradição, e um aprendizado, na luta pelo “*welfare state*”, no Brasil não passamos por esse processo evolutivo (desde o feudalismo até o capitalismo) que “*construiu*”, pouco a pouco, a categoria cidadania. Concordo com Covre quando ela afirma que “*o Brasil já nasceu no período de transição para o capitalismo, ainda que ordenado por relações feudais*” (Covre, 1995). Somos frutos do capitalismo (do ponto de vista da exploração e da subalternização) dos “*outros*”, justificado pelo fato de termos sido colônia de Portugal e, também, de certo modo, uma espécie de “*colônia*” da Inglaterra, pois não passávamos de um país exportador de matérias-primas imprescindíveis para o processo industrial inglês. Enquanto os “*outros*” (americanos e europeus) aprendiam, através de muitas lutas, a “*parir*” (de sua mãe: o capitalismo) um conceito de democracia e cidadania, nós “*acordamos*” para a nossa condição de explorados, sem que precisássemos de muita luta.

Tirando partido da pressão popular, nossa classe dominante adiantou-se e, através de uma “*Democracia Populista*” (autoritária e atravessada pelo liberalismo e pelo monopolismo), atendeu, de forma expressivamente ambígua, às reivindicações populares. Em resumo, nosso “*crescimento*”, ou mudança de um estado explorado para um tipo de “*Brazilian Welfare State*”, ocorrido nos anos 30/40, foi muito rápido e, de certa forma, se não podemos dizer que foi impingido ao povo, certamente podemos afirmar que não surgiu de uma luta, de uma conquista. Esse novo modelo de nação chegou ao Brasil através de um projeto nacionalista já fora de moda e caduco pois “*esse projeto fora o da Inglaterra no século XIX, o da França do fim do século XVIII, o da Alemanha e Itália no fim do século XIX*” (Covre, 1995).

Enquanto os americanos sabem (porque aprenderam) avaliar os prós e os contras das políticas governamentais, nós, a grande maioria dos brasileiros, não estamos acostumados e/ou não sabemos fazer uma macro avaliação dessas políticas e, por isso mesmo, não nos preocupamos com as políticas governamentais, mesmo porque elas mudam muito rapidamente. Isso justifica o fato das mesmas “*pessoas que são a favor das políticas pró-famílias*” serem, também, a favor dos “*Direitos dos homossexuais*”, como se não acreditassem que o fato do governo dar prioridade a um tipo de política (no caso, pró-família) implique em uma diminuição de verbas para as outras políticas incompatíveis com a priorizada. Essa noção de causa/efeito das políticas governamentais parece-me ser muito incipiente na maioria dos brasileiros.

Por outro lado, embora possa não ser verdade, é muito comum ouvir-se dizer que os brasileiros são “*generosos e de coração aberto*” e que são “*pró-família, por natureza*”, algo semelhante aos italianos serem “*pró-mama*”. Isso, talvez, possa explicar o fato de que os mesmos alunos que são mais favoráveis às políticas pró-família, também sejam favoráveis aos Direitos Legais dos

Homossexuais ($r=0,12$). Estes alunos demonstraram não acreditar na periculosidade dos homossexuais ($r = -0,11$) e não vieram de famílias que possuíam atitudes negativas para com os homossexuais ($r=-0,09$). Talvez estes alunos pudessem ser chamados, por aqueles que acreditam nisso, de “generosos” ou “de bom coração”. Assim, pergunto-me, até onde esses alunos “generosos” estariam associando homossexuais com crianças, ou com comportamentos infantis? Ou será que não o associam enquanto “pobres doentes”? Como relatou uma aluna: “a relação deles não traz nenhum benefício social, não gera nada, a não ser doenças”(M,V,D,F).

5.5 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS NEGATIVAS

Apesar de, pessoalmente, achar muito fraca a hipótese de que o heterossexismo deve-se às experiências pessoais negativas com os homossexuais, a idéia é muito popular e bastante difundida entre as pessoas. Por isso mesmo mereceu ser testada. Assim, para averiguar esta hipótese, utilizei a pergunta N°.128 - “*Homossexuais já me colocaram em situações constrangedoras*”, construindo a Tabela N°.25.

TABELA 25: Médias das Experiências Pessoais Negativas, por sexo, cidade, idade e curso

Categories	Médias	t	p <
HOMEM	1,90	- 6,57	0,000
MULHER	1,42		
CURITIBA	1,59	-1,82	N. S.
FLORIANÓPOLIS	1,74		
> 25 ANOS	1,51	-1,59	N. S.
< 25 ANOS	1,67		
DIREITO	1,58	-1,74	N.S.
COM. SOCIAL	1,71		

N. S. = Não Significante

Diante dos dados apresentados, é preciso lembrar que já vimos, no subcapítulo 4.1, que são as mulheres as que costumam “*gastar mais seu tempo*” junto aos gays (aos quais referem-se este questionário), logo, deveríamos esperar que fossem elas as que tivessem mais experiências negativas com os mesmos. Mas, isto não ocorreu: foram os homens que declararam ter mais experiências

negativas com os homossexuais masculinos (média de 1,90 e $p < 0,000$). Uma explicação para essa aparente inversão pode, provavelmente, ser encontrada na qualidade das relações que homens e mulheres mantêm com os gays. Enquanto os homens dificilmente mantêm contatos sociais (positivos ou negativos) com os homossexuais masculinos, as mulheres fazem-no mais freqüentemente mas, com exceção das “*Fag Hags*”, em uma relação hierarquicamente superior, são elas que pagam pelos inúmeros serviços prestados pela maioria deles, enquanto “*profissionais da beleza*”.

Para dar continuidade a esta análise, construí a Tabela N°.26, na qual controlei apenas a categoria sexo.

TABELA 26: Experiências Pessoais Negativas e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r	r parcial
Heterossexismo	0,10*	N. S.
Brincar com/sobre homossexualidade	0,21***	0,18***
Intolerância aos Contatos Sexuais	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sociais	0,14**	N. S.
A FAVOR DOS Direitos Legais	N. S.	N. S.
Crença no Comportamento Estereotipado	0,13**	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	0,10*
Medo de Doenças	N. S.	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	N. S.	N. S.
Crença nos Papéis Definidos	N. S.	N. S.
Crença na Periculosidade	N. S.	N. S.
Atitudes (Negativas) da Família	0,08*	N. S.
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	-0,10*	-0,17***

* $p < 0,050$, ** $p < 0,010$, *** $p < 0,001$ e N. S. = Não Significante
r parcial controlando sexo.

O questionário refere-se apenas à homossexualidade masculina, o que leva-me a crer que foram justamente os alunos com uma “*identidade possivelmente homossexual*” (r parcial = 0,10), os que apresentaram maior propensão ao contato mais íntimo com seus pares. Essa exposição, inclusive, é uma das

condições para que hajam experiências negativas em nível pessoal. Assim, a minha pesquisa ficou longe de poder confirmar essa crença popular de que as pessoas mais heterossexistas são àquelas que já tiveram experiências pessoais negativas com os homossexuais.

Mas, ainda é possível afirmar, até certo ponto, que os próprios homossexuais tenham preconceitos contra a homossexualidade, como vimos no subcapítulo 1.4.2. Afinal, por diversas vezes escutei, em conversas com gays, muita recriminação e até mesmo críticas à maneira como se comportam alguns desses homossexuais “*diferentes*” daqueles que falavam. E, muitas vezes, escutei-os afirmando, por brincadeira, ou não, que “*odeiam veados*” pois “*bom mesmo, é homem*”, segundo eles.

Ao iniciar esta pesquisa, confesso que não tinha idéia da enorme diversidade dentro da categoria homossexual. A própria forma como se intitulam (a si mesmos ou aos outros) já demonstra isso: “*Barbies*”, “*Bichas*”, “*Veados*”, “*Bofes*”, “*Boiolas*”, etc. Talvez seja essa diversidade entre as “*tribos*” que as leva a uma “*guerra etnocêntrica*” em busca do reconhecimento de “*suas culturas*”. Muitas vezes ouvi, até mesmo na clínica, o discurso de que “*apesar de ser homossexual não sou igual a estes ‘veados’ (‘Barbies’, ‘bichas’, etc.) que andam por aí. É por causa deles (de seus comportamentos, imagino) que tenho vergonha em me assumir*” (H,J,S,F) - ou “*sair do armário*”, como costumam dizer em seus discursos.

Os dados da tabela N°.26, não são significativos para esta hipótese, a tabela não demonstra que os mais heterossexistas são os alunos que mais tiveram experiências negativas com homossexuais (r parcial = Não significativa). Contudo, demonstra que quem teve experiências pessoais negativas com gays, gosta mais de “*brincar com/sobre homossexualidade*” (r parcial = 0,18) e que está “*acostumado a falar em homossexualidade*” (r parcial = -0,17).

No campo, entre uma brincadeira e outra, escutei algumas histórias sobre experiências ditas negativas. Um aluno, para justificar o motivo que o mantinha afastado dos gays, disse-me: *“Eu tive um amigo, quando eu era garoto que eu considerei muito. Ele era polícia, do Instituto Médico Legal, e eu era auxiliar de escritório e um dia, um camarada morreu afogado e ele me convidou para tirar o cara da piscina e tal, ir no IML e eu fui com ele. Garoto novo, dezesseis anos. E, o camarada foi com a arma na cintura, carro da polícia, eram aquelas rural preta antiga. Bom, ... eu... como um garoto, eu admirava um policial. E ele era médico, de um clube. Ele fazia exame na... para a piscina. E, ele mandava todo mundo tirar a roupa e... tira a roupa... E, um dia, ele ... conversando comigo, ele falou: ‘Ó, eu sou casado, tenho dois filhos, mas quero te dizer uma coisa’... e me deu uma cantada. Então, aquilo, até hoje eu nunca mais esqueci. Entendeu? E aí eu me lembro que um dia na porta de um escritório ele prendeu um sujeito, um rapaz, com drogas, e eles foram botar dentro do camburão.. e quem foi botar (o rapaz) dentro do camburão é ele e aí o camarada pegou e falou ‘Ó, você fazer isso comigo, rapaz’ E aí desmascarou ele ali... e ficou uma situação... Então eu nunca esqueci isso, porque eu trabalhava perto da delegacia, não é... na época. Então, você olhava para esse sujeito e você nunca ia dizer, nunca você ia dizer, então aí ele falou que ele era médico no clube por causa dos meninos, por causa daquelas coisas... você entendeu? Mas era pai de família, então... aí eu fiquei sempre, né, procurei me distanciar desse tipo de ... de conversa. Isso por vários motivos” (H,J,S,C).*

Outro aluno respondeu que *“Ah... me lembra algumas coisas assim... macabras... uma vez que eu estava numa boate gay que eu ia para dançar... e baixaram na minha namorada, me chamaram de feio... essas coisas.... ‘O que você está fazendo com esse cara feio aí’, não sei o que... uma mulher que chegou pra ela... ã... já ouvi várias estórias que eu li já... tipo o cara que, a*

gente vê no jornal... assim que...sempre tem estórias sobre pessoas que foram mortas, que pegou um travesti, que levou pra um motel... aí...” (H,J,S,C). Notamos que, no final de sua fala, este aluno inverte a realidade, pois sabe-se que são os travestis que são assassinados.

Outro, referiu-se a uma experiência com um amigo. *“por exemplo, um amigo meu que foi abordado dentro de um ônibus... Puxa, a gente era pequeno... pequeno, não, a gente tinha o segundo ano de faculd... de colegial... ele estava indo para o colégio, 7 horas da noite, o cara começou a encarar ele, o cara aí... daí... ele se assustou... daí o cara pegou, sentou ao lado dele... começou a alisar ele... puta, que perna bonita... não sei o que... que você tem.... vamos no meu apartamento... e o piá 13 anos, 14 anos, saltou um ponto antes e saiu correndo, né? Aí ele veio contar pra gente... Foi dessa vez aí que deixou a gente super assustado...” (H,J,S,F).*

5.6. INTOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE

Para averiguar a teoria baseada nas idéias de ambigüidade, de Mary Douglas, construí a Escala N°.16 (Vide Apêndice III), baseada em pesquisas anteriores sobre a intolerância para com *a ambigüidade* e, para trabalhar também com os intolerantes à *ambigüidade nos papéis sexuais*, construí a Escala N°.17 (Vide Apêndice III). Examinei, então, a relação destas escalas com as quatro categorias que estão sendo avaliadas (sexo, idade, cidade e curso), obtendo a Tabela N°.27.

TABELA 27: Médias da “Intolerância à Ambigüidade” e “Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais”, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	INTOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE	INTOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE DOS PAPÉIS SEXUAIS
HOMEM	3,41	2,61
MULHER	3,53	2,14
	t=-2,75 p = 0,006	t=-7,24 p < 0,000
CURITIBA	3,51	2,33
FLORIANÓPOLIS	3,41	2,39
	t=2,16 p = 0,031	t=-0,90 p = N. S.
> 25 ANOS	3,49	2,52
< 25 ANOS	3,47	2,32
	t=-0,39 p = N. S.	t=2,33 p = 0,021
DIREITO	3,44	2,55
COM. SOCIAL	3,51	2,17
	t=-1,40 p = N. S.	t=5,71 p < 0,000

N. S. = Não Significante

Ao analisar a Tabela N°.27, comprovando a maioria das pesquisas já realizadas, pode-se notar que os homens são mais intolerantes para com *a ambigüidade nos papéis sexuais*. Segundo Weinberg e Milham (1979), as

mulheres suportariam mais a igualdade nos papéis sexuais. Mas, surpreendeu-me o fato das mulheres serem mais intolerantes para com a *ambigüidade em si*. Imaginei que as pessoas mais intolerantes para com a homossexualidade seriam as mesmas que apresentariam mais intolerâncias para com os papéis sexuais.

Nas conversas com outras pessoas que estudam a questão, havia meio que um consenso de que o heterossexismo deve-se, comumente, ao fato dos homens não tolerarem a ambigüidade dos homossexuais e das mulheres não gostarem da promiscuidade destes. Entretanto, isso também não foi comprovado neste trabalho³⁰.

A constatação de que a *intolerância à ambigüidade* é maior entre os alunos de Curitiba do que entre os alunos de Florianópolis, talvez possa ser explicada pelas características próprias de cada município pois, após a discussão das diferenças entre as cidades, Curitiba foi mostrada como sendo uma cidade mais “*fechada*”, onde as regras sociais parecem ser mais claras. Em Florianópolis as relações pessoais parecem ser mais ambíguas, conforme descrito no subcapítulo 4.3. Porém, como ocorreu, parece-me que não haveria motivos para encontrarmos diferenças na intolerância à *ambigüidade dos papéis sexuais* entre seres humanos, só porque vivem em Estados diferentes.

Não existe uma diferença significativa entre os mais jovens e os mais velhos (de 25 anos), com referência à *ambigüidade em si*. Mas, o fato dessa intolerância à *ambigüidade dos papéis sexuais* ser maior entre os alunos com mais de 25 anos, provavelmente, deve-se à influência dos meios de comunicação junto às novas gerações, discutido no subcapítulo 4.2. E, o caso de serem os alunos do curso de Direito os mais favoráveis à rigidez nos papéis sexuais pode ser justificada, quase que certamente, pela tradição do próprio

³⁰ Utilizando-me da questão N°.114: “*Acho ruim que os homossexuais sejam tão promíscuos*”, encontrei a média dos homens (3,44) maior que a das mulheres (3,13), com um $t = -3,11$ e $p = 0,002$.

curso, onde, apenas recentemente as mulheres conseguiram permissão para trabalhar no Supremo Tribunal Federal usando calças compridas. Lembro, ainda, de uma história contada por duas amigas que prestaram o concurso para juiz, em Porto Alegre, uns 15 anos atrás, mas, foram proibidas de fazer a prova por estarem de calça comprida. A solução encontrada, para não perder o exame, foi a de guardarem as calças na bolsa, prestando o exame só de camiseta.

Atualmente, as condições impostas ainda mantêm certos quesitos básicos nesse sentido. Durante minha pesquisa de campo, por exemplo, percebi que é gritante a formalidade nas vestimentas das alunas dos últimos anos do curso de Direito. Da mesma forma, os alunos, em sua maioria, usam roupas bastante formais, diferentes dos jeans e camisetas usados pelos alunos do primeiro ano.

O próximo passo foi construir a Tabela N° 28, onde comparei as escalas de “Intolerância à Ambigüidade” e “Intolerância à ambigüidade nos Papéis Sexuais”, com as diferentes dimensões de heterossexismo, vistas no capítulo 3. Nesta tabela, o “*r* parcial” está controlando algumas das categorias, descritas abaixo, por terem sido significativas na Tabela N° 27. A correlação com heterossexismo (r parcial = 0,26) mostra que os intolerantes à *ambigüidade em si*, também são heterossexistas, o que amplia os achados de Weinberger e Milham (1979), MacDonald e Games (1974) e Werner (1981), que chegaram à conclusão de que a intolerância à ambigüidade aumenta as atitudes negativas para com os homossexuais. Podemos dizer que, em termos de heterossexismo, os que menos toleram à *ambigüidade nos papéis sexuais* são muito mais heterossexistas ($r=0,64$), do que os que não toleram a *ambigüidade em si* ($r=0,20$).

TABELA 28: “Intolerância à Ambigüidade” e “Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais” e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	INTOLERÂNCIA À AMBIGÜIDADE		INTOL. À AMBIGÜIDADE DOS PAPÉIS SEXUAIS	
	r	r parcial (1)	r	r parcial (2)
Heterossexismo	0,20***	0,26***	0,64***	0,59***
Brincar com/sobre homossexualidade	0,20***	0,20***	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	0,18***	0,27***	0,46***	0,40***
Intolerância aos Contatos Sociais	0,10*	0,23***	0,60***	0,54***
A FAVOR DOS Direitos Legais	-0,10*	-0,11*	-0,45***	-0,42***
Crença no Comportamento Estereotipado	0,16***	0,18***	0,36***	0,32***
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.	-0,19***	-0,16***
Medo de Doenças	0,19***	0,24***	0,43***	0,42***
Imoralidade dos Homossexuais	0,16***	0,20***	0,55***	0,49***
Crença nos Papéis Definidos	0,17***	0,16**	0,21***	0,24***
Crença na Periculosidade	0,11**	0,15**	0,54***	0,50***
Atitudes (Negativas) da Família	N. S.	0,11*	0,41***	0,35***
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	N. S.	N. S.	0,12**	N. S.

(1) Controlando sexo e cidade

(2) Controlando sexo, idade e curso

N. S. = Não Significativo

* p < 0,050, ** p < 0,010 e *** p < 0,001

As pessoas intolerantes para com a *ambigüidade em si* acreditam que os homossexuais não possuem moral (r parcial = 0,20) e que são perigosos (r parcial = 0,15), passíveis de transmitir doenças (r parcial = 0,24) reforça, ainda, as idéias de Douglas, quando diz que “*eventos anômalos podem ser classificados como perigosos*”. Isto, talvez, explique porque os intolerantes à ambigüidade sejam menos a favor dos direitos dos gays (r parcial = -0,11) pois, tudo que é perigoso, teoricamente, não é bom, logo, não merece “*justiça*”. Um exemplo disto é a forma como os advogados e a própria Lei, tratam os usuários de drogas ditas ilícitas: para o Direito e a sociedade, de uma maneira geral, o fato de não gostarmos de “*maconheiros*”, não é um preconceito, tampouco uma injustiça, pois eles são nocivos, perigosos.

A Tabela N°28 demonstra claramente que existe um medo, uma crença na periculosidade dos homossexuais, em função da preocupação com a ambigüidade, que confirma exatamente o que Douglas fala sobre o medo da poluição das coisas ambíguas. Da mesma forma, quando afirma que, apesar de evitarmos as coisas polutas, por medo,

acreditamos que elas possuem um poder próprio, como ela diz, “*a força está nas margens*”. Com isso, poderíamos extrapolar que, talvez, esses alunos também tenham um certo medo dos homossexuais como foi explicitado por H,J,S,C no capítulo 3 (Escala sobre a periculosidade dos homossexuais). Esse medo poderia ser traduzido na crença de que eles transmitem doenças (r parcial = 0,24) mas, inconscientemente, também poderia advir da crença em uma espécie de “força”, de um tipo de poder (“*a força das margens*”, dougliniana), semelhante à crença em poderes sobrenaturais, que tantas outras culturas atribuem aos seus homossexuais. E, mesmo em nosso Candomblé, a homossexualidade de um pai-de-santo é vista como “*algo a mais*”, que só aumenta sua capacidade, o poder de intermediar entre os vivos e os mortos. Talvez não seja tão por acaso que o personagem “*Uálbert*”, da novela “*Suave Veneno*” da rede Globo de Televisão, além de ser um “*paranormal*”, que até levita, é homossexual.

A tendência dessas pessoas em “*brincar com/sobre a homossexualidade*” (r parcial = 0,20), em brincarem com o ambíguo ou com a poluição, como gostaria Douglas, chama minha atenção, pois é justamente sobre o que incomoda que se costuma falar o tempo inteiro, pelo próprio fato de incomodar, a ambigüidade permanece no consciente e, como não poderia deixar de ser, manifesta-se de forma lúdica em toda e qualquer oportunidade que se faça presente.

A demonstração de que os alunos mais “*intolerantes*” para com a *ambigüidade em si* são os que acreditam que “*os homossexuais possuem papéis sexuais definidos*” (r parcial = 0,16) e, talvez por isso mesmo, mantêm um “*comportamento estereotipado*” (r parcial = 0,18), justifica a intolerância desses alunos para com os Contatos Sociais (r parcial = 0,23) e Sexuais (r parcial = 0,27) com homossexuais.

Conforme os apontamentos vistos anteriormente, o heterossexismo é tão expressivo entre os homens intolerantes à ambigüidade nos papéis sexuais, quanto naqueles que não toleram a ambigüidade de uma maneira geral.

5.7. RELIGIOSIDADE

A idéia de que certos comportamentos são condenados pela crença religiosa de alguém é motivo, mais do que suficiente, para que essa pessoa recrimine tais comportamentos. Averiguo, então, se essa recriminação tem força suficiente para fomentar comportamentos heterossexistas, pois para muitos estudiosos, quanto maior a religiosidade das pessoas, maiores serão suas atitudes negativas para com os homossexuais. Para Herek (1996), o aumento do heterossexismo correlaciona-se ao tradicionalismo conservador de certas ideologias religiosas.

Averiguando a influência da religiosidade no heterossexismo considerei dois aspectos. Primeiro, utilizei-me da pergunta N°37 - “*Eu sou fiel aos mandamentos/normas de minha religião*” - para detectar a “*fidelidade às religiões*” desses alunos. Em segundo lugar, criei a Escala N°18 (vide Apêndice III) que denominei de “*fundamentalismo religioso*”, a fidelidade a uma religião específica que busca a verdade no que está escrito na Bíblia.

Criei, então, a Tabela N°29, denominada “*religiosidade*”, onde apresento as médias de “*Fidelidade às Religiões*” (através da pergunta N° 37) e, também, o “*Fundamentalismo religioso*” (através da escala N°18), para as diferentes categorias: sexo, idade, cidade e curso.

O fato dos alunos de Florianópolis declararem-se mais fiéis às suas religiões do que os de Curitiba, talvez possa ser explicado pelo tipo de cultura - açoriana. Na capital catarinense a quantidade de festas católicas é maior e suas realizações são grandiosas. Veja-se “*A Festa do Divino*”, “*Corpus Christis*” e “*A festa de Reis*”. Ao contrário de Curitiba, a grande maioria dos

florianopolitanos participa³¹, quer na organização, quer na encenação de atos religiosos, independentemente de idade, sexo e, logicamente, do grau de instrução. Talvez por isso tenham sido insignificantes as diferenças nestas categorias.

TABELA 29: Médias da Religiosidade, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Fidelidade às Religiões MÉDIAS	Fundamentalismo Religioso MÉDIAS
HOMEM	3,84	3,17
MULHER	3,64	3,24
	t=-1,63 p < N. S.	t=0,98 p < N. S.
CURITIBA	3,59	3,35
FLORIANÓPOLIS	4,00	2,95
	t=-3,25 p < 0,001	t=5,05 p < 0,001
> 25 ANOS	3,67	3,43
< 25 ANOS	3,74	3,17
	t=-0,45 p < N. S.	t=2,59 p < 0,011
DIREITO	3,63	3,31
COM. SOCIAL	3,83	3,12
	t=-1,64 p < N. S.	t=2,57 p < 0,010

N. S. = Não Significante

A observação de que as pessoas maiores de 25 são mais “*fundamentalistas*”, provavelmente, deve-se à própria “*aborrecência*” da adolescência, que não permite aos jovens acreditarem nem mesmo neles, pois todas as suas energias estão centradas no rompimento de uma série de ligações que os prendem ao mundo infantil. É, precisamente, nesta fase que

³¹ Chamou-me a atenção, quando morava ao norte da Ilha de Florianópolis, o fato dos moradores de áreas mais afastadas como o balneário de Santinho, Ribeirão da Ilha, Sambaqui, Rio Vermelho, etc, não participarem, em sua maioria, dos festejos centrais. Nessas áreas, as comunidades produzem suas próprias festas. A festa do Divino, por exemplo, é grandiosa no centro mas, no Rio Vermelho e Ribeirão da Ilha, também são realizadas.

necessitam questionar tudo que tenha a ver com os seus progenitores, tudo o que “receberam” em seus primeiros anos de vida: seus códigos de valores, seu estilo de vida, seus hábitos sociais e sexuais, sua ideologia e, também sua fé. Parece-me que só mais tarde, esses jovens poderão “re-escolher” suas religiões (mesmo que essa escolha recaia na mesma religião de seus pais) e, só então, “pensar” sobre “quem ou o quê” possa ter escrito a Bíblia.

A evidência do curso de Direito possuir mais alunos “*fundamentalistas*” que o curso de Comunicação Social, certamente não se deve ao fator idade, pois 78% dos alunos são menores de 25 anos. Talvez a resposta possa estar na necessidade de “*fé*”, que cada uma das profissões requer de seus postulantes. Os futuros advogados, para poder trabalhar, precisam acreditar na Justiça e, isso, na prática, é traduzido por “*falar a verdade*” e garantido pelo ato solene da obrigação de jurarmos, sobre a Bíblia, dizer “*a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade*”. Não há dúvida de que religião, moral e justiça terminam “*fundindo-se*”, como se fossem, ou devessem ser, a mesma coisa.

Para continuar analisando a influência da religiosidade no heterossexismo elaborei a Tabela N°.30, onde comparei as questões sobre a “*Fidelidade às Religiões*” (controlando apenas a categoria cidade) e o “*Fundamentalismo Religioso*” (controlando as categorias cidade, idade e curso) com as diferentes dimensões do heterossexismo. Ficou, então, bastante claro, que é muito mais a Bíblia (ou o uso que é feito dela³²) a causa do heterossexismo, e não as religiões em si.

³² Para os teólogos da Libertação, as Igrejas tradicionais não foram exatas ao traduzirem a Bíblia. Segundo Halperin e colaboradores: “Contrariamente às interpretações simplistas dos tradicionalistas, vimos que em assuntos sexuais a interpretação intercultural da literatura antiga, como a Bíblia, é muito mais complexa do que possamos imaginar. ... O grego e o hebreu originais não têm palavras equivalentes a ‘*sexo*’ e ‘*sexualidade*’. ... A Bíblia guarda total silêncio sobre a “homossexualidade” e não tem, sequer, uma palavra para falar sobre “*sexo*” (Halperin et al., 1990).

TABELA 30: Religiosidade e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	Fidelidade Rel.		Fundamentalismo	
	r	r parcial (1)	r	r parcial (2)
Heterossexismo	N. S.	N. S.	0,18***	0,12**
Brincar com/sobre homossexualidade	N. S.	N. S.	-0,17***	-0,16**
Intolerância aos Contatos Sexuais	N. S.	N. S.	0,12**	0,11**
Intolerância aos Contatos Sociais	N. S.	N. S.	0,11**	N. S.
A FAVOR DOS Direitos Legais	N. S.	N. S.	-0,20***	-0,13**
Crença no Comportamento Estereotipado	N. S.	N. S.	0,11**	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.	-0,11**	N. S.
Medo de Doenças	N. S.	N. S.	0,09*	N. S.
Imoralidade dos Homossexuais	N. S.	N. S.	0,27***	0,21***
Crença nos Papéis Definidos	N. S.	N. S.	0,10*	N. S.
Crença na Periculosidade	N. S.	N. S.	0,12**	N. S.
Atitudes (Negativas) da Família	- 0,10*	N. S.	N. S.	N. S.
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	N. S.	N. S.	0,12**	N. S.

(1) Controlando cidade

(2) Controlando cidade, idade e curso

N. S. = Não Significativo

* p < 0,050, ** p < 0,010 e *** p < 0,001

O heterossexismo deve-se muito mais a uma crença fundamental na santidade da Bíblia do que à fidelidade que as pessoas possam ter às suas religiões, mesmo porque não são todos os religiosos que apregoam, ou até mesmo fomentam, o desprezo aos homossexuais. Ao contrário, muitas delas, e principalmente as religiões de origem afro-brasileiras, se não incentivam a homossexualidade, pelo menos valem-se dela como meio de aumentar o seu prestígio.

Em um estudo sobre a violência inspirada pela Bíblia, o Reverendo Tomás Hanks, do Ministério Multicultural com minorias Sexuais, escreve:

O número de homossexuais mortos no Holocausto Nazista foi pequeno, comparado com os milhões de judeus mortos (provavelmente porque os judeus eram identificados mais facilmente). Sem dúvida, recentes estudos contêm abundantes provas que indicam que os representantes das minorias sexuais mortos nos últimos mil anos, bem podem exceder os seis milhões de judeus mortos no Holocausto. Se realmente pudéssemos traçar uma linha reta da causalidade histórica do Levítico a Hitler (como sustentam alguns), poucos iriam querer considerar a Bíblia como um guia útil para a vida moderna, e muito menos considera-la inspirada por um Deus de amor (Hanks, 1995).

Mas, também existem as religiões que preferem “perdoar”, recebendo díizimos dos pecadores, e “condenar” a homossexualidade em si. Como relatou-me, no campo, uma aluna evangélica: “*Deus ama o pecador, o que ele odeia é o pecado*”(M,J,S,C). Ao afirmarem que Deus não é contra o pecador, mas apenas contra o “pecado”, essas religiões estão contribuindo no aumento das atitudes negativas contra a homossexualidade que, nesse caso, é vista como um “*pecado nefando*” e, enquanto tal, algo a ser combatido.

Certo aluno chegou a pegar a Bíblia em sua pasta para explicar-me. “*No Apocalipse 22... aqui... onde diz que ficarão de fora... que (lendo)... ‘ficarão de fora cães, feiticeiros, adúlteros, homicidas, idólatras e todos aqueles que praticam a mentira’... Tem uma tradução que diz efeminados... deixa eu ver se eu encontro... (Não encontrando, prosseguiu) Os cães ficarão de fora, cães, feiticeiros, idólatras, efeminados, né? Então seria essa a minha postura em relação a eles...*”(H,V,D,C)

Assustam-me as conseqüências do ódio que costuma germinar no coração e na mente daqueles devotos que acreditam que podem “ajudar” a Deus a combater o mal. O fanatismo religioso não precisa dizer, ou dar ordens, para que atrocidades sejam cometidas em nome d’Ele. As sempre intermináveis guerras religiosas não nos deixam qualquer dúvida sobre isso. Ao mesmo tempo, as inúmeras interpretações que podem ser dadas a um ensinamento teológico, também me assustam. Uma aluna contou-se que “*a própria Bíblia diz assim: ‘que o ímpio não permaneça na congregação dos justos’ e, quem afasta ele da congregação dos justos não é uma pessoa, é o próprio espírito que opera nele*” (M,V,S,C). Imaginem a desgraça que poderá causar a alguém (que não aceitando seus impulsos homossexuais busque

rendição na “*verdade religiosa*”) uma leitura rápida³³ () de um dos ensinamentos de Buda: “*Abata a floresta dos desejos e não apenas uma árvore*” (Burt, 1982).

Portanto, os demais índices significativos da tabela anterior apenas comprovam os efeitos de uma crença cega em um “*pedaço de papel*” tido como divino. As pessoas que mais acreditam que a Bíblia é uma obra de Deus, também são as que mais acreditam, obviamente, que os homossexuais são imorais ($r= 0,27$) e que não merecem Direitos Legais ($r= -0,20$). Da mesma forma, são intolerantes aos contatos sexuais, aos “*pecados*” dos homossexuais ($r= 0,12$) e, conseqüentemente, não costumam brincar com/sobre o “*pecado*” ($r= -0,17$).

“*Não posso ser a favor de qualquer direito à pessoas oprimidas (esse aluno vê os homossexuais como pessoas oprimidas pelo desejo da carne), enquanto eu tiver a certeza de que Deus pode operar e transformar eles em pessoas normais. Deus estabeleceu um contato com o homem muito claro e disse ‘Vinde a Mim vós que estais cansado e oprimidos e Eu vos aliviarei’.*” (M,V,D,C).

³³ Cada vez mais a mídia acostuma-nos a olhar fotos e a ler “*manchetes*”, ao invés de propiciar-nos leituras completas e mais acessíveis ao entendimento

5.8. EGOÍSMO OPORTUNÍSTICO

Averiguando a hipótese sobre a função do egoísmo oportunístico, ou do engodo, na heterossexualidade, construí a Escala N°.19 (Vide Apêndice III). O objetivo desta escala é detectar os alunos que costumam tirar partido de certas situações, toleradas, de certa maneira, pelo social, em benefício próprio. Poderíamos chamá-los de “egoístas” ou “oportunistas”, mas esses adjetivos não seriam tão explícitos quanto “engodistas”, isto é, aqueles que se utilizam do engodo (in ou conscientemente) enquanto uma das melhores estratégias para tirar vantagens. Assim, decidi chamá-los, tanto de “engodistas”, quanto de “egoístas oportunistas”.

Sendo a “*hierarquia social*” a maior “*preocupação*” desses “engodistas”, pois “*é engodando que vamos ganhando hierarquia social*”, como vimos na seção 1.4.8, construí a Escala N°.20 (Vide Apêndice III), onde detecto os alunos que estão preocupados com a luta pelo poder e até sacrificam-se por isso.

A correlação de $r=0,27$ ($p<0,000$) entre os “egoístas oportunistas” e os “preocupados com a hierarquia social” é bastante alta. Isso justificaria continuar analisando a influência destas duas escalas com o heterossexismo. Segundo a psicologia evolucionista os homens são mais “egoístas oportunistas” quanto aos recursos, e estão mais “preocupados com a hierarquia social” que as mulheres. Isto pode ser observado no campo “*Não me preocupo em manter posição social... quero ter grana. É outra história. Posição eu não estou nem aí. Quero grana pra eu viver, pra eu viajar... pra eu comprar o que eu quero... entendeu? Ter o carro do ano não é importante para mim... Importante pra mim é o carro que eu goste. O dinheiro é para eu consumir. Essa questão da posição... entendeu? O que eu quero é*

grana. Se está constando na minha carteira de trabalho que eu sou lixeira, entende? E eu estou com a grana que eu quero? Não estou nem aí”(M,V,D,C). “Hoje eu só estudo, mas eu já trabalhei... Isso que eu estou te dizendo... E eu sempre briguei para ganhar mais... briguei para ter os meus direitos... para ter o meu reconhecimento... para ser alguém na área. E ser reconhecido, eu acho... A gente nunca está satisfeito mesmo... isso é... eu sou complicado, mas... tendo o meu negócio... acho que...” (H,V,S,F).

Correlacionando, então, as Escalas N°s 19 e 20, com as quatro categorias, construí a Tabela N°.31.

TABELA 31: Médias dos “Egoístas Oportunistas” e dos “Preocupados com a Hierarquia Social”, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Egoístas Oportunistas			Preocupados c/Hierarquia Social		
	Médias	t	p <	Médias	t	p <
HOMEM	2.55	- 3.81	0.000	2.79	- 2.58	0.010
MULHER	2.31			2.59		
CURITIBA	2.40	- 0.49	N. S.	2.80	4.49	0.000
FLORIANÓPOLIS	2.44			2.46		
> 25 ANOS	2.17	- 3.74	0.000	2.79	1.18	N. S.
< 25 ANOS	2.47			2.66		
DIREITO	2.31	- 3.21	0.001	2.70	0.38	N. S.
COM. SOCIAL	2.52			2.67		

N. S. = Não Significante

Sendo as fêmeas as que “selecionam”, devido à “raridade” - ou escassez - de seus óvulos, suas estratégias evoluíram mais em função de detectar os engodos dos machos que, o tempo inteiro, estão preocupados em fazer com que qualquer mulher ceda-lhes, no mínimo, um óvulo. O desejo de qualquer mulher em ter um

filho, e isso depende basicamente dela, é muito diferente da situação dos homens. Os machos, o tempo inteiro, precisam seduzir ou mesmo “engodar” (descobrir as mais diversas, e nem sempre lícitas, estratégias) para que elas acreditem serem eles os melhores “protetores” e, com isso, garantirem a seleção para “ganhar um óvulo”.

Enquanto as mulheres tentam engodar os homens quanto a sua fertilidade (beleza), os homens tentam engodá-las quanto aos seus recursos. E, devido a essa diferença nas necessidades procriativas entre homens e mulheres, certamente haveria uma “*corrida armamentista*” (as estratégias femininas evoluiriam para detectar as estratégias masculinas que, por sua vez, tornariam a evoluir para engodar as mulheres), sendo que o início dessa “*corrida*”, acredito, estaria nos homens. Logo, podemos dizer que são eles os que mais se utilizam do “*oportunismo egoístico*”.

A análise sobre o engodo remete-nos aos alunos de Curitiba estarem mais “*preocupados com a hierarquia social*” do que os florianopolitanos, refletindo, possivelmente, a grande diferença, já comentada, quanto ao tamanho e tipos de relações (formais e informais) pertinentes a cada uma das cidades.

A conclusão de que os alunos menores de 25 anos são os que mais apresentam o comportamento de “*egoísmo oportunístico*” pode, muito bem, ser justificada pela confirmação de que 51% (54 alunos) dos respondentes, com mais de 25 anos, têm no mínimo 1 filho (19 deles tinham mais de dois), enquanto que apenas 2,5% (13 alunos), dos menores de 25 anos, têm apenas um filho. Digamos que o “*engodismo*” também seja aprendido através do “*habitus bourdieuniano*” e, quanto mais velhos, menor seja a necessidade de “*engodar*”. A existência de maior engodo oportunístico entre os alunos da Comunicação Social, do que entre os futuros advogados, possivelmente deve-se a uma espécie de resposta

“*politicamente correta*”, dos últimos, quanto à “*justiça*” pois, afinal, é disso que eles sobreviverão.

Visando continuar minha averiguação, criei a Tabela N°32, onde correlaciono os “*egoístas oportunistas*” e os “*preocupados com a hierarquia social*” com as diferentes atitudes para com os homossexuais.

TABELA 32: “Egoístas Oportunistas” e “Preocupados com a Hierarquia Social” e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	Egoístas Oportunistas		Preocupados c/ Hierarquia Soc.	
	r	(1) r parcial	r	(2) r parcial
Heterossexismo	0,22***	0,21***	0,33***	0,29***
Brincar com/sobre homossexualidade	0,27***	0,22***	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	0,20***	0,18***	0,15***	0,13**
Intolerância aos Contatos Sociais	0,20***	0,17***	0,24***	0,22***
A FAVOR DOS Direitos Legais	-0,09*	-0,10*	-0,17***	-0,13**
Crença no Comportamento Estereotipado	0,14***	0,11*	0,32***	0,27***
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.	N. S.	N. S.
Medo de Doenças	0,17***	0,18***	0,25***	0,22***
Imoralidade dos Homossexuais	0,18***	0,18***	0,28***	0,24***
Crença nos Papéis Definidos	0,11**	0,12**	0,18***	0,17***
Crença na Periculosidade	0,21***	0,19***	0,30***	0,26***
Atitudes (Negativas) da Família	0,13**	0,12**	0,20***	0,15**
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	N. S.	N. S.	0,12**	0,12*

(1) Controlando sexo, idade e curso (2) Controlando sexo e cidade
 (2) * p < 0,050, ** p < 0,010, *** p < 0,001 e N. S. = Não Significante

Através da tabela, percebe-se que são apenas os “*egoístas oportunistas*” que acusam uma correlação com o “*brincar com/sobre a homossexualidade*” ($r=0,27$). Essa tendência, parece-me bastante coerente com a teoria do oportunismo egoístico pois, é uma característica básica do ser humano utilizar de meios indiretos para comunicar-se, uma vez que esse processo é considerado criativo e esteticamente valorizado. Mas, como diria Freud, “*é brincando que falamos a verdade*”. O inconsciente tem a capacidade de, por encadeamento de

símbolos, propor fórmulas alternativas para expressar uma mensagem que, conscientemente, não pode ser percebida. No discurso (e, a correlação dos “preocupados com a Hierarquia Social” para “o costume de (não) falar em/sobre homossexualidade” não foi significativa), o Ego conseguiria manter-se “politicamente correto” - poucas pessoas entenderiam se houvesse um “ato falho” - como ele gostaria, mas, ao relaxar, ao falar de outras coisas, como o fazemos em uma brincadeira jocosa, ele facilmente pode ser ludibriado pelo inconsciente e, neste caso, não ser tão “correto” (politicamente). Corroborando essas idéias freudianas, constatamos que ocorre o contrário com os “preocupados com a hierarquia social” (os “politicamente corretos” por excelência) ou seja: eles preferem “não falar em homossexualidade” ($r=0,12$) e nem “brincar com/sobre homossexualidade” (que indicou uma correlação não-significativa).

A função do Ego, na psicanálise, é ser um intermediário “conciliatório” entre as manifestações do desejo - ID - e as proibições internas e externas: as proibições morais - SUPEREGO - e as interdições da realidade objetiva. O resultado que obtemos com isso é a grande distância entre o discurso e a prática, entre aquilo que dizemos e aquilo que queremos dizer ou, ainda, entre aquilo que dizemos e aquilo que fazemos. Retornando ao final da canção de Ney Matogrosso, já mencionada no final do subcapítulo 5.3, podemos ter uma idéia sobre o comportamento de muitas pessoas “por debaixo dos panos”:

*É debaixo dos panos que a gente esconde tudo,
E não se fica mudo, e tudo quer fazer.
É debaixo dos panos que a gente comete engano, sem ninguém saber.
É debaixo dos panos que a gente entra pelo cano, sem ninguém ver...
O que a gente faz. (Ceceu, 1982).*

O trabalho de Silva (1998) demonstra que o discurso justificativo dos presos em “estuprar os que não respeitam a honra” (aqueles que cometem

crimes contra a família, as mulheres, as crianças, etc.) é bem diferente na prática. Conforme o estudo, os presidiários mais violentos, aqueles que faziam “*cumprir a lei de estuprar os que não respeitam a honra*”, eram justamente os mesmos que mais estavam preocupados com a hierarquia social dentro do presídio e que ligavam muito pouco, ou quase nada, para a honra da família, das mulheres, etc. Atrás do discurso moralista e protecionista desses presos, o trabalho identificou um auto-interesse por sexo e por autopromoção, através de uma escalada na hierarquia da prisão.

Da mesma forma, também é de se esperar uma grande defasagem, nos alunos entrevistados, entre os seus discursos e as suas práticas. É claro que estou ciente de que grande parte do questionário foi respondida por “*eguiños*” que, fiéis ao “*discurso*”, tentaram responder de acordo com as expectativas dos outros (sobre aquilo que seria melhor acreditarem) mas, desde que não os deixassem indispostos com sua moral e, talvez, com a sua futura profissão.

Assim, o fato dos “*engodistas*” gostarem de “*brincar sobre/com a homossexualidade*” estaria apontando para uma perspectiva de que é nessa brincadeira que, inconscientemente, o engodo funcionaria. É “*brincando*”, e não “*falando*”, que mantém-se a hierarquia, “*cada um no seu lugar*”, demonstrando, entre os homens, aqueles que seriam mais confiáveis, pelo menos na teoria, para ajudar uma fêmea a criar e a educar uma criança.

Não surpreende que tanto os “*egoístas oportunistas*” quanto os “*preocupados com a hierarquia social*” sejam contrários aos “*Direitos Legais dos Homossexuais*”. Ambos são expressivamente heterossexistas. Os alunos mais “*preocupados com a hierarquia social*” são mais “*quase tudo*” que os “*engodistas*”: são os mais heterossexistas; os mais “*intolerantes aos contatos sociais*”; e que mais acreditam na “*periculosidade e imoralidade dos homossexuais*”; são ainda os que mais acreditam que eles possuem “*papéis*

definidos”; “*comportamentos estereotipados*”; e que “*podem causar doenças*”. São, também, os que mais registraram “*atitudes negativas de seus familiares*” para com os homossexuais, talvez sejam os mesmos que estão mais preocupados em lembrar, ou seguir, esses ensinamentos, se comparados aos “*egoístas oportunistas*” que, teoricamente, até seguiriam os conselhos familiares, desde que lhes ajudassem a “*engodar*”.

O que chamou mais a atenção na Tabela N°.32 foi o fato de apenas uma das diferentes atitudes analisadas possuir um índice maior para os “*egoístas oportunistas*”. Somente com referência aos “*contatos sexuais*”, os “*egoístas oportunistas*” demonstram ser mais intolerantes do que os “*preocupados com a hierarquia social*”. Enquanto os “*engodistas*” demonstram as mesmas correlações para com os “*contatos sociais e sexuais*” com os homossexuais ($r=20$), o que me parece coerente, os “*preocupados com a hierarquia social*” apresentam uma correlação muito maior para com a intolerância aos “*contatos sociais*” ($r=0,24$) do que para os “*contatos sexuais*” ($r=0,15$). Possivelmente, esses alunos, seguem os passos de um grande parlamentar brasileiro, que soube, como ninguém, elevar-se e permanecer nos cumes da hierarquia social brasileira. No caso, estou falando do ex-deputado Ulysses Guimarães, estando certo de que seu conselho, abaixo, é praticamente universal, pelo menos no cenário político:

Ao assumir sua homossexualidade, o ex-deputado paulista João Baptista Breda, 56, causou dores de cabeça nele e em outros políticos. Uma das vítimas foi Ulysses Guimarães, que presidia o então MDB, partido de Breda. ‘Meu filho, ninguém precisa contar em público o que faz entre quatro paredes’, disse Ulysses, ao saber que o deputado fizera um discurso na Assembléia Legislativa de São Paulo dizendo ser homossexual. (Neri, 1993). Os grifos são meus.

Diante do argumento utilizado pelo “*senhor Diretas*”, resolvi, então, verificar até onde os “*egoístas oportunistas*” e os “*preocupados com a*

hierarquia social” lidavam com outra espécie de preconceito: o racismo. Correlacionando “*racismo*” (pergunta N°.03, discutida no subcapítulo 5.1) com “*egoísmo oportunístico*” ($r= 0,09$, $p= 0,030$) e com “*preocupados com a hierarquia social*” ($r= 0,16$, $p<0,000$), observa-se que as correlações são bem menores do que “*heterossexismo*” com “*egoísmo oportunístico*” ($r=0,22$) ou com “*preocupados com a hierarquia social*” ($r=0,33$). Logo, os “egoístas oportunistas” utilizam-se mais do heterossexismo do que os “racistas”. Isso pode ser justificado tendo-se em vista que a homossexualidade é um marcador de hierarquias mais básico do que a identidade racial/étnica - o que seria de se esperar, segundo o argumento de Werner (1990) sobre a evolução da homossexualidade, isto é, a homossexualidade definiu hierarquias em uma época filogenética mais antiga, quando nem existia identidade grupal.

Para finalizar este capítulo, resolvi averiguar a hipótese de que deve haver alguma vantagem em rotular-se a pandemia da AIDS como “*peste gay*”. Contudo, no campo, notei que alguns alunos preferiam ver este rótulo não como uma vantagem, mas como um castigo divino. Segundo um aluno fundamentalista “*a Bíblia fala inclusive dentro de uma profecia, vamos dizer assim, falando de AIDS, né? Então tá aqui, ó... Romanos (e leu toda a parte de Romanos Cap I)..., então, biblicamente, aqui há um momento em que Deus abandonou o homem e o homem abandonou a Deus e adorou mais a criatura, então Deus também os abandona*” (H,V,D,C).

Criei, então, a Escala N°.21 (Vide Apêndice III) e contrapondo-a com as quatro categorias criei a Tabela N°.33, onde apenas sexo e cidade acusaram ter uma diferença significativa.

Tabela 33: Médias na crença de que os Homossexuais são Culpados pela Aids, por sexo, cidade, idade e curso:

Categorias	Médias	t	p <
HOMEM	2,70	- 3,03	0,003
MULHER	2,38		
CURITIBA	2,63	2,70	0,007
FLORIANÓPOLIS	2,34		
> 25 ANOS	2,72	1,61	N. S.
< 25 ANOS	2,49		
DIREITO	2,62	1,81	N. S.
COM. SOCIAL	2,43		

N. S. = Não significativo

Como eu esperava, foram muito mais os homens, que vivem em uma cidade muito mais competitiva como Curitiba, que demonstraram uma maior necessidade de criar “*bodes expiatórios*” para, estigmatizando, obterem mais prestígio social e, concomitantemente, econômico.

Constata-se, na tabela 32 que foram os alunos que se preocupam com a hierarquia social ($r= 0,25$), mais do que os egoístas oportunistas ($r= 0,17$), os que demonstraram ter medo de que os homossexuais transmitam doenças. E, possivelmente, sejam este tipo de alunos os mesmos que “transformaram” os homossexuais em “*bode-expiatório*” para a AIDS. Isso, parece-me comprovar a idéia de que a vantagem desse comportamento deriva-se de uma vantagem, predominantemente, de prestígio ou status, permitindo que o “*pior*” membro do grupo dominante (heterossexuais) possa sentir-se superior ao mais capacitado dos que pertençam ao grupo da minoria. “*São eles que estão contaminando todo mundo com a AIDS, e não nós*” (H,J,D,F), segundo um aluno.

5.9. CRENÇA NA ETIOLOGIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Embora a ciência ainda não tenha chegado a uma conclusão sobre tal etiologia, a maioria dos alunos parece não possuir dúvidas sobre isso. Em quase todas as entrevistas, no campo, não era nem preciso perguntar aos alunos qual a causa da homossexualidade pois, de uma certa forma, eles mesmos deixavam isso claro ao responder às minhas outras perguntas. Por exemplo: “... *eles não podem pagar por algo que nasceu com eles...*” (M,V,S,C); “... *as pessoas deveriam respeitar mais as escolhas individuais de cada um...*” (H,J,D,F); “...*nesse exemplo que estou dando, a mãe é a culpada pois sempre quis ter uma filha mulher e ...*” (M,J,D,F); “... *acho horrível o que estes tarados fazem com os jovens que, por curiosidade sexual, terminam virando viados também...*” (H,J,S,F); ou até mesmo, “...*não me interessa a causa (da homossexualidade), os homens são diferentes dos animais, nós precisamos salvar as nossas almas, e se Deus condena a homossexualidade, ela deve ser combatida*” (H,V,D,C).

Assim, dividi as respostas dos alunos conforme as possíveis, e prováveis, “*causas*” que deram para a homossexualidade: os que acreditam que a homossexualidade tem sua etiologia na biologia (Etiobio) ou na família (Etiofamília) e os que acreditam que a homossexualidade é uma “*opção de vida*” (Etiopção) ou que a causa pode estar no contágio, na sedução, com outros homossexuais (Etiocontágio). Para averiguar essas hipóteses construí três escalas, do número 22 ao número 24 (ver Apêndice III), entretanto, para medir a Etiopção, utilizei apenas a pergunta N°. 53: “*Não há qualquer fator que determine a homossexualidade no homem pois ela nada mais é que uma escolha, uma opção sexual*”. A partir daí, comparei as variáveis sobre etiologias com as quatro categorias, obtendo a Tabela N°.34:

TABELA 34: Média das Etiologias, por sexo, cidade, idade e curso

Categorias	Etiobio MÉDIAS	Etiofamília MÉDIAS	Etiocontágio MÉDIAS	Etiopção MÉDIAS
HOMEM	2,68	3,09	2,25	2,79
MULHER	2,64	2,94	2,44	3,29
	t=-0,50 P=N. S.	t=-1,99 p<,047	t=2,58 p<,010	t=4,16 p<,000
CURITIBA	2,73	3,02	2,42	3,17
FLORIANÓPOLIS	2,53	2,99	2,23	2,86
	t=2,43 P<,015	t=0,30 p = N. S.	t=2,46 p<,014	t=2,45 p<,015
> 25 ANOS	2,95	2,95	2,26	2,82
< 25 ANOS	2,60	3,02	2,37	3,11
	t=3,33 P<,0001	t=-0,73 p= N. S.	t=-1,06 P= N. S.	t=-1,84 p= N. S.
DIREITO	2,78	2,97	2,30	2,83
COM. SOCIAL	2,55	3,04	2,40	3,29
	t=2,85 P<,0004	t= -0,93 p= N. S.	t=-1,35 p= N. S.	t=-3,85 p<,000

N. S. = Não Significante

Entre os homens, a maior média foi para a crença de que a etiologia da homossexualidade está na família, enquanto as mulheres acreditam mais que não há uma causa para a homossexualidade, pois ela é uma opção de vida. Nas entrevistas, isto pareceu-me bastante claro: *“veja... ó... 3 filhos... mulheres e meninos... é criado no meio de meninas... sempre brincou de boneca... as meninas colocavam calcinhas nele... não sei o que... então começou a andar com... sei lá... aí uma amiga... sei lá... gosta de pessoal underground, né... anda com um pessoal só... aí... conhece esses veadinhos aí... aí começa a andar... pode... quer dizer acho que tudo pode aconte... acho que todas são viáveis... mas a grande parte para mim.. eu acredito que tem a ver com educação... porque... todos tem a mesma característica, sabe? São fixados na mãe... têm problemas com o pai...”* (H,J,S,C). *“É... eu acredito que a homossexualidade possa ser uma opção de vida... acredito que sim... acredito... tem gente aí... tem muita gente aí, que está cheia da grana... que já experimentou de*

tudo e... resolve fazer outras coisas e... Puxa, já foi casado, 40 anos, cheio de grana... experimentou tudo e... depois mudou tudo... depois aos 50 anos... acho que não sei... mas... se não for opção... não sei o que é....”(M,J,S,F).

É interessante notar que não há diferença significativa entre os sexos, quando questionados se a culpa é da mãe³⁴. Quando questionados se a culpa poderia estar na ausência do pai³⁵, os homens foram os que mais concordaram. Por que serão os homens os que mais acreditam que a ausência paterna pode levar um filho à homossexualidade? Rappaport afirma que

Imúmeros estudos da década de 70 mostraram que, além de poder dispensar cuidados ao bebê (alimentação, troca de fraldas, etc.), o pai também se torna um elemento de ligação afetiva, embora sua atuação não seja igual à da mãe. O que essas pesquisas mostraram também é que o próprio pai se considera importante tanto no que se refere aos cuidados de vida prática dispensados à criança, como na formação dos filhos. Revelaram ainda que o contato, o brincar e a companhia dos filhos são sentidos como prazerosos (Rappaport, 1982). O grifo é meu.

Os estudos psicológicos acentuam sempre a maior importância da mãe, pelo menos nos primeiros anos de uma criança, a realidade objetiva também não deixa dúvidas para todos os que queiram observar. No início da vida de um bebê, o pai pode ser-lhe muito útil, mas de forma indireta: cuidando, amparando e até amando a sua mãe pois, somente esta existirá para esse recém-nascido. Entenda-se “*mãe*”, aqui, como àquela *única* pessoa com quem o nenê terá uma relação simbiótica, a “*dona do seio*”. Sem dúvida, não há nada que impeça um homem de assumir esse lugar, a não ser uma total inversão de seu papel sexual dentro de nossa cultura. Talvez por essa “*incapacidade cultural*” é que os homens, sabendo-se inferiores às

³⁴ Usei a pergunta número 51: “*A mãe pode ser a causa da transformação de seu filho em homossexual*” e obtive as seguintes médias: Homens = 3,14; Mulheres = 3,04; $t = -0,94$ e $p = N. S.$

mulheres com respeito à criação dos filhos - pelo menos nos primeiros anos de vida -, façam questão de ressaltar sua importância, já que acreditam possuir o poder de evitar que seus filhos machos tornem-se homossexuais. Mas o que a Psicologia nos diz não é exatamente o que esses pais, ou futuros pais, gostariam de ouvir: os teóricos da aprendizagem social mostram que as crianças aprendem a comportar-se de modo adequado, dependendo dos modelos que lhes são apresentados na infância, como também das expectativas dos pais. Obviamente, aprendemos a fazer coisas que, muitas vezes, não fazemos em situações rotineiras.

Bandura (1965), pesquisando a agressividade infantil, demonstrou que, mesmo sendo ensinado às crianças o comportamento de bater num boneco, nem todas desempenham esse comportamento. Segundo o seu estudo, os meninos e as meninas divergiram muito na quantidade de “*respostas agressivas*”, os meninos apresentaram um índice maior de comportamentos agressivos do que as meninas, havendo um aumento mínimo (5,5%), na quantidade desses meninos, quando os experimentadores ofereceram um reforço (um doce) para que reproduzissem os comportamentos agressivos aprendidos. No entanto, após o reforço, o número de meninas, que resolveram demonstrar o comportamento agressivo aprendido, aumentou em 72,4%, continuando, no entanto, inferior ao número de meninos antes de serem reforçados.

O exemplo de Bandura pode elucidar o fato de que os pais até podem educar “*brilantemente*” os seus filhos (dando reforços), fazendo com que *adquiram* “*comportamentos corretos*”, mas isso nunca poderá ser visto como uma “*segurança*” de que essas crianças irão “*desempenhar*” os comportamentos aprendidos. Existe uma diferença muito grande entre a aquisição e o desempenho de um comportamento, conforme demonstram os teóricos da aprendizagem social. Enquanto a aprendizagem, ou a aquisição de novos comportamentos, é determinada

³⁵ Usei a pergunta número 56: “*A falta da presença paterna pode transformar um menino em homossexual*” e obtive as seguintes médias: Homens = 2,50; Mulheres = 2,06; $t = -4,04$ e $p < 0,000$.

por processos cognitivos e sensoriais, o desempenho, desse mesmo comportamento aprendido, dependerá da expectativa desse sujeito em relação aos resultados que o comportamento produzirá e do valor atribuído a esses resultados (Rotter, 1954).

Essa constatação poderá aumentar, de certa forma, nosso otimismo de que é possível diminuirmos, se não for possível exterminar, o heterossexismo. Se a sociedade, de forma geral, parar de incentivar as atitudes negativas contra os homossexuais, desaparecerão os “*reforços*” necessários para que alguém emita comportamentos heterossexistas, mesmo que os tenha aprendido. Essa mudança é passível de ser observada no comportamento de “*brincar de casinha*”, por parte dos meninos. Em nossa cultura, até poucos anos atrás, embora tanto os meninos quanto as meninas soubessem como brincar de casinha, a frequência deste comportamento nos meninos era quase nula, se comparados às meninas. Hoje, com uma mudança generalizada nos papéis de gênero, quando homens e mulheres são valorizados por dividirem as tarefas domésticas, diminuíram bastante (pelo menos entre as famílias mais intelectualizadas) as caçoadas, e até punições, que impediam os meninos de manifestarem o comportamento, que sempre existiu (enquanto potencial), de “*brincar de casinha*”. Voltando à discussão sobre o heterossexismo, se a sociedade não reforçar os comportamentos agressivos contra os homossexuais, punindo os agressores, como se faz com os que agridem as mulheres e as crianças, esses comportamentos agressivos, mesmo que tenham sido aprendidos, terão o seu desempenho diminuído.

Já a constatação de que a maioria das mulheres acredita que a homossexualidade é uma opção de vida deve-se, possivelmente, ao fato delas acreditarem que a homossexualidade masculina, sobre a qual versou a pesquisa, é igual ou muito parecida com a homossexualidade feminina. Ou seja, as mulheres são mais “*maleáveis quanto às suas orientações sexuais*” (Werner, 1999). Sem dúvida, quanto à variação cultural, ambas as homossexualidades possuem muita

variação mas, isso não significa que os gays, sendo homens, tenham muito em comum com as lésbicas. Sobre essa maior “maleabilidade” nas mulheres, deixarei que Werner discorra sobre o assunto:

No seu livro sobre a expressão de emoções em animais e seres humanos, Charles Darwin observou que os machos geralmente são mais variados que as fêmeas, tanto nas suas características físicas como comportamentais. Há evidência que o mesmo ocorre com seres humanos. Os homens, por exemplo, apresentam maior variabilidade que as mulheres em testes de capacidade espacial, matemática e de leitura. Ou seja, há muito mais homens nos extremos destes testes - muito bons, ou muito ruins. No caso da homossexualidade o mesmo parece ocorrer. Há mais homens exclusivamente homossexuais (e provavelmente heterossexuais) que mulheres. Mais mulheres são “bissexuais”, mais maleáveis quanto às suas orientações sexuais. (Werner, 1999).

Visando detectar as correlações entre essas etiologias e as diferentes atitudes para com a homossexualidade, construí a Tabela N°35 com os “*r* parciais” já controlados.

TABELA 35: Etiologias e as diferentes dimensões do heterossexismo

Variáveis	r parcial			
	Família (1)	Biologia (2)	Contágio (3)	Opção (4)
Heterossexismo	0,11*	N. S.	N. S.	N. S.
Brincar com/sobre homossexualidade	0,14**	N. S.	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sexuais	N. S.	N. S.	N. S.	N. S.
Intolerância aos Contatos Sociais	N. S.	N. S.	N. S.	N. S.
A FAVOR DOS Direitos Legais	N. S.	0,11*	N. S.	N. S.
Crença no Comportamento Estereotipado	0,19***	0,17***	N. S.	N. S.
Identidade Possivelmente Homossexual	N. S.	N. S.	N. S.	N. S.
Medo de Doenças	N. S.	N. S.	N. S.	- 0,10*
Imoralidade dos Homossexuais	N. S.	- 0,10*	N. S.	N. S.
Crença nos Papéis Definidos	N. S.	0,11*	0,11*	N. S.
Crença na Periculosidade	N. S.	N. S.	0,11*	N. S.
Atitudes (Negativas) da Família	N. S.	N. S.	0,12*	N. S.
Costume de NÃO FALAR em homossexuais	N. S.	N. S.	N. S.	N. S.

* p<0,050 ** p<0,010 *** p<0,001 e N. S. = Não Significativo

(1) Controlado o SEXO.
 (2) Controlados a CIDADE, a IDADE, e o CURSO.
 (3) Controlados o SEXO e a CIDADE.
 (4) Controlados o SEXO, a CIDADE e o CURSO.

A primeira coisa que chama a atenção é que são justamente àqueles que mais acreditam no comportamento estereotipado dos homossexuais os que estão mais dispostos a crer que a causa para a homossexualidade esteja na família (r parcial = 0,19), “*As pessoas que eu conheci e que eu convivi normalmente eram pessoas complicadas nos relacionamentos com pai e mãe, já. Alguma coisa tinha ficado perdida...*” (H,J,S,F), ou na biologia (r parcial = 0,17) “*Já li muitas matérias que dizem que a homossexualidade é um distúrbio cerebral... Distúrbio não... acho que é uma... é... um distúrbio, é tratada como um distúrbio, né? Então... não sei se você já ouviu falar... você já deve ter estudado isso... que a pessoa tem uma... uma... outra, pô... é difícil... uma parte do cérebro que é utilizada... alguma coisa assim... acho que uma coisa que... não lembro direito. Mas, resumindo, pra mim é biológico. Eu acho que a pessoa nasce assim. Acho que... digamos assim... o problema da família... se o cara brinca muito com meninas... acho que você pode... mas... eu brinquei de boneca com minhas irmãs e não aconteceu nada, grande parte é biológico*” (H,J,D,C). Além disso, os alunos que reforçam que a etiologia está na família são os mais heterossexistas (r parcial = 0,11) e os que menos “*brincam com/sobre a homossexualidade*” (r parcial = -0,14).

Os que acreditam que a homossexualidade tenha uma causa na biologia (algo inato) não demonstraram possuir atitudes mais negativas para com os gays, o que corrobora as pesquisas de Whitam e Mathey (1986). São mais favoráveis aos “*Direitos Legais dos homossexuais*” (r parcial = 0,11), apesar de acreditarem que os gays possuem “*papéis sexuais definidos*” (r parcial = 0,11), embora não os considerem imorais (r parcial = -0,10), talvez por acreditarem que “*foi Deus quem os fez assim*” (M,V,D,C). “*Não acredito que eles possam mudar... inclusive eu tive um amigo que tentou namorar uma menina mas na primeira semana deu nojo e ele não queria mais*” (M,J,S,C).

Admirei a espontaneidade de uma aluna ao responder minha pergunta sobre qual seria a causa da homossexualidade. Ela respondeu imediatamente: *“Putá que pariu, essa aí é uma boa pergunta, viu? A causa da homossexualidade?... Nascer homossexual?... Eu não acredito, eu não acredito... eu acho que... Eu acho que quando uma coisa é uma doença é muito mais fácil de você compreender. Ah, nasceu com x, y ou z, com defeitinho, com a perninha ao contrário, é muito mais fácil de você detectar, de você... sabe?... o pessoal perde um tempo do cacete encima de isso aí... eu acho que seria muito mais fácil... Pra mim não. Pra mim é uma opção mesmo. Pra mim é uma opção de vida mesmo”* (M,J,S,F).

Os alunos que responderam ser a homossexualidade uma consequência da sedução ou contágio, com outros gays, também referiram-se a existência de papéis sexuais bem definidos entre os homossexuais (r parcial = 0,11) e, ressaltaram a *“periculosidade dos homossexuais”* (r parcial = 0,11), principalmente porque são esses mesmos alunos que mais *“sofreram advertências da família”* sobre os perigos da homossexualidade (r parcial = 0,12). Ao perguntar a um aluno se ele acreditava que alguém pudesse tornar-se homossexual por contágio, ao ser seduzido por outro, ele respondeu: *“Contágio? Que horror. Vírus? Acho que depende. Se ele resolvesse optar por isso porque gostou... sei lá... mas não acredito que alguém possa forçar o outro a ser homossexual.... Se forçado, ou se dizer forçado, ele deve ter um excelente ganho por tras dessa força. Tá... é o que eu imagino”* (H,J,D,C).

Os alunos que acreditam que a homossexualidade não possui qualquer causa, pois é uma opção de vida (sendo as mulheres as que mais acreditam nessa hipótese), terminam confirmando alguns estudos demonstrativos de que estas possuem menos atitudes negativas para com os homossexuais (Herek, 1984, 1991; Kite, 1994). Parece-me coerente que sejam esses alunos os que não têm medo de que a homossexualidade venha a *“causar doenças”* (r parcial = -0,10), pois, imagino,

devam entender que, sendo uma escolha pessoal, as pessoas também possam optar pela prevenção.

Os alunos mais “*fundamentalistas*” apesar de também falarem que a homossexualidade é uma opção, demonstraram em seu discurso que a causa é espiritual. Conforme um relato, em campo, o homossexualismo, a prostituição, o uso de drogas e álcool são causados pela ausência do Espírito Santo em seus corações. “*Se o Espírito Santo entrou em nosso coração essas coisas automaticamente deixam de ocorrer. Apesar dele (o ex-homossexual) levar as marcas do passado, ele abandonaria a homossexualidade*”. Perguntei-lhe se isso era comum de acontecer e ele respondeu que “*sim, conheço muitos homens que Deus operou e hoje são casados. Deixaram de buscar homem, passaram a buscar mulher, gostaram de mulher, casaram, têm filhos, e não são poucos, são bastante*” (H,V,D,C).

Uma aluna, também fundamentalista, completou uma de suas falas afirmando que “*Deus pode tirar o homem disso e colocar-lhe na posição normal*” (M,V,D,F).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da pulverização, necessária ao entendimento das partes, é preciso recompor o nosso objeto de estudo, resumindo os achados desta pesquisa. E, para isso, resolvi construir uma última tabela, a N.º.36. Através de uma regressão múltipla para cada aspecto do heterossexismo, tento esclarecer quais variáveis foram mais importantes.

Tabela N.º.36: Regressão Múltipla de Heterossexismo e suas diferentes dimensões.

	Heterossexismo	Acostumado a Brincar	Intol. Contatos Sexuais	Intol. Contatos Sociais	A Favor dos Direitos Legais	Crença comp. estereotipado	Identidade Possivelmente Homo	Medo doença	Crença na Imoralidade dos Homos	Crença Papéis Definidos nos Homos	Crença na Periculosidade dos Homos	Atitudes Negativas da Família	Acostumado a Não Falar em Homo
Sexo (H/M)	0,25	0,11	0,30	0,48	(0,12)	0,13			0,17		0,17	0,32	
Idade (J/V)		0,22	0,09								0,07		(0,12)
Cidade (F/C)		0,11			0,10			(0,10)		(0,11)	(0,07)	0,13	
Curso (CS/D)		0,08	(0,10)	(0,12)			0,09		(0,11)				(0,14)
Racismo(3)	0,21		0,14	0,14	(0,13)			0,15	0,13	0,17	0,18	0,14	
Medo Ser Homo(111)		0,07		0,09			0,33	0,07				0,07	0,08
Aprend. Infânc.(99)	0,31	0,12	0,10	0,18	(0,12)	0,21		0,18	0,19	0,12	0,31		0,07
Int. Ambiguidade	0,12	0,18	0,16	0,09				0,13	0,10	0,10			
Fundamentalistas	0,20	(0,08)		0,15	(0,18)	0,10		0,08	0,28		0,11		0,09
Egoíst. Oportunistas	0,16	0,17	0,14	0,12	(0,09)	0,08		0,13	0,17	0,11	0,15		
Preoc. Hierarq. Social	0,10			0,07		0,17		0,09	0,09		0,11	0,09	0,07
Etiol. Biológica						0,16				0,10			
Etiol. Família	0,07					0,18			0,07				
Etiol. Opção de vida	(0,07)			(0,08)	0,09			(0,13)	(0,08)	0,11			
Etiol. Contágio										0,07		0,07	
r múltiplo	0,70	0,48	0,48	0,68	0,41	0,61	0,36	0,45	0,58	0,40	0,61	0,43	0,32

Mas, antes de interpretarmos esta tabela, vale a pena lembrar as três teorias que não foram apoiadas: 1) a teoria de que o heterossexismo seria reforçado nas pessoas com uma política mais “*pró-família*”; 2) a teoria de que o

heterossexismo resultaria de um medo da sua própria homossexualidade; e 3) a teoria de que o heterossexismo resultaria de experiências pessoais negativas com homossexuais. Todos os outros fatores receberam algum tipo de apoio em algum momento, mas alguns argumentos receberam mais apoio que outros.

A seguir, para facilitar a interpretação da Tabela N^o.36, resolvi apresentar para cada aspecto de heterossexismo, as variáveis que mais deram conta da sua variação (em ordem de importância). Eis a lista:

Heterossexismo: 1. Aprendizagem na Infância 2. Ser Homem 3. Racismo 4. Fundamentalismo 5. Egoísmo Oportunístico	Costume de brincar a respeito da homossexualidade: 1. Ser mais jovem; 2. Intolerância à ambigüidade; 3. Egoísmo oportunístico.	Não falar sobre homossexualidade: 1. Ser do curso de Direito; 2. Ter mais de 25 anos.
Crença na Imoralidade da Homossexualidade: 1. Ser fundamentalista; 2. Aprendizagem na infância; 3. Ser homem; 4. Egoísmo oportunístico.	Crença na periculosidade da homossexualidade: 1. Aprendizagem na infância; 2. Racismo; 3. Ser homem; 4. Egoísmo oportunístico.	
Intolerância aos contatos sexuais: 1. Ser homem; 2. Intolerância para a ambigüidade; 3. Egoísmo oportunístico; 4. Racismo.	Intolerância aos contatos sociais: 1. Ser homem; 2. Aprendizado na infância; 3. Fundamentalismo; 4. Racismo.	
Crença nos comportamentos estereotipados: 1. Aprendizagem na infância; 2. Crença de que a causa da homossexualidade está na família; 3. Preocupação com Hierarquia social; 4. Crença de que a causa da homossexualidade está na biologia	Ser favorável aos Direitos Legais dos homossexuais: 1. Não ser fundamentalista; 2. Não ser racista; 3. Ser mulher; 4. Não ter aprendido atitudes negativas na infância.	

O padrão de correlações é semelhante para os diversos aspectos de heterossexismo. As variáveis que mais aparecem nestas listas são: ser homem, aprender na infância que os homossexuais são perigosos, fundamentalismo religioso e egoísmo oportunístico. Entretanto, a intolerância à ambigüidade e a idade foram mais importantes para explicar a tendência a brincar com homossexualidade e foi o curso de Direito que mais estava relacionado à evitação em falar da homossexualidade. Estas diferenças reforçam ainda mais a importância de distinguir estes aspectos de heterossexismo ao tratar de questões teóricas ou práticas. Vale a pena refletir um pouco sobre as implicações destas variáveis para a teorização a respeito do heterossexismo e políticas públicas.

Assim, os dados apresentados revelaram o mesmo que todos os estudos pesquisados: as atitudes negativas para com os gays são mais expressivas nos homens do que nas mulheres. Aqui nos cabe uma reflexão: por que as mulheres são mais favoráveis aos gays? Talvez devido ao fator mais associado ao heterossexismo - a aprendizagem na infância. As famílias amedrontam mais os meninos a respeito do “perigo” dos gays. Então, não criamos nossos filhos e filhas da mesma forma? O que aconteceu com a revolução sexual dos anos 60s, quando se falava que deveríamos “acabar” com as diferenças entre os sexos, ou seja, com uma educação machista?

Sem dúvida, o verbo “acabar” com as diferenças entre os sexos, apesar de ser utilizado, parece-me muito forte e até mesmo empregado de forma errônea. As diferenças entre os sexos não são apenas socioculturais, como muitos “culturalistas extremados” gostariam. Estas diferenças só poderão “acabar” quando a Ciência conseguir trocar os seres humanos por um terceiro ser, uma espécie andrógina. É possível amenizar essas diferenças biológicas através de novos padrões comportamentais, dentro de uma cultura mais igualitária para homens e mulheres. Se, ainda, não podemos (ou não convém) mexer com o

“*biológico*” (do tripé biopsicocultural), por que não amenizar as diferenças com mudanças “*psicoculturais*”?

Mais de 30 anos passaram-se e esta pesquisa revela que, em referência aos gays, essa “*educação*” ainda não é justa e tampouco igualitária, pois, certamente, o comportamento dos homens (machos) não mudou muito. Os seus papéis na sociedade mudaram, mas, parece-me que muito mais em função de uma modificação programada nas mulheres do que propriamente neles. Já as mulheres passaram a ser criadas com o propósito de conquistarem o mercado de trabalho, conquistando a sua independência financeira e afetiva (fugindo do papel exclusivo de donas-de-casa e reduzindo o número de filhos), os homens continuaram sendo criados para serem durões, independentes e chefes de família. Ao mesmo tempo em que as filhas recebem uma educação nova e passam a ter uma educação virtualmente oposta a de suas mães, aos meninos também são inculcados alguns valores novos, contudo, essa educação é feita de forma que eles não se diferenciem muito do que são os seus pais.

Em outras palavras: visando à igualdade nos sexos, liberamos as meninas para que “*masculinizem*” os seus comportamentos e formas de encarar um mundo com regras feitas “*para*” e “*por*” homens. Mas “*esquecemos*” de liberar os meninos, para que possam viver em um mundo menos “*masculinizado*” (ou seja, mais “*feminilizado*”). Embora lhes sejam ditos, pelo menos entre as famílias com um maior nível sociocultural, que “*meninos também choram*”, que é bonito serem afetuosos e carinhosos e que não precisam usar uma máscara de auto-suficiência, não é isto que lhes são cobrados. Na verdade, continuamos cobrando-lhes a expressão de sua virilidade, e isso ainda não mudou: ser viril é transparecer forte e heróico (características opostas à feminilidade).

Dessa forma, enquanto pensamos estar amenizando as diferenças entre os sexos, na verdade estamos apenas “*masculinizando*” as relações, pois, enquanto

as meninas estão diminuindo a sua feminilidade, os meninos não estão sendo ensinados a diminuir a sua masculinidade. Ao contrário, cada vez eles precisam provar que são mais másculos (pelo menos, mais másculos que as mulheres) e, também, demonstrar que são sensíveis (compreender suas mulheres e serem bons pais).

Parece-me que essa demanda é muito incongruente para que possa vir a internalizar-se. É impossível exigirmos que os meninos “*aparentem*” ser quase que o oposto do que “*devem*” ser. É muito mais provável que, na adolescência, incapacitados de incorporar esse dúbio papel desejado para eles (e, acredito, impossível de ser incorporado), voltem aos estereótipos tradicionais. Comportamentos que, nesse momento, precisam ser recriados e, talvez, por isso mesmo, tornem-se muito mais violentos. Isto, talvez explique o aumento na agressividade dos adolescentes que, unindo-se em “*gangs*” (grupos que cultivam uma mesma ideologia, mesmas roupas, mesma forma de falar, etc...), cada dia mais violentas, passam a direcionar sua agressividade contra todo e qualquer comportamento diferenciado dos seus, principalmente para com os que não mantêm uma rigidez nos papéis sexuais. Daí aos crimes homofóbicos a distância é muito pequena.

Não há qualquer ineditismo na idéia de que uma das funções do preconceito é a de favorecer às “*maiorias*”, como foi revelado nas correlações entre vários aspectos de heterossexismo e “egoísmo oportunístico”. Mas o fato de haver uma correlação mais forte entre “egoísmo oportunístico” e “heterossexismo” do que entre “egoísmo oportunístico” e “racismo” sugere que não se trata de qualquer preconceito. Há algo de especial no preconceito contra os homossexuais, o que seria previsto por uma teoria a respeito da sua evolução e, também, parece-me bastante original, o atrelamento de um comportamento preconceituoso a uma base genética (o egoísmo oportunístico).

É como localizar a causa de algo que sempre ocorreu e que provavelmente continuará ocorrendo. Mas, agora, com uma diferença, pois desde que localizada a causa de um problema fica muito mais fácil unirem-se os esforços para modificá-lo. Afinal, o fato de um comportamento estar atrelado aos nossos genes não significa que não possa, ou não deva, ser mudado. Ao contrário, desde que tenhamos conhecimento da importância daquilo que estamos lidando, de minúsculas partes constituintes do que somos, e não do que “*deveríamos ser*”, qualquer ação pode ser tomada, e os descendentes de uma “*Dolly*” permitem que nossa imaginação corra solta.

Há alguns anos descobrimos que é muito mais fácil mudarmos o que é produzido pela “natureza” (metáfora para genes) do que o produzido pela cultura. É muito mais fácil a ciência libertar a mulher da obrigação de amamentar seus filhos do que obrigar seus parceiros a alimentá-los com mamadeira. É muito mais fácil criarmos pílulas anticoncepcionais, que suprimam a repetição cíclica das regras, do que modificarmos a atitude cultural das mulheres (e, por extensão, dos homens), com respeito à menstruação.

CONSIDERAÇÕES PRÁTICAS

A teoria pode ser um excelente guia para as ações, mas é totalmente inócua se não for acoplada ao desejo de mudança. Este desejo, será que existe? Ou melhor, será que existe em uma intensidade tal que possibilite uma mudança de atitude? Talvez sim, mas não tenho dúvida de que isso dependerá de algo mais importante que aquilo que nomeamos, comumente, por “*desejo*”. Dependerá, inclusive, das vantagens que poderemos obter dessa mudança, em outras palavras, “*de um desejo vantajoso*”.

Assim, embora tenhamos visto que existe uma vantagem egoística, em nível pessoal, para os que se utilizam do preconceito em proveito próprio, as perdas econômicas e sociais derivadas desse comportamento preconceituoso alcançam a toda a sociedade, tanto às minorias quanto às majorias. Os aparentes benefícios (em causa própria) do uso do heterossexismo, acredito, não chegam a ser compensados por seus custos reais, em termos de coletividade.

Mas, então, o que se pode fazer para minimizar o heterossexismo?

Não há dúvida de que o problema em reduzir-se o heterossexismo é o mesmo para a redução dos preconceitos de uma maneira geral que, por sua vez, faz parte do problema global de mudanças nas atitudes. Neste caso, segundo a grande variedade de estudos à respeito, implica no uso de técnicas de persuasão e propaganda, nos efeitos dos meios de comunicação de massa e da educação, além de outros fenômenos afins.

Em acordo com esta pesquisa, como já vimos, se a sociedade, de forma geral, parar de incentivar as atitudes negativas contra os homossexuais, desaparecerão os “*reforços*” necessários para que alguém emita comportamentos heterossexistas, mesmo que os tenha aprendido. Acredito que a discussão, no início deste capítulo, sobre as diferentes formas de educarmos os meninos e as

meninas possa ajudar-nos a reavaliar a melhor forma de educarmos as crianças para um mundo realmente igualitário. Com isso, teremos força para terminar com a discriminação aos comportamentos não heterossexuais e para que a homossexualidade passe a ser vista, também, como mais uma forma ou modelo de sexualidade. Mas, para que possamos dar uma educação despreconceituosa às nossas crianças é preciso, antes, que sejamos coerentes e congruentes com o que estamos ensinando. É preciso combater o heterossexismo nos pais e educadores, ou melhor (talvez pior), é preciso “*desinstitucionalizar*” a exclusividade da heterossexualidade.

Como já discutimos, o preconceito e a discriminação encontram-se em uma relação circular causal. Um coopera, mutuamente, para a origem e o crescimento do outro. Disso, poderíamos deduzir que o heterossexismo poderia diminuir mediante “*um ataque*” à discriminação pois, uma mudança nas instituições significaria, inevitavelmente, com o decorrer do tempo, uma mudança nas atitudes. Pelo menos foi isso o que aconteceu com as mulheres que, hoje, educam suas filhas seguindo essa nova visão institucional da “*feminilidade*”.

Assim, é irrelevante a constatação geral de que “os preconceitos não se dissipam com as leis”. Mesmo que isso possa ser verdadeiro, pode-se *legislar* contra a discriminação, que é uma das causas do preconceito. Nesse sentido, acredito que a legalização da parceria civil entre pessoas do mesmo sexo favoreça e talvez diminua a discriminação e as agressões. Embora não resolva o problema do preconceito (da não-aceitação), teria o efeito de um reconhecimento institucional.

A vivência tem demonstrado que as mudanças institucionais são consequência de inúmeros fatores, sendo que alguns não precisam, necessariamente, ter um caráter legal. A luta pela emancipação das mulheres não estaria sendo tão rápida e tão

vitoriosa se estas não tivessem pressionado a opinião pública e governamental, com passeatas, resistências passivas, reuniões de protesto, com o impacto na imprensa internacional e, algumas vezes, até mesmo, através da prática da violência física e psíquica, como foi o caso lendário da “queima de sutiãs”. Embora essa luta das mulheres ainda não tenha terminado, já notamos uma grande diferença na forma como as atuais meninas são educadas. Da mesma forma, espero, todos os movimentos em defesa dos direitos dos homossexuais devem, também, prosseguir em suas lutas específicas. Diferente nos objetivos, mas tão necessária quanto à das mulheres na cobrança por direitos humanos. Mesmo que os direitos dos gays demorem mais a surgir, é imprescindível que a luta não pare. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

Sabemos, também, que as instituições governamentais são amplamente influenciadas pelas crenças religiosas pois, é muito difícil encontrarmos um “*representante do povo*” que não dependa de sua própria fé religiosa ou, até mesmo, dos votos de comunidades religiosas. Enquanto a luta em uma instituição social é passível de ser realizada através de protestos, pois é dirigida a seres tão humanos quanto nós, como protestar contra o “Pai”? Principalmente quando esse Pai expressa-se (conforme aqueles que levam as “*suas palavras*”) através de metáforas contraditórias: ao mesmo tempo que manda amar ao outro como a si mesmo, proíbe que se tenha compaixão para com o diferente, obrigando seus irmãos a resgatarem as “*ovelhas perdidas*”. Esta pesquisa demonstra que o problema do heterossexismo vincula-se muito mais ao fundamentalismo religioso do que às práticas religiosas. Confesso que não consigo pensar, ainda, em algum “*desejo vantajoso*” para que as instituições religiosas venham a ceder nesta questão da sexualidade³⁶, a qual,

³⁶ Não tenho dúvida de que uma mudança paradigmática de um modelo heterossexual para um modelo simplesmente “sexual” (considero-o mais abrangente do que o termo “pansexual”), deverá, necessariamente, haver-se com as crenças religiosas.

queiramos ou não, é a que mais contribui com “pecados” e “conversões” às suas fileiras.

Mas o que sugerir para as alunas que demonstraram aumentar a sua intolerância aos Direitos Legais dos Homossexuais conforme aproximavam-se da hora de receber o diploma de advogadas? Será que a questão deve ser enfocada no curso? Ou na condição do “*construir-se mulher (advogada)*” em nossa sociedade? Talvez em ambos. Talvez o curso não esteja trabalhando eficazmente as diferenças de gênero. Talvez fosse preciso mais disciplinas das Ciências Humanas³⁷ a fim de trabalhar-se melhor o que é ser um advogada e/ou advogado.

Em geral, as universidades brasileiras poderiam abrir mais linhas de pesquisas específicas sobre o assunto, semelhantes às que existem em outros países; os cientistas das áreas humana e biológica poderiam, também, diminuir seus próprios preconceitos e policiarem-se para que, em seus estudos e pronunciamentos, não sucumbam à Falácia Naturalista, confundindo um tipo de comportamento que “é” sexual, com um comportamento que não “*deve*” ser sexual para a sociedade.

Em resumo, existem inúmeras políticas que, quando bem empregadas, podem ajudar a minimizar as atitudes negativas para com os homossexuais. Mas, em específico, aos psicólogos e, principalmente, aos supervisores de alunos que estão concluindo o curso e que pretendem dedicar-se à clínica psicoterapêutica, gostaria de fazer uma recomendação. Muitas vezes é preciso fazermos força para não esquecer o óbvio: desejos são apenas desejos, não existem, desejos homos ou heterossexuais.

³⁷No curso de pedagogia, onde leciono Antropologia, tenho a maior preocupação em, através do filme “Minha vida em cor de rosa” (“*Ma vie en rose*”) é um filme do diretor belga Alain Berliner - Sony Pictures, 1997 - que conta a vida de um garoto de 7 anos que vive afirmando ter nascido com o sexo errado e não tem dúvidas de que um dia será uma menina. Por isso, revolta-se por não o deixarem frequentar o banheiro das meninas ou namorar seus coleguinhas). Sem dúvida, não busco que as futuras pedagogas encontrem reais soluções para o caso, mas que comecem a pensar em como defender os direitos do Ludovic em ser como é, sem tirar os direitos dos pais dos outros alunos em preocuparem-se ao ver seus filhos em sua companhia.

Embora seja óbvio para qualquer profissional competente, convém ressaltar para as demais pessoas que a responsabilidade de qualquer psicoterapia (não importa qual seja a sua fundamentação teórica) é para com o desenvolvimento individual de um ser humano e não para ser utilizada enquanto artefato de perpetuação dos preconceitos sociais. Todos nós sabemos que não devemos analisar se não tivermos passado por um processo idêntico de análise, em que enfrentaremos nossos próprios conflitos e sentimentos. Na questão do heterossexismo, a experiência, e alguns estudos (Gassgold e Iasenza, 1996) mostraram-me que temos muito a aprender a respeito de nossas “*resistências*” antes de lidarmos com desejos tão díspares, que apenas recentemente foram absolvidos da condição de uma patologia pelo Conselho Federal dos Psicólogos e, isso, devido a muita insistência por parte das ONGs que lutam pelos direitos dos homossexuais.

Aproveitando a obviedade da função das psicoterapias, concluo esta dissertação com algumas perguntas também óbvias: Será que não há uma grande vantagem em unirmos esforços na luta contra o heterossexismo? Será que não há vantagens em lutarmos por uma democracia mais plena, em que os direitos e os deveres dos cidadãos possam ser mais justos? Será que não há vantagens em lutarmos por um mundo em que possamos ser o que somos, e não o que gostaríamos que fôssemos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERMAN, N. W. & JAHODA, M. **Anti-semitism and emotional disorder**. New York : Harper, 1950.
- ADAMS, H. E., WRIGHT, L. W. & LOHR, B. A. Is homophobia associated with homosexual arousal?. **Journal of Abnormal Psychology**,s.l. p.105, 1996.
- ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWICK; LEVINSON, E. D. J. & SANFORD, R. N. **The authoritarian personality**. New York : Harper and Row, 1950.
- AJZEN, I. & FISHBEIN, M. **Understanding attitudes and predicting social behavior**, Englewood-Cliffs, N. J. : Prentice-Hall, 1980.
- ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. Boston : Addison-Wesley, 1954.
- ARGYLE, M. **Psicología de los problemas sociales**. s.l. : Ed. Horné, 1972.
- BANDURA, A. **Influence of model's reinforcement contingencies on the acquisition of imitative responses**. *Journal of Personality and Social Psychology* 1, 1965.
- BARDWICK, J. M. & DOUVAN, E. Ambivalence: the socialization of women. IN: GORNICK, V. & MORAN, B. K. **Woman in sexist society**. New York : Basic Books, 1971.
- BARDWICK, J. M. **Psychology of women: a study of biocultural conflict**. New York : Harper and Row, 1971.
- BELL, A. & WEINBERG, M. **Homosexualities**. New York : Simon & Schuster, 1978.
- BERRIL, K. T. **Anti-gay violence and victimization in the United States: An overview**. *Journal Interpersonality Violence* 5, 1990.

- BERRY, D. F. & MARKS, F. Antihomosexual prejudice as a function of attitudes toward own sexuality. **Proceeding of the 77th Annual Convention of the American Psychological Association**. n. 4, Summary, 1969.
- BHUGRA, D. Homophobia: a review of the literature. **Sexual and Marital Therapy** 2. Sydney, 1987.
- BILINGSLEY, A. **Black families and white social science**. Journal of Social Issues 26, 1970.
- BORDIEU. Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo : Ed. Perspectiva, 1974.
- _____.A dominação Masculina. **Revista Educação e Realidade**, s.l. jul./dez. 1995.
- _____.Trabalhos e Projetos. In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo : Ática, 1994.
- BOUTON, R. A . , GALLAHER, P. E., GARLINGHOUSE, P. A ., LEAL, T., ROSENSTEIN L. D. & YOUNG, R. K. **Demographic variables associated with fear of AIDS and homophobia**. Journal of College Student Development 31, 1990.
- BRITTON, D. M. Homophobia and homosociality: an analysis of boundary maintenance. **Sociological Quarterly** 31, Sydney, 1990.
- BROVERMAN, I., BROVERMAN, D., CLARKSON, F., ROSENKRANTZ, P & VOGEL, S. **Sex role stereotypes and clinical judgments of mental health**. Journal of Consulting and Clinical Psychology N°34, 1970.
- BROWN, M. & AMOROSO, D. M. Attitudes toward homosexuality among west indian male and female college students. **Journal os Social Psychology**, n. 97, 1975.
- BROWON, R. **Social psychology**. New York : Free Press, 1965.
- BRUCE, K. E., SHRUM, J. C., TREFETHEN, C. & SLOVIK, L. F. **Students'attitudes about AIDS, homosexuality, and condoms**. Journal of Interpersonal Violence 5, 1990.

- BURT, E. A. **The teaching of the compassionate Buddha**. New York : New York Library, 1982.
- CAMPBELL, D. T. Social Attitudes and other acquired behavioral dispositions. In: KOCH, S. (ed.). **Psychology: a study of a science**. New York : MacGraw-Hill, 1963.
- CARDOSO, A. **Sindicato, trabalhadores e a coqueluche neoliberal**. Rio de Janeiro : FGV, 1999.
- CARDOSO, L. F. **Orientação sexual masculina numa comunidade pesqueira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.
- CECEU. **Por debaixo dos panos** gravada por Ney Matogrosso. São Paulo : PolyGram/Phillips, 1987.
- CHURCHILL, W. **Homosexual behavior among males**. New York : Hawthorn Books, 1967.
- COSTA, J. F. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1992.
- COVRE, M. **O que é cidadania**. 3 ed. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- DA MATTA. **A casa & a rua**. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- DÁUGELLI, A. R. & ROSE, M. L. **Homophobia in a university community: Attitudes and experiences of heterosexual freshmen**. *Journal of College Student Development* 31, 1990.
- DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo : Perspectiva, 1976.
- DUNBAR, J.; BROWN, M. & AMOROSO, D. M. Some correlates of attitudes toward homosexuality. *The Journal of Social Psychology* 89, Mass., 1973.
- EAGLY, A. H. & CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Fort Worth, TX : Harcourt Brace Jovanovich, 1993.
- EITZEN, D. S. **Social Problems**. Boston : Allyn & Bacon, 1980.

- EMBREE, E. R. **Brown America**, NY: Ginn and Co., 1931
- FERREIRA, A . B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Nova fronteira, 1975.
- FISHBEIN, M. & RAVEN, B. H. The AB scales. **Human Relations**, n. 15, 1962.
- FISHBEIN, M. The relationship between beliefs, attitudes and behavior. In: FELDMAN, S. **Cognitive Consistency**. New York : New York: Academic Press, 1966.
- FISHBEIN. A consideration of beliefs, attitudes, and their relationships. In: STEINER, I. D. & FISHBEIN, M. **Current Studies in Social Psychology**. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1965.
- Folha de São Paulo, jornal. **Casamento gay e lésbico vai a plenário**. São Paulo , 22 de janeiro de 1997.
- FORSTEL, M. **Homophobia**: An overview. *Psychiatric Annals* 18(1), 1988.
- FREEDMAN, J. & DOOB'S, A . **Deviancy**: The psychology of being different. New York : Academic Press, 1968.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Madri : GREFOL, 1981.
- FRY, P. **Para Inglês ver**. Rio de Janeiro : Zahar, 1982
- _____. & McRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo : Brasiliense, 1991.
- GAY e lesbian rights lobby. **Streetwatch report**. Sydney, 1990.
- GLASSGOLD, J. & IASENZA, S. **Lesbians and psychoanalysis: Revolution in Theory and Practice**. London: The Free Press, 1996.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.

- GRAYSON, D. A. Emerging equity issues related to homosexuality in education. **Peabody Journal of Education** 64, California, 1987.
- HALDEMAN, D. C. Sexual orientation conversion therapy for gay men and lesbians: a scientific examination. In: GONSIORREK, J. C. & WEINRICH, J. D. **Homosexuality: research implications for public policy**. London : Sage, 1991.
- HALPERIN, D. **Before sexuality: The construction of Erotic Experience in the ancient greek world**. New Jersey : Princenton University Press, 1990.
- HAMMERSMITH, S. K. & WEINBERG, M. S. Homosexual identity: commitment, adjustment, and significant others. [s.l.], **Sociometry** n. 36, 1973.
- HANKS, T. D. **Minorias Sexuales en América Latina**. Chicago : Southern Illinois University, 1992.
- _____. **God so loved the third world**. New York : Orbis, 1997.
- _____. **Violência contra la biblia? O inspirada por la biblia?: La homofobia como asesinato**. Thanks@thanks.wamani.apc.org, 1995.
- HARRY. Conceptualizing anti-gay violence. **Journal of Interpersonal Violence**, California, n. 5, 1990.
- HARTLEY, E. L. **Problems in prejudice**. New York : King's Crown Press, 1946.
- HEREK, G. M. **Beyond "homophobia": a social psychological perspective on attitudes toward lesbians and gay men**. **Journal of Homosexuality** 10, 1984.
- _____. Psychological heterosexism and antigay violence: the social psychology of bigotry and bashing, in: HEREK, G. M. & BERRILL, K. T. **Hate crimes: Confronting violence against Lesbians and gay men**. California : SAGE, 1992.

- _____. Stigma, prejudice, and violence against lesbians and gay men, in: GONSIOREK, J. & WEINRICH, J. **Homosexuality: Research Implications for Public Policy**. California : Sage, 1991.
- _____. The context of anti-gay violence: notes on cultural and psychological heterosexism. **Journal of Interpersonal Violence** California, n.5, 1990.
- _____. Heterosexism and homophobia. In: CABAJ, R. & STEIN, T. **Textbook of homosexuality and mental health**. Washington : American Psychiatric Press, 1996.
- _____. & CAPITANIO, J. P. **Some of my best friends: intergroup contact, conceivable stigma, and heterosexuals' attitudes toward gay men and lesbians**. *Journal of Homosexuality*, 1995.
- _____. & GLUNT, E. K. **Interpersonal contact and heterosexuals' attitudes toward gay men: results from a national survey**. *Journal Sex Research* 30, 1993.
- HERZOG, E. **Social stereotypes and social research**. *Journal of Social Issues* 26, 1970.
- HORNER, M. The motive to avoid success and changing aspirations of college women. In: BARDWICK, J. M. **Readings on the psychology of women**. New York : Harper and Row, 1972.
- HOROWITZ, E. L. The Development of Attitudes toward the Negro. **Archives of Psychology**, [s.l.], n. 194, 1936.
- HUDSON, W. W. & RICKETTS, W. A. A strategy for the measurement of homophobia. **Journal of Homosexuality**, [s.l.]n. 5, 1980.
- IDE, A. F. **Homosexuals Anonymous**. Garland: Tangelwüld Press, 1987.
- INGRAFFIA, B. D. **Postmodern theory and biblical theology**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995.
- © ISTOÉ, revista. **O Sexo na Fogueira**, São Paulo, n. 1193, ago.1992.

- JAHODA, M. "Preconceito" In: **Dicionário de Ciências Sociais** da Fundação Getúlio Vargas - Instituto de Documentação, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- JEWETT, P. K., **Who we are: Our Dignity as Human**, Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- JP-A REVISTA, **É agora ou nunca?**, Ano 3, Rio de Janeiro: Gráfica Plural, setembro de 1998.
- KATZ, D. & SCOTLAND, E., A preliminary statement to a theory of attitude structure and change. IN: KOCH, S., **Psychology: A study of a science**, New York; MacGraw-Hill 1959.
- KITE, M. E. **Attitudes toward homosexuality: Assessment and behavioral consequences**. Journal of Homosexuality, 1994.
- KLINEBERG, O. **The causes of violence: a social-psychological approach**. Paris : UNESCO, 1975.
- _____, Prejudice the concept, In: SILLS, D., **International Encyclopedia of the Social Sciences**, Vol. 12, New York, Macmillan & Free Press, 1968.
- KRECH, D. & CRUTCHFIELD, R. S. **Theory and problems of social psychology**. New York : McGraw-Hill, 1948.
- KRULEWITZ J. & NASH, J. **Effects of sex role attitudes and similarity on men's rejection of male homosexuals**. Journal of Personality and Social Psychology Nº38, 1980.
- KUTNER, D., WILKINS, C. & YARROW, P. R., **Verbal attitudes and overt behavior involving racial prejudice**. Journal of Abnormal and Social Psychology, N. 47, 1952.
- LACAN. J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.
- LANER, M. R. & R. H. LANER, **Personal Style or Sexual Preference: Why Gay men are Disliked**, International Review of Modern Sociology 9, 1979.

- LANGEVIN, R., STANFORD, A & BLOCK, R. **The effect of relaxation instructions on erotic arousal in homosexual e heterosexual males.** Behavior Therapy, n. 6, 1975.
- LE PIÈRE, R. P., **Attitudes vs. Action**, Social Forces n. 11, 1969.
- LEAKEY, R. E., **A evolução da Humanidade**, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1981.
- Leakey. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro : Rocco, 1995.
- LEHNE, G. K. Homophobia among men. In: David, D & R. Brannon, **The forty nine percent majority: The male sex role**. NEW YORK: Addison Wesley, 1976.
- LeVINE, R. A. & D. T. CAMPBELL, **Ethnocentrism: Theories of Conflict, Ethnic Attitudes and Group Behavior**, New York, Wiley, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, C., **Totemismo Hoje**, Petrópolis, Ed. Vozes, 1962.
- LEVITT, E. & KLASSEN, A . **Public attitudes toward homosexuality**. Journal of Homosexuality, nº1, 1974.
- LIPPMANN, W. **Public Opinion**, Londres: Allen & Unwin, 1922.
- MacDONALD, A . P. **A revised scale for ambiguity tolerance: Reliability and validity**. Psychological Reports 26, 1970.
- _____. **Homophobia: Its roots and meanings**. Homosexual Counseling Journal, No.1, 1974.
- _____. & R. G. GAMES, **Some characteristics of those who hold positive and negative attitudes toward homosexuals**, Journal of Homosexuality, Vol. 1, The Harworth Press, 1974.
- _____. HUGGINS, J., YOUNG, S. & SWANSON, R. A . **Attitudes toward homosexuality: Preservation of sex morality or the double standard?** Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1972.

- MALYON, A. K., **Psychotherapeutic implications of internalized homophobia in gay men**, Journal of Homosexuality 7, The Harworth Press, 1982.
- MARTIN, A. **Fruits, nuts and chocolate: The politics of sexual identity**. The Harvard Gay and Lesbian Review 1, 1993.
- McCONAGHY, N. **Penile volume changes to moving pictures of male at female nudes in heterosexual and homosexual males**. Behavior Research and Therapy, n. 5, 1967.
- MEAD, M., **Macho e Fêmea**, Petrópolis, Vozes, 1971.
- MILLHAM, J., C. L. SAN MIGUEL & R. KELLOGG, **A factor-analytic conceptualization of attitudes toward male and female homosexuals**. Journal of Homosexuality Vol. 2 (1), 1976.
- MINNIGERODE, F. A. ., **Attitudes toward homosexuality: Feminist attitudes and social conservatism**. Sex Roles, n. 2, 1976.
- MORIN, S. F., **Heterosexual bias in research on lesbianism and male homosexuality**. American Psychologist, 1977, N. 32
- _____, TAYLOR, K. & KIELMAN, S. **Gay is beautiful at a distance**. Chicago : American Psychological Association, 1975.
- _____. & E. M. GARFINKLE, **Male Homophobia**, Journal of Social Issues, Vol. 34, No. 1, 1978.
- _____. & WALLACE, S. **Tradicional values, sex-role stereotyping, an attitudes toward homosexuality**. Los Angeles : Jossey-Bass, 1976.
- MOSCOVICI, S., **Sociedade contra Natureza**, Petrópolis, Vozes, 1975.
- MOTT, L., **Homofobia**, California, Grupo Gay da Bahia/International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997.
- _____. & YONARA, Z. **Boletim do Grupo Gay da Bahia n. 38**, Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1999.

- MYRDAL, G., **An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy**, New York, Harper, 1962.
- NEISEN, J. **Heterosexism: Redefining homophobia for the 1990s**. *Journal of Gay and Lesbian Psychoterapy* N°.1, 1991.
- NERI, E. Deputado assumiu e assustou Ulysses. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1993.
- NESSE, R. & LLOYD A., **The Evolution of Psychodynamic Mechanisms**, IN: BARKOW, COSMIDES e TOOBY, "The adapted Mind: Evolutionary Psychology and the Generation of Culture, New York: Oxford University Press, 1992.
- NEWCOMB, T. M., TURNER, R. H. & CONVERSE, P. E., **Social Psychology: The Study of Human Interaction**, New York: Holt Rinehart and Winston, 1965.
- NUTT, R. L. & SEDLACEK, W. E. **Freshman sexual attitudes and behaviors**. *Journal of College Student Personnel*, 15, 1974.
- NYBERG, K. L. & J. P. ALSTON, **Analysis of Public Attitudes Toward Homosexual Behavior**, *Journal of Homosexuality*, Vol. 2 (2), 1976-77.
- O ESTADO DE SÃO PAULO, **Homossexual é o grupo mais discriminado no país**, 07/11/1993.
- OBEAR, K. **Homophobia** IN: EVANS, N. J. & WALL, V. ^a, "Beyond tolerance: Gays, lesbians, and bisexuals on campus. Alexandria, VA: American College Personnel Association.
- OUTHWAITE, W., & T. BOTTOMORE, **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**, Rio de Janeiro, Ed. ZAHAR, 1996.
- PENNINGTON, S., **Ex-Gays? There are none howthorne**, California: Lambda Christian Fellowship, 1989.
- PHARR, S. **Homophobia: A weapon of sexism**. Inverness, CA: Chardon Press, 1988.

- PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro, Ed. ZAHAR, 1976.
- _____. **A linguagem e o pensamento da criança**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1973.
- _____. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro, Ed. Forense, 1969.
- POPPER, K. R., **Objective Knowledge: An Evolutionary Approach**. Oxford, Oxford University Press, 1972.
- PRICE, J. H. **High school students' attitudes toward homosexuality**. Journal of School Health 52, 1982.
- GAZETA DO POVO, jornal. **Psicólogos querem acabar com preconceito contra homossexuais**. Curitiba, 23 mar. 1999.
- QUINN, D. M. **Same-sex dynamics among nineteenth-century: A mormon example**. Chicago : University of Illinois, 1996.
- RAPPAPORT, C. R., **Psicologia do Desenvolvimento**, São Paulo: E.P.U., 1982.
- REIS, J. **O reconhecimento da espécie pelo gene**, Folha de São Paulo, "Ciência", 06/06/99.
- REUTER, E. B. **The mulatto in the United States**, NY: Ginn and Co., 1918.
- Revista INJUSTIÇA, **Epidemia do Ódio**, N.01, Curitiba, 03/05/1999.
- Revista ROLLING STONE (<http://www.rollingstone.com/sections/magazine>) - 09/05/99 10:55 - de Março de 1999.
- RODRIGUES, A ., **Psicologia Social**, Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.
- ROESE, N. J., OLSON, J. M., BORENSTEIN, M. N., MARTIN, A . & SHORES, A . L. **Same-sex touching behavior: The moderating role os homophobic attitudes**. Jouranal of Nenverbal Behavior 16, 1992.
- ROONEY, E. & GIBBONS, D. **Social reactions to crime without victims**. Social Problems n. 13, 1966.

- ROSA, F. A ., **Patologia Social**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- ROSE, A. M., **A Origem dos Preconceitos**, In: DUNN ET ALLII, "Raça e Ciência II, São Paulo, Perspectiva, 1972.
- ROSEMBERG, M. J., HOVLAND, C. I., MacGUIRE, W. J., Abelson, R. P. e Brehm, J., **Attitude Organization and Change**, New Haven: Yale University Press, 1960.
- ROTTER, J. B. **Social learning and clinical psychology**. New York : Englewood Cliffs, 1954.
- ROYCE, J. **Race questions, provincialism and other American problems**, NY: Ginn and Co., 1908.
- RUSE, M., **Levando Darwin a sério**, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1995.
- SAENGER, G. **The Social Psychology of Prejudice**. New York: Harper, 1953.
- SAN MIGUEL, C. L. & J. MILLHAM, **The role of cognitive and situational variables in aggression toward homosexuals**, Journal of Homosexuality Vol 2 (1), 1976.
- SHELLEMBERG, J. **An introduction to social psychology**. New York : Random House, 1970.
- SELTZER, R. **The social location of those holding antihomosexual attitudes**. Sex Roles 26, 1992.
- SHIDLO, A . **Internalized homophobia: Conceptual and empirical issues in measurement** IN: GREENE, B. & HEREK, G., **Psychological perspectives on lesbian and gay issues**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.
- SILVA, E. A ., **A Natureza Cultural da Justiça: Por uma teoria multidisciplinar da justiça, vista através do Ritual de Violência Sexual no Presídio Masculino de Florianópolis**, Dissertação de Mestrado em Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

- SILVA, H. R. S., **Travesti: a invenção do feminino**, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- SIMMONS, J. **Public stereotypes of deviants**. Social Problems Nº13, 1965.
- SIMPSON, G. E. & J. M. YINGER, **Racial and Cultural Minorities: An Analysis of Prejudice and Discrimination**. New York, Harper, 1985.
- SIVACEK, j. & crano, w. d. **Vested interest as a moderator of attitude-behavior consistency**. Journal of Personality and Social Psychology 43, 1982.
- SMITH, K. T., **Homophobia: A tentative Personality Profile**, Psychological Reports, 29, 1971.
- SMITH, M. B., BRUNER, J. S. e WHITE, R. W., **Opinions and Personality**, New York: Wiley, 1956.
- STAATS, G. R., **Stereotype content and social distance: Changing views of homosexuality**, Journal of Homosexuality Vol 4(1), New York, 1978.
- STARK, L. P. **Tradicional gender role beliefs and individual outcomes: An exploratory analysis**. Sex Roles 24, 1991.
- STEFFENSMEIER, D. & STEFFENSMEIER, R. **Sex differences in reactions to homosexuals: Research continuities and further developments**. The Journal of Sex Research, n. 10, 1974.
- STEVENSON, M. R., **Promoting tolerance of homosexuality: An evaluation of intervention strategies**, The Journal of Sex Research 25, California, 1988.
- STORMS, M. D., **Attitudes toward Homosexuality and Femininity in Men**, Journal of Homosexuality 3, The Harworth Press, 1978.
- SUMMER, W. G. **Folksways: estudo sociológico dos costumes**. São Paulo : Livraria Martins, 1950.
- TRIANDIS, H. C., **Attitudes and Attitude Change**, New York: Wiley, 1971.

VAN DE VEN, P., **Comparisons Among Homophobic Reactions of Undergraduates, High School Students, and Young Offenders**, *The Journal of Sex Research*, Vol. 31, No. 2, 1994.

_____, L. BORNHOLT & M. BAILEY, **Measuring Cognitive, Affective, and Behavioral Components of Homophobic Reaction**, *Archives of Sexual Behavior*, Vol. 25, No. 2, 1996.

VEJA, Revista, **Brasileiros não aceitam médicos nem político gay**, São Paulo, 10/05/1993.

WEINBERG, G. **Society and the healthy homosexual**. New York: St. Martin's Press, 1972.

WEINBERG, M. S. & WILLIAMS, C. J. **Male Homosexuals: Their problems and adaptations**. New York: Oxford University Press, 1974.

WEINBERGER, L. E. & J. MILLHAM, **Attitudinal Homophobia and Support of Traditional Sex Roles**. *Journal of Homosexuality*, Vol. 4, The Harworth Press, 1979.

WEIS, C. B. & R. N. DAIN, **Ego development and sex attitudes in heterosexual and homosexual men and women**. *Archives of Sexual Behavior*, Vol. 8, No. 4, 1979.

WELLS, J. W., **Teaching about gay and lesbian sexual and affectional orientation using explicit films to reduce homophobia**. *Journal of Humanistic Education and Development* 28, California, 1989.

WERNER, D. **Sexo, solidariedade e símbolo: Ensaio de psicologia evolucionista**. Florianópolis, Coleção Ilka. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (no prelo), 1999.

_____. **Culturas Humanas: comida, sexo e magia**, Petrópolis, Vozes, 1990.

_____. **Family Economics and Homophobia**, Universidade Federal de Santa Catarina, Manuscrito, 1981.

_____. **O Pensamento de Animais e Intelectuais: Evolução e Epistemologia**, Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.

- _____. **Sobre a Evolução e Variação Cultural na Homossexualidade Masculina**, Florianópolis, Manuscrito, 1996.
- _____. **Variação Cultural na Sexualidade Humana**. In: *Sexus*, 1990.
- _____. **A cross-cultural perspective on theory and research on male homosexuality**, *Journal of Homosexuality* vol 4 (4), New York, 1979.
- WHITAM, F. & MATHY, R. **Male homosexuality in four societies: Brazil, Guatemala the Philippines and the United States**. NY : Proerger, 1986.
- WHITE, M. **Stranger at the Gate**. New York: Simon & Schuster, 1994.
- WILLIAM JR, R. M. Prejudice and society. In: SMYTHE M. M. **The black american book reference**, NJ : Prentice-Hall, 1964.
- WILSON, E. O., **On Human Nature**, Cambridge, Harvard University Press, 1978.
- WRANGHAM, R. & D. PETERSON, **Demonic Males: Apes and the Origins of Human Violence**. New York, Houghton Mifflin Co., 1996.
- WRIGHT, R., **O animal moral**, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1996.
- WURZEL, J. **The Functions and Forms of Prejudice IN: A World of Difference: Resource Guide for Reduction of Prejudice**. Boston: Anti-Defamation League of B'nai B'rith and Facing History and Ourselves National Foundation, Inc., 1986.
- ZANNA, M. P. & REMPEL, J. K. **Attitudes: A new book at an old concept IN: BAR-TAL, D. & KRUGLANSKI A . W. The Social Psychology of knowledge**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1988.

APÊNDICE I

Questionário utilizado na Pesquisa

“Atitudes para com a homossexualidade masculina”

ATENÇÃO: Ao mesmo tempo que sua colaboração é fundamental para a conclusão de meu trabalho em ANTROPOLOGIA CULTURAL, **VOCÊ NÃO É OBRIGADO(A) A RESPONDER A ESTE QUESTIONÁRIO.**

Ele foi elaborado para estudantes universitários, de ambos os sexos, com mais de 18 anos (por utilizar, necessariamente, termos “chulos” como: “comer alguém”, “dar para alguém” e “viados”) que não se sintam constrangidos em responder a questões referentes às atitudes para com a homossexualidade masculina.

Caso o assunto contido neste questionário lhe seja ofensivo, por qualquer razão, sinta-se à vontade para devolvê-lo sem abrir o lacre.

Por outro lado, caso você se considere apto a responder, siga em frente e o faça com sinceridade, na certeza de que suas respostas permanecerão totalmente incógnitas. Afinal este questionário destina-se a conhecer SUAS ATITUDES e IDÉIAS a respeito da homossexualidade masculina e NÃO a SUA SEXUALIDADE.

Suas idéias e atitudes (individuais), pesquisadas neste trabalho, somente serão avaliadas como um todo (as respostas do grupo). Pois, suas respostas somente passam a ter valor de análise, para a Antropologia, quando performam as idéias e atitudes de um determinado grupo. Portanto, sinta-se a vontade para responder e não se preocupe em ser “politicamente correto(a)” em certas questões.

Este questionário foi elaborado com 140 questões, distribuídas em quatro tabelas:

TABELA I - 37 questões avaliam suas IDÉIAS e ATITUDES para com os indivíduos e a sociedade.

TABELA II - 26 questões avaliam suas IDÉIAS e CRENÇAS sobre o que seria a homossexualidade e quais as suas causas.

TABELA III - 65 questões avaliam suas IDÉIAS e ATITUDES para com a homossexualidade masculina.

TABELA IV - 03 questões avaliam sua OPINIÃO sobre este questionário e 09 questões obtém informações adicionais.

OBSERVAÇÃO: Por gentileza, para assegurar seu sigilo e de seus colegas, ao devolver o questionário certifique-se de que o colocará, aleatoriamente, entre os demais, e não sobre eles.

Por favor, não desperdice muito tempo nas respostas. Não existem respostas CERTAS ou ERRADAS e, além disso, a sua primeira resposta é a mais importante.

Assinale na COLUNA B a resposta que for mais verdadeira à afirmação da COLUNA A.
Apenas UMA RESPOSTA deve ser escolhida.

TABELA I

A	B
01. No Brasil, ter um bom "curriculum" é a melhor garantia para o sucesso profissional.	1. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
02. A opinião pública é mutável. Elogia uma pessoa num dia e a desacredita no outro.	2. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
03. Seria muito ruim se muitos negros morassem no meu prédio, pois isso poderia baixar o valor do imóvel.	3. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
04. Não aceito a moda de brincos para homens.	4. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
05. Ao invés de dar deduções às crianças dependentes, o imposto de renda deveria conceder o desconto para favorecer os familiares mais idosos.	5. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
06. Para reduzir o quadro de funcionários, uma empresa deveria demitir primeiro os que não têm filhos para sustentar.	6. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
07. A Bíblia é a palavra de Deus e tudo o que nela está escrito é verdadeiro.	7. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
08. Na hora de selecionar um funcionário, sua lealdade conta mais que sua capacidade.	8. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
09. Acho que o poder é tudo na vida.	9. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
10. Não é justo, mas é válido comprar imóveis pela metade do preço quando seus proprietários estão "enforcados".	10. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
11. O governo deveria gastar mais dinheiro em escolas e parques de recreação para as crianças.	11. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
12. Vale a pena fazer sacrifícios para ter um carro do ano.	12. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
13. Para alguém subir na vida, ter "bons padrinhos" ajuda muito.	13. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
14. Boa aparência e beleza física, para subir na vida, valem tanto quanto um bom curriculum.	14. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
15. A Bíblia foi escrita por sábios, sem a ajuda de Deus.	15. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
16. O governo não deve dar dinheiro aos pais para que mantenham seus filhos nas escolas, pois isto os incentiva a ter mais filhos.	16. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito

17. No Brasil, estamos sempre seguros quanto ao nosso " <i>status</i> " social.	17. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
18. Quando eu me sinto seguro, trapaceio no jogo de cartas.	18. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
19. O governo deveria investir em mais creches públicas, para que as mulheres trabalhadoras possam ter mais filhos.	19. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
20. De um dia para outro a pessoa pode ganhar, ou perder, muito " <i>status</i> " social.	20. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
21. Não tolero situações, pessoas ou comportamentos ambíguos.	21. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
22. A Bíblia foi escrita por homens inspirados por Deus mas contém alguns erros humanos.	22. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
23. Mais vale ter um bom " <i>curriculum</i> " a depender de amizades para arrumar um bom emprego.	23. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
24. As políticas de ajuda à moradia deveriam ser para casas grandes, para famílias com filhos, e não apartamentos pequenos, para casais sem filhos.	24. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
25. Eu acho que vale a pena perder um dedo se ele estiver assegurado por uma boa quantia em dinheiro.	25. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
26. Preocupa-me saber que a "mídia" pode fazer e desfazer "heróis".	26. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
27. Eu acho que um homem de verdade nunca seria cabeleireiro ou bailarino.	27. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
28. Acho justo qualquer sacrifício que nos leve a uma posição mais alta na escala social.	28. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
29. É preciso lutar sempre para podermos subir na escala social.	29. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
30. A Bíblia foi escrita há tanto tempo que, hoje, muitos dos seus ensinamentos não têm serventia.	30. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
31. Eu não me sinto confortável com as pessoas, quando não posso entender o comportamento delas.	31. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
32. Existem uma forma certa e uma forma errada para se fazer a maioria das coisas.	32. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
33. Eu me sinto muito ansioso(a) quando estou numa situação social em que não possuo o controle.	33. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
34. Sinto-me incomodado(a) quando não consigo seguir a linha de raciocínio de outra pessoa.	34. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
35. Para que algo possa dar certo nesse mundo é necessário que você siga algumas regras básicas.	35. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
36. Pinturas vagas e impressionistas chamam muito a minha atenção.	36. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
37. Eu sou fiel aos mandamentos/normas de minha religião.	37. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca. () Não tenho religião

ATUALIZADO

TABELA II	
A	B
38. Um homem que "come" outro homem NÃO É , necessariamente, homossexual.	38. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
39. Acredito que as pessoas já nascem homossexuais ou heterossexuais.	39. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
40. Homens casados e com filhos que gostam de, esporadicamente, "dar" para travestis SÃO homossexuais.	40. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
41. É a sociedade (a cultura) a principal causa da homossexualidade nos homens.	41. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
42. Homens que sempre transaram com mulheres mas, na adultice passaram a transar (de forma ativa) com garotos, continuam heterossexuais.	42. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
43. É comum um rapaz tornar-se homossexual por ter sido seduzido por um homem.	43. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
44. Basta que um homem seja afeminado ou muito delicado para que eu o considere homossexual.	44. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
45. A homossexualidade é causada pelo desempenho dos hormônios.	45. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
46. Um homem que tenha desejo sexual por homens mas que transe só com mulheres, por medo dos comentários, é heterossexual.	46. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
47. O fator genético determinará se um homem será heterossexual ou homossexual.	47. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
48. Rapazes que transam (de forma ativa) com outros homens, por dinheiro, não são homossexuais.	48. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
49. Rapazes que transam (de forma passiva) com outros homens, por dinheiro, não são homossexuais.	49. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
50. Homossexual é só aquele homem que "dá" e NÃO o que "come" outro homem.	50. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
51. A mãe pode ser a causa da transformação de seu filho em homossexual.	51. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
52. Homens que na adolescência tenham transado (de forma passiva) com outros homens mas, na adultice só transem com mulheres são homossexuais.	52. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
53. Não há qualquer fator que determine a homossexualidade no homem pois ela nada mais é que uma escolha, uma opção sexual.	53. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei
54. Um homem que gosta que as mulheres lhe introduzam um dedo no ânus é homossexual.	54. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco ()Discordo muito () Não sei

55. A maneira como os pais educam seus filhos determinará se eles serão homossexuais ou não.	55. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco () Discordo muito () Não sei
56. A falta da presença paterna pode transformar um menino em homossexual.	56. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco () Discordo muito () Não sei
57. É comum que um homem que tenha sido “estuprado”, por outro, se torne homossexual.	57. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco () Discordo muito () Não sei
58. A causa de um homem ser heterossexual, ou homossexual, não é física, mas psicológica.	58. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco () Discordo muito () Não sei
59. Não importa quem “dá” ou “come”. Homem que transa com homem, independente da razão, É homossexual.	59. ()Concordo muito ()Concordo um pouco ()Discordo um pouco () Discordo muito () Não sei
60. Rapazes, por curiosidade, podem “dar” para outros homens sem deixar de ser heterossexual.	60. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
61. Um homem heterossexual pode gostar da idéia de “comer um viado”.	61. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
62. Um homem heterossexual pode fantasiar ser penetrado (com objetos ou dedos) por uma mulher.	62. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
63. É possível um homem ser heterossexual e, por algum motivo, também “comer viados”.	63. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.

TABELA III

A	B
64. Eu acho justo que as religiões condenem a homossexualidade	64. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
65. Não gosto de homens afeminados.	65. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
66. Acredito que homossexuais são perigosos porque seduzem os jovens.	66. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
67. Acredito que pessoas do mesmo sexo que morem juntas devam beneficiar-se mutuamente dos benefícios sociais.	67. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
68. Fico constrangido(a) em conversar com homossexuais na rua.	68. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
69. Acho revoltante que os homossexuais façam sexo anal.	69. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
70. Os homens homossexuais são falsos e mentirosos.	70. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
71. Eu tenho medo de que minha orientação sexual (hetero ou homossexual) possa mudar.	71. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
72. Homossexuais (os homens) preferem ser passivos no ato sexual.	72. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
73. Incomoda saber que os homossexuais “secam” outros homens em banheiros públicos.	73. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
74. Eu acredito que aprendi a não gostar de homossexuais com a minha família.	74. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito

75. Eu concordo que os homossexuais não devam frequentar igrejas/templos religiosos.	75. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
76. Não gosto de falar sobre homossexualidade.	76. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
77. Homossexuais deveriam ser obrigados a fazer o teste anti-HIV/AIDS.	77. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
78. Fico sem jeito ao conversar com homens afeminados.	78. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
79. Sempre que é possível, evito o contato com homossexuais.	79. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
80. Sou a favor da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo.	80. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
81. Meu corpo não se ajusta muito aos padrões masculino ou feminino (é um pouco ambíguo).	81. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
82. Não me sentiria à vontade em "dividir espaço" com um homossexual.	82. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
83. Os homossexuais causaram a pandemia da AIDS.	83. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
84. A maioria dos homens homossexuais tem características femininas que os identificam.	84. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
85. O relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo é contra a natureza.	85. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
86. Eu cresci ouvindo piadas (ou histórias) negativas sobre os homens homossexuais.	86. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
87. Eu não me incomodaria se soubesse que o líder de minha igreja/templo é homossexual.	87. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
88. A lei nacional para doação obrigatória dos órgãos deveria excluir os homossexuais enquanto doadores.	88. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
89. A AIDS não teria sua atual proporção se não fossem os homossexuais.	89. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
90. Eu não gosto quando sou atraído pela beleza ou elegância de uma pessoa do mesmo sexo.	90. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
91. Os homossexuais devem se organizar para exigir seus direitos.	91. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
92. Pode-se facilmente reconhecer um homossexual pelo seu olhar.	92. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
93. Quando criança presenciei cenas de homossexuais sendo hostilizados por meus familiares.	93. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
94. Às vezes, eu gostaria de ter nascido com o sexo oposto ao meu.	94. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
95. Na minha turma não se fala muito sobre homossexualidade ou homossexuais.	95. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
96. Aprovo que "casais" homossexuais tenham os mesmos direitos que os casais heterossexuais.	96. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
97. Os homossexuais transmitem mais doenças do que os heterossexuais.	97. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito

98. Homens com família têm mais moral que os homossexuais.	98. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
99. Minha família sempre me alertava para o perigo que representam os homossexuais.	99. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
100. Às vezes, eu me identifico com personagens, de livros e filmes, do sexo oposto.	100. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
101. É certo os bancos de sangue eliminarem o sangue doado por pessoas que suspeitem ser homossexuais.	101. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
102. O aumento do número de homossexuais representa um declínio da moral humana.	102. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
103. Homossexuais estão ganhando demais do governo para o tratamento da AIDS.	103. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
104. Eu já sonhei que transava gostoso com alguém do mesmo sexo.	104. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
105. Tenho medo de que a promiscuidade dos homossexuais possa desenvolver novos vírus, que venham a contaminar a humanidade.	105. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
106. Não faço amizades com homossexuais.	106. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
107. A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo é um ato animalesco, que não faz parte da sexualidade humana.	107. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
108. Não aceito a homossexualidade porque ela é condenada por minha religião.	108. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
109. Eu transaria com alguém do mesmo sexo, se tivesse certeza de que ninguém descobriria.	109. <input type="checkbox"/> Sempre <input type="checkbox"/> Muitas vezes <input type="checkbox"/> Poucas vezes <input type="checkbox"/> Raramente <input type="checkbox"/> Nunca.
110. A Constituição brasileira deveria proibir, especificadamente, a discriminação contra os homossexuais.	110. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
111. Eu tenho medo de vir a desejar sexualmente alguém do mesmo sexo.	111. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
112. Na minha família nunca se fala sobre homossexualidade ou homossexuais.	112. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
113. Quando dois homossexuais moram juntos, um sempre fará o papel do homem e o outro o da mulher.	113. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
114. Acho ruim que os homossexuais sejam tão promíscuos.	114. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
115. Os homens homossexuais quase sempre são afeminados.	115. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
116. Acho normal que homens heterossexuais imitem homens homossexuais.	116. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito
117. Não ligo em "levar uma cantada" de um homem homossexual.	117. <input type="checkbox"/> Concordo muito <input type="checkbox"/> Concordo um pouco <input type="checkbox"/> Sou indiferente <input type="checkbox"/> Discordo um pouco <input type="checkbox"/> Discordo muito

118. Teria medo se o professor de meus filhos/sobrinhos fosse homossexual.	118. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
119. Fico incomodado ao presenciar um casal de homens homossexuais namorando.	119. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
120. Há razões para suspeitar que dois homens que morem e comprem bens juntos sejam homossexuais.	120. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
121. Fico furioso(a) quando sou paquerado(a) por um homem declaradamente homossexual.	121. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
122. Homens homossexuais preferem transar com homens heterossexuais e não com homossexuais.	122. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
123. Acho divertido os trejeitos e maneirismos dos homens homossexuais.	123. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
124. Não gosto de homossexuais porque já tive experiências negativas com eles.	124. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
125. Os homossexuais podem tornar-se heterossexuais se encontrarem o parceiro(a) certo(a).	125. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
126. Na minha turma, por brincadeira, uns chamam os outros de "viado", "bicha", etc.	126. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
127. Divertem-me as brincadeiras que imitam o comportamento dos homossexuais	127. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.
128. Homossexuais já me colocaram em situações constrangedoras.	128. () Sempre () Muitas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca.

TABELA IV

A	B
129. Eu sou	129. () Homem () Mulher
130. Considero-me, sexualmente falando, um	130. () Liberal, () Reprimido () meio termo.
131. Sou aluno do curso de.....	131. () Direito () Jornalismo () Outro curso
132. Estou cursando, no terceiro grau, o :	132. () 1º ano () 2º ano () 3º ano () 4º ano () 5º ano
133. Minha idade é	133. () Menor que 25 anos () Maior que 25 anos
134. Filhos...	134. () Não tenho () Tenho até 2 filhos () Tenho mais que 2 filhos
135. Já tive experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo.	135. () Muitas vezes () Algumas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca
136. Já tive experiências sexuais com pessoas do sexo oposto.	136. () Muitas vezes () Algumas vezes () Poucas vezes () Raramente () Nunca
137. Já visitei, ou frequentei cultos/rituais das seguintes religiões: (Escolha múltipla)	137. () Protestantismo () Religiões Orientais () Catolicismo () Espiritismo () Evangélicas () Religiões Espiritualistas () Religiões de Origem Afro-Brasileiras () Outras () Nenhuma.
138. Foi muito cansativo responder a este questionário.	138. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
139. Não gostei que meu professor tenha cedido horas de sua aula para que eu respondesse esse questionário.	139. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito
140. O tema da pesquisa (Atitudes para com a homossexualidade masculina) é de meu interesse.	140. () Concordo muito () Concordo um pouco () Sou indiferente () Discordo um pouco () Discordo muito

MUITO OBRIGADO!

APÊNDICE II

Relação dos “missing values”

Questão	Florianópolis			Curitiba			TOTAL GERAL
	Com. Social	Direito	TOTAL	Com. Social	Direito	TOTAL	
72	1	4	5	4	5	9	14
21	1	2	3	3	4	7	10
67	1	5	6	2	2	4	10
122		2	2	4	4	8	10
130	2	3	5	1	4	5	10
123		2	2	3	3	6	8
29		2	2	3	2	5	7
90	2		2	1	4	5	7
9		3	3	1	2	3	6
91		2	2	3	1	4	6
102	1	3	4	1	1	2	6
5				2	3	5	5
12		2	2	2	1	3	5
15		2	2	1	2	3	5
33		2	2	1	2	3	5
58		2	2	2	1	3	5
81		1	1	3	1	4	5
97	1	2	3	2		2	5
103		1	1	1	3	4	5
109	1	1	2	2	1	3	5
112		1	1		4	4	5
113		1	1	2	2	4	5
119	1	1	2		3	3	5
22		2	2	1	1	2	4
66		1	1	1	2	3	4
70				1	3	4	4
77		2	2	2		2	4
83				2	2	4	4
85				3	1	4	4
99		1	1	2	1	3	4
111		1	1	2	1	3	4
117		1	1		3	3	4
124		1	1	1	2	3	4
136		1	1	1	2	3	4
3					3	3	3
27	1		1	1	1	2	3
37	1	1	2		1	1	3
55		2	2	1		1	3
69		1	1	1	1	2	3
75		2	2		1	1	3
79		1	1		2	2	3
82		1	1	1	1	2	3
92		1	1	2		2	3
101	1		1	2		2	3
106		1	1	1	1	2	3
114		1	1	1	1	2	3
118	1	1	2		1	1	3
135				2	1	3	3
138		1	1	1	1	2	3

7				2		2	2
10				1	1	2	2
16		1	1	1		1	2
43				1	1	2	2
56		1	1		1	1	2
65				1	1	2	2
68				1	1	2	2
76				1	1	2	2
78				2		2	2
87				2		2	2
89				2		2	2
94		1	1		1	1	2
95		1	1		1	1	2
96				2		2	2
98		1	1	1		1	2
105		2	2				2
108	1		1	1		1	2
110		1	1	1		1	2
126		1	1	1		1	2
6					1	1	1
11					1	1	1
18					1	1	1
24		1	1				1
28				1		1	1
32		1	1				1
35	1		1				1
36	1		1				1
44				1		1	1
45				1		1	1
51					1	1	1
53		1	1				1
57				1		1	1
64				1		1	1
71				1		1	1
74					1	1	1
84	1		1				1
86		1	1				1
104		1	1				1
107				1		1	1
121					1	1	1
128					1	1	1
134					1	1	1
139					1	1	1
140					1	1	1
Total	19	81	100	100	106	206	306

APÊNDICE III

Escalas de N°s. 15 a 24

A coluna "A" de cada escala, demonstra a correlação da pergunta com a própria escala.

ESCALA 15: Pessoas A Favor das Políticas Pró-família

A	B - ALPHA: 0,21
-0,28	05. Ao invés de dar deduções às crianças dependentes, o imposto de renda deveria conceder o desconto para favorecer os familiares mais idosos.
0,48	06. Para reduzir o quadro de funcionários, uma empresa deveria demitir primeiro os que não têm filhos para sustentar.
0,48	11. O governo deveria gastar mais dinheiro em escolas e parques de recreação para as crianças.
-0,44	16. O governo não deve dar dinheiro aos pais para que mantenham seus filhos nas escolas, pois isto os incentiva a ter mais filhos.
0,46	19. O governo deveria investir em mais creches públicas, para que as mulheres trabalhadoras possam ter mais filhos.
0,44	24. As políticas de ajuda à moradia deveriam ser para casas grandes, para famílias com filhos, e não apartamentos pequenos, para casais sem filhos.

P < 0,001

ESCALA 16: Intolerância à Ambigüidade

A	B - ALPHA: 0,50
0,56	21. Não tolero situações, pessoas ou comportamentos ambíguos.
0,58	31. Eu não me sinto confortável com as pessoas, quando não posso entender o comportamento delas.
0,53	32. Existem uma forma certa e uma forma errada para se fazer a maioria das coisas.
0,59	33. Eu me sinto muito ansioso(a) quando estou numa situação social em que não possuo o controle.
0,53	34. Sinto-me incomodado(a) quando não consigo seguir a linha de raciocínio de outra pessoa.
0,52	35. Para que algo possa dar certo nesse mundo é necessário que você siga algumas regras básicas.
0,23	36. Pinturas vagas e impressionistas chamam muito a minha atenção.

P < 0,001

ESCALA 17: Intolerância à Ambigüidade dos Papéis Sexuais

A	B - ALPHA: 0,23
0,64	04. Não aceito a moda de brincos para homens.
0,71	27. Eu acho que um homem de verdade nunca seria cabeleireiro ou bailarino.
0,66	44. Basta que um homem seja afeminado ou muito delicado para que eu o considere homossexual.
-0,56	123. Acho divertido os trejeitos e maneirismos dos homens homossexuais.

P < 0,001

ESCALA 18: Fundamentalismo Religioso

A	B - alpha: -0,48
0,83	07. A Bíblia é a palavra de Deus e tudo que nela está escrito é verdadeiro.
-0,59	15. A Bíblia foi escrita por sábios, sem a ajuda de Deus.
0,17	22. A Bíblia foi escrita por homens inspirados por Deus mas contém alguns erros humanos.
-0,78	30. A Bíblia foi escrita há tanto tempo que, hoje, muitos dos seus ensinamentos não têm serventia.

P < 0,001

ESCALA 19: Egoístas Oportunistas

A	B - ALPHA: 0,33
0,68	10. Não é justo, mas é válido comprar imóveis pela metade do preço quando seus proprietários estão "enforcados".
0,78	18. Quando eu me sinto seguro, trapaceio no jogo de cartas.
0,47	25. Eu acho que vale a pena perder um dedo se ele estiver assegurado por uma boa quantia em dinheiro.

P < 0,001

ESCALA 20: Preocupação com a Hierarquia Social

A	B - ALPHA: 0,64
0,67	09. Acho que o poder é tudo na vida.
0,68	12. Vale a pena fazer sacrifícios para ter um carro do ano.
0,76	28. Acho justo qualquer sacrifício que nos leve a uma posição mais alta na escala social.
0,67	29. É preciso lutar sempre para podermos subir na escala social.

P < 0,001

ESCALA 21: Os Homossexuais são Culpados pela AIDS

A	B - ALPHA: 0,33
0,91	83. Os homossexuais causaram a pandemia da AIDS.
0,91	89. A AIDS não teria sua atual proporção se não fossem os homossexuais.

P < 0,001

ESCALA 22: Etióbio: Quem acha que a etiologia da homossexualidade é biológica

A	B - ALPHA: 0,64
0,76	39. Acredito que as pessoas já nascem homossexuais ou heterossexuais.
0,71	45. A homossexualidade é causada pelo desempenho dos hormônios.
0,82	47. O fator genético determinará se um homem será heterossexual ou homossexual.

P < 0,001

ESCALA 23: Etiofamília: Quem acha que a etiologia da homossexualidade está na família

A	B - ALPHA: 0,62
0,76	51. A mãe pode ser a causa da transformação de seu filho em homossexual.
0,77	55. A maneira como os pais educam seus filhos determinará se eles serão homossexuais ou não.
0,73	56. A falta da presença paterna pode transformar um menino em homossexual.
0,44	58. A causa de um homem ser heterossexual, ou homossexual, não é física, mas psicológica.

P < 0,001

ESCALA 24: Etiocontágio: Quem acha que a homossexualidade é causada pelo contágio

A	B - ALPHA: 0,27
0,80	43. É comum um rapaz tornar-se homossexual por ter sido seduzido por um homem.
0,72	57. É comum que um homem que tenha sido "estuprado", por outro, se torne homossexual.

P < 0,001